

IR. FABIEN LANDRY



SÃO MARCELINO
CHAMPAGNAT
85 CAPÍTULOS
450 DE SEUS PENSAMENTOS



UNIÃO MARISTA
DO BRASIL

Este livro, ou parte dele, pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor desde que mantida a referência e respeitados os direitos de autoria e edição de acordo com as Leis Brasileiras.

Presidente do Conselho Superior da UMBRASIL

Ir. Joaquim Sperandio

Diretor-Presidente da UMBRASIL

Ir. Deivis Alexandre Fischer

Secretário Executivo

Ir. Valter Pedro Zancanaro

Autor

Ir. Fabien Landry

Tradução

Ir. Heitor Pedro Scomazzon

Original

Saint Marcellin Champagnat en

85 capsules et 450 de ses pensés

Publicado no Canadá, em francês em 2009

Com o registro: 9 782980 970139

Coordenação da Publicação

Comissão de Espiritualidade e

Patrimônio da UMBRASIL

Organização da Publicação

Área de Vida Consagrada

e Laicato da UMBRASIL

Produção Editorial

Setor de Comunicação e Marketing

Projeto gráfico

IDEAR Bureau de Design Gráfico

Diagramação

Jackson Willians

Revisão

Telma Melo

L262s Landry, Fabien.

São Marcelino Champagnat: 85 capítulos: 450 de seus pensamentos / Fabien Landry; tradutor Heitor Pedro Scomazzon. --- Brasília, DF: UMBRASIL, 2016.

288 p. : il. ; color.

ISBN: 978-85-63200-44-0

1. Champagnat, Marcelino José Bento, pensamento. 2. Hagiografia. I. Scomazzon, Heitor Pedro (Trad.) I. Título.

CDU: 2-335

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este volume sobre São Marcelino Champagnat às seguintes pessoas com quem tive a honra de conviver em diversas ocasiões e que influenciaram positivamente minha vida:

- aos meus queridos pais, Armand e Julie, e aos membros de minha família, entre os quais o espírito de família foi sempre muito forte;

- a meus primeiros educadores maristas que me transmitiram o amor a minha Congregação tão querida de São Marcelino Champagnat;

- aos Irmãos Réal Cloutier e Bernard Beaudin, superiores provinciais dos Irmãos Maristas do Canadá, sem os quais este projeto não se teria concretizado e de cujas sugestões e os conselhos me foram bem preciosos;

- a meus coirmãos maristas cuja missão é sempre importante para o mundo e para a Igreja do século XXI;

- aos antigos educadores e alunos do Colégio Laval com os quais tive o privilégio de conviver durante quarenta e cinco anos;

- aos leigos das fraternidades maristas de Quebec, aos quais esta edição é particularmente destinada.

Meus agradecimentos muito sinceros a Michel Charuest, um antigo aluno e amigo, e a Hugo Boucher, um confrade leigo, que revisaram os textos e que aí deixaram seu esmero profissional.

Fabien Landry, fms



ÍNDICE

São Marcelino Champagnat, um modelo que desafia!	9
Introdução.	12
Deus precisa dos homens.	16
Um acontecimento determinante.	18
A Virgem Maria e São Marcelino Champagnat.	20
São Marcelino Champagnat e a confiança no Senhor.	23
O carisma de São Marcelino Champagnat.	25
A grande preocupação de Marcelino Champagnat.	28
Ver além das aparências.	31
São Marcelino, homem simples e sem duplicidade.	33
A educação, uma obra de amor.	36
São Marcelino Champagnat e o amor concreto.	39
São Marcelino Champagnat, um mestre pelo exemplo.	42
Os cabelos de vossa cabeça estão contados!	45
São Marcelino Champagnat, educador aberto às inovações.	48
O amor ao trabalho em São Marcelino Champagnat.	51
São Marcelino Champagnat e a incondicional aceitação do outro.	54
São Marcelino Champagnat e o amor mútuo.	57
O Irmão funcionário e o Irmão filho da casa.	60
Maria fez tudo entre nós.	63
Um bom educador segundo o parecer de São Marcelino Champagnat.	66
Meu amigo, você ficou me devendo.	70
Vejam os pássaros do céu.	73
Amam vocês a Santa Virgem Maria?	76
Os valores que têm nutrido São Marcelino Champagnat.	78
As pequenas virtudes e o espírito de família.	81
Os Irmãos dos quais Champagnat não gostava!	84
Os primeiros lugares para os Irmãos Maristas.	87
Uma confiança em Deus que não suprime o esforço.	90
São Marcelino Champagnat e a objetividade nos julgamentos.	93
Se não vos tornardes como crianças.	96
São Marcelino Champagnat, homem atento a seu tempo.	99
Mostra-nos, Senhor, o jejum que te agrada!	102
Vede como se amam, vede sua felicidade!	105
Não se fica santo num só dia.	108
Ah! O que dirão.	111
Sejam simples como as violetas.	113
Nós seremos sua família.	116

Um fundador 'fora de série'!	119
Os caminhos de Deus são insondáveis.	122
Leveza e brincadeiras dos jovens...	
Amor paternal de São Marcelino Champagnat!	125
Livrai-me de meus amigos!	128
Uma carta que diz muito sobre São Marcelino Champagnat.	131
A alegria: qualidade essencial para um bom educador e para um santo.	134
“Tornar Jesus Cristo conhecido”:	
o objetivo de São Marcelino Champagnat.	136
“Se o Senhor não constrói a casa...”	139
“Velai e rezai...”	142
“Lá onde há homens, há 'tolices humanas'...”	145
O espírito de família em São Marcelino Champagnat.	148
São Marcelino Champagnat: construtor por gosto, por aptidão e por necessidade.	151
São Marcelino Champagnat novo santo reconhecido a partir de 18 de abril de 1999.	154
A mansuetude de São Marcelino Champagnat pelo Irmão Cassiano	157
Pequenos gestos, grandes consequências!	160
São Marcelino Champagnat, um bom pai para o Irmão Bartolomeu!	163
São Marcelino Champagnat e a insatisfação do Ir. Dominique!	166
São Marcelino Champagnat e a arte de manter e desenvolver o espírito de família.	169
São Marcelino e os momentos pesarosos de sua vida!	172
São Marcelino Champagnat, um conselheiro apreciado.	175
São Marcelino Champagnat e a realidade da morte.	177
São Marcelino Champagnat, um superior próximo de seus Irmãos!	180
A persistência de São Marcelino Champagnat.	183
As pessoas que influenciaram Marcelino Champagnat.	185
Os acontecimentos notáveis da vida de São Marcelino.	187
Deus sabe tirar o bem do mal.	189
O horário do dia do vigário Champagnat.	191
As crianças e o vigário Champagnat.	193
O zelo de São Marcelino Champagnat.	195
Os tempos heroicos da construção de l'Hermitage.	197
Um inovador muitas vezes da oposição.	199
As razões do desenvolvimento rápido dos inícios maristas.	201
Problemas de dinheiro.	203
As probabilidades ou azares do reconhecimento legal da congregação.	205
Irmão Luís Maria, o erudito.	207

Irmão João Batista, o escritor.	209
Irmão Francisco queimou etapas.	211
Irmão Francisco, o autodidata.	213
“Os três um!”	215
O educador marista.	217
Estrutura marista.	219
Saber assegurar a substituição.	221
lançamento progressivo de um grande projeto.	223
Uma questão de escuta.	225
São Marcelino Champagnat, Padre Marista.	227
São Marcelino Campagnat e a arte da correção.	229
São Marcelino ousou lançar desafios.	231
Marcelino Champagnat, santo e modelo acessível.	233
Lista dos temas de pensamentos.	285
Notícia biográfica da vida de São Marcelino Champagnat	287



SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, modelo que desafia

Desde meus primeiros anos na comunidade dos Irmãos Maristas, São Marcelino Champagnat foi para mim um homem que me levou ao mais alto ponto e que me interpelou de diversas maneiras.

Pesquisando sua vida eu admirei sua juventude, quando sonhava, com certa utopia, tornar-se padre, por ocasião do apelo de um visitador desconhecido.

Eu o admirei no decurso de sua adolescência e durante seu período de jovem adulto, sua tenacidade de perseguir seu ideal e sua vontade claramente expressa de tornar-se um cristão melhor e de prosseguir na procura do Senhor.

Eu o admirei durante seu seminário maior com sua maturidade em constante progresso, a seriedade com o qual tratava seu engajamento com Deus e perante a Igreja e com sua fé de pioneiro que lhe permitiu inovar com seus companheiros de sacerdócio, pelo novo projeto de fundação da Sociedade de Maria.

Eu o admirei na tomada de consciência das carências espirituais e intelectuais dos jovens de sua época e na decisão de levar rapidamente uma solução pessoal, concreta e original.

Eu o admirei em seu encaminhamento de fundador, onde, confrontado com obstáculos de toda sorte e maldosos julgamentos de seus próprios confrades e amigos, mostrou, de parte, uma profunda humildade, e doutra parte, confiança inquebrantável no poder de Deus e de amor filial a nossa Boa Mãe Maria.

Eu o admirei no seu senso prático, suas qualidades de condutor de homens e seu esquecimento de si que lhe têm permitido criar, entre os primeiros Irmãos Maristas, este espírito de família característico, que se perpetuou até

nossos dias, e manter neles esta vontade inflexível de seguir com toda confiança apesar de todas as dificuldades encontradas em seu caminho diário.

Eu particularmente o admirei quando em 18 de abril de 1999, Sua Santidade João Paulo II o declarou SANTO e o apresentou aos cristãos de nosso tempo como modelo de educador da fé.

Quanto mais descubro suas motivações profundas, mais estudo seus escritos brilhantes, suas atitudes significantes, seus conselhos judiciosos e seu caminho progressivo para a santidade, mais eu me dou conta de que ele foi um homem notável para seus primeiros discípulos e para o que deixou como herança a seus sucessores e à Igreja católica inteira.

Desejo a todos aqueles que tomarem conhecimento das páginas que seguem, fruto de minhas reflexões, de minhas pesquisas e de meu amor por meu fundador, São Marcelino Champagnat, senti tanta satisfação por lê-las que tive que redigi-las.

A todos, boas reflexões!

Fabien Landry, fms
Abril/2009



JOYO

INTRODUÇÃO

Quem foi Marcelino Champagnat? Que fez ele? Como foi sua vida para que a Igreja o ofereça a nosso mundo cristão contemporâneo como um modelo de educador? Por que um livro sobre sua vida em oitenta e cinco textos e reflexões? Eis, portanto, quantas perguntas que podem aflorar ao espírito das pessoas que começam a folhear esta obra.

E poderíamos continuar estas interrogações para um pequeno teste de conhecimento composto de questões mais precisas sobre este homem que marcou sua época e os séculos que seguiram.

- Quem é São Marcelino Champagnat?
- Em que século viveu?
- Onde passou sua vida? Qual foi seu país? Sua região? Seu vilarejo?
- Onde foi ordenado padre?
- Dê dois de seus companheiros de ordenação.
- Que posto ocupou na hierarquia da Igreja católica?
- Que idade tinha quando fundou a Congregação dos Irmãos Maristas?
- Que acontecimento desencadeador o decidiu finalmente a se lançar nesta aventura?
- Que objetivo se propôs ele para fundar sua Congregação?
- Que idade tinha quando morreu? Em que ano?
- Quantos membros da Congregação havia quando morreu?
- Qual o carisma que legou à Igreja e a sua Congregação?
- Dê as três grandes aspirações que ele deixou a seus Irmãos no seu testamento espiritual?
- Quem o sucedeu após a morte?

Estou certo de que poucas pessoas obteriam a nota máxima para o pequeno teste precedente. Por esta razão decidi escrever as páginas que seguem. Entretanto, o presente volume não é uma biografia, menos ainda um estudo aprofundado de espiritualidade. É antes de tudo um conjunto de re-

flexões pessoais que suscitaram em mim certo número de considerações interessantes da vida de São Marcelino.

Comecemos imediatamente situando Marcelino Champagnat no tempo e na história.

Marcelino Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789 em Marlhès, pequena vila da França. Para aqueles que conhecem um pouco a história sabem que 1789 marca o começo da Revolução Francesa. Quer dizer que Marcelino nasceu e viveu durante um período de turbulência da história da França. A ignorância religiosa e a ignorância geral certamente reinavam então entre os próprios mestres no país de nossos antepassados.

Seu pai, João Batista, era moleiro e, nos dizem, passava por um cidadão remediado. Sua mãe, Maria Chirat, se distinguia por sua bondade, sua dedicação, seu apego à fé e a sua devoção a Virgem Maria. Teve dez filhos, dos quais quatro morreram em tenra idade. Marcelino era o penúltimo da família.

Em 1805 Marcelino entra no pequeno seminário de Verrières. Tinha a idade de 16 anos. Atingiu seus estudos para o sacerdócio no grande seminário de Santo Irineu. Em 22 de julho de 1816 é ordenado sacerdote com João Cláudio Colin, João Cláudio Couveille, Étienne Déclas e Étienne Terrailon, futuros Padres Maristas como ele. É nomeado vigário de La Valla, da região de Saint-Étienne, em 12 de agosto seguinte e ele assume imediatamente sua função.

Em 28 de outubro seguinte, foi chamado para um jovem moribundo de 16 anos, João Batista Montagne, que ensinou-lhe o que pôde sobre os princípios fundamentais da religião, antes de lhe dar a unção dos doentes. Este encontro o decide finalmente a fundar uma Congregação de Irmãos educadores: o grande projeto de sua vida. Dois de janeiro de 1817, menos de seis meses depois de sua ordenação, marca os começos da comunidade dos Irmãos Maristas, quando recebe seus dois primeiros discípulos, João Maria Granjon e João Batista Audras. Ele então não tinha senão vinte e sete anos. É preciso destacar aqui que era muito jovem para tornar-se fundador de uma congregação religiosa. Acrescentemos que era o único fundador de sua época apesar de ser simples vigário de paróquia.

Ao morrer, em 6 de junho de 1840, com a idade de cinquenta e um anos, a congregação estava solidamente estabelecida em cinquenta escolas da campanha e contava ao redor de duzentos e setenta membros que ofereciam a instrução a perto de 8000 jovens. Seu sucessor, Irmão Francisco (Gabriel Rivat), dirigiu a congregação durante vinte anos, até 1860. No seu término, a congregação contava 2.800 membros.

REFLEXÃO

Terminemos este breve voo sobre a vida de São Marcelino Champagnat dando os três objetivos que ele buscava, fundando seu Instituto:

- 1. Dar aos jovens a educação religiosa e lhes fazer conhecer e amar Jesus.*
- 2. Instruir e formar os jovens das campanhas para torná-los virtuosos cristãos e bons cidadãos.*
- 3. Levar sua contribuição à obra evangelizadora da Igreja.*



CAPÍTULO 1

DEUS PRECISA DOS HOMENS

Lembremos que São Marcelino Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789, no início da revolução Francesa, um período muito difícil para a vida da Igreja Católica na França.

Sua mãe, Maria Chirat, teve dez filhos, alguns morreram em pouca idade. Marcelino ocupava o nono lugar da família.

Durante esta época de anticlericalismo do fim do décimo oitavo século e do início do décimo nono, havia uma grande penúria de padres na França. Para remediar esta situação, o bispo da diocese de Lião tinha pedido na primavera de 1803, a certos professores de seu seminário de Verrières, que recorressem a diocese com o objetivo de encontrar alguns candidatos para o futuro ano escolar. Neste momento Marcelino completava quatorze anos e nada deixava prever uma mudança no seu desejo de tornar-se agricultor como seu pai João Batista.

Um padre originário da região, Pe. João Jaques Cartal, Sulpiciano, passa por Marlihes, vilarejo natal de Marcelino. O sacerdote da paróquia, Pe. Alliot, lhe aconselha visitar os Champagnat, uma família que se distingue por sua fé e por sua sensibilidade pelas necessidades dos vizinhos. “A família, informa o bom padre Alliot, tem alguns moços que me parecem sérios e bons!”

O visitador dirige-se, pois, com muita esperança. Ele conversa com os mais velhos, que respondem claramente que eles não se interessam fazer estudos avançados. Enfim Marcelino se apresenta e hesita para dar sua resposta. O padre nisso discerne uma indicação que lhe permite acrescentar: “Meu amigo, Deus o quer, Ele tem necessidade de ti para seu serviço!” Esta palavra sensibiliza Marcelino como num lampejo. Esta palavra orientará definitivamente sua vida.

Apesar de sua idade, Marcelino tem 14 anos, para começar seus estudos, apesar dos numerosos outros obstáculos encontrados, apesar mesmo dos reveses, nada pôde impedir de responder a este apelo do Senhor. Depois de vários anos, nada fáceis, Marcelino vê seu sonho de adolescente tornar-se uma realidade. É ordenado padre em 22 de julho de 1816. A cerimônia aconteceu na capela de Fourvière e presidida por Mons. Dubourg, bispo de Nova-Orléans nos Estados Unidos, em visita a sua terra natal. O padre Marcelino Champagnat tinha 27 anos.

A resposta de Marcelino a este primeiro apelo do Senhor e a esta escuta atenta das necessidades dos jovens de seu tempo têm feito dele, como nós o veremos nas próximas páginas, o vanguardeiro de uma família de educadores que, perto do bicentenário, em mais de 70 países do mundo encaminhou milhões de jovens e de crianças para a fé e ao serviço de seus irmãos.

REFLEXÃO

Quando menos se pensa, em todos os períodos do cristianismo Deus encontra o meio de cativar jovens de coração generoso para seu serviço e ao serviço de seus irmãos. Mas, ainda precisa de pessoas para fazer o apelo aos jovens! Talvez tu que me lêes, tu poderias ser uma dessas pessoas que convençam jovens de coração generoso? Escrute teu coração frente ao Senhor.

UM ACONTECIMENTO DETERMINANTE

Nesta reflexão quero lhes contar um acontecimento marcante na vida de São Marcelino Champagnat e que assinalou de maneira definitiva seu encaminhamento pessoal.

Lembremos que Marcelino assumiu a função como vigário de La Valla, em 12 de agosto de 1816, com a idade de 27 anos.

Uma de suas primeiras preocupações como ministro de Deus foi atender imediatamente todo chamado dos doentes e moribundos. Nos sete primeiros anos de serviço na sua paróquia pôde dizer: “Nenhum de meus paroquianos morreu sem ter recebido os socorros da religião enquanto estive aqui!” Uma prova clara de seu zelo apostólico!

No dia 28 de outubro de 1816, vêm avisá-lo de que um jovem de 17 anos, João Batista Montagne, estava nos últimos momentos. Pediram-lhe vir administrar-lhe o sacramento dos moribundos.

Ao chegar à cabeceira do doente, o padre Champagnat verifica a gravidade de seu estado. Apressa-se por perguntar sobre seus conhecimentos religiosos. Constata então com estupor que o jovem fizera apenas sua primeira comunhão, mas que ele tinha esquecido tudo depois. Ele não sabe nada de Deus, de Jesus Cristo e de Maria!

Então durante duas horas, com muita paciência, Marcelino se empenha em recordar-lhe a existência de Deus e da vida eterna. Ele lhe faz tomar consciência que Deus o ama pessoalmente, que Jesus é o Salvador dos homens, que Maria é a mãe dos cristãos. Em suma, os rudimentos de nossa fé, a fim de lhe administrar a extrema unção.

Depois de tê-lo confessado, lhe administra a unção dos doentes e o deixa

para uma visita a outro doente prometendo-lhe voltar logo. Quando ele volta uma hora mais tarde, dizem-lhe que o jovem está morto.

Voltando ao presbitério, agradecendo muito ao Senhor de ter estado lá no momento certo, não pôde deixar de dizer: “Quantos jovens na França são como João Batista Montagne, desconhecedores das verdades fundamentais da fé cristã? É preciso ter Irmãos educadores para mostrar aos jovens a ler e a escrever e, sobretudo, para que conheçam e amem Jesus Cristo!”

Este encontro “in extremis” é para o padre Champagnat o fator desencadeador que o decide fundar os Irmãos Maristas.

Alguns dias mais tarde, Marcelino interroga a dois jovens que ele já conhecia e que o tinham bem impressionado por sua seriedade. Ele os convida para tornarem-se religiosos professores. João Maria Granjon e João Batista Audras são os primeiros de uma longa fila de futuros Irmãos Maristas. Começam seu noviciado com o padre Champagnat em 2 de janeiro de 1817.

REFLEXÃO

Deste fato marcante para a congregação dos Irmãos Maristas eu retenho duas lições:

- 1. Deus se serve dos homens para convidar outros homens para seu serviço e ao serviço dos outros. É isto que Marcelino fez, e os Maristas apareceram.*
- 1. Deus envia sinais na vida de cada pessoa, seja na ocasião de um encontro fortuito ou de uma simples visita, seja, por exemplo, de um convertido ou de um mestre amado! Mas estes sinais tornam-se eficazes quando o interpelado responde a isso.*

Senhor, ajuda-nos a responder os sinais que tu nos envias cada dia!

A VIRGEM MARIA E SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT!

Realmente quem era Maria para São Marcelino Champagnat?

Pode-se responder dizendo que ela foi senhora de sua vida! Ela estava constantemente presente em seus pensamentos, em suas intervenções, em suas orações e conversas. Ele tinha uma confiança ilimitada nela. Testemunhava-lhe seu amor e sua confiança por todos os modos a partir de pequenos gestos simples: orações filiais e invocações frequentes, práticas comunitárias, decoração de seus altares, celebração solene de suas festas. Este amor levou-o a dar a seus Irmãos o nome de “Pequenos Irmãos de Maria”. Ele estava convencido de que com este nome, os jovens seriam assim atraídos à congregação.

Em suas conversas e em seus escritos São Marcelino dá a Maria dois títulos encantadores.

1. A BOA MÃE

É uma expressão corrente na boca de São Marcelino. Título simples e natural que demonstra bem sua atitude de filho para com ela! Marcelino está convencido de que Maria como mãe, o ama ternamente e o aceita incondicionalmente tal como ele é. Esta convicção lhe atrai confiança, segurança e serenidade.

2. O RECURSO HABITUAL

Em muitos de seus escritos e de suas conversas encontra-se este qualificativo para designar Maria. Para Marcelino, Maria é a pessoa que pode resolver todos os seus problemas quaisquer que sejam. “Ela tudo fez entre nós”, repete seguidamente! Tem uma decisão importante a tomar? Ele pede a Maria suas luzes. As vocações para sua congregação se tornaram raras? Ele roga-lhe com uma confiança inquebrantável. Tem problemas com uma pessoa? Ele a

recomenda a Maria. Tem urgente necessidade de dinheiro? Ele corre ao altar de Maria para lhe pedir sua ajuda. Ela encontra sempre uma solução para seus problemas.

UM FATO ENTRE MUITOS OUTROS.

Entre os numerosos acontecimentos expressivos que tecem a vida de São Marcelino Champagnat e que mostram sua inteira confiança em Maria, selecionei o fato seguinte.

Um dia, Marcelino tinha partido a pé de La Valla com o Irmão Estanislau, um de seus primeiros discípulos. Eles iam visitar o Irmão João Batista, gravemente doente, em Bourg-Argental, situado a uma vintena de quilômetros. Depois ter visitado e reconfortado o doente, os visitantes saúdam os Irmãos e falam de voltar. Como nevasse muito e que o vento soprasse com bastante violência, oferecem aos visitantes passar a noite em sua casa. Mas Marcelino, que conhecia perfeitamente o trajeto, achou bom voltar imediatamente a La Valla.

Partem, pois, rapidamente para a montanha do Pilat. Infelizmente, depois de duas horas de caminhada na neve abundante e a tempestade, Marcelino e seu companheiro perdem o rumo. Eles continuam, entretanto, avançando ao léu durante muitas horas. Em certo momento, Irmão Estanislau sente-se desmaiar e Marcelino está obrigado a sustentá-lo para continuar seu caminho. Cedo Marcelino se dá conta de que eles não poderão mais continuar muito longe.

Para e diz então ao Irmão Estanislau: “Meu Irmão, estamos perdidos se Maria não vier em nosso socorro”. Caem então de joelhos e recitam juntos com uma grande confiança o “Lembrai-vos” que os dois sabiam de cor.

Então, no momento em que eles terminam a oração, percebem a uma vintena de passos uma luz na obscuridade e na tempestade. Dirigem-se e chegam a uma propriedade isolada, situada no flanco do Monte Pilat onde os recebem e os albergam. Estão salvos!

Maria tinha atendido a oração confiante de seus dois filhos e os tira da morte certa. Entre os Irmãos Maristas, esse episódio é chamado “O Lembrai-vos na neve!”

REFLEXÃO

Eu termino estas linhas com as seguintes interrogações:

- 1. Que lugar Maria ocupa em minha vida de cristão?*
- 2. Será que eu creio que Maria é a mãe de Jesus e minha mãe espiritual?*
- 3. Quanto estou convencido de que ela me ama pessoalmente como seu próprio filho?*

Ó Maria, “Boa Mãe” e “Recurso Habitual”, eu tenho confiança em vós. Ajudai-me a desenvolver esta confiança inquebrantável em vós, fonte de serenidade para minha vida.

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A CONFIANÇA NO SENHOR.

Antes um retorno rápido.

Lembremos que São Marcelino Champagnat é um padre francês nascido em 1789, ano do começo da Revolução Francesa. Ele é o fundador da Congregação dos Irmãos Maristas, votada à educação dos jovens.

Durante toda sua vida, Marcelino testemunhou uma confiança inabalável em Deus. Para ele, o Senhor, é a rocha que não pode jamais faltar, é o amigo em quem se pode sempre contar, é o todo-poderoso que pode encontrar solução para todos os problemas.

UM FATO.

Estamos em 1825. Marcelino Champagnat, que fundou a congregação dos Irmãos Maristas em 1817, está muito doente. Temia-se mesmo por sua vida.

Muitos Irmãos manifestavam grande desânimo face ao futuro. A fundação do Instituto não data mais de oito anos. Murmurava-se que as dívidas da casa são exorbitantes por causa da construção de l'Hermitage. Há certo pânico! Muitos pensam deixar a congregação. Seguramente o momento mais dramático da curta história do Instituto.

Somente quando Marcelino começa a sentir-se melhor é que o Irmão Estanislau, um de seus discípulos mais devotados, ousa revelar-lhe a nefasta situação. Reunindo então toda sua energia, o bom Padre convocou todos os Irmãos em reunião geral especial para lhe dizer com muita energia, mas também com uma grande bondade, as palavras que seguem:

“Meus caros Irmãos, soube que muitos de vós vos deixastes levar pelo desânimo e pela tristeza, durante minha doença. Quando teremos nós sentimentos dignos de Deus? Não nos deu até o momento bastantes provas de sua bondade? Faltou-nos alguma coisa enquanto estivemos em comunidade? Não é ele que fundou nosso Instituto? Quem nos deu o que é preciso para construir esta casa? Quem nos multiplicou e quem abençoou nossas escolas? Alguém pode levantar-se e dizer que Deus deixou de socorrê-lo e de assisti-lo durante o tempo em que ele está na comunidade? Por que temer pelo futuro, mesmo se ele retirasse a pessoa de quem ele se serve para conduzi-la?

Esta congregação é sua obra, é ele que a fundou. Não precisa de ninguém para sustentá-la. Ele a fará progredir sem os homens e apesar dos homens. Não esqueçam jamais, Deus não tem necessidade nem de vocês, nem de mim, nem de ninguém. Enfim, para vos assegurar e para conseguir vos fazer compreender como vocês estão errados em desanimar, eu devo dizer-lhes que a casa não está tão endividada quanto lhes querem fazer crer. Deus tem sempre provido nossas necessidades. Seu socorro jamais se fez esperar. As dívidas são pequenas e disto eu me encarrego”.

Estas reflexões apropriadas devolvem a esperança aos desanimados e salvam a congregação marista de um desaparecimento quase certo.

São Marcelino Champagnat se considera como mesquinho instrumento facilmente substituível. Está convencido de que é Deus e a Virgem que tudo têm feito na sua congregação. Ele é para todos os cristãos um modelo de confiança inabalável em Deus.

REFLEXÃO

1. *Qual é a opinião que tenho de mim, de minhas qualidades e de meu lugar em meu meio?*
2. *Será que me julgo indispensável na organização da qual participo?*
3. *Será que penso que sou, sem dúvida, um membro útil, mas que posso ser substituído sem prejudicar o bom andamento geral?*

O CARISMA DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Um dos bons meios de descobrir os pensamentos e as coisas mais importantes numa pessoa humana é tomar conhecimento de seu testamento. Com efeito, nessas páginas cruciais de sua vida, ele se mostra com sua verdade sem fingimento nem bajulação e ela liberta então a mensagem que lhe tem mais no coração.

Baseando-me nesta afirmação quis conhecer este que a gente pode chamar o carisma de São Marcelino Champagnat, isto é, o que ele legou a seus discípulos. Tenho, portanto, relido seu testamento espiritual que ele tinha ditado ao Irmão Luís Maria, um dos primeiros Irmãos Maristas, algumas semanas antes de seu falecimento.

Nas últimas vontades de São Champagnat eu me dei conta de que em dois lugares emprega a expressão seguinte: “Eu vos peço e vos rogo de toda a afeição de minha alma”. Concluí que essas duas passagens eram as mais importantes para ele porque, de uma parte, elas exprimiam sua vivência pessoal e aquilo que tinha particularmente orientado em seu próprio encaminhamento espiritual e, de outra parte, aquilo que acreditava o mais apto a ajudar seus Irmãos na sua própria vida como Maristas. Eis estas duas passagens:

“... Eu peço ao bom Deus e eu desejo de toda a afeição de minha alma que persevereis no santo exercício da presença de Deus, alma da oração, da meditação e de todas as virtudes...”

... Que uma devoção terna e filial vos anime todos em todos os tempos e em todas as circunstâncias por nossa Boa Mãe. Amai-a e fazei-a amar em toda parte quanto vos seja possível. É ela que é a primeira Superiora da Sociedade...

... Eu vos rogo também, meus caríssimos Irmãos, com toda afeição de minha alma e para aquela que tendes por mim, agir de maneira que a santa caridade se mantenha entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito. Que se possa dizer dos Pequenos Irmãos de Maria como dos primeiros cristãos: “Vede como eles se amam!” É o mais ardente desejo de meu coração, neste último momento de minha vida.

... Que a simplicidade seja sempre o caráter dos Pequenos Irmãos de Maria!...”

Reverendo esses textos eu sinto uma nova emoção e uma nova atração manifestarem-se por meu santo fundador. Tenho a impressão de ouvir meu pai que me dá conselhos “com toda a afeição de sua alma e de seu coração”, como ele diz.

Após essa retomada do testamento espiritual de São Marcelino, reconheci nele o mestre espiritual que prega, antes de tudo, pelo exemplo do que pela palavra. Com efeito, no decurso de sua vida, São Champagnat estava como embebido da presença de Deus em seu cotidiano. Esta constatação é verificável quase em cada página de sua biografia. Eu percebi como para São Marcelino a Virgem Maria ocupava um lugar de destaque porque para ele, ela era “A Boa Mãe” e “O Recurso Habitual”.

Lembrei também quantas vezes mostrou-se cheio de caridade para seus Irmãos e para os mais necessitados de sua atenção e que em inumeráveis ocasiões repetiu que a caridade fraterna e o espírito de família constituíam para ele as pedras angulares da vida comunitária e um meio infalível de se aproximar do Senhor.

Enfim, São Marcelino teve uma vida simples e modesta embora o belo resultado de sua obra. Eis porque, depois de ter dado o exemplo em toda sua vida, ele pede a seus Irmãos praticarem esta simplicidade e esta modéstia que agradam ao Senhor.

São Marcelino Champagnat não escreveu nem traçou itinerário espiritual, ele viveu seu próprio itinerário, convencido de que era um caminho viável e concreto de uma vida de cristão. Neste sentido tornou-se modelo para os cristãos de nosso tempo e educador que deixou um carisma ao alcance de todos.

REFLEXÃO

Depois destas reflexões, interrogo-me sobre minha resposta a esses apelos de São Marcelino Champagnat:

- 4. Está Cristo presente realmente na minha vida?*
- 5. Amo Maria e sou um apóstolo de sua devoção?*
- 6. Este amor que tenho pelas pessoas com que estou em contato me ajuda a amar mais o Senhor?*
- 7. Sou simples nas minhas palavras e nos meus atos?*

São Marcelino Champagnat, ajuda-nos a sermos santos na nossa vida de todos os dias.

A GRANDE PREOCUPAÇÃO DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Em nossos contatos quotidianos encontramos muitas pessoas que para certos valores ou certas questões são prioridade. Assim, para certas pessoas, é o desejo de ter resultados a todo preço, para outras é a procura do dinheiro, o amor à família ou ainda ajuda a chegar aos menos sem recurso, etc. Relendo anteriormente a vida de São Marcelino Champagnat eu me indago o que tem sido a prioridade de sua vida. Cheguei à conclusão de que é seu desejo intenso da procura da vontade de Deus.

Em síntese, o que conta para Marcelino em primeiro lugar, é de se assegurar que o que faz ou que deseja empreender é aquilo o que Deus quer.

Para ele, discípulo de Cristo e padre, nossas existências não são preliminarmente estabelecidas e todas organizadas anteriormente por Deus. Acredita que nós temos uma parte, embora mínima que seja a fazer nos planos de Deus sobre nós... uma parte de interrogação e uma parte de ação. Não integra o grupo daqueles que acreditam que nada há que fazer e que não há senão que deixar correr.

UM FATO

O melhor exemplo que São Marcelino nos dá sobre este ponto é a fundação mesma da congregação dos Irmãos Maristas.

São Marcelino Champagnat é um homem prático que ama as coisas concretas. E mais, ele está consciente do que se passava em seu meio e atento ao que vê ao seu redor. Verifica entre outras as deficiências fundamentais dos jovens de sua época no plano dos conhecimentos em geral e as deficiências da prática e dos conhecimentos religiosos em particular. Seu desejo íntimo é de poder sanar estas lacunas da melhor maneira possível. Ele repete seguidamente: “Precisamos de Irmãos que ensinem as ciências

e a religião, que ensinem às crianças que Deus as ama e que eles formem virtuosos cristãos e bons cidadãos.”

Quando, um dia, percebeu os sinais de que sua intuição íntima está em concordância com a vontade de Deus, nada mais o impede.

Muitos daqueles que o cercam estão convencidos de que seu projeto de fundação de uma congregação de Irmãos está votado ao fracasso certo, por causa de sua inexperiência e de sua falta flagrante de recursos materiais e mesmo intelectuais.

Quando lhe reprovam sua temeridade, ele responde com estas palavras que descrevem bem seu estado de alma e a prioridade de sua vida: “É verdade, eu estou profundamente convencido de que, se Deus não está conosco, nós trabalhamos em vão: mas se ele quer esta congregação, como eu o creio, ele a tornará bem sucedida embora não tenha nenhum elemento de sucesso.

A humilhação que pode nos atingir se não tivermos êxito não é isto que me preocupa. Temo muito mais ser infiel à vontade de Deus do que ser desprezado pelos homens.”

Semelhantes palavras vêm da sua boca na ocasião da construção de l’Hermitage, um monumento gigantesco em sua época. “Se Deus está conosco, diz ele, e se fizermos sua vontade, nada será impossível.”

Eu poderia citar numerosos outros gestos e multiplicar as citações do Padre Champagnat que confirmam como este desejo de responder à vontade de Deus era prioritária e vital para ele.

REFLEXÃO

Terminando, eu nos proponho as interrogações seguintes?

8. *Que é prioritário na nossa vida atualmente?*
9. *Que me impulsiona a agir no quotidiano de meus dias?*
10. *Qual o lugar que ocupa em meus pensamentos e na minha vida esta vontade de Deus sobre mim?*
11. *Como cristão, especialmente eu que sou jovem, sou interpelado por estes exemplos de São Marcelino Champagnat?*

CAPÍTULO 7

VER ALÉM DAS APARÊNCIAS.

UM FATO.

Um dia, São Marcelino Champagnat foi chamado para uma senhora gravemente doente que vivia na penúria completa e que não tinha nem mesmo como se aquecer. Ele a confessa, a consola e lhe sugere pôr sua confiança em Deus. Ao voltar para casa, ele continua se ocupando dela. Envia-lhe alimentos, roupa, lenha para se aquecer. Assegura-lhe uma pessoa para cuidá-la dia e noite e paga um médico para que fosse vê-la e medicá-la. Infelizmente a senhora morreu algumas semanas mais tarde deixando um órfão de oito anos, abandonado na rua. Trata-se de João Batista Berne.

São Marcelino decide então recebê-lo a seu encargo. Acrescente-se que o jovem João Batista Berne viveu só com a mãe quase sempre doente. Ele não tem nenhuma instrução, nenhum princípio moral, nenhum conhecimento da religião, não tendo conhecido senão a rua como ambiente.

São Marcelino o recebe, pois, pedindo aos Irmãos ficarem responsáveis dele e lhe dar alimentação, roupas, alojamento e instrução.

Por causa de sua má formação anterior João Batista é um menino impossível... Ele responde à bondade que recebe com a ingratidão, a teimosia e respostas ofensivas. Fugiu muitas vezes, preferindo mendigar que submeter-se a uma disciplina que ele não queria aceitar. Ao cabo de muita paciência, os Irmãos pedem ao Padre Champagnat de abandoná-lo a sua sorte porque, dizem eles, “Perdemos nosso tempo com ele. Cedo ou tarde, nós deveremos mandá-lo embora!”

Eis a resposta do educador cristão que é São Marcelino Champagnat: “Meus Irmãos, se vocês não querem senão se livrar desse pobre órfão, isto logo se pode fazer! Mas que mérito há em devolvê-la à rua? O que lhe faltou, foi o amor... É preciso dar-lhe isto... Com o amor, ele reencontrará o equilíbrio.

Se nós o despedirmos, não têm vocês medo de perder assim uma ocasião única de exercer a caridade, a paciência de vocês e seu zelo e de se privarem assim da possibilidade de trazê-lo ao bom caminho? Nós temos adotado este menino, não nos é permitido deixá-lo ir assim. Aliás, confio no Senhor e estou convencido de que não lhes deixará seu zelo, sua compreensão e sua caridade sem resposta!”

Pouco tempo depois, diante de tanto amor e da solicitude que lhe são manifestadas, João Batista muda pouco a pouco sua conduta e seu comportamento. Em seguida pede mesmo tornar-se Irmão Marista. Ele morre nos braços do Padre Champagnat na idade de vinte e um anos cheio de gratidão e de amor ao Senhor...

REFLEXÃO

Depois deste exemplo de paciência e de mansidão levadas ao limite, eu me ponho e ponho aos leitores três questões:

- 12. Sabemos nós olhar além das aparências e ver nos jovens e naqueles com quem vivemos pessoas cheias de possibilidades e de esperança embora desvios desagradáveis?*
- 13. Não seremos muito rápidos nos julgamentos que fazemos sobre as pessoas e em particular sobre os jovens?*
- 14. Estamos convencidos de que o melhor meio de ajudar nosso vizinho e em particular o jovem, é amá-lo à maneira de Champagnat, olhando além das aparências?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, HOMEM SIMPLES E SEM DUPLICIDADE.

Um dos aspectos da personalidade de São Marcelino Champagnat que sempre me impressionou, é sua grande simplicidade. Nas linhas que seguem tentarei descrever em que consistia sua modéstia.

- a. Ele é simples desde suas origens.
Nasceu em Marllhes, bonito recanto da campanha francesa. Seus pais, de origem da campanha, nasceram num meio modesto como, aliás, a maior parte de seus concidadãos. Suas origens humildes explicam facilmente o caráter e o modo de agir de Marcelino, muito semelhantes àqueles do bom povo do interior.
- b. É simples em sua vida
Ele não procura distinguir-se, mas vive muito modestamente, contentando-se do mínimo de comodidades, privando-se para poder ajudar os mais desprovidos. Nisso, não segue os costumes de sua época que posicionam os padres em uma classe privilegiada. Não procura na condição de padre uma ocasião de obter de seus concidadãos e de seus Irmãos favores ou prestígio. Para ele, um padre é uma pessoa a serviço dos outros. Aliás, seu desejo de viver simplesmente, aliado a seu amor para seus Irmãos, tende a abandonar seu presbitério pela vida rude e totalmente simples de seus primeiros discípulos. Está com eles nos lazeres inocentes. Partilha a frugalidade de suas refeições. Numa palavra, é feliz vivendo simplesmente a vida de seus Irmãos.

- c. É simples em seu procedimento. Não tem medo de arregaçar as mangas para um trabalho manual, o que não era habitual no seu mundo sacerdotal. Eis a este propósito dois fatos muito significativos:

Um dia, ele vê que os operários que fendem a rocha para os fundamentos de l'Hermitage são vagarosos e não rendem suficientemente. Em vez de lhe falar com rigor, ele apanha uma picareta e vai com tal força que os homens envergonhados se põem ao trabalho com uma vontade como nunca.

Muitos anos mais tarde, esses homens falavam com admiração da aplicação ao trabalho deste padre construtor. Certo dia em que um o felicita pelos excelentes resultados que ele obtém, responde todo cheio de humildade:

“Esses resultados são a obra de Deus e não a nossa. É Deus que tudo fez. Quanto a nós, nós não somos senão próprios para estragar o que Deus nos confia.” Aliás, não é para manifestar claramente esta convicção que dá aos membros de sua congregação o nome de “Pequenos Irmãos de Maria”?

- d. Ele é simples em suas palavras e seus escritos. Ele não tem nada de teórico, diletante e filósofo. Seus escritos são cheios de conselhos simples e práticos. Suas homilias e seus sermões, sempre adaptados às pessoas a quem se dirigiam e ao alcance das pessoas e em referência do auditório: pessoas sensatas, mas sem instrução para a maior parte. Seus sermões vão diretamente ao coração, justamente porque não são rebuscadas. Muitos de seus paroquianos guardaram lembrança imprecável de suas homilias “porque, diziam eles, ele falava com uma grande convicção pessoal e nas palavras que compreendíamos.”

E mais, ao longo de sua vida, pedia a seus Irmãos de se dirigir aos seus alunos empregando palavras simples e ao seu alcance. Eis um fato que ilustra suas exigências a esse respeito:

Um dia quando visitava a aula de um Irmão, ele ouviu empregar a expressão “a celeste Sião.” Pouco depois, ele o chamou a seu escritório e lhe diz: “Fiquei com pena de sua tola pretensão. Por que não empregar palavras que seus alunos compreendem? Que significa para eles a expressão “a celeste Sião”. Teriam certamente compreendido melhor

se tivesse dito “o céu”. Meu caro Irmão, se for simples e modesto, em vez de se deixar levar pelas inspirações da vaidade e do frasear, falaria a seus alunos simplesmente e de maneira a ser compreendido pelos que têm mais dificuldades.”

REFLEXÃO

Para terminar estas reflexões sobre a simplicidade de São Marcelino Champagnat, lembro a palavra do Evangelho: “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino de Deus.”

Sim, São Marcelino Champagnat é um exemplo flagrante dessa simplicidade de um homem que não se toma por outro, mas que sabe pôr-se no seu lugar. E eu?

A EDUCAÇÃO: UMA OBRA DE AMOR.

Ultimamente, li um dos capítulos da vida do Padre Champagnat. O capítulo tratava dos conselhos que ele dava para ajudar seus Irmãos em seu trabalho de educadores dos jovens de suas escolas. Um destes conselhos atraiu particularmente minha atenção porque eu o acho perfeitamente atual e sempre adaptado aos pais, às educadoras e aos educadores da juventude. Eis como o expõe seu biógrafo, o Irmão João Batista:

“Para bem educar as crianças, é preciso amar e amá-las de igual maneira. Ora, amar as crianças para um educador, é devotar-se inteiramente a sua instrução. É jamais esquecer de que eles são fracos e conseqüentemente eles têm necessidade de serem tratados com bondade e instruídos com paciência.”

Parece-me que se São Marcelino Champagnat voltasse hoje, ele poderia dar o mesmo conselho aos pais e aos educadores daquela época.

UM FATO

Um dos primeiros Irmãos Maristas, João Félix Tanet, nas suas memórias pessoais, conta um fato, banal sem dúvida, mas que nos mostra claramente que São Marcelino Champagnat dava ele mesmo o exemplo do que exigia dos outros.

“Um dia, diz ele, o bom Pai Champagnat vem visitar nossa aula. Eu tinha então dez anos. Ele fez perguntas para verificar os conhecimentos de cada um sobre o catecismo e ele distribuía santinhos para as respostas certas. No momento em que ele vai sair, vira-se para mim e me pede à queimadura recitar o “Lembrai-vos” a Maria. Foi o que eu fiz, de uma voz segura, inteligível e sem nenhuma falha!” (sic) O bom Padre ficou satisfeito e ele quis me recompensar, mas tinha dado todos seus santinhos”... Vasculha então seus bolsos e aí encontra um livrinho.” ... E para completar João

Félix diz: “Ele me entregou graciosamente acompanhado de um olhar que me veio direto ao coração!” (sic)

João Félix Tanet torna-se mais tarde Irmão Silvestre, muito conhecido por todos os Irmãos Maristas.

Por outra, conhecemos muitas palavras de São Marcelino Champagnat que explicam bem este meio insubstituível de dar uma verdadeira educação. Eis algumas:

“A educação é, sobretudo, uma obra de amor!... Amai e sereis todo-poderosos!”

“Eu desejo e suspiro que a exemplo de Jesus, nosso Divino Modelo, tenham uma terna afeição pelas crianças que educam.”

“Um mestre que não sabe amar as crianças, não é feito para a educação!”

“Se vossos alunos fossem filhos de reis ou de príncipes, vós os trataríeis certamente com muita bondade, paciência, justiça e amor. Lembrai-vos que as crianças são muito mais que filhos de reis: são os filhos de Deus.”

“Não é verdade que estas palavras são ainda atuais para os verdadeiros educadores e educadoras, atuais também para os pais, primeiros educadores de seus filhos?”

Como não quero alongar-me neste assunto, continuarei no próximo artigo mostrando-lhes com exemplos concretos que São Marcelino Champagnat não se contentou em pronunciar palavras interessantes sobre a necessidade deste amor terno para os jovens se se quer verdadeiramente educá-los e formá-los. Foi para seus Irmãos um modelo de educador em gestos muito concretos.

REFLEXÃO

Por momento, proponhamo-nos, educadores e educadoras, e a nós pais, as seguintes perguntas:

- 5. Será que amo meus alunos, meus filhos igualmente?*
- 6. Será que sou bastante paciente quando os corrigimos?*
- 7. Será que as medidas que tomo com meus filhos ou com os jovens que quero educar são acompanhados de cuidado e de gestos personalizados que vão direito ao coração?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E O AMOR CONCRETO.

Nas páginas precedentes referi várias citações de São Marcelino Champagnat em que exorta seus Irmãos a amar seus alunos na maneira de Jesus se queiram convencê-los e educá-los verdadeiramente.

Aprofundei mais minhas pesquisas sobre o assunto e tenho respigado, como prometi, uma série de exemplos concretos que nos mostram que Marcelino Champagnat pôs em prática os conselhos que ele deu a seus discípulos. Foi para eles acima de tudo um mestre pelo exemplo.

“Amar os alunos, é também passar muito tempo com eles”, dizia ele. Até mesmo, quando os Irmãos se tornaram bastante numerosos, ele deixou seu presbitério tranquilo para ir ficar com estes jovens que ele queria formar. Pode-se imaginar o que esta decisão exigiu de renúncia de suas comodidades, conforto e tranquilidade?

São Marcelino Champagnat não tinha senão um desejo: ajudar aqueles que o cercavam. Com solicitude de mãe, ele tinha o dom de descobrir aquilo de que tinham necessidade de alguma coisa. Ocupava-se deles nos menores detalhes. Eis alguns exemplos desse amor concreto para seus Irmãos:

Um dia, depois de um encontro regional comunitário, bom número de Irmãos tomam descanso e volta para suas escolas respectivas. Saudando-os na partida, Marcelino lhe pede se eles levam todo o necessário. Embora a resposta afirmativa de todos e a cada um, ele se dirige a um jovem Irmão que sai pela primeira vez: “E você, tem tudo contigo? Tenho certeza que te falta alguma coisa... Quantos pares de meias levam?” (sic) ... A solicitude e

o amor paternal do Padre Champagnat tinha adivinhado exatamente. O jovem Irmão tinha somente levado as únicas que calçava nos pés...

Eis o que conta seu biógrafo, o Irmão João Batista. “Numa ocasião, um grupo de Irmãos que tinham sido surpreendidos por uma tempestade, chegam tremendo de frio a l’Hermitage. Logo o bom Pai manda chamar o Irmão responsável da rouparia para lhes oferecer vestimentas de reserva. Dizem-lhe que o Irmão em questão tinha saído levando a chave da rouparia. O Padre Champagnat, solícito em socorrer rapidamente a seus Irmãos, usa uma ferramenta, força a porta do vestiário e entrega ele mesmo roupas enxutas aos que tinham acabado de chegar com frio.” ... “Uma imprudência ou uma simples negligência nessas circunstâncias, dizia ele, pode ocasionar uma doença até grave ou longa enfermidade.”

Muitos Irmãos que viveram em l’Hermitage com ele contaram que, antes de dormir, viram-no percorrer a casa, particularmente os dormitórios, para verificar se não havia alguma janela aberta ou se ninguém estava doente. É o que se chama de amor concreto.

Mas o Padre Champagnat teve uma predileção particularmente para os doentes. Eis a esse propósito um fato que ilustra seu amor por eles. Uma tarde dirige-se junto de um Irmão gravemente doente para lhe levar conforto e consolação. Este último lhe diz então: “Eu estou confuso, meu Pai, de sua bondade. Aliás, é para mim uma grande pena de ser assim um peso para a comunidade” O Padre Champagnat lhe responde com vivacidade: “Meu Irmão, você está errado. Um doente não é um peso para uma comunidade, mas uma bênção. Você é mais útil à congregação fazendo a vontade de Deus e aceitando seus sofrimentos que se você fosse um grande professor.”

Para terminar tenho que contar um dos fatos mais flagrantes da vida de São Marcelino que prova claramente quanto ele priorizava as necessidades dos outros mais que suas próprias exigências.

Um dia vêm chamá-lo a uma visita para pessoa doente. Como de costume em semelhante circunstância, Marcelino dirige-se o mais rápido possível. Encontra então um infeliz coberto de úlceras, deitado sobre um pouco de palha e não tendo senão uns trapos para cobrir sua nudez e suas chagas. Tocado de compaixão diante de tanta miséria e de pobreza, Marcelino consola o doente da melhor maneira que pôde. Retornando a casa, perguntou pelo Irmão responsável do material e pede-lhe levar

imediatamente colchão, lençóis e cobertas ao infeliz que acaba de visitar. “Mas, meu pai, lhe fez observar o Irmão, nós não temos colchão de sobra. Demos o último na semana passada.”

– “Como, responde o Padre, não tem mais um colchão! ... Então, pegue aquele de minha cama e leve-o imediatamente a este pobre doente. (sic)

É certo que exemplos como esses falavam muito mais forte que todos os longos arrazoados que São Marcelino Champagnat teria podido desenvolver para convencer seus Irmãos do amor que devem ter para aqueles que encontram.

REFLEXÃO

Termino por duas perguntas:

8. *Que quer dizer para mim “amar aos outros de maneira incondicional?”*
9. *Qual foi o último gesto de amor concreto que fiz para ajudar uma criança, um vizinho ou uma vizinha em necessidade?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, MESTRE PELO EXEMPLO.

Sem dúvida muitos educadores que leem este livro ouviram falar da obra de Jacques Grand'Maison intitulado “O drama espiritual dos adolescentes”. Segundo o autor, um dos fatores importante do drama vivido pelos jovens de nossos dias é a carência de mestres e de modelos em sua família e na escola. Eu não quero fazer uma consideração longamente sobre este assunto.

Entretanto, queria perguntar por que certos educadores, certas educadoras de minha juventude me têm particularmente marcado pela vida à fora. A meu ponto de vista, certamente não são sem dúvida os mais inteligentes, nem os mais populares, nem os mais competentes, mesmo que guardasse desses últimos excelente lembrança. A meu ver, são aqueles e aquelas que têm sido para mim mestres, no sentido de Mestres da Grécia antiga, isto é, pessoas que pregaram por seu exemplo antes de tudo.

Quer sejamos pais ou sejamos educadores, uma condição primordial na formação de uma pessoa e em particular de um jovem é de nada exigir que não façamos nós mesmos! Antes de falar, é preciso ser testemunhas de valores que nós queremos transmitir. O testemunho de minha vida, como pai ou como educador, confere crédito a minhas palavras.

Folheando a vida de São Marcelino Champagnat encontrei inumeráveis exemplos que me mostram que foi um desses Mestres, com maiúscula. Escolhi alguns para vocês.

Irmão Lourenço, um dos três primeiros Irmãos Maristas, dizia o seguinte: “Uma mãe não tem mais ternura para seus filhos que o Pai Champagnat tinha por nós... Ele tinha grande cuidado de nós. Eu lembro sempre o cuidado que ele tinha por mim quando eu estava doente em La Valla. Vinha me ver todos os dias e me dava toda sorte de atenções...” (sic) Então, compreendem que quando São Marcelino Champagnat pedia aos Irmãos de amar seus alunos, suas palavras tinham total ressonância no Irmão Lourenço.

Irmão João Batista, seu biógrafo, repetia mais ou menos assim: “Um pai jamais amou mais ternamente seus filhos quanto o Padre Champagnat amou seus Irmãos... Estava sempre muito atento a cada uma de nossas necessidades... Ele nos amava embora nossos defeitos e nossas faltas.” ... (sic) Então quando Marcelino Champagnat pedia a seus Irmãos de amarem-se mutuamente, de aceitarem-se incondicionalmente, suas palavras eram para o Irmão João Batista uma confirmação daquilo que ele tinha visto.

Irmão Francisco, aquele que substituiu o primeiro responsável da congregação marista, tinha estas palavras luminosas: “Ele era firme; sim, certamente! Tremíamos até ao som de sua voz, sob um só de seus olhares, mas ele era, sobretudo, bom: ele era compassivo; ele era pai?...” (sic) Então quando São Marcelino dava recomendações referentes ao comportamento dos Irmãos com seus alunos do gênero assim: “Mostrem-se pai mais que seu mestre, então eles vos respeitarão e vos obedecerão” ... esses avisos eram cumpridos e bem recebidos porque o exemplo estava presente neles.

Nos primeiros tempos da fundação da congregação, o Padre Champagnat deixou rapidamente o presbitério para ir viver com seus Irmãos... Então quando ele dizia mais tarde: “Como educadores, é preciso que vivam no meio de seus alunos e que eles estejam muito tempo com vocês para influenciá-los mais”, sua afirmação não podia ficar letra morta muito longo tempo.

Uma das qualidades que o Padre Champagnat pedia com insistência a seus primeiros Irmãos era a simplicidade. Mas antes de ouvi-lo falar da necessidade desta característica da congregação marista, seus primeiros discípulos o tinham visto agir pessoalmente. Justamente a esse propósito, eis um parágrafo de sua biografia pelo Irmão João Batista: “Ele vivia e se

conduzia no meio de seus Irmãos como o servidor de todos. Partilhava nossos trabalhos e nossos jogos. Tomava para si o que havia de mais penoso e mais desagradável. Quantas vezes nós o temos visto carregar argamassa, trabalhar com suas mãos, levar mesmo o estrume do estábulo. ... Nós estávamos de tal maneira habituados a vê-lo agir simplesmente que nós nisso nem mais prestávamos atenção.”

REFLEXÃO

Podéria continuar a enumeração dos numerosos fatos e gestos que emolduraram a vida de São Marcelino Champagnat e que permaneceram exemplos concretos muito presentes ao espírito de seus primeiros discípulos, mas eu paro aqui e apresento as questões seguintes:

10. *Como educadora, como educador ou como pai sou para meus alunos ou para meus filhos um modelo que eles têm vontade de imitar?*
11. *Minhas palavras e minhas exigências, como pai e como educador, estão em conformidade com meus gestos?*

“OS CABELOS DE VOSSA CABEÇA ESTÃO CONTADOS!”

São Marcelino Champagnat gostava muito de comentar os dois primeiros versículos do salmo 126. Seu biógrafo nos assegura que ele voltou ao tema centenas de vezes e que “todas as explicações que deu formaria volumes” (sic). Eis o que o Padre Champagnat dizia para explicar sua insistência sobre esse assunto: “Não se espantem de me ver retornar sem cessar ao mesmo ponto: é que ele é o mais importante, é que é tudo. Com efeito, o próprio do homem é a fraqueza, é a miséria, o nada. Ele não tem nada, não pode nada sem o auxílio de Deus. Nossa fraqueza, nossas precisões contínuas são tantos motivos que devem nos levar a pôr nossa esperança em Deus. Esta virtude da esperança é a medida das graças que recebemos. Se esperamos no Senhor, ele nos diz como aos Israelitas: “Toda a terra que pisais com vossos pés será vossa,” isto é, eu vos protegerei, eu vos darei tudo o que esperais de minha bondade.”

UM FATO: As dificuldades da Comunidade Marista em 1830.

Em 1830 houve na França um recrudescimento da oposição de dirigentes leigos contra a Igreja e a tudo o que se referia à religião.

Conta-se na história dos inícios da comunidade que nesse ano, houve até uma visita domiciliar de soldados a l’Hermitage, porque corria um murmúrio na população que os Irmãos abrigavam certo marquês, inimigo da revolução que inspirava aos Irmãos projetos de contra revolução. (Vida do Padre Champagnat p. 181).

Compreende-se então que muitos Irmãos, jovens em parte, estavam cheios de temor. Eis alguns extratos das palavras do Padre Champagnat nesse momento:

“É Deus que permite todos os acontecimentos e que os orienta para sua glória e para o bem de seus amigos; se temos confiança nele, não nos acontecerá nenhum mal. Ninguém no mundo pode nos prejudicar, nem fazer cair um só cabelo de nossa cabeça se Deus não permite. É certo, portanto, que nada nos acontecerá sem sua permissão, que os homens não têm sobre nós senão o poder que Ele lhes dá e que todo o mal que sua malícia pode nos fazer virá em nosso favor.”

É texto que mostra claramente como o Padre Champagnat possuía a virtude da esperança e como procurou transmitir esta confiança em Deus a seus primeiros discípulos.

Mas, não só se contentou em falar, ele levou a audácia muito mais longe. Eis em que circunstância:

Certo padre dos arredores de La Valla, tendo sugerido ao Padre Champagnat tomar algumas precauções para assegurar seus Irmãos segurança em caso de acontecimentos perigosos, prever lugares de segurança, por exemplo! Eis o que o Padre Champagnat responde... Uma resposta inaceitável do ponto de vista unicamente humana:

“A grande precaução que devemos tomar, será confiarmos na Providência. Esforcemo-nos por merecer sua proteção com maior fidelidade, com zelo renovado para educar os alunos e para a prática das virtudes de nossa vocação. Esta precaução nos é suficiente, e toda outra, sem essa, seria inútil para nos proteger e nos preservar dos perigos que você teme.”

É preciso estar mergulhado no mundo espiritual, precisa-se verdadeiramente estar convencido do poder de Deus e de seu amor para falar assim.

Para mostrar de que não tinha nenhum medo dos homens, em vez de esconder os Irmãos, realizou tomada de batina oficial, no dia 15 de agosto nesse ano.

REFLEXÃO

Eu termino por uma das frases favoritas do Padre Champagnat, frase que repetia sem cessar e que nos mostra bem sua confiança em Deus. “Quem tem Deus para si, quando não se conta senão sobre ele, nada é impossível.”

São Marcelino Champagnat, dá-nos um pouco da confiança que tu tinhas em Deus. Que esta confiança nos guie na realidade de nosso quotidiano.

SÃO CHAMPAGNAT, UM EDUCADOR ABERTO ÀS INOVAÇÕES.

Quando lemos os escritos de São Marcelino Champagnat sobre a escola, comprovamos logo que ele não foi um teórico da educação. Não deixou nenhum sistema educativo estruturado que seria o apanágio da congregação que fundou.

O que ele foi: um prático da educação... à escuta das verdadeiras necessidades dos jovens de seu tempo; um prático que procurou sanar as necessidades fundamentais desses jovens com iniciativas concretas e práticas. Desenvolvamos um pouco.

- a. Carência dos jovens de seu tempo relativamente à religião.
Estava muito consciente dessa deficiência fundamental dos jovens de sua época, particularmente aqueles do interior. Sua resposta: “Precisamos de Irmãos aptos a ensinar a religião e tornar conhecido e amado Jesus Cristo”. É antes de tudo que para isto os Irmãos Maristas foram fundados.
- b. Ensino de outras matérias escolares
São Marcelino tinha primordialmente: formar catequistas competentes que dessem o exemplo antes da falar. Mas ainda que estejam em contato com os jovens. Funda então escolas para dar o ensino regular das matérias escolares com acento no catecismo.
- c. Carência no ensino da leitura.
Em sua juventude tivera dificuldade de aprender a ler. Depois de consultar pessoas competentes, chega à conclusão de que o método

de leitura na época em vigor era uma das causas desta dificuldade. Em seguida, ele adota para seus Irmãos o novo “método global” utilizado pelos Irmãos das Escolas Cristãs.

d. Concurso anual nas escolas dos Irmãos

Para estimular a emulação entre os Irmãos, Champagnat organiza desde 1830 exames comuns no fim do ano escolar. Seus objetivos: verificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante o ano e encorajar os Irmãos assinalando oficialmente os melhores resultados. Os exames comuns que se fazem em Québec estão longe de ser uma novidade. Já, desde os inícios da congregação, exames similares existiam nas escolas maristas.

e. Os lazeres

Um fato interessante que descobri ao reler a vida São Marcelino Champagnat é que constatei quanto os lazeres bem organizados para os jovens eram importantes para ele na formação integral que lhes queria dar. E a respeito não favorecia esportes de competição, mas pedia a seus Irmãos ocupar bem seus alunos com jogos bem organizados “que afastam a ociosidade tão danosa aos jovens”. Eis porque, uma das condições que ele apresenta para abrir uma escola é a existência de um pátio de recreação. Neste aspecto, era verdadeiramente avançado em seu tempo.

f. O ensino do canto

São Marcelino Champagnat foi inovador no ensino do canto na escola... especialmente do canto religioso “a fim, dizia ele, de que os jovens sejam mais participativos nas cerimônias da igreja”. Eis por que ele exige nas escolas de seus Irmãos o ensino obrigatório do canto.

g. A disciplina e os castigos físicos

No tempo de São Marcelino Champagnat, a disciplina punitiva estava em vigor na maior parte das escolas. Tendo vivido na sua juventude uma experiência negativa a este propósito, ele insiste com seus Irmãos a fim de que mantenham uma boa disciplina na classe, mas uma disciplina fundada no respeito dos jovens. Ele fala entre outra em professores “carrascos” que não são aptos para o ensino. Repete seguidamente: “Vocês devem ser antes de tudo “pais” do que “mestres” para com seus alunos. Devem ter horror das punições corporais e bani-los de seu agir”.

h. O espírito de família

A meu ver, a mais bela característica que ele legou a seus Irmãos, é o espírito de família, este sentimento que permanece e que se encontra ainda muito vivo em nossos dias nas escolas maristas. Este espírito de família tem por fundamento a aceitação incondicional das pessoas e o respeito das diferenças.

REFLEXÃO

São Marcelino Champagnat deixou poucos escritos de pedagogia e educação; permaneceram senão seus ensinamentos orais particularmente têm sido conservados pelos Irmãos Maristas que estão influenciados por seus conselhos e por sua maneira de agir.

AMOR AO TRABALHO DE MARCELINO CHAMPAGNAT.

Não ensino nada de novo a meus leitores se disser que o trabalho é uma das grandes leis da natureza humana. “Tu ganharás teu pão ao suor de tua fronte” é uma realidade que temos de viver quotidianamente.

Para São Marcelino Champagnat o dever teve ressonância muito particular. Com efeito, teve por necessidade vital de assumir, durante sua vida, uma quantidade variada de trabalhos diversos para chegar a realizar numerosos projetos que lhe foram necessários para preencher sua missão.

Nascido na campanha, digamos que ele teve a oportunidade de se iniciar muito novo a diversos trabalhos manuais de uma fazenda: agricultura, marcenaria, alvenaria, fabricação e reparação de mobílias, reparar utensílios e equipamentos... e outras tantas habilidades que deviam servir-lhe no curso de sua vida.

Lembramos, entre outras, que desde 1823, fez com suas próprias mãos, com a ajuda de alguns jovens que moravam com ele, a ampliação da primeira residência dos Irmãos que ficara muito exígua. Em várias ocasiões, teve de reparar ele mesmo ou construir com suas próprias mãos móveis, mesas, cadeiras, camas e muitas outras peças de mobiliário.

Manifestou, sobretudo, suas aptidões manuais e seu ardor ao trabalho por ocasião da construção de l’Hermitage, um trabalho gigantesco na época.

Ele se encontrava à vontade levantando muros com os pedreiros, acompanhando os gesseiros em seu trabalho, fazendo assoalhos com os pedreiros ou extraíndo pedras com os trabalhadores em aterros. Para ele, o adágio bem conhecido: “Il n’y a pas de sot métier” era uma realidade.

Muitos operários que o viram trabalhar aprestam-se em dizer que nisso não havia como competir com ele e que realizava muito mais trabalho que eles.”

Entretanto, sem dúvida, Marcelino Champagnat não só trabalhou manualmente. Sua função de fundador obrigou-o também a preencher as obrigações mais diversas.

Da minha parte, eu me digo, vendo o que ele realizou, que seus dias deviam parecer muito curtos. Com efeito, devia, além de tudo aquilo, instruir e educar seus Irmãos pessoalmente, acompanhar a administração geral tornada de mais em mais pesada, visitar as escolas de seus Irmãos, responder a solicitações de toda sorte que lhe cabiam, entrevistar pessoalmente os Irmãos, sem esquecer suas longas horas de orações quotidianas às quais ele tem sido muito fiel.

Diga-se, portanto, que São Marcelino Champagnat é para os Irmãos Maristas, o modelo de homem de ação que não negligencia nada para realizar seus projetos.

Eu recolho de sua vida, alguns extratos que mostram o que ele pensava da necessidade do trabalho para os Irmãos e o que fez para desenvolver neles esta característica.

Digamos primeiro que antes de aceitar um jovem como postulante, ele verificava se amava o trabalho. Se ele não encontrava no candidato esse amor ao trabalho, ele simplesmente o recusava.

Eu termino este fato cheio de sentido que mostra, ao mesmo tempo, que Marcelino sabia corrigir com humor.

Um dia, pediu-se a um jovem Irmão de transportar um montezinho de pedras a uma dezena de pés. Então, dando uma olhada pela janela, o Padre Champagnat vê que o jovem, de saúde um pouco frágil, depois de ter transportado algumas, está sentado sobre o monte de pedras e que jogava as pedrinhas para o lugar destinado. O Padre lhe envia então um travesseiro por um coirmão dizendo-lhe: “Diga ao Irmão que você vê sobre o monte de pedras lá embaixo de se sentar sobre este travesseiro para trabalhar.” A história diz que a lição deu resultado.

REFLEXÃO

Ao terminar eu me pergunto:

9. *Sou eu um homem de ação?*
10. *Sou eu um adepto do trabalho bem feito?*
11. *Sei eu equilibrar minha vida de trabalho com
minha vida de oração?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A INCONDICIONAL ACEITAÇÃO DO OUTRO.

Uma das condições essenciais do amor ao próximo é a aceitação incondicional do outro, qual que seja e quais que sejam seus defeitos, sua aparência e sua maneira de agir. Eis uma constatação fácil de compreender, mas não sempre assim fácil para viver na nossa sociedade de mais em mais multiétnica e diversificada.

Não devemos ter medo de questionar-nos individualmente e coletivamente sobre nossa filosofia e nosso comportamento pessoal e coletivo face às novas etnias que se implantam em nosso meio. Como reagimos, que é que passa por nossa cabeça, quando vemos certas pessoas manifestar gestos que não são de acordo com nossa mentalidade, nossa cultura ou nossa maneira de ver?

São Marcelino Champagnat pode nos ajudar em nosso agir para a aceitação incondicional de todas as pessoas com que topamos quotidianamente.

Antes de tudo duas observações:

12. Para compreender as intervenções de São Marcelino Champagnat, é preciso colocar-se ao nível que não seja somente humano, porque na vida deu a prioridade ao espiritual. Ele visava tudo em função da escolha de Deus que tinha feito.

13. Durante a sua vida São Marcelino Champagnat foi particularmente rodeado de jovens. Eis por que a maior parte de suas reflexões e observações são feitas em função dos jovens.

Aqui alguns de seus pensamentos sobre o assunto:

“A igualdade de tratamento, dizia ele, deve ser a grande lei da escola dos Irmãos; lá não deve haver nem preferência, nem privilégio para ninguém, nem condição e nem para nenhuma outra distinção exterior. Por exemplo, não haverá diferença entre o aluno pobre e o mais afortunado. Todos serão classificados segundo sua capacidade e seus sucessos escolares. Seguramente às vezes é preciso ter em conta certas susceptibilidades dos pais e de certas diferenças, mas os Irmãos se lembrarão de que cada um de seus alunos, ricos ou pobres, são a imagem de Jesus Cristo.”

“Amar os alunos, é aceitá-los tais como são. Suportar seus defeitos, sua indocilidade e mesmo sua ingratidão; é propor-se unicamente aos seus cuidados, intenções sobrenaturais, isto é, a glória de Deus e a salvação da alma de seus alunos.”

“Amar seus alunos, é agir de tal maneira com eles que todos possam sentir-se privilegiados recebendo os testemunhos pessoais de nossa afeição, porque eles são os filhos queridos de Deus.”

Eu termino estas citações com um fato que revela bem o que para São Marcelino Champagnat a aceitação incondicional do outro não é uma palavra vã a mais, ela tinha como fundamento seu desejo de fazer o bem a todos que encontrava.

“Um dia, nos conta seu biógrafo, um dos seus amigos roga-lhe ir visitar um infeliz que, muito enfraquecido, doente, e mergulhado na maior miséria, vomitava grosseiras injúrias contra a religião e contra aqueles que tinham a caridade de visitá-lo e de lhe levar ajuda.” ... “O bom Padre, continua o mesmo biógrafo, não economizava nada para conquistar a confiança desse pobre infeliz, mas foi sacrifício perdido. Finalmente, o Padre se retirou para não ser ocasião de novas blasfêmias. Retornando a casa, Marcelino dialoga com o Irmão responsável da ajuda aos doentes. Ele concluiu a conversa com estas palavras: “Não há senão um meio de transformar esse homem, é fazer-lhe o bem e de não responder as suas injúrias senão pelas boas ações. Assim, é preciso conseguir tudo o

que para ele é necessário, estar sempre alguém perto dele para servi-lo, cuidar dele mesmo durante a noite, e falar com grande doçura e uma grande bondade, rezar muito por ele, mas evitar de falar-lhe de religião.”

Não há senão a fé e o amor incondicional sobrenatural que possa sugerir tal maneira de fazer. É o que os Irmãos decidiram.

O historiador conclui que... “O pobre, diante de tanta bondade, mudou completamente de comportamento e ele pediu para reencontrar-se com o Padre Champagnat para lhe dizer finalmente: “O senhor e seus Irmãos provaram-me que seu amor é verdadeiro, pois que lhes inspirou tão grande dedicação, embora meu mau comportamento. Sinto muito de lhes ter tão mal recebido no começo!”

REFLEXÃO

Que dizer mais!... a não ser perguntar:

Até onde estou pronto a aceitar incondicionalmente aqueles com quem vivo? ... meu esposo! ... minha esposa? ... meus filhos? ... meus alunos?... minhas amigas e amigos?

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E O AMOR MÚTUO.

A passagem mais tocante do testamento espiritual de São Marcelino Champagnat é aquele que trata da caridade fraternal entre os Irmãos. Eis a propósito o que ele diz: “Eu vos rogo, meus caríssimos Irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda aquela que tendes por mim, proceder de tal forma que a santa caridade se mantenha sempre entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos tem amado. Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito. Que se possa dizer dos Pequenos Irmãos de Maria, como dos primeiros cristãos: “Vede como eles se amam!” ... É o voto mais ardente de meu coração, neste último momento de minha vida. Sim, meus caríssimos Irmãos, escutai as derradeiras palavras de vosso pai, são aquelas de nosso amado Salvador: “Amai-vos um aos outros.” (sic)

Sentimos neste texto a importância que o Padre Champagnat queria esse amor mútuo entre os Irmãos porque pôs sua alma de agonizante nessa última recomendação.

Este amor mútuo que Jesus Cristo chama seu mandamento tem feito o objeto de inúmeras recomendações da parte de São Marcelino Champagnat. Para ele, esta caridade deve ser a grande característica dos Irmãos Maristas... como aquela de todo cristão, aliás. Cada um deve se ater a praticar em relação a todos, mas particularmente em vista daqueles que são mais próximos dele, seus Irmãos, seus alunos e as pessoas que encontra.

Mas como São Marcelino, homem prático que era, via a realização desse amor mútuo no concreto do cotidiano. Segundo ele, para ser efetivo, esse amor deve consistir nos quatro exercícios seguintes:

1. Prestar serviço em toda ocasião.

A propósito ele tinha esta palavra esclarecedora: “Na congregação não são apenas os bens materiais e terrenos que devem ser postos em comum; os bens do espírito, os talentos de cada um, devem ser partilhados para o bem de todos. Digo o mesmo dos bens do corpo: a força e a saúde, os bens da alma; as virtudes. Aquele, pois, que tem conhecimentos particulares e dons pessoais deve comunicá-los aos outros. Aquele que é forte deve ajudar o mais fraco... É assim que deve ser cumprido e aplicado entre os Irmãos o princípio de que tudo deve ser posto em comum.”

Não é assim que essas poucas linhas nos ajudam a compreender como São Marcelino Champagnat insistia na partilha interpessoal como primeiro meio de praticar o amor mútuo?

2. Desculpar e ocultar os defeitos dos outros.

Marcelino tinha um grande horror daqueles que julgavam negativamente a conduta de seus companheiros de trabalho e de comunidade. Dizia: “Não devemos falar dos outros senão para falar em bem.” ... “Muitas vezes acrescentava ele, a falta ou o defeito daquele do qual se fala, engrossa passando de boca a orelha... E pode-se destruir uma reputação facilmente agindo assim” ... “Ao contrário, com São João, aconselhava “cobrir o próximo com o manto da caridade” escusando-lhes suas faltas e seus defeitos.”

3. Suportar-se mutuamente

“Não há homem sem defeito, dizia a propósito: uns têm mais, outros têm menos, mas todos têm. É certo de que, embora toda sua boa vontade, um Irmão pode ter defeitos que o tornam penoso aos que com ele convivem. Então, para preservar a caridade entre nós, devemos suportar os defeitos dos outros como nós desejamos que suportem os nossos.”

4. Advertir-se caridosamente das faltas

Segundo São Marcelino Champagnat, para ser eficaz, esta medida requer uma grande maturidade e um amor mútuo verdadeiro. Deve ser feita no momento propício. Implica da parte do que a fez não julgar o outro e da parte daquele é advertido certa simplicidade.

Relendo essas páginas sobre o amor mútuo, eu me digo que isto que São Champagnat propõe a seus Irmãos poderia muito bem aplicar às famílias e em nossa vida quotidiana. Tais gestos contribuiriam certamente para criar e a manter esse espírito de família do qual ele fala tão seguidamente.

REFLEXÃO

Concluo acrescentando que:

- 1. Se, em cada família, se pusessem em prática esses quatro pontos concretos do amor mútuo, muitas dificuldades entre cônjuges e entre pais e filhos se esfumariam e mesmo desapareceriam?*
- 2. Se, em nosso meio de trabalho, tivéssemos em conta essas sugestões, não é verdade que o espírito de equipe que procuramos todos seria vantajosamente visível e mais forte entre nós?*
- 3. Se, em nossos contatos com as pessoas, nós fôssemos fiéis a essas orientações tão fáceis de compreender, a atmosfera em que vivemos seria seguramente melhor.*

IRMÃO FUNCIONÁRIO E IRMÃO FILHO DE CASA.

No mundo da educação fala-se muito hoje em dia do sentimento de pertença que os educadores devem desenvolver nos alunos para fazê-los amar a escola e ajudá-los a aceitar a formação que eles devem dar aos jovens.

São Marcelino Champagnat tem expressões saborosas falando desse sentimento de pertença dos Irmãos. O Irmão que possui esse sentimento de pertença à comunidade, ele o chama “o filho da casa”. Ao contrário, o Irmão que não possui este sentimento, ele o chama “o Irmão funcionário”.

Numa página luminosa de sua vida, seu biógrafo, o Irmão João Batista, traça o paralelo que o bom Padre Champagnat faz desses dois modelos de Irmãos. O leitor poderá facilmente transportá-lo para seu meio de trabalho ou em seu ambiente familiar.

“O Irmão empregado vê seu diretor como um guarda que o fiscaliza. Ele o teme, ele reluta, ele foge de sua presença, lhe esconde sua conduta e seus defeitos”...

“O Irmão, filho da casa, considera seu superior como um pai que o ama. Tem inteira confiança nele... Persuadido de que o superior não procura senão o seu bem, recebe seus avisos e suas correções como testemunhos de afeição e de amor”...

... O Irmão funcionário considera seus companheiros e seus coirmãos como estranhos. Não tem por eles nenhuma atenção, nenhuma caridade, nenhuma honestidade, nenhuma atenção. Completamente ocupado consigo mesmo, pega para si o que tem de melhor, menos penoso, sem se interessar se seus coirmãos estão sobrecarregados ou se precisam de ajuda.

... Ao contrário, o Irmão filho da casa considera aqueles com ele vive como seus

irmãos e como seus amigos. Sempre ocupado para ajudar, colaborar e prestar serviço. Em toda parte ele os ajuda, defende, escusa e encobre seus defeitos...

... O Irmão funcionário é indiferente pelos interesses de sua comunidade e sua casa. Pouco lhe importa que eles estejam bem ou mal. É porque preenche seu emprego e faz seu trabalho sem zelo. Não tem interesse pelo bem comum. Ele vê gastarem-se as coisas sem se inquietar e deixa depauperar a mobília e os objetos que lhe são confiados mais que cuidar deles...

... O Irmão filho da casa ama sua congregação e o trabalho que faz. Considera-se como obrigado de contribuir ao bem comum, ele esforça-se de dar o bom exemplo em toda parte. Zela pela boa administração dos bens de que é responsável e ao cuidado da ordem do mobiliário e dos objetos de que se serve...

... Porque não procura que sua própria pessoa, o Irmão funcionário não tem a simpatia de sua companhia. Contenta-se de suportá-la. Evita sua companhia. Ele critica tudo que os outros fazem e particularmente aqueles que têm autoridade. Numa palavra, sente-se rejeitado de seu ambiente, não é feliz no que faz e onde vive...

... Quanto ao Irmão filho da casa, como ele se devota ao bem de todos e procura todas as ocasiões de ser útil a seus Irmãos ou companheiros, recebe a paga em retorno. Devolve-se a ele o cêntuplo do que ele dá. É amado, sacrificam-se por ele. Ele tem tantos irmãos e amigos quantas pessoas em seu ambiente...

... Para ser feliz na congregação e no seu trabalho, conclui, não é preciso entrar e ficar na qualidade de funcionário, mas na qualidade de filho da casa..." (sic)

Seguramente que não se acham pessoas que possuam todas as qualidades ou todos os defeitos de um ou de outro dos dois personagens descritos acima.

Entretanto, se nos reconhecemos às vezes na posição de doméstico, devemos reagir positivamente para nos corrigir... O espírito de família que nós queremos manter depende em grande parte do comportamento de cada um dos membros de nosso meio de trabalho de nossa família.

REFLEXÃO

Peçamos a São Marcelino Champagnat conservar entre nossos educadores, nossas educadoras e na família de nossos alunos este comportamento tão caro a seu coração e tão necessário à formação que nós, educadores e pais, queremos oferecer a nossos jovens.

“MARIA TUDO FEZ ENTRE NÓS”

São Marcelino Champagnat tinha confiança ilimitada em Maria. Esta confiança era tal que nada lhe parecia impossível com o recurso dessa boa Mãe. Muitas vezes se ouvia dele dizer com uma grande convicção: “Mesmo que todo o mundo esteja contra nós, não devemos temer nada se a Mãe de Deus está por nós”.

Um dos grandes projetos dos inícios da congregação dos Irmãos Maristas foi certamente a construção de l’Hermitage, um edifício imenso de quatro pisos que existe ainda hoje, cuja construção ocasionou muito trabalho e suores a nosso fundador e a seus primeiros discípulos.

Digamos antes de tudo que, para testemunhar a Maria a confiança que tinha nela e para atrair sua proteção durante os trabalhos de construção, Marcelino, com a aprovação geral de seus Irmãos, decidiu chamar o sítio onde se eleva esta gigantesco edifício “Nossa Senhora de l’Hermitage”.

Nas linhas que seguem, queria mostrar com exemplos concretos como “A Boa Mãe e Nosso Recurso Habitual”, como gostava Marcelino Champagnat invocar Nossa Senhora, que não o tem jamais deixado de atender, especialmente nos momentos mais dramáticos.

Efetivamente, a proteção de Maria durante o período dos trabalhos me pareceu particularmente significativa. Para compreender a importância dos fatos que vou recordar aqui, é preciso antes lembrar que nesse tempo trabalhava-se com os meios de proteção da época. E nós sabemos quanto eram rudimentares. Eis, pois, esses fatos que são relatados na vida do fundador da congregação dos Irmãos Maristas.

Pelo fim da construção, quando se estava no quarto piso, um dos pedreiros perde o equilíbrio e cai no vazio. O acidente seria certamente mortal. Por bondade e por efeito da proteção de Maria, o infeliz operário roça em sua queda uma das árvores que ensombra o leito do riacho. Teve então a ideia e o tempo de agarrar um galho na passagem. Aí fica suspenso até que vêm tirá-lo da incômoda posição. Todos tiveram momento de grande medo. Na realidade o operário não teve nenhuma arranhadura. A proteção da Boa Mãe é ainda mais evidente constatando que a árvore, um freixo, é uma árvore quebradiça e que o galho era tão fraco que não poderia normalmente suportar tal peso. No dia seguinte São Marcelino Champagnat e seus Irmãos celebraram missa de ação de graças por essa proteção visível de Maria.

Numa outra circunstância, um Irmão se encontra sobre um andaime, no terceiro piso. No momento em que avançava para servir os pedreiros uma tábua cede debaixo de seus pés e ei-lo suspenso por uma só mão. A situação parecia tão perigosa que um primeiro pedreiro não se sentiu com coragem de se aproximar da vítima. Um segundo operário, desprezando o perigo, arrisca avançar até o Irmão naquela infeliz posição. Segurou-o pela mão e conseguiu ajudá-lo para que o pobre pudesse por sua vez fazer esforço com seus dois braços e subir sobre o andaime. Foi preciso ao recuperado alguns minutos para retornar aos sentidos e sair do pavor. Não é preciso dizer que numerosas orações de agradecimento foram feitas durante o resto do dia e durante os dias que se seguiram ao acontecimento.

Em uma terceira ocasião, foram escolhidos dez Irmãos entre os mais fortes para transportar grossas pedras até o segundo piso utilizando uma escada. O Padre Champagnat se colocou no alto, preparado para receber cada dessas pedras. Ora, o carregador de uma dessas pedras, chegando quase ao alto, perde o equilíbrio e escapa-lhe a pedra que vai seguramente amassar a cabeça do Irmão que espera sua vez em baixo. O acidente parecia de tal modo inevitável que o bom Padre tem o reflexo de dar a absolvição àquele que vai morrer. Por sorte, a vítima a ser atingida, que não esperava pelo drama, e sem nenhuma razão aparente, um ligeiro movimento para o lado o salva. A pedra roça apenas nele. No momento que se seguiu, tomando consciência do perigo ao qual ele acaba de escapar, o Irmão em questão é tomado de tal pânico que durante alguns minutos se pôs a correr como louco por aí ao redor.

REFLEXÃO

Compreende-se facilmente que essas manifestações visíveis da proteção de Maria não fazem senão confirmar o Padre Champagnat na confiança que ele sempre votou a nossa boa Mãe. Aliás, não é de se admirar a insistência com a qual, no curso de sua vida transmitiu a seus Irmãos este grande amor e esta confiança inquebrantável que eles devem ter por Maira.

- 1. É Maria importante no bom êxito de minha vida?*
- 2. Tenho confiança em Maria como São Marcelino Champagnat?*

UM BOM EDUCADOR SEGUNDO O PARECER DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Nós sabemos que São Marcelino Champagnat não foi um teórico. Poder-se-ia acrescentar que se formou e que formou seus Irmãos na prática... isto é, que aproveitou dos acontecimentos quotidianos e das situações concretas para lhes dar ensinamentos a respeito.

Por outra, sabemos também que ele tinha alta opinião da vocação de educador. Eis porque voltava tão seguido a respeito do assunto para ensinar a seus Irmãos como preencher sua tarefa com toda competência possível.

Uma observação antes de começar. Este artigo não se endereça somente aos professores, mas a todos aqueles e aquelas que devem educar os jovens... em particular aos pais. Por conseguinte, será fácil para o leitor aplicar na família o que é dito aqui a propósito da escola

Portanto, para São Marcelino Champagnat, um bom educador é:

3. Um membro ativo da comunidade educativa que contribui para uma atmosfera de qualidade.

Para ele, é importante que o jovem que se quer formar encontre na sua escola um ambiente de fraternidade, que Champagnat chama espírito de família. Mas ele sublinha, ao mesmo tempo, que cada um dos que intervém deve não somente participar da manutenção desta atmosfera, mas contribuir pessoalmente para o respeito, o amor e a confiança recíproca. Dizia a propósito: “O clima da escola é como o ar que o jovem respira todo dia. Este clima pode preparar e sustentar o trabalho educativo, mas pode também enfraquecê-lo e mesmo destruí-lo.” Em síntese, é a boa relação dos educadores entre si e entre seus alunos e

suas famílias que oportunizam ‘resultados ininterruptos.’” É por isso que São Marcelino Champagnat pede a seus Irmãos mostrarem-se “pais, mais que patrões autoritários” para seus alunos.

Em fim, ser um membro ativo de uma comunidade educativa implica para cada uma e cada um a participação da responsabilidade na criação e manutenção do clima de qualidade e exige a capacidade de trabalhar em colaboração com o bem-estar comum.

4. Um formador de jovens

São Marcelino Champagnat compara a educação de um homem à edificação de um edifício. O educador é aquele que ajuda o jovem a estabelecer as bases de seu edifício... quer dizer, que lhe inspira pelo exemplo e pela palavra os princípios fundamentais que guiarão sua vida. Um bom educador não tem nenhuma timidez de revelar os valores fundamentais, humanos e cristãos, que o fazem viver. É, segundo Jacques Grand’Maison, esta falta de visibilidade nos educadores que é uma das grandes carências de nossa educação atual... “Nossa sociedade, escreve ele, carece de pais e de mestres convencidos e convincentes, sobretudo por seus exemplos.”

5. Um cultivador do espírito e da alma dos jovens.

Recordemos que cultivar supõe várias operações; é preciso esterrear, arrancar as ervas daninhas, semear, regar... Eis, segundo São Marcelino Champagnat o papel do educador: um cultivador do espírito e da alma do jovem. “Um bom educador, diz ele, desenvolve as qualidades e as boas inclinações dos jovens... começa por arrancar as más ervas, quer dizer, os defeitos e as más inclinações, semeia nos corações valores duráveis e rega tudo por toda sorte de bons exemplos para ganhar sua confiança, sem esquecer suas orações pessoais por eles.”

6. Um semeador, sem necessariamente ser testemunha da colheita.

Educar não é uma missão fácil, sobretudo quando não se percebem frutos de seus esforços. Para São Marcelino Champagnat, esta verificação não deve arrefecer o educador, porque para ele, um educador é aquele que semeia primeiro, depois aquele que recolhe.

A este propósito, ele tem palavras luminosas. “O grão plantado na terra parece perdido; entretanto, nem as tempestades, nem mesmo

o inverno conseguem destruí-lo. No seu tempo, ele germina, cresce e produz fruto... Da mesma maneira, o grão semeado com amor e paciência pelo bom educador no coração do jovem terminará por germinar e dar fruto no seu tempo.”

7. Um adulto que ama os jovens para Jesus Cristo.
“Para bem educar os jovens, diz ele, é preciso amá-los.” Em sua biografia de São Marcelino, Guy Chastel diz: o amor aos jovens é a nota distintiva da pedagogia do Padre Champagnat. O educador que não tem amor a seus alunos, não pode educá-los.”

Acrescento um ponto muito importante concernente a esse amor aos alunos. Para ser verdadeiro, tal amor deve, segundo São Marcelino Champagnat, buscar sua fonte numa grande fé em Deus e num profundo apego a Jesus Cristo. Ele era claro e conciso sobre este ponto: “Amai Jesus Cristo e tereis todas as virtudes e os dons de um perfeito educador.”

8. Um adulto presente com os jovens.
Um educador é um adulto que, no pensar de São Marcelino, é competente, de certo, mas aquele que sabe transmitir sua matéria de forma clara. Para isto, deve estar atento aos jovens, não ensinar como diletante sem se ocupar de sua capacidade de assimilação. “Um bom educador, diz ele, sabe ser disponível, sabe tomar tempo para auxiliar os mais fracos, escutá-los, ajudá-los a resolver suas dificuldades.” ... “Para isto, acrescenta ele, deve estar muito tempo com eles... fora das horas de ensino, nos seus lazeres e nos seus jogos.”

9. Um exemplo coerente para o jovem.
São Marcelino lembra a esse propósito... “A educação é, sobretudo, o fruto do bom exemplo.” (sic) “A lição mais importante e mais eficaz que podeis dar, é o bom exemplo”. (sic) ... “Os discursos podem emocionar, o exemplo arrastar a criança pois é imitadora por natureza.” (sic) ... Tanto quanto as palavras possam nos provar, para São Champagnat, o exemplo é insubstituível.

REFLEXÃO

Eu termino estas reflexões por esta citação muito profunda que traduz bem seu pensamento fundamental sobre a educação: “O homem é o agente costumeiro do qual Deus se serve para educar o homem. A educação é uma missão gloriosa, mas também dolorosa. Os homens não se educam e não se salvam se nós não nos damos e sacrificamos por eles. Deus julgou este ministério tão importante que ele enviou seu Filho para ser o educador e o salvador dos homens. Mas o Cristo não cumpriu seu ministério senão em se dando totalmente ele mesmo. O Cristo permanece o modelo dos educadores.”

MEU AMIGO, VOCÊ FICOU ME DEVENDO.

Uma das principais condições para o bom andamento de uma classe e de uma escola sobre a qual o Padre Champagnat voltava constantemente, era a disciplina. Dizia mesmo que uma escola e um mestre sem disciplina, em lugar de ser um bem para os alunos, são flagelos que podem causar-lhes erros irreparáveis.

Ele sublinhava também com muito realismo que manter esta disciplina não é sempre um exercício fácil. Entretanto, estava convencido da necessidade de mantê-la a todo preço se o mestre quer ser eficaz na transmissão de sua matéria, deve às vezes usar punições para corrigir as faltas nos alunos. Entretanto, tinha horror de punições corporais e sempre proibiu com rigor a seus Irmãos aplicá-las aos alunos. Sem dúvida, era pela convicção profunda que ele tinha da nocividade de tais punições, e também pela lembrança da experiência infeliz que ele tinha vivido na juventude. Com efeito, já no seu primeiro dia de aula, tinha sido testemunha dessa rudeza excessiva desse professor a respeito de um colega de aula. A imagem que guardou dessa cena o marcou por toda a vida. Eis porque jamais aceitou as punições corporais como meios de correção.

Um segundo ponto concernente à correção das faltas sobre o qual insistiu muito, é o momento de fazê-la. “Jamais, dizia ele, corrigir um aluno em momento de cólera... Não se punirão as faltas graves principalmente a não ser no começo da aula seguinte... ou esperar ao menos que a impaciência tenha desaparecido!...”

Eis uma regra de ouro para um educador, seja pai ou professor. Fará evitar erros muitas vezes irreparáveis. Nas linhas seguintes vou contar dois fatos reais que demonstram que São Marcelino Champagnat era ele mesmo fiel a esta regra.

Para compreendê-los bem é preciso estar a par da maneira de proceder do Padre Champagnat na correção de seus próprios Irmãos. Eis o que dizia com certo humor a propósito das faltas das quais tinha às vezes testemunhado nos seus primeiros Irmãos: “Na primeira vez, eu perdoo; na segunda, me devem; na terceira, me pagam!” Não é uma regra de ouro que todo educador deveria aplicar ao corrigir os jovens?... Saber dar uma chance!... Permitir ao culpado se corrigir!

... Uma tarde, conta seu biógrafo, um jovem Irmão, cheio de boas qualidades, mas, por outra, um pouco estouvado, encontra o Padre Champagnat na penumbra de uma escadaria. Confundiu-o por um coirmão com quem regularmente prega peças. Ele salta sobre os ombros dizendo-lhe: “Não diga nada e leva-me até ao primeiro andar!” ... O Padre Champagnat, sem dizer nada, carrega-o até ao alto da escadaria, larga-o no chão e dirige-se a seu quarto onde entra sempre sem dizer nada. O pobre pequeno Irmão, embaraçado, dá-se conta do seu equívoco e espera uma repreensão rápida e uma punição exemplar. O Padre o deixa na perplexidade e inquietude durante dois ou três dias, depois ele o chama. Como o vê todo contrito, lhe diz com tom severo, mas paternal: “Durante quanto tempo ficará você sendo uma criança? Veio você aqui para introduzir a falta de seriedade e pôr desordem na casa? Vamos, eu lhe dou uma nova oportunidade para se corrigir completamente de sua leviandade. Combata esse defeito com cuidado, se você quer que esqueça suas tolices passadas... sem o que, eu lhe previno, você me deve!”

Em outra ocasião, como tinha surpreendido outro Irmão em flagrante delito, contenta-se de lhe dizer bondosamente: “Você me deve esta!” O jovem Irmão então lhe responde: “É verdade, meu Pai, mas prometo de não repetir para não ter-lhe de dever.” ... “É o que eu lhe peço, retruca o bom Padre, proceda de maneira a guardar a palavra.”

E seu biógrafo continua: “Diante das faltas, tinha sempre o cuidado de levar em conta as circunstâncias atenuantes.

REFLEXÃO

Em geral, era extremamente indulgente para os jovens em vista de vê-los animados de bons sentimentos e manifestavam provas de boa vontade. A mais, tinha o dom de encorajá-los, sublinhando as boas qualidades dos faltosos e felicitando-os pelos esforços feitos para se corrigir... Era bom e indulgente, porque estava cheio do Espírito de Nosso Senhor, e este Espírito lhe dava um caráter bom e enérgico, que se fazia amar, respeitar e temer ao mesmo tempo.”

“VEJAM OS PÁSSAROS DO CÉU!”

Foi preciso a São Marcelino Champagnat uma confiança sem limites na Providência de Deus para ter decidido fundar uma congregação de Irmãos com os meios financeiros que possuía. Sua principal segurança foi a palavra do Evangelho: “Vede os pássaros do céu, eles não semeiam, não colhem e eles não armazenam e entretanto vosso Pai do céu lhes dá o que precisam para se alimentar.”

“Nós perderíamos muito nosso tempo, dizia ele, se esperássemos de nossos talentos, de nossa capacidade ou dos homens o sucesso de nossas obras: porque não há senão Deus que nos possa dá-lo.”

Esta confiança total que ele tinha em Deus o conservava numa tranquilidade admirável e paz inalterável em meio das maiores dificuldades. “Nosso Senhor, dizia ele, nos assistirá em nossas necessidades; por mais que os obstáculos sejam grandes, mais nós devemos pôr nossa confiança nele, porque temos precisão de seu auxílio.”

Para manter sua congregação cada vez mais numerosa e para alimentar os indigentes dos quais se encarregava, não tinha, no começo da congregação, que seu salário de vigário. Assim vários de seus confrades e amigos se perguntavam com espanto onde buscava recurso para enfrentar todas estas necessidades. Alguém lhe diz mesmo um dia rindo: “Tem você uma permissão para tirar do tesouro do Estado?” O bom Pai lhe respondeu com muito humor e, sobretudo, com uma grande fé na Providência: “Eu tenho mais que isso... tenho o tesouro da Providência que fornece a todo mundo sem se esgotar.” ... “Minha bolsa, dizia ele em outra ocasião, não tem fundo; é aquela da Providência: mais se tira, mais tem.”

Eis alguns fatos reais, relatados por seu biógrafo, que fazem pensar e que provam que por vezes, o Senhor responde de maneira surpreendente e sem dúvida miraculosa a quem tem fé inteiramente confiante.

“Um dia, escreve o Irmão João Batista, o Padre Champagnat recebe a visita de improviso de um credor a quem a congregação devia dois mil francos. Esse homem não lhe dá senão poucas horas para reembolsar a soma. O Padre Champagnat via chegar o Irmão responsável das finanças e lhe pede de tomar providências para pedir emprestado dinheiro a outros. O Irmão lhe responde com certo humor: “Irei já que insiste, mas eu estou convencido de que voltarei de mãos vazias.” Fogem de mim quando me veem chegar!” ... O Padre não replica e como a hora do pagamento se aproxima, sobe para a capela e se põe em oração para suplicar à Providência vir a seu socorro. Ao fim de alguns minutos, alguém lhe pede para ir à sala de recepção. O Padre se dirige para ver um senhor que coloca um saco sobre a mesa e diz: Eis, senhor Padre, o que pensei para trazer hoje.” Ora, havia aí três mil francos no saco. O Padre diz então ao desconhecido: “Que Deus o abençoe, meu caro senhor. É sua Providência que o envia. Eu tinha uma necessidade urgente e o senhor me faz um serviço que eu não esquecerei jamais.” A Providência tinha respondido muito além do pedido que lhe foi dirigido.

Em outra ocasião, o Irmão responsável da alimentação vem preveni-lo de que não há mais farinha e que é preciso providenciar. O Padre abre sua gaveta e lhe dá todo o dinheiro que havia em toda casa. O Irmão lhe diz: “Meu Padre, há apenas aí o que precisa para comprar dois sacos. Com o número que somos, não teremos mais dentro de quinze dias!” ... “Compre por enquanto esses dois sacos, lhe replica Champagnat, Deus virá em nosso auxílio antes que tenham terminado!” ... Dez dias mais tarde, o Irmão volta para avisar ao Padre que a Farinha está chegando ao fim. O Padre lhe diz então: “Olha, acabam de me dar o que é preciso para comprar trinta sacos... Tinha razão de lhe dizer de que Deus não nos abandonaria.”

Um terceiro fato não menos significativo. Na época das férias, o Padre, consultando seu conselho, fazia as nomeações dos Irmãos para o ano seguinte. Prestava muita atenção e punha todo seu coração. Depois desse trabalho, ele tinha estas palavras que mostram como sua fé na Providência não o abandonaria. “Temos calculado tudo, temos tomado bem precauções para dar a cada Irmão o que lhe convém. Cremos ter bem arranjado as coisas. Entretanto, precavemo-nos de contar sobre nossa única prudência. Se Deus não nos der a mão e não abençoe estes arranjos, as nomeações que estimamos as mais sábias serão aquelas que terão o menor sucesso!”

REFLEXÃO

Acaso será preciso se surpreender que diante de tal confiança a Providência lhe tem dado muitas vezes respostas tão inesperadas quanto miraculosas?

Certamente não, se se recorda a palavra de Cristo: “Vede os lírios dos campos e as aves do céu... vosso Pai celeste lhes dá tudo do que precisam para viver!”

CAPÍTULO 22

“AMAM VOCÊS A SANTA VIRGEM MARIA?”

São Marcelino Champagnat tinha particular devoção a Maria, a Mãe de Jesus. Muitas de suas cartas, seus escritos e numerosas palestras espirituais que deu a seus Irmãos para formá-los estão impregnados dessa confiança e desse amor que tinha para esta boa Mãe.

Não é preciso estranhar que falou tão seguidamente e com tanto ardor e amor da “Boa Mãe”. Estava convencido de que Maria concederá proteção particular a todos os Irmãos Maristas e que ela não poderia abandonar nenhum daqueles que são fiéis a sua vocação. Cito duas dessas palavras que ilustram seu pensamento a respeito desses dois pontos.

“Se a Santa Virgem, dizia ele, é cheia de bondade por todos, quanto mais será misericordiosa para aqueles que, não contentes de servi-la, trabalham para que a amem e a honrem por outros.”

Em outra ocasião, teve essas palavras encorajantes aos Irmãos que são fiéis à vocação: “Tenho confiança de que Maria não deixará perder nenhum daqueles que perseverarem até a morte em sua vocação de Irmãos e que morrerem na congregação.”

Para São Marcelino Champagnat o amor a Maria é sinal de vocação para o Pequeno Irmão de Maria. Eis a propósito dois fatos reais que mostram que a devoção a Maria era para ele um meio de discernir a verdadeira vocação de um postulante.

“Por que veio você para nossa congregação que é a menor de todas”, pergunta ele um dia a um postulante? “Eu venho, responde o jovem, porque vossa congregação leva o nome de Maria; porque desejo eu mesmo levar este nome e viver sob a proteção desta boa Mãe.” ... “Se é assim, replica o Padre, tenha coragem, Maria o abençoará, você será feliz no seu Instituto e será um bom religioso.”

Outro jovem pedia com instância o favor de ser admitido à congregação. Infelizmente, não tinha nenhuma carta de recomendação e ninguém o conhecia. Eis por que o Padre Champagnat recusava recebê-lo. Aflição pela recusa, o postulante pôs-se a chorar afirmando que ele não quer voltar para sua família. Surpreso e contente desta constância, o Padre, depois de lhe fazer muitas perguntas, acabou para lhe dizer: “Vem você com uma bolsa bem cheia e pode você pagar sua pensão para o noviciado?” – “Eu tenho apenas um pouco de dinheiro, lhe responde o jovem”. – “Você ama a Santa Virgem Maria?” continua o Padre. A esta pergunta o postulante cai em choro... “Ama você a Santa Virgem? Pergunta-lhe uma segunda e terceira vez o Padre Champagnat “ – Sim, Padre, lhe responde finalmente o jovem, é por isso que eu venho aqui.” ... “Está bem, meu amigo, continua o Padre, dê-me seus vinte trocados, eu recebo você. Mas não se esqueça de que é para amar e servir a Maria que você vem e é recebido neste Instituto.”

Em outra ocasião, vários jovens se apresentaram ao mesmo tempo para entrar na congregação e o Padre Champagnat, querendo testar a seriedade da aceitação, fazia numerosas dificuldades antes de recebê-los. Entretanto, apesar de todas as provas que lhes impunham, os jovens insistiam no pedido. Qual era, pois, a razão desta constância? Nas linhas que seguem, eu lhes dou a reflexão que um deles fazia alguns anos mais tarde. Mais que responder a nossa interrogação, ela confirma que vários jovens foram atraídos à congregação dos Irmãos Maristas pela devoção a Maria que aí encontraram. “Estava errado, diz ele, desconfiar tanto de nós e suspeitar dos motivos que apresentávamos. Se esses motivos tivessem sido humanos, não ficaríamos certamente um só dia a mais. Quem poderia, com efeito, permanecer numa casa onde se vivia senão a pobreza; numa casa onde nós não tínhamos por dormitório apenas uma granja, por cama um pouco de palha, por toda alimentação pão preto quebrado em pedaços e tão mal cozido, alguns legumes e água para beber; numa casa onde nos impunham, de manhã à tarde, trabalhos fatigantes, em que o único salário eram seguidamente reprimendas que nós devíamos receber com respeito? Se se pergunta agora o que podíamos nos apegar tão fortemente a uma congregação que parecia não nos querer, eu responderia que foi a devoção que tínhamos por Maria. No dia seguinte de nossa chegada, o Padre Champagnat nos deu a cada um o terço. Ele nos falou muitas vezes da Santa Virgem Maria com esse tom persuasivo que lhe era natural e nos contou alguns exemplos de proteção dessa boa Mãe. Todos, enquanto estivávamos, fomos sido tocados das belas coisas que o bom Padre nos tinha dito sobre a Santa Virgem, que nada no mundo nos teria podido afastar de nossa vocação.”

OS VALORES QUE TÊM NUTRIDO SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Quando examinamos a vida das pessoas que marcaram sua época, a gente se dá conta ligeiro que suas ações, sua maneira de pensar, seu comportamento eram motivados por convicções pessoais e verdades fundamentais que orientaram fortemente seu próprio encaminhamento e aqueles que estavam na zona de sua influência.

São Marcelino Champagnat, embora não tenha sido na origem pertencente de uma escola de espiritualidade específica, foi uma dessas pessoas de ação benfazeja para sua época, para seus discípulos, e para as gerações que se sucederam.

Ao reler sua biografia, aprofundando seus escritos e suas palavras, descobri as grandes ideias que, a meu ponto de vista, fizeram sua espiritualidade, aquela que ele quis inculcar a seus discípulos, os Irmãos Maristas. Nas linhas que seguem, eu vos transmito o fruto de minhas reflexões pessoais. Espero que não vá trair a imagem de São Marcelino Champagnat.

1. Deus: sua primeira escolha.

Toda vida dedicada ao Senhor conduz em um momento ou outro a um encontro profundo e íntimo com Ele. A meu ver, São Marcelino Champagnat fez este encontro e esta escolha fundamental de Deus desde a primeira chamada para a vocação sacerdotal. Uma escolha que ele confirmou oficialmente quando aceitou a ordenação. Uma escolha que reiterou sempre ao longo de sua vida por dizer sempre seu sincero sim.

2. A vontade de Deus, conhecê-la e realizá-la na vida.

Outro aspecto que particularmente me impressionou na vida de São Marcelino, é esta procura constante da vontade de Deus nas situações e

nos acontecimentos que teve de enfrentar e, ao mesmo tempo, seu desejo intenso e prioritário de corresponder. Para ele, a escolha de Deus que fez e que renova quotidianamente leva com particularmente natural este desejo de conhecer e de descobrir sua vontade e de segui-la. Essa linha de conduta fundamental aparecia claramente nos gestos, nas tomadas de decisão, nos escritos e nas palavras.

3. Deus: um Pai amoroso.

Esta convicção que ele tem de um Deus que o ama pessoalmente é particularmente presente nas páginas em que fala da Providência de Deus. A seu ver, Deus é um Pai que ama cada homem a quem não quer senão o bem. O que conta para ele é acreditar totalmente na confiança da Providência em tudo o que aconteça. Esta certeza de ser amado pessoalmente por Deus aparece também muito bem no seu desejo de viver constantemente a presença de Deus. Deus o ama como um Pai, embora e malgrado suas fraquezas. Correspondo, ele deve-Lhe retribuir este amor pelos gestos concretos de filho amoroso e agradecido.

4. Sua fé na presença real em Jesus na Eucaristia.

A presença de Jesus na Eucaristia é uma realidade que ele vive na carne. Eis por que está cheio de tão grande compunção e de respeito tão profundo quando ele celebra a santa missa. É também por que ele multiplica as visitas a Jesus no tabernáculo.

5. Sua confiança amorosa e indefectível em Maria

Porque Maria é a Mãe de Jesus. Porque ela contribuiu também para a salvação do homem pelo presépio e pela cruz, Maria ocupa um lugar preponderante no pensamento e na vida de São Marcelino Champagnat. Os títulos de “Boa Mãe” e de “Nosso Recurso Habitual” que lhe atribui são uma prova convincente.

6. Seu amor pelas pessoas.

Quando se começa a folhear sua vida, a tomar conhecimento das cartas a quem ele enviava aqui e ali, e reler suas palavras, dá-se conta do amor que São Marcelino Champagnat tem para os homens que são também imagens de Deus. Seu amor engloba a todos e se traduz por uma afeição toda particular para os Irmãos com os quais partilhava a vida, para os pobres que ele ajudava da melhor maneira que podia e para as crianças, especialmente aquelas das escolas de seus Irmãos. Não foi especificamente para esses

jovens ignorantes da religião que fundou justamente sua congregação? É preciso acrescentar que seu amor para os homens busca sua fonte nesse amor profundo que ele tem a Deus e a Jesus Cristo.

REFLEXÃO

Eis em síntese muito sucinta, que demandaria sem dúvida muitas outras explicações e desenvolvimentos em vários outros lugares, os valores que têm orientado a vida de São Marcelino Champagnat.

AS PEQUENAS VIRTUDES E O ESPÍRITO DE FAMÍLIA.

Cada um de nós sonha para sua família e para seu meio de trabalho com uma unidade constante dos espíritos e dos corações. Quando este entendimento mútuo está presente, nós nos sentimos mais à vontade com aqueles que acompanhamos.

São Marcelino Champagnat fez da união fraterna no grupo dos Irmãos Maristas uma condição essencial para o bem estar da comunidade? Esse espírito de família, como ele chama esta atmosfera de união, é um dos elementos importantes do carisma que deixou a seus Irmãos e uma das características da congregação marista.

Entretanto, São Marcelino não se contentou com conselhos gerais. Ele aproveitou uma ocasião fortuita para explicitar bem como manter concretamente esta união entre seus Irmãos. Eis em que circunstância.

“Um dia, nos diz seu biógrafo, o Irmão Lourenço, um de seus primeiros discípulos, vem vê-lo e lhe dirige mais ou menos estas palavras: “Meu Pai, o senhor insiste muito em que a união seja muito grande entre nós. Ora, em nosso grupo comunitário, somos seis Irmãos cheios de boa vontade. De onde vem que, apesar de tudo, essa união que o senhor enaltece com tanto vigor está longe de ser perfeita entre nós? Como conseguir melhorar este ponto?”

... Marcelino Champagnat responde então nestes termos: “Você tem realmente razão, Irmão Lourenço, em destacar a boa vontade de seus coirmãos. São homens que amam verdadeiramente o Senhor e que trabalham para torná-lo amado por seus alunos. Pode-se amar a Deus e a seu próximo, você sabe, sem possuir, entretanto, a perfeição da caridade. Para chegar à união de espírito e de coração, é preciso praticar o que eu chamo as pequenas virtudes!

Explico-me: para que o espírito de família seja forte entre vocês, é preciso praticar a tolerância que desculpa as faltas do próximo, diminuí-las e perdoar, mesmo se não se possa permitir a mesma tolerância para si mesmo. Outra virtude: a tolerância, certa caridosa dissimulação que parece não ver os defeitos, os erros e as palavras inadequadas de outrem. Há a compaixão que participa dos sofrimentos dos outros e ajuda a suavizá-las. Da mesma forma, a santa alegria que contribui para manter o bom espírito pela partilha dos acontecimentos felizes. E ainda a flexibilidade de espírito que não impõe suas ideias aos outros, mas aceita o que convém melhor ao bem geral. Há a caridade solícita que prevê os desejos e as necessidades dos outros e lhes poupa assim a pena de expressá-los. É preciso não esquecer a afabilidade que ouve com paciência os importunos, que é sempre pronta a prestar serviço, que não se afadiga de repetir sempre as mesmas coisas. E ainda a urbanidade e a gentileza que levam a testemunhar respeito, deferência e considerações àqueles que nos cercam. Outra pequena virtude é o devotamento ao bem comum que leva a preferir os interesses de todos antes que seus próprios desejos. E, por fim, a última, a igualdade de caráter que nos faz eliminar essas mudanças de humor, muitas vezes nefastas para a união fraterna.”

Eis, muito resumida, a longa conversa do Padre Champagnat com o Irmão Lourenço. Quando releio esta resposta, parece-me ouvir novamente São Paulo na primeira carta aos coríntios que nos dá as qualidades da caridade para com o próximo: “A caridade é paciente... serviçal... não é invejosa... não procura seu interesse... não se irrita... não guarda rancor... mas ela desculpa tudo... espera tudo... ela suporta tudo.”

O espírito de família se manterá e se desenvolverá entre nós por uma série de pequenos atos de compreensão mútua e de aceitação incondicional e por gestos concretos de atenção ao outro que lhe provam claramente que ele é importante para nós e que nós o estimamos em seu justo valor. Sem este esquecimento de si e estas provas de simpatia uns pelos outros, a vida torna-se rapidamente um inferno insustentável.

É certo que, se nas famílias e nos grupos comunitários, cada qual tentasse praticar estas pequenas virtudes recomendadas por São Marcelino Champagnat, seríamos mais felizes em nossa vida... Haveria seguramente menos divisões, desentendimentos e atritos.

REFLEXÃO

Proponhamo-nos as seguintes questões terminando:

- 1. Tenho participação positiva na minha família, no meu grupo comunitário?*
- 2. Estou pronto a sacrificar meus próprios interesses em favor do bem comum.*
- 3. Há quanto tempo foi meu último gesto consciente de atenção a meus companheiros, à minha esposa, a um dos meus filhos?*

Peçamos a São Marcelino Champagnat nos faça compreender a necessidade de conservar este espírito de família entre nós e fazer esforços pessoais constantes para desenvolvê-lo.

OS IRMÃOS DOS QUAIS CHAMPAGNAT NÃO GOSTAVA!

Quando tinha algo de importante para dizer a seus ouvintes, São Marcelino Champagnat tinha especial dom para atrair sua atenção. Ele empregava expressões e perguntas que despertassem sua curiosidade e prestassem mais atenção. A esse propósito, o fato seguinte lembrado em “Avisos, Lições, Sentenças de Marcelino Champagnat” é revelador de sua engenhosidade de comunicador.

Um dia, durante uma conversa durante o recreio fez a seguinte pergunta: “Adivinham os Irmãos de quem eu não gosto?” A essa pergunta, os jovens Irmãos ficam embaraçados e só ouvidos. Champagnat aproveita para lhes transmitir sua mensagem.

“Não gosto de Irmãos pregadores, que utilizam palavras muito difíceis e expressões rebuscadas para explicar sua matéria. Um Irmão deve ser simples nas palavras com seus alunos e usar termos a sua altura. Uma linguagem muito elevada desencoraja os jovens e enfastia. Um bom professor sabe transmitir suas lições com palavras compreensíveis para todos.

... “Eu não gosto de Irmãos “bonzinhos” que não têm nenhuma disciplina porque são muito familiares e muito tolerantes com seus alunos. Pode-se mimar um aluno de diversas maneiras: mima-se seu espírito com louvores exagerados, mima-se seu coração ocupando-se muito dele em detrimento dos outros; mima-se sua vontade deixando-lhe fazer seus caprichos; mima-se seu caráter não corrigindo seus defeitos. Um bom professor trata todos os seus alunos com um grande respeito e gosta de todos igualmente.”

... “Eu não gosto de Irmãos carrascos, que maltratam os alunos, que lhes impõem punições corporais, que lhes dão apelidos e que os humilham diante de seus colegas. Tais professores que não gostam de seus alunos não são feitos para ensinar.”

... “Eu não gosto de Irmãos que sofrem de ‘mal de cotovelo’ e que têm medo de sujar as mãos nas tarefas comunitárias. Com efeito, que pode fazer um Irmão que não gosta do trabalho. Nada de nada, muito mal. Em nenhum lugar está em seu lugar, porque não é capaz de nada; estraga tudo que lhe passa pelas mãos. É um fardo por todo mundo!”

... “Não gosto de Irmãos empregados domésticos, aqueles que vieram para se aproveitar da comunidade e dos coirmãos. São aproveitadores mais que pessoas capazes de prestar serviço e ser úteis àqueles que os cercam. Eis porque, acabam sós e abandonados pelos companheiros.”

... “Não gosto de Irmãos lunáticos porque são da raça daqueles “que mudam como a lua”. É difícil confiar nesses Irmãos instáveis. Hoje são entusiasmados para uma causa e amanhã eles estão desanimados e sem energia... Hoje, julgam que uma coisa é má e amanhã será o contrário. Seguidamente, esta falta de profundidade e esta superficialidade é uma marca de inaptidão para um estado de vida estável.”

... “Não gosto de Irmãos orgulhosos e vaidosos. Prefiro os pequenos Irmãos, isto é, os humildes que se escondem como as violetas e que fazem o bem sem barulho. Não há pior defeito que prejudique mais às obras de Deus e que seja mais próprio para arruiná-las que a vaidade, a fé em seus pequenos talentos e a confiança exagerada em si mesmo.”

... “Enfim, não gosto dos Irmãos retardatários que dificilmente aceitam o horário estabelecido e que faltam sem nenhum remorso. Não esqueçam, caros amigos, que os maiores inimigos de nossa comunidade são esses Irmãos que fogem do regulamento para seguir seus próprios instintos e sua própria vontade.”

... “Termino, meus caros amigos, dizendo-lhes que não são os Irmãos de quem falo que eu não gosto, mas de seus defeitos. Amo todos os Irmãos e particularmente aqueles que têm maiores necessidades de ajuda para tornarem-se melhores.”

REFLEXÃO

Quanto aos leitores, lhes é fácil transpor esse texto caricatural do bom Padre Champagnat para sua própria vida de família e seu meio de trabalho. Pode-lhes servir de critério de referência para seu comportamento familiar, profissional e espiritual.

E se nos reconhecemos um desses personagens que o Padre Champagnat apresenta tão bem, devemos considerar seriamente as mudanças que se impõem em nossa vida.

OS PRIMEIROS LUGARES PARA OS IRMÃOS MARISTAS!

Uma das características dos primeiros discípulos de São Marcelino Champagnat foi a simplicidade. A esse propósito, lhes pedia viver modestamente sem procurar os favores, as honras e os primeiros lugares que seu posto e seu trabalho pudessem lhes dar. Entretanto, embora suas recomendações, três primeiros lugares o caro Padre pedia a seus Irmãos. A reflexão de um de seus primeiros discípulos por ocasião de uma conferência comunitária lhe permitiu transmitir claramente seu pensamento sobre o assunto.

Certo dia, um Irmão lhe fez a reflexão seguinte: “Meu Pai, eu acho muito ousada a mãe dos apóstolos Tiago e João que pedia a Jesus o primeiro lugar para seus dois filhos!”

O Padre Champagnat, sempre fino psicólogo, aproveita da ocasião que lhe é oportunizada para formar seus Irmãos. Eis em substância o que ele responde acima de tudo a seu interlocutor: “Meu caro amigo, o amor materno leva a dizer coisas que nós devemos desculpar embora nos pareçam muitas vezes irrefletidas. Vocês acham que esta mulher foi muito ambiciosa; eu posso afirmar que eu sou muito mais que ela. Com efeito, ela não pedia senão um primeiro lugar para seus filhos, ao passo que eu desejo e peço três todos os dias para os Irmãos de Maria. Sabem quais são esses três primeiros lugares que solicito para vocês? É o primeiro lugar no presépio de Belém, o primeiro lugar ao pé da cruz e o primeiro lugar junto do altar!”

Algum tempo mais tarde, voltando ao assunto, ele acrescenta algumas reflexões que nos dão o fundo de seu pensamento.

“Dias atrás, vos tinha dito que desejava para vocês o primeiro lugar junto do presépio, junto à cruz e junto ao altar. Sabem por quê? Pois bem! É porque o

presépio, a cruz e o altar são as três grandes fontes que por elas Deus nos dá suas graças. Graças da misericórdia para as faltas que cometemos. Graças da paz da alma, da santa alegria, da boa vontade, da força e da coragem que nos ajudam a ir para frente. Graça de luz que nos permite compreender melhor a grandeza de Deus e seu amor pessoal por nós. Graça do desejo de amá-lo concretamente. O Irmão que é assíduo junto destas três fontes sagradas, tornar-se-á semelhante, como diz o profeta, a árvore plantada à beira das águas e que produz frutos em abundância.”

... “Mas o que é que estes primeiros lugares vos permitirão verificar mais facilmente? É lá que nós compreendemos mais claramente o que Jesus fez para nos provar seu amor. Ele se fez homem e nasceu num estábulo humilde e no desnudamento mais completo para ser mais próximo de nós. Ele morreu no calvário abandonado dos homens e mesmo de Deus, para nos ensinar que é preciso tudo perder para esperar ressuscitar. Ele encontrou um meio maravilhoso de permanecer entre os homens após sua ressurreição: a Eucaristia.”

... “Sem dúvida, meus caros Irmãos, estarão vocês certamente interessados para saber como podem obter o favor de ocupar o primeiro lugar junto do presépio, da cruz e do altar? As virtudes que lhes obtém os primeiros lugares no presépio de Belém são a modéstia, a simplicidade e a vida oculta. Devem amar muito estas três virtudes que lhe abrirão o coração de Deus. Vocês devem também aceitar as contrariedades e sofrimentos que se apresentam na vida se querem ocupar o primeiro lugar ao pé da cruz. Vocês devem oferecer seus corações, sua pessoa e sua vida a serviço dos outros em dom total e sem calcular se querem ser os primeiros junto do altar.”

REFLEXÃO

É maravilhoso verificar como, deixando falar seu coração, São Marcelino Champagnat torna-se um mestre de espiritualidade que traça muito simplesmente sem longas elaborações teológicas as grandes avenidas de uma espiritualidade que animou sua vida e dirigiu suas ações e seus pensamentos.

As devoções do presépio, da cruz e do altar fazem parte integrante do patrimônio que deixou a seus Irmãos e àqueles que ficam atraídos por seu carisma.

UMA CONFIANÇA EM DEUS QUE NÃO SUPRIME O ESFORÇO.

No decorrer de sua vida, São Marcelino Champagnat teve numerosas ocasiões de manifestar como tinha confiança no Senhor. Mas sua confiança em Deus não era amorfa e não o impedia de fazer sua parte para o resultado de seus compromissos.

As numerosas tentativas para obter do governo francês a autorização legal da Congregação são exemplos surpreendentes de seu comportamento nas dificuldades.

Estamos em 1838, a Congregação dos Irmãos Maristas continua em expansão, o número de Irmãos aumenta e os pedidos de abertura de novas escolas se multiplicam. Por outra, como a congregação não é reconhecida oficialmente, seus membros devem fazer seu serviço militar obrigatório. Esta obrigação é um dos problemas maiores para o Padre Champagnat, que vê nisso um grande perigo para a perseverança de muitos na congregação.

A partir de 1834, ele tinha já feito diligências junto dos responsáveis políticos e religiosos locais em particular para lhes pedir o apoio e intervir junto às autoridades governamentais de Paris. Em sua visão realista ele considera que a obtenção desta autorização legal era crucial para a sobrevivência de seu Instituto. No final de janeiro de 1838 decidiu ir ele mesmo a Paris encontrar-se com as pessoas influentes da política com o objetivo de acelerar o processo. Ele aí ficará perto de quatro meses, para promover encontros com os representantes oficiais do governo.

Depois, eu tinha lido com muito interesse uma dúzia de cartas que enviou de Paris para o Irmão Francisco, seu primeiro adjunto, a quem tinha confiado

atividades correntes da comunidade em sua ausência. Esses escritos testemunham certa impaciência face à lentidão e mesquinhas de certos funcionários, mas conservando completa confiança no Senhor “que dirige tudo, mesmo os fracassos, para sua glória”. Eis alguns trechos esclarecedores:

... “Fizemos já muitas idas por Paris, muitos contatos e não estamos no fim. Deus seja mil vezes bendito! Todas as pessoas que contatamos parecem muito interessadas em nosso problema... Continuemos a recomendar muito o assunto a Deus e a sua Santa Mãe, sem isso que poderíamos nós? Esperamos ter resultado... Estamos decididos a não desanimar enquanto não tivermos conseguido.” (Carta em 25/01/1838)

... “Estamos sempre fazendo visitas a uns e a outros. Não estamos seguros do resultado, entretanto contamos com as orações que fazemos. Maria, nossa Boa Mãe, nos ajudará... (Carta em 4/02/1838)”

... “Quanto ao nosso maior assunto, quantas diligências! Quantas caminhadas, quantas visitas! Não podem fazer uma ideia. Faz dois dias que andamos para ter uma audiência com o ministro sem conseguir ainda... Meu Deus! Quanto trabalho, e pouco rendimento, digamos melhor, como é dispendioso... Maria vai nos proteger para obter o que desejamos com tanta razão... (Carta de 24/02/1838)”

... “Embalam-nos de vãs promessas. Meu Deus! Quanta lentidão! Como é penoso ir de uma repartição a outra!” (Carta 03/1938)”

... “O que me inquieta, e é mais que suficiente para envenenar tudo, a estagnação extenuante dos afazeres visados. Não sei que estímulo empregar para acelerar isso tudo!... Mais uma vez, Deus seja louvado. (Carta de 12/03/1938)”

“Estou, como veem, sempre em Paris, indo de uns a outros e, entretanto, meus afazeres não aceleram senão muito pouco. Todos aqui em Paris que percebem nosso resultado me dizem que é preciso ter paciência. Apesar de tudo, eu não descuro de minha intenção, porque Deus quer muito que empregemos os meios humanos... Deus seja bendito! ... ” (Carta de 18/03/1838)

Citemos, para concluir, uma palavra que São Marcelino endereçava aos Irmãos a este respeito: “Estou certo de que a bondade divina nos ouvirá e que virá em

nosso socorro. Se não nos concede a autorização legal, nos obterá algum meio para isentar nossos jovens do serviço militar e ficarem conosco. Deus nos ajudará concedendo-nos o que pedimos ou dando-nos algo melhor.”!

Seu biógrafo acrescenta: “Sua confiança em Deus não foi vã. Ele não conseguiu, embora seus suores e suas diligências, a autorização legal, mas Deus permitiu que uma congregação análoga e que possuía já a autorização legal, vem se unir à sua.”

REFLEXÃO

Terminando, podemos fazer estas perguntas:

- 1. Em minhas dificuldades e meus problemas, faço verdadeiramente meu possível para resolvê-los?*
- 2. Em minhas dificuldades e meus problemas, será que apesar de tudo, conservo minha confiança em Deus, deixando a Deus todo poder de resolver a situação a sua maneira e segundo sua vontade?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A OBJETIVIDADE NOS JULGAMENTOS.

São Marcelino Champagnat sempre se distinguiu por sua caridade compreensiva e por atitudes cheias de respeito para com aqueles com quem convivia.

Quando tinha problemas de relação com as pessoas, sabia encontrar as palavras que manifestavam como ele os estimava e os respeitava. Essa maneira de fazer denotava uma objetividade notável que, na maior parte das vezes, amenizava as dificuldades.

Folheando sua vida, suas palavras e seus escritos, não encontrei expressão que mostre falta de respeito pelas pessoas. Mesmo nas situações mais emotivas, manifestava civilidade de alto grau.

Vou apresentar aqui um fato que é um belo exemplo dessa objetividade e dessa bem-querença nas relações, embora a uma situação tensa e difícil para os integrantes.

Monsieur Douillet era um padre grande amigo do Padre Champagnat e da comunidade. O Padre Champagnat e os Irmãos lhe retribuía**u**m bem sua amizade.

Mons. Douillet tinha obtido do nosso fundador três Irmãos para dirigir a escola que ele tinha fundado na paróquia de La Côte.

Nessa época, eram as paróquias que se ocupavam de organizar suas escolas, de financiá-las e de encontrar professores competentes. Mons. Douillet tinha providenciado a construção e o material necessário.

Entretanto, Mons. Douillet se imiscuía por vezes no trabalho do diretor de sua escola, o Irmão Luís Maria, que foi em seguida, de 1860 a 1880, superior geral da congregação marista. Mons. Douillet queria mesmo impor ao Irmão Diretor uma pessoa que não se enquadrava com as normas de funcionamento então estabelecidas na Congregação.

O Padre Champagnat teve que intervir de maneira firme para fazer respeitar as exigências em uso. Eis a esse propósito a carta que ele escreveu ao bispo da diocese para avisá-lo dos problemas existentes:

... “Penso que vossa Excelência não julgará mal que eu lhe ponha sob os olhos as condições que o excelente Mons. Douillet quer nos impor... (Seguem as condições estabelecidas por Mons. Douillet)... Nós não podemos, Excelência, continuar nosso estabelecimento senão com as condições para a qual nós a fundamos... Estamos extremamente penalizados de não poder continuar a dirigir a escola. Conservaremos, entretanto, sempre para com o bom Mons. Douillet a estima que ele merece...”

Em sequência, Mons. Douillet tendo feito outras proposições de solução que não se enquadravam com a maneira de funcionar da comunidade, eis partes da carta do Padre Champagnat lhe enviou:

... “Eu não decidi nada, sozinho, quanto à determinação que vos manifesto a respeito de nosso estabelecimento. Depois de ter recomendado o problema às orações de todos nossos Irmãos e rezado a missa nesta intenção, consultei meus confrades e nossos Irmãos. Todos estão da opinião de não continuar na direção da escola senão com as condições já estabelecidas que são as mesmas, aliás, como em outros lugares...”

Um dos historiadores da congregação, Irmão Avit, em seus anais, conclui o relato por estas reflexões: “A intervenção de Monsenhor, do cura de La Côte e a ameaça de retirar os Irmãos que tinham colocado seu estabelecimento no bom caminho em que se encontrava, decidiu enfim Mons. Douillet mostrar-se mais razoável... Fizeram-se concessões de parte à parte...” Em suma, tudo foi finalmente regulado amigavelmente e no respeito com todos.

Eis um belo exemplo de objetividade no tratamento de questões. Por uma, o Padre Champagnat se mostra firme e as condições estabelecidas sejam respeitadas, mas por outra, em nenhum momento, nunca se houve agressividade frente a Mons. Douillet, ao contrário, muito respeito por sua pessoa.

REFLEXÃO

Depois dessas reflexões, eu me faço, eu nos faço a interrogação seguinte:

Quando tenho problemas dessas reflexões, interrogo-me e interroguemo-nos:

relação com meus companheiros, minhas companheiras de trabalho, meu esposo, minha esposa, meus filhos ou aqueles e aquelas com quem convivo, sou eu bastante objetivo nos julgamentos, sou eu bastante caridoso em minhas palavras para reconhecer os aspectos positivos de sua personalidade e de seus gestos?

“SE NÃO VOS TORNARDES COMO CRIANÇAS...”

Todos aqueles que leem esse artigo conhecem sem dúvida esta palavra de Jesus: “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis para o Reino de Deus.”

Santa Teresa do Menino Jesus é um modelo particularmente esclarecedor da realização desta palavra do Evangelho. Sua via da Infância Espiritual é um itinerário prático para aqueles que aspiram tornarem-se melhores.

São Francisco de Assis tinha também um sentimento profundo de humildade e de pequenez em face de Deus e em face dos homens. Eis por que ele se considerava como o último dos homens e ele denominou os membros de sua nova comunidade “Os Irmãos Menores”.

Relendo a vida de São Marcelino Champagnat eu realizei com mais acuidade, como segundo ele também a virtude da humildade era importante para um caminho espiritual de qualidade e para boas relações interpessoais da vida comunitária.

Para mostrar antes de tudo como ele estimava a humildade em alta estima, ele deu a sua congregação o nome de “Pequenos Irmãos de Maria”, que a Igreja mudou para “Irmãos Maristas”, por ocasião da aprovação de nosso Instituto.

Para ele, o grande meio de atrair os olhares benevolentes de Deus sobre nós, é a humildade... Crê que nós devemos estar vazios de nós mesmos e não nos considerar como importantes se nós queremos que Deus se dê a nós. Por ele Maria é o modelo por excelência de todo cristão e de todo Irmão Marista na prática da humildade. Lembremo-nos, na Anunciação, quando o enviado de Deus vem comunicar-lhe que ela vai ser a mãe do Messias tão esperado, ela não apruma a cabeça e não engrossa a voz. Ao contrário, ela responde simplesmente: “Eu sou a serva do Senhor.”

É assim que São Marcelino Champagnat dizia: “Lembrem-se que é Deus que tudo fez entre nós e que nós somos servos inúteis!”

A seu ver, aquele que é humilde aceita com alegria a correção fraterna. Tinha palavras particularmente fortes para aqueles que se magoam por uma reprimenda: “Este defeito, dizia ele, é inteiramente contrário ao espírito religioso; é uma prova certa de que se é dominado pelo orgulho. Aquele que não pode suportar ser repreendido não se corrige jamais de seus defeitos, nem cumprirá senão imperfeitamente seu emprego, e a maior parte do tempo, ele a preencherá mal... Temer a correção é marca infalível de orgulho... Amar e aceitar a correção é prova de sólida virtude!”

Um Irmão responsável de uma escola tinha reagido mal a certo aviso que o bom Padre lhe tinha feito, entretanto, com muita doçura. Alguns dias depois, Marcelino Champagnat lhe enviou uma carta que continha este parágrafo muito significativo: “Meu caro amigo, se quer que eu continue a avisá-lo de suas fraquezas, não precisa se ofender; porque não é irritando-se, que nós chegaremos a corrigir seus defeitos, mas praticando a humildade, a paciência e a caridade.”

Aliás, eu verifiquei com certa surpresa, que em muitas ocasiões, o Padre Champagnat aconselhou jovens particularmente dotados de se dirigir mais aos Irmãos das Escolas Cristãs a quem lhes dizia “responderiam mais às suas aptidões”. Enfim, no seu testamento espiritual, falando das relações que os Irmãos Maristas devem ter com as outras congregações religiosas, o Padre Champagnat tem palavras magníficas. Eis o que ele diz a seus Irmãos: ... “Guardem-se de ter inveja, e, sobretudo, àqueles que Deus chamou para trabalhar, como vocês, no estado religioso, à instrução da juventude. Sejam os primeiros a se alegrar de seus sucessos e se afligir de suas desgraças. Jamais prestem ouvidos a conversas que tenderiam prejudicá-los e cedam sem pesar.” Não é que São Marcelino Champagnat devia ter boa dose de humildade para falar e escrever assim?

Eu termino por um último fato saboroso, contado por um de seus primeiros discípulos, o Irmão Silvestre, que nos mostra como o Padre Champagnat era humilde e convencido de seus limites.

“Certo dia, relata o Irmão Silvestre, nós estávamos, alguns Irmãos, de viagem com o bom Padre. Outro padre, edificado com a modéstia e do recolhimento dos Irmãos, e não conhecendo o venerado Padre, lhe

pergunta a meia voz quem eram esses Irmãos que ele via pela primeira vez? “São, respondeu o Padre Champagnat, Irmãos que se ocupam da instrução da juventude.” E o padre, naturalmente, quis inteirar-se de seu fundador. “Sabe-se pouco, respondeu o venerado Padre. É uma sociedade que se formou, pouco a pouco, pelos cuidados de um vigário que reuniu alguns jovens aos quais se juntaram a eles.” O padre, vendo todos nos olhares voltados para o bom Padre, e compreendendo sua resposta vaga diz então: “Não firmamos a modéstia.” Depois vendo o embaraço que sua pergunta causou ao bom Padre, mudou de conversa.” O Irmão Silvestre acrescenta: “É notório que nosso venerado fundador tinha uma aversão marcada ao louvor e aos cumprimentos, e toda espécie lisonjas.”

REFLEXÃO

À guisa de conclusão, façamos pequeno exame pessoal sobre nosso grau de humildade:

- 1. Será que sei aceitar com simplicidade os avisos que me vêm de meus amigos, de meus companheiros e companheiras de trabalho, de meu esposo ou de minha esposa?*
- 2. Em nossa sociedade de competição, aprecio os êxitos dos que me cercam?*
- 3. Sou alguém que prefere dominar que servir?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, HOMEM ATENTO A SEU TEMPO.

Quando lemos atentamente a vida de São Marcelino Champagnat percebe-se imediatamente que ele esteve à escuta dos homens e das necessidades de sua época.

O que particularmente o chocou: a indigência intelectual, moral e religiosa do povo de sua região e, sobretudo, dos jovens das campanhas. A maior parte desses últimos eram iletrados por falta de escolas e de mestres competentes.

Nascido num meio camponês conhece bem a falta de instrução desse mundo negligenciado pelos governantes e políticos.

Como cristão e como vigário de La Valla, percebe com consternação a ignorância religiosa das pessoas próximas de seu trabalho apostólico. Ele percebe também como muitas são pobres, tem muitas dificuldades para viver e alimentar-se convenientemente.

Como homem se dá conta que a sociedade na qual ele vive negligencia e despreza os pobres, os doentes e as pessoas abandonadas. A Revolução francesa tenta afastar Deus dos cristãos da vida social e moral de seus cidadãos para dar a primazia do deus Estado.

Essas instituições fazem-lhe repetir incansavelmente nos encontros que tem com seus colegas de sacerdócio: “Precisamos de Irmãos para ensinar o catecismo aos jovens, instruí-los nas grandes verdades de nossa religião, formá-los humanamente para torná-los cristãos e excelentes cidadãos.”

A visita a um jovem moribundo, João Batista Montagne, em 28 de outubro de 1816, é para Marcelino Champagnat o exemplo inquietante desta ignorância total da religião.

Lembremos que foi chamado à cabeceira desse jovem de 17 anos prestes a morrer para lhe dar os últimos sacramentos. Ao chegar ao leito do doente, o padre Marcelino constata a gravidade do mal que afeta seu corpo e mais ainda a sua alma. O jovem não sabe nada de Deus, de Jesus Cristo e de Maria.

Retornando ao presbitério, agradecendo ao Senhor por ter estado lá no momento certo, Marcelino não pôde deixar de dizer: “Quantos jovens, na França, são como João Batista Montagne, desconhecedores das verdades fundamentais da fé cristã? Precisamos de Irmãos professores para ensinar aos jovens a ler e a escrever e, sobretudo, para lhes fazer conhecer e amar Jesus!”

Este encontro “in extremis” é para o padre Champagnat o fator desencadeador que o decide fundar os Irmãos Maristas.

Quantas vezes, no curso de seu trabalho de sacerdote, percebeu a grande pobreza material das pessoas que encontra. Esforça-se então para suavizar a miséria deles privando-se ele mesmo. Em certa ocasião, como a pessoa visitada jazia sobre um catre desnudo, ele ordena de lhe levar seu próprio colchão, porque não havia nenhum outro disponível na casa.

Na sua grande casa de l’Hermitage, recebia gratuitamente muitos órfãos, de tal maneira que muitos que o conheciam, punham em dúvida suas qualidades de administrador. Mas ele lhes respondia: “Eu não posso deixar esses jovens na rua. Por outra, a Providência nos ajudará e recursos em tempo oportuno, se necessário!”

Seu biógrafo recorda que ele acolhia em muitas ocasiões pobres, que alojava e nutria gratuitamente.

Tendo percebido as dificuldades dos incapacitados surdos e mudos, enviou um Irmão para estudar em Paris com o objetivo de ajudar essas pessoas.

REFLEXÃO

Eu poderia continuar a enumerar outros numerosos gestos que São Marcelino Champagnat pôs ao longo de sua existência para demonstrar como ele estava à escuta das pessoas e das necessidades do seu tempo e de seu meio, mas paro aqui para expor algumas interrogações :

- 1. Será que a situação difícil em que vivem muitos de meus concidadãos me interpela e me toca?*
- 2. Em que data meu último gesto de entreaajuda para um de meus vizinhos da casa, do meu escritório?*
- 3. Estou pronto a partilhar o supérfluo e mesmo mais para levar um pouco de bem-estar a pessoas necessitadas.*
- 4. Numa palavra, sou eu um pouco como São Marcelino Champagnat, na escuta das necessidades e das pessoas de meu meio?*

“MOSTRA-NOS, SENHOR, O JEJUM QUE TE AGRADA!”

Ultimamente eu lia um artigo do fascículo de Pascal Dumas, escrito em preparação da festa de Páscoa e intitulada: “Dá-nos a alegria de sermos salvos!” Esta página de reflexões terminava por curta, mas muito significativa oração: “Mostra-nos, Senhor, o jejum que te agrada!”

Durante esse mesmo período eu relia algumas páginas da vida de São Marcelino Champagnat. Ora, folheando a biografia escrita pelo Ir. João Batista, topei fortuitamente com o capítulo grandemente interessante e repleto de lições: “O jejum dos pequenos Irmãos!”

O autor aí conta um fato cheio de singeleza dos primeiros jovens Irmãos Maristas, de uma parte e da compreensão muito paternal do bom Padre Champagnat por outra parte. Eis o fato:

Um dia, um grupo de jovens noviços, cheios de fervor e de amor pelo Senhor, decidem jejuar durante toda quaresma. Diga-se que em 1830, o jejum era muito rigoroso, mesmo atenuado um pouco pela saúde. Os jovens sabiam, entretanto, que esta obrigação do jejum se aplicava somente àqueles que tinham completado vinte e um anos.

Então, cheios de confiança em seu superior, eles delegam alguns representantes para ir pedir-lhe para todos, a permissão de seguir as prescrições do jejum durante a quaresma.

Diante deste grupo de jovens cheios de bons desejos, como bom psicólogo se mostra atento a sua petição. Mas ele vai canalizar suas boas intenções para práticas menos prejudiciais para sua saúde. Eis em que termos ele responde aos emissários: “Para encorajá-los em seu amor pelo Senhor, eu lhes concedo a permissão de jejuar durante a quaresma. Mas como vocês são jovens, lhes direi amanhã, de que maneira farão este longo jejum de quarenta dias!”

No dia seguinte, todo o grupo comunitário de l'Hermitage estava presente na sala da conferência para receber do bom Padre a resposta prometida. Reconhecemos o propósito do educador que sabe encorajar, orientar e formar. Resumo sua palestra:

1. Façam jejuar os seus olhos pela modéstia.
A modéstia protege do mal, porque seguidamente o mal entra pelos olhos. A modéstia favorece o contato com o Senhor. A modéstia é bom exemplo para aqueles que vivem conosco. Caros Irmãos, sejam modestos nos seus olhares, nos seus gestos e em vosso agir, e assim farão um jejum proveitoso para vocês e agradável a Deus!
2. Façam jejuar sua língua.
Lembrem-se que “aquele que não peca pela língua é homem perfeito”, como diz São Tiago. Façam jejuar sua língua, porque a língua mal controlada é fonte de toda sorte de faltas contra os outros.
3. Façam jejuar seus defeitos e suas pequenas paixões.
Fazer jejuar seus defeitos, é trabalhar para corrigi-los. Fazer jejuar suas paixões é combater os maus desejos e as tendências que estão em desacordo com seu estado de vida. Assim, se sou levado à preguiça, farei esforços para corrigir essa tendência má. Se eu sou levado a mentir, prestarei atenção para sempre dizer a verdade. Se eu sou levado a não pensar senão em mim, farei esforços para acolher e ajudar aos outros. Fazendo isso, que excelente quaresma farão, meus caros jovens!
4. Enfim, vocês não devem jamais fazer jejuar sua alma.
Fazemos jejuar a alma quando esquecemos nossos contatos com Jesus!
Fazemos jejuar nossa alma quando se reza pouco, mal e sem atenção.

Aí estão, meus caros Irmãos, como farão sua quaresma, este ano!”

O biógrafo acrescenta: “Todos ficaram tão contentes com essas palavras do bom Padre, que no fim grande aplauso repercutiu na sala!”

Em continuação desta leitura, eu me digo que, no fundo, a quaresma proposta aos jovens pelo Padre Champagnat, é muita vez mais exigente do que se privar da comida.

Com efeito, saber dominar meus olhos exige muita vontade. Saber pôr um freio a minha língua, para evitar jactar-se, e não julgar os outros, exige esforços incessantes. Saber reprimir minhas más tendências e meus desejos malsãos é um exercício que não é totalmente descanso.

REFLEXÃO

Qual é o melhor jejum para mim? ... Senhor, revela-me o jejum que te agrada!

“VEDE COMO SE AMAM, VEDE SUA FELICIDADE!”

Quem não conhece este refrão de uma das mais belas canções do Robert Lebel, meu cantor preferido:

*“Je voudrais qu’en vous voyant vivre,
Étonnés, les gens puissent dire:
Voyez comme ils s’aiment, voyez leur bonheur.”*

Um dos assuntos sobre o qual o Padre Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, voltou muitas vezes nos entretenimentos comunitários foi de dar a seus discípulos, este amor fraterno e interpessoal.

No efeito verdade se há uma virtude que ele desejou ver reinar entre os membros de sua comunidade, é a caridade fraterna que supõe amor bastante grande e bastante desinteressado para acolher e aceitar incondicionalmente o próximo que vive perto de si quaisquer que sejam suas virtudes, suas qualidades, suas competências, suas carências e suas fraquezas.

Eis como ele definiu com sua linguagem clara e simples o que é “amar o próximo”:

1. Amar o próximo é querer-lhe bem e fazer-lhe o bem. É, pois, dizer que esse amor deve se traduzir em atos concretos de serviço, de partilha, de acolha e de compreensão.
2. Amar o próximo é viver unidos. O Sábio diz: “Quando um irmão está unido a seu irmão, os dois então felizes, embora se piquem e se mordam, eles permanecem unidos.”

3. Amar o próximo é suportar seus defeitos com paciência. É a condição primordial para conservar a unidade entre os Irmãos.
4. Amar o próximo é desculpar suas faltas. É preciso cobrir as faltas de seu próximo com o manto da caridade, desculpando ao menos a intenção, quando não se pode fazer de outra maneira.
5. Amar o próximo é saber adverti-lo de suas faltas com toda caridade. O aviso caridoso e bem transmitido permite desenvolver a caridade e a união entre as pessoas. Um aviso bem dado pode oportunizar a retomada do bom caminho.
6. Amar o próximo é evitar as querelas e as disputas. Muitas vezes essas contestações ferem aqueles que são atingidos e são causa de desunião prejudicial ao bom espírito.
7. Amar o próximo é estar feliz com o outro e de viver em sua companhia.

A propósito, conta-se que certo dia um visitador surpreendeu-se em ver um grupo de jovens Irmãos que se divertiam durante o recreio com o jogo de pula-carniça. Ao vê-los ele teve esta reflexão que expressou depois: “Eles manifestam que se amam, esses jovens, e felizes de viverem juntos!”

Tinha muita razão! ... Quando se pode brincar com jogos simples e inocentes, é porque se tem prazer estar em grupo, e que se está feliz por passar o tempo juntos.

É a mesma coisa no meio familiar e profissional:

Quando um esposo ou uma esposa convivem regularmente momentos de lazer e convívio, é então que se pode dizer: “Vejam como se amam.”

Quando um pai se assenta com seu filho, o escuta, lhe fala e ri com ele, é porque eles se amam verdadeiramente. Quando uma mãe sabe parar e dialogar com sua filha sobre problemas que lhe dizem respeito, quando elas vão à loja juntas, mostram que se amam.

Quando o profissional, o empregado, ou o patrão sabem conversar e estar atentos a seus companheiros ou a suas companheiras, vivem concretamente o amor recíproco.

Quando um professor ou professora encorajam seus alunos para ir a uma exposição artística, a uma competição esportiva, a uma atividade paraescolar lhes dizem por este gesto: “Vocês são importantes para nós e vos amamos!”

REFLEXÃO

Termino essas reflexões por algumas perguntas:

- 1. Como cônjuge, como mãe, como pai, quantos minutos ou horas, tenho passado com meu companheiro ou companheira e meus filhos durante a última semana?*
- 2. Como funcionário, como patrão, quantas palavras de amizade, de felicitações, de encorajamento tenho eu dado a minhas companheiras e companheiros de trabalho ao longo dos últimos quinze dias?*
- 3. Como educador, como educadora, quantas horas tenho passado com meus alunos fora de minhas aulas regulares durante o último mês?*
- 4. Como cristão, quantos momentos tenho eu dado, ontem, a vizinhos na necessidade ou em má situação?*

O amor com um maiúsculo “A” formou essas pequenas atenções que permitem dizer: “Queria que vos vendo, a gente pudesse dizer: “Vejam como se amam, vejam sua felicidade!”

NÃO SE FICA SANTO NUM SÓ DIA!

No dia 18 de abril de 1999, São Marcelino Champagnat, fundador da congregação dos Irmãos Maristas, padre francês que viveu de 1789 a 1840, foi canonizado com grande pompa em Roma pelo papa João Paulo II. Vivendo intensamente esta canonização de meu fundador, eu me fiz, entre outras, esta reflexão muito realista, que todos nós podemos, aliás, verificar cada dia em nosso caminho pessoal: “Não se fica santo num só dia!”

Folheando a vida de São Marcelino, damo-nos conta de que ele não fez exceção deste adágio.

Compreendemos, com efeito, após ter lido sua biografia pelo Ir. João Francisco, que esse desejo de perfeição tem primeiramente tomado sua origem no coração de sua mãe muito cristã e que se desenvolveu graças a exemplo de seus pais virtuosos e de sua tia, uma religiosa expulsa de seu convento pela revolução francesa.

Marcelino Champagnat tinha catorze anos quando recebeu seu primeiro apelo oficial. Este convite lhe veio de Mr. Cartal, padre da diocese de Lião, que, vendo sua hesitação lhe diz: “Meu amigo, Deus te quer como padre!”

Quando perscruto os anos que seguiram esse apelo, compreendo que a via seguida por São Marcelino Champagnat na busca do Senhor e no desejo de ir além não foi fácil.

Também conferi que, como toda pessoa humana, sua vida não foi sempre de tranquilidade, mas que teve altos e baixos... Lembremos entre outras dificuldades escolares no seminário menor de Verrières. Por causa da preparação insuficiente, seu primeiro ano foi, é preciso reconhecer, um fracasso, a tal modo que o superior do seminário lhe entrega no fim do

ano carta de dispensa. É senão por graças à tenacidade das súplicas de sua boa mãe, que conhecia seu desejo imenso de ser sacerdote, as autoridades aceitaram dar-lhe outra oportunidade.

É preciso acrescentar que nos primeiros anos de seu seminário, Marcelino não foi sempre modelo de aluno dócil e disciplinado. Irmão João Batista, seu biógrafo, sublinha que muitos seminaristas, apelidados “la bande joyeuse”, que se permitiam de tempo pequenas saídas sociais ao botequim da esquina”... Felizmente que os conselhos judiciosos de um professor amigo tiveram resultados e ajudaram a corrigir esses pequenos desvios de conduta que poderiam ser nefastos para caminho de seu ideal.

O que apreciei muito em São Marcelino Champagnat nesse período de sua vida é o desejo sempre presente de progredir e melhorar. Fiquei maravilhado ao descobrir algumas linhas numa de suas notas íntimas de 19 de janeiro de 1812: “Ó meu bom Senhor e meu Deus, eu vos prometo de não mais vos ofender... de jamais retornar ao bar sem necessidade... afastar-me das más companhias! ...” A vida de um homem pode estar cheia de faltas, o que importa, é sua reação depois das faltas.

Em suma, São Marcelino Champagnat foi interpelado e respondeu tomando a resolução de pôr Deus no primeiro lugar da sua vida. Mas é progressivamente que ele concretizou esta resolução.

É também a convicção íntima e profunda de sua própria fraqueza e do amor pessoal e incondicional de Deus por ele que o fez subir etapa por etapa os degraus que o conduziram à canonização pelo papa João Paulo II em 18 de abril de 1999. Poder-se-ia acrescentar mais tarde muito sobre esta magnífica festa que se realizou em Roma e que atraiu numerosos Irmãos Maristas e muitos outros nomes de amigos e amigas.

REFLEXÃO

Mas a narração deste acontecimento grandioso não faz parte de meu propósito hoje e paro aqui estas reflexões sobre a vida de São Marcelino Champagnat para propor as perguntas seguintes:

- 1. Será que o desejo de melhorar, de ser melhor hoje do que ontem, me invade de fato?*
- 2. Qual é minha reação quando tenho uma fraqueza ou quando me falta vontade?*
- 3. Qual o lugar Jesus ocupa no cotidiano de minha vida?*

São Marcelino Champagnat, ajuda-me a adquirir e a conservar o desejo de progredir como homem, como cristão e como Marista.

AH! O QUE DIRÃO!

Eu lia a pouco este velho adágio: “As grandes mentalidades discutem ideias; as mentalidades medianas discutem acontecimentos; as pequenas falam dos outros!”

Marcelino Champagnat não esteve ao abrigo dessa mania das “pequenas”. Com efeito, desde os primeiros dias da fundação da congregação marista, lançaram-se suposições sobre sua pessoa, seu juízo, sua competência para formar jovens que acolhia e a gerir seus negócios e suas construções. Ironizava-se mesmo a mania “da pedra” e sobre sua teimosia em perseguir uma obra “votada ao fracasso”, diziam.

As críticas, especialmente aquelas que vinham de seus achegados e de seus confrades no apostolado, iam-lhe direto ao coração porque lançavam injustamente o descrédito sobre seu grupo de jovens e sobre uma obra que ele acreditava ser da vontade de Deus. É preciso acrescentar que elas eram particularmente acerbas pelo ano de 1830 e que se as conversas malsãs iam se amplificando entre o público. Um rumor chega mesmo às orelhas das autoridades civis, vendendo a ideia de que “os Irmãos escondiam armas nos subterrâneos de l’Hermitage, e que mesmo “um certo marquês” se escondia e, durante a noite, iniciava os Irmãos para a luta contra a revolução.”

É assim que um dia apareceu à porta de l’Hermitage o procurador regional do rei, acompanhado de soldados, para fazer uma investigação cujo objetivo era descobrir essas armas e esse famoso marquês!

“Não sei o que é um marquês, respondeu o jovem Irmão que recebeu o enviado da autoridade civil, mas eu vou procurar nosso superior, o padre Champagnat, que saberá seguramente onde encontrará-lo.” E o bom Irmão foi procurar o Padre Champagnat, acompanhado, entretanto, do procurador

que não o deixou! ... Depois das saudações de uso, o Padre Champagnat compreende rapidamente a finalidade da visita vendo os soldados e diz ironicamente: “Senhor Procurador, eu vejo que não está só e eu compreendo muito bem o que vem fazer aqui. Então vamos fazer um visita em regra, para verificar se nós ocultamos em nossa casa contrarrevolucionários, homens suspeitos, armas e mesmo “um certo marquês”, como supõe.”

Não é preciso dizer que o procurador, um pouco confuso, escusou-se com o Padre Champagnat por esta função que lhe ordenaram fazer.

“Nos dias que se seguiram, diz seu biógrafo, o procurador mandou publicar no jornal local um artigo para desmentir os falsos rumores que tinham corrido, e no mesmo jornal o procurador fazia o elogio da casa e dos religiosos que aí viviam.”

A grande lição a tirar deste episódio, é que devemos desconfiar daqueles ou daquelas que divulgam suspeitas sobre os outros e sobre os acontecimentos sem antes se certificar... Pode-se enforcar um homem por falsas acusações.

São Marcelino Champagnat tinha horror das “línguas de víbora” e pedia muito cobrir seus coirmãos e as pessoas com quem viviam ‘do caridoso manto da indulgência, dissimular discretamente as faltas e o defeitos de seus Irmãos para assim salvar a unidade e o bom espírito entre todos.”

REFLEXÃO

Concluo fazendo-me as indagações seguintes para verificar se eu aplico em meu comportamento os conselhos de São Marcelino Champagnat:

- 1. Aceito com certeza tudo o que me dizem a respeito das pessoas e sobre as organizações?*
- 2. Indago-me em confrontar aquele ou aquela que lançam rumores?*
- 3. Sou eu pessoa que joga “flores mais que vasos”?*

CAPÍTULO 35

“SEJAM SIMPLES COMO AS VIOLETAS!”

São Marcelino Champagnat era um homem do povo, saiu do meio rural, com as qualidades, as atitudes e a maneira de ver e de pensar dessas pessoas tão apegadas a seu meio natural, sua simplicidade, e sua transparência notáveis.

É impressionante que tenha transmitido em linguagem facilmente acessível e com exemplos tirados de seu meio de origem seus próprios valores e as convicções íntimas e profundas que o faziam viver. Esta maneira de fazer era tanto mais válido que os primeiros membros da sua congregação eram jovens, sem instrução e até sem formação primária.

São estas humildes origens de parte e de outra que o têm, sem dúvida, levado a querer tão fortemente as três virtudes que deveriam caracterizar o espírito de sua congregação: a humildade, a simplicidade e a modéstia.

E para fazer compreender a seus jovens discípulos a necessidade destas três virtudes para eles e a seus sucessores, lhes apresentou um dia uma violeta, que tinha colhido no jardim da propriedade, dizendo-lhes: “Sejam simples como a violeta!”

Para São Marcelino Champagnat, seus discípulos, aos quais deu o nome de “Pequenos Irmãos de Maria” devem ser como essa pequena flor muito miúda, que se esconde no seu meio e não atrai os olhares, mas que exala um perfume agradável sem ver onde está.

Eis o que lhes dizia a propósito: “O espírito de vossa vocação é um espírito de humildade; vossa vida deve ser humilde, oculta e desconhecida do mundo; é pela prática diária da humildade que trabalhareis em vossa santificação e na de vossos alunos. Em uma palavra, esta virtude é o carimbo e forma da congregação.”

Seu biógrafo acrescenta que ele considerava a humildade como a primeira condição para corrigir seus defeitos e para avançar na prática da virtude. Eis o que escreveu: “O próprio dos orgulhosos, dizia nosso bom Pai, é de parecer, mostrar seus talentos, suas boas qualidades, desejar ser conhecidos, louvados, paparicados, e de fazer o bem com ostentação. O próprio da modéstia é de se esconder. Aquele que possui essa virtude vive com pouco barulho na comunidade; é simples na sua aparência, nas suas ações, nas suas palavras e em tudo que ele faz. Se tem capacidade, não faz ostentação; nele não se vê autossuficiência, nem altivez, nem nada que fira a modéstia. Como deseja unicamente a glória de Deus, faz o bem sem trombetear e não procura ser aplaudido, nem falar de si mesmo!”

O Irmão Silvestre, um de seus primeiros discípulos, acrescenta na linguagem bem típica de sua época: “É notório, depois da tradição e depois do que pude julgar eu mesmo, que nosso santo fundador tinha aversão marcada pelos louvores, pelos cumprimentos e por toda sorte de adulação... Mesmo, não duvido que não nos ocasionou, muitas vezes, praticar alguns atos de humildade, de maneira a arrancar em nós até as menores fibras de amor próprio. Quanto não fez para extirpar este vício, quando o via surgir em alguns membros da congregação! Não duvidava em pôr nos postos mais humildes pessoas elevadas a cargos importantes logo que descobrisse neles alguns indícios de ambição e vã glória! ... E temia de tal modo que os Irmãos se deixassem levar pelos louvores e à adulação, que ele trocava imediatamente de posto aqueles que eram os mais aplaudidos, quando presumia que se compraziam nos louvores que lhe lhes davam, louvores que ele qualificava ninharias!” (sic)

Relendo esses primeiros escritos das origens da congregação, não é maravilhoso por uma parte, descobrir o ponto de vista de São Marcelino Champagnat sobre as três virtudes características da comunidade, e, por outra parte, realizar como suas lições eram bem escolhidas para esses jovens cheios de boa vontade, que tinham confiança ilimitada em seu mentor.

REFLEXÃO

É bom também terminar esta reflexão questionando-me a mim mesmo sobre essas virtudes tão apreciadas de São Marcelino Champagnat:

- 1. Será que eu me imponho àqueles que me cercam ou será que eu me torno discreto.*
- 2. Sou antes uma pessoa da escuta do que da palavra?*
- 3. Para aqueles que me cercam sou eu antes segunda voz?*

NÓS SEREMOS SUA FAMÍLIA!

Um traço característico da personalidade de São Marcelino Champagnat é seu grande coração e sua bela generosidade, que por vezes suas atitudes não eram sempre unanimidade entre os mais próximos, seus amigos e aqueles que o viam agir.

Lembremos antes de tudo que o seu primeiro objetivo de sua congregação era a educação dos jovens do campo nos conhecimentos humanos e científicos e, sobretudo, do conhecimento de Deus e das verdades religiosas por meio das escolas paroquiais.

“Quando chegou a La Valla, nos diz o Ir. João Batista, Marcelino Champagnat encontrou certo número de pais pobres e descuidados que deixavam seus filhos na ignorância das verdades da religião, não os enviando nem à escola nem ao catecismo; ele recebeu essas crianças, trouxe-as para a casa dos Irmãos e se encarregou de alimentá-los e de vesti-los. Em 1823, ele tinha doze; nos anos seguintes, este número aumentou e recebeu tantos quanto a casa pôde receber.”

“Três motivos, continua o biógrafo, levaram Marcelino Champagnat a ajudar os pobres em suas necessidades: seu bom coração, o profundo respeito e o amor que tinha a Nosso Senhor e seu desejo de trabalhar para o bem espiritual dessas pessoas.

Eis a propósito o que conta o Irmão Silvestre, um de seus primeiros discípulos, em manuscrito que deixou a respeito da vida do Padre Champagnat: “Digamos que seu coração transbordava de caridade, não somente para seus Irmãos, mas para todos. Lembro-me de que nos estabelecimentos onde havia crianças pobres, nosso bom Pai lhes distribuía ao findar das férias, roupa que mandava lavar e concertar a fim de que pudessem ser usadas. Mesmo, por caridade, a custo da casa quatro ou cinco anciãos enfermos, que tratava com uma bondade sempre

paternal, querendo que os Irmãos agissem assim com eles... Lembro que ter sido repreendido e mesmo punido por me ter permitido, se bem que sem maldade, brincadeiras a respeito deles. E é até sua morte que a casa procedeu assim.” (sic)

Irmão Silvestre acrescenta ainda em seus escritos: “Diversas crianças indigentes apareceram, e o bom Pai, contando com a Providência, recebeu-os e se encarregou, não somente de sua instrução, mas ainda de seu sustento, contentando-se em dizer àqueles que o criticavam:” ‘L’aumône n’ appauvrit pas comme la messe ne retarde pas le travail.’ ”

“E, continua o Irmão Silvestre, quando o criticavam de sua pouca prudência e de sua temeridade em continuar um projeto que está acima de suas forças, ele não tinha outra resposta que aquela dos cruzados: ‘ Deus o quer, e isto me é suficiente. ’ ”

Dessas poucas linhas de um Irmão que o tinha conhecido bem, pode-se concluir que, embora um minimum de recursos financeiros e meios humanos, São Marcelino Champagnat sempre respondeu, de uma maneira ou de outra, às necessidade urgentes que via nos anciãos e nas crianças desfavorecidas. Segundo o Irmão João Batista, dizia com todo seu coração recebendo-os: “Estão sozinhos! São pobres! ... Não têm pais! ... Nós seremos sua família!” Jamais recusou esta caridade desinteressada e levada ao limite!

Enfim, São Marcelino Champagnat soube abrir seu coração e sua porta às pessoas necessitadas mais que ele, consciente da palavra do Evangelho: “O que fazeis ao menor dentre os mais pequeninos, é a mim que vós o fazeis!”

É para nós cristãos, para nós religiosos, o exemplo daquele que sabe dar, não somente de seu supérfluo para ajudar aos outros, mas até de sua indigência! E nessa maneira de fazer que reconhecemos os verdadeiros discípulos de Cristo.

Perguntemo-nos se uma generosidade que não nos priva é uma generosidade no sentido do Evangelho? Lembremos a viúva e o seu óbolo. Jesus no-lo disse claramente: “Ela deu mais a Deus e ao templo que todos os outros grandes doadores”, aqueles que abriam suas bolsas com muita ostentação e que ofereciam de seu supérfluo enquanto, sem jeito e às escondidas, a pobre viúva dava do que necessitava.

REFLEXÃO

Senhor, a exemplo de São Marcelino Champagnat, ajuda-me a me abrir às necessidades do próximo, saber dar do meu supérfluo, e acima de tudo, para lhes oferecer o necessário e o indispensável e a tratá-lo com muito respeito e com circunspeção nos atos de partilha.

CAPÍTULO 37

UM FUNDADOR 'FORA DE SÉRIE'!

Percorrendo a vida de São Marcelino Champagnat tenho-me sempre impressionado pela qualidade de sua personalidade e seu senso profundo das responsabilidades morais e sociais frente aos outros humanos.

O período durante o qual viveu foi marcada na França por um desenvolvimento de fundações de congregações religiosas ensinantes.

Com efeito, relendo a história religiosa da França, verifica-se que depois da revolução Francesa, seja de 1815 a 1845, viu-se aparecer grande quantidade de comunidades de educadores religiosos votados à formação intelectual e religiosa da juventude. Essas diversas iniciativas tornaram-se uma necessidade numa sociedade marcada pela revolução e por muito alto grau de analfabetismo e ignorância religiosa, especialmente no meio rural.

Os responsáveis das dioceses da França cedo tomaram consciência com muita acuidade dessa carência dos jovens da época. É então que apareceram um pouco por toda parte personagens colocados na alta hierarquia que, com o objetivo de corrigir essas graves lacunas, se lançaram à criação de Institutos de educadores religiosos. Eles reagrupavam ao redor de si jovens de boa vontade e formavam-nos em vista da educação intelectual e religiosa dessa juventude sem estudo.

Entre esses fundadores de idade madura, que tinham muitos anos de experiência e contatos com seus semelhantes, só São Marcelino Champagnat parece “fora de série”. Com efeito, não tem senão vinte e sete anos e é vigário apenas seis meses quando ele começa a recrutar seus primeiros discípulos.

Esta constatação, longe de diminuir a estima que eu tenho por meu fundador, ao contrário me faz admirar como seus desejos de ajudar os

jovens eram fortes para lançá-lo nesta aventura fora das estradas batidas e fora das normas.

São Marcelino Champagnat foi também fundador “fora de normas” quando decidiu deixar seu presbitério e vir morar com seus Irmãos para melhor guiá-los e formá-los. Esse comportamento da parte de um eclesiástico era novo, mas para nosso bom Pai, a vontade de Deus era clara, ele devia estar com seus Irmãos.

Demais, convencido de suas próprias deficiências precisou muita coragem à toda prova e confiança inabalável no Senhor para vencer seus próprios temores e aqueles de seu ambiente que duvidava de sua competência e de sua aptidão para formar futuros educadores. Com efeito, muitos dos que o conheciam hesitavam diante da carência de seus meios materiais e intelectuais e sua falta de preparação e de experiência.

Ao reler as páginas dos inícios da congregação eu me pergunto o seguinte: “Qual seria a reação de nosso meio no início deste milênio, se bem que mais aberto, se soubesse que um homem tão jovem, de menos de trinta anos, decidisse fundar uma nova congregação religiosa?”

Pode-se então imaginar, como nessa primeira metade do século dezanove e numa sociedade muito mais conservadora, as reações das pessoas mais cultas fossem virulentas contra o jovem padre sem experiência que se lança num projeto votado a um fracasso certo? É preciso se espantar de sua surpresa, de seu ceticismo e mesmo de desconfiança?

Eis porque, tenho muita razão em afirmar que São Marcelino Champagnat foi um fundador “fora de série”.

Mas os critérios de escolha do Senhor não são sempre concordantes com nossa própria maneira de ver. Seguidamente quando Deus quer realizar grandes coisas se serve de instrumentos convencidos de sua pequenez e de sua insuficiência. Um bom pintor pode realizar obras de arte com um mau pincel.

REFLEXÃO

Pensemos na pequena Teresa do Menino Jesus, em santa Bernadete Soubirous e a todos estes santos, que, conscientes de sua própria fraqueza, têm sido modelos de humildade e de confiança no poder do Senhor.

- 1. Estou pronto para sair dos caminhos batidos para responder à vontade do Senhor na minha vida?*
- 2. Sou um instrumento dócil nas mãos do Senhor, com confiança e respondendo a seus apelos no quotidiano?*

CAPÍTULO 38

“OS CAMINHOS DE DEUS SÃO INSONDÁVEIS!”

Na vida de todo ser humano chegam momentos em que os acontecimentos que ele vive o interrogam! Muito seguidamente ouvem-se interrogações e reflexões deste gênero: “Por que me aconteceu isso?... a vida era tão boa!” Ou: “Como explicar este cataclismo, esse desastre, esse sofrimento?”... “Não entendo o que me acontece!”

Ultimamente recebo uma chamada telefônica que me anuncia que uma pessoa com quem eu trabalhava desde muitos anos para suavizar a miséria em Haiti, se tirou a vida! Na última primavera, um amigo, cuja vida corria feliz com sua esposa e seus filhos, é atingido por um câncer incurável! Quem não se lembra das inundações de Saguenay e do lago São João de 1996?

Que dizer, que pensar diante dos dramas e das más surpresas que nos atingem sem aviso?

Lia ultimamente um livro intitulado: “Requiem sur Nagasaki” que me fez refletir muito sobre o sentido do mal e do sofrimento. Com Nagai, esse simpático médico japonês, do qual se narra a vida, “eu creio que o mal e sofrimento não se explicam, se aceitam”! ... crendo que os caminhos de Deus são insondáveis. A única coisa que se pode dizer é que Deus sabe tirar proveito, de uma maneira ou de outra, das maiores tristezas e dos maiores males.

Um acontecimento da vida de São Marcelino Champagnat me esclarecia a esse assunto.

Nosso bom Pai vivia então um dos períodos mais difíceis da curta existência de sua jovem comunidade. De um lado, as exigências de ajuda das paróquias se multiplicavam enquanto de outra parte, a penúria de vocações se tornava inquietante!

Diante desta situação alarmante, São Marcelino Champagnat multiplicava as orações, as novenas com seus Irmãos para rogar ao Senhor lhe enviar candidatos. O Senhor permaneceu surdo a suas preces durante certo tempo. A resposta vem finalmente de maneira esplendorosa e inesperada.

“Uma tarde, nos diz seu biógrafo, em que Marcelino Champagnat voltava da oração da igreja, encontrou um jovem que lhe pediu o favor de ser admitido à congregação. Ele pensou que era, sem dúvida, a primeira resposta do Senhor a suas preces reiteradas. Mas a aparência e as maneiras do jovem lançaram dúvida no espírito de Champagnat. Questionando-o o bom Padre entendeu que ele acabava de deixar a congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Diz-lhe então: “Se você não é próprio para os Irmãos de La Salle, você é incapaz para nós e não posso recebê-lo!” Entretanto como a noite estava próxima, o bom Padre lhe oferece a hospitalidade.

No dia seguinte, o rapaz falou ao Padre Champagnat de numerosas vocações de educadores que eclodiam em sua região...

Vendo o interesse do Padre, o moço que queria se fazer aceitar, não sabendo sem dúvida aonde ir, lhe diz à queima-roupa: “O senhor me receberá se eu lhe trazer meia dúzia de bons candidatos?” Para se livrar, continua seu biógrafo, Marcelino aquiesceu e lhe entregou, a seu pedido, uma carta de aceitação que não queria dizer nada convencido de que veria este moço pela última vez.”

Algumas semanas depois, qual não foi a surpresa do Padre Champagnat vendo reaparecer o jovem, despedido anteriormente, acompanhado de oito companheiros prontos para entrar na congregação. Então, depois de comprovar a seriedade do pedido desses jovens, o bom Padre os recebeu todos como postulantes.

“Alguns dias mais tarde, acrescenta seu biógrafo, Marcelino Champagnat teve que mandar embora aquele que tinha orientado os oito postulantes para nossa congregação.”

Relendo esse episódio da vida de nosso Santo Fundador não podemos senão concluir: “Os caminhos do Senhor são insondáveis!”

REFLEXÃO

Termino pelas questões seguintes:

- *Qual a minha reação diante das contrariedades que eu encontro na minha vida?*
- *Estou pronto em confiar no Senhor, mesmo quando não compreendo o que me vai acontecer?*
- *Estou eu convencido de que o Senhor responde sempre a sua maneira todos os seus pedidos?*

LEVEZA E BRINCADEIRAS DOS JOVENS... AMOR PATERNAL DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT!

Desde os primeiros anos de existência da congregação dos Irmãos Maristas, logo que o número de aspirantes começava aumentar, São Champagnat sentiu a necessidade, para a sobrevivência de sua obra ir viver com eles. É em 1818, seja no decorrer do décimo ano da fundação é que ele deixou seu presbitério para se instalar na mesma casa, exercendo ao mesmo tempo a função de vigário da paróquia.

É preciso sublinhar, esses primeiros recrutados eram jovens cheios de boa vontade sem dúvida, mas ao mesmo tempo adolescentes rudes, sem experiência da vida e sem instrução. Também, São Marcelinho Champagnat, com seu coração de pai entendeu muito rapidamente a importância para ele de um guia e de conselheiro para assegurar a seriedade da verdadeira formação, embora rudimentar.

Mas era preciso boa dose de paciência e de compreensão para um adulto de aproximadamente trinta anos ficar continuamente com jovens de dez a vinte anos. Por outra, para assegurar mais estabilidade ao grupo era preciso que se desenvolvesse entre eles grande grau de confiança e verdadeiro amor recíproco.

O Irmão Silvestre, que entrou para a congregação em 1831 na idade de doze anos, tem palavras admiráveis para descrever o que ele então viveu no contato com São Champagnat. Eis o que ele escreveu a respeito na página 85 e seguintes de seu manuscrito: “Souvenirs personnels”:

... “Antes de passar adiante, peço ao leitor prestar bem atenção, aos parágrafos que seguem, a tudo o que fez o Venerado Pai para me corrigir de meus defeitos e de me conservar na minha vocação. Vão ver traços de paciência incomparável, em que, acompanhada da paternidade mais terna, junto de constante firmeza, acabaram por triunfar sobre meu caráter leviano, dissipado e parecendo pouco próprio para a vida religiosa.”

Mais adiante, o Irmão Silvestre conta singelamente um fato que mostra a bondade do Padre Champagnat a seu respeito: ... “estando eu encarregado das lamparinas, acontece que chega o Venerado Pai a fim de ver como eu desempenhava esta função; querendo mostrar habilidade... derramei a seus pés um vaso de óleo, que atingiu sua batina. Mereceria uma reprimenda, pois foi falta de cuidado de minha parte; entretanto, ele se contentou em dizer em prestar atenção no que fazia!”

“Um dia, conta por sua vez o Irmão João Batista, um jovem Irmão, cheio de boas qualidades, mas um pouco estouvado, encontrando à noite o Padre ao pé da escadaria, e tomando-o por um coirmão, lhe salta sobre os ombros dizendo-lhe: “Não diga nada e leva-me até o primeiro andar.” ... O Padre não disse nada com efeito e o Irmãozinho não o reconheceu senão quando o viu se dirigir para o quarto e aí entrar!... O Padre Champagnat o deixou alguns dias na inquietude e na perplexidade, depois fê-lo chamar; e vendo o Irmãozinho confuso e olhos baixos, lhe disse com tom severo mas paternal: “Até quando você vai ficar criança? Será que você veio aqui para distrair os Irmãos e para perturbar a ordem da casa? Vá, eu lhe dou um ano para se corrigir inteiramente de sua leviandade...”

Em outra ocasião, é um Irmão diretor que se queixa ao Padre Champagnat que um de seus jovens subordinados permitiu-se passear com um carrinho de mão pela casa e que mesmo subiu até ao terceiro andar, com espanto de todos. O Padre Champagnat, que conhecia bem as qualidades deste jovem embora essas pequenas infantilidades, respondeu: “Se ele tivesse subido até o sótão, eu lhe daria uma recompensa!”

Nesses fatos anódinos, não é maravilhoso descobrir, através do humor do Padre Champagnat, o amor paternal e a atitude compreensiva de um homem atento aos jovens e desejoso de fazer com que progredissem? Ele tinha bem razão de dizer: “Para bem educar as crianças é preciso amá-las.”

REFLEXÃO

Termino estas poucas linhas questionando-me sobre meu comportamento pessoal.

- 1. Com aqueles e aquelas que dependem de mim e com os quais estou em contato tenho uma atitude aberta e respeitosa ao mesmo tempo?*
- 2. Sei aceitar com humor da parte dos mais jovens certas brincadeiras que não são necessariamente de má vontade?*
- 3. Sou eu um polo atrativo ou repulsivo para aqueles que me cercam?*

“LIVRAI-ME DE MEUS AMIGOS!...”

Em “Prions en l’Eglise” de julho de 2001, narrava-se sucintamente a vida de Madre Maria Ana, Ester Blondin, fundadora da congregação das Irmãs de Santa Ana. Aí narravam-se as contradições e as humilhações que suportou da parte do Pe. Maréchal, um homem que deveria mais apoiá-la do que tentar destruí-la.

Percorrendo a vida dos santos, particularmente daqueles e daquelas que fundaram congregações religiosas, nós nos damos conta de que, este fenômeno, que atingiu Madre Maria Ana não é único, mas que atingiu, em diversos degraus, a maior parte dentre eles. As vidas de João da Cruz, Teresa de Ávila, Fracisco de Assis, Grignon de Montfort, Maria da Encarnação, Margarida Bourgeois, Dominique e muitos outros nos revelam que seus Institutos se expandiram com o húmus de seus sofrimentos pessoais e das contradições daqueles que os cercavam.

São Marcelino Champagnat teve, ele mesmo, que passar pelo cadinho das malversações.

O Ir. João Francisco, biógrafo marista, levanta o véu, entre outras, que prevalecia ao redor de São Marcelino Champagnat na ocasião da construção de l’Hermitage. Eis o que ele escreveu:

“Aos olhos da sabedoria humana devia parecer estranho e imprudente o que o piedoso fundador empreende, sem nenhum recurso, uma construção que deveria acarretar tantas despesas... Desde que o projeto foi conhecido, houve nova explosão de reprimendas, de críticas, de invectivas e injúrias... O projeto foi tratado de loucura, e os próprios amigos do Padre Champagnat o criticaram e não negligenciaram nada para que ele o abandonasse.

E o Ir. João Batista continua pouco mais adiante, relatando certos propósitos de sua roda: “Este louco de Champagnat, diziam muitos de seus confrades e muitas outras pessoas, perdeu a cabeça? O que pretende fazer?

Onde tomará ele o dinheiro para pagar esta casa? É preciso que seja de uma temeridade extrema e que tenha perdido o bom senso para cegá-lo a este ponto e para conceber semelhantes projetos.

É certo que as críticas faziam mal a São Marcelino Champagnat, mas elas não o desencorajavam nem o faziam duvidar da certeza de sua decisão, porque ele estava convencido de que seguia a vontade de Deus. E então, nada podia impedir seu projeto.

Uma outra prova, ainda muito mais terrível, devia atingi-lo bem cedo no mais profundo de sua pessoa e atacar as bases mesmo de sua obra. Vinha do Pe. João Cláudio Courveille, um homem do qual tinha alta consideração.

Lembremos que o Pe. João Cláudio Courveille tinha sido companheiro de São Marcelino Champagnat no grande seminário e que ele foi o iniciador da “Sociedade de Maria”, um Instituto de padres com o objetivo de propagar a devoção a Maria pelo ministério da palavra, e que devia ser, no espírito de seus fundadores, semelhante à Sociedade de Jesus.

Desde o início, o Pe. João Cláudio Courveille pretendia ser o superior deste embrião da “Sociedade de Maria”, que devia compreender Padres, Irmãos, Irmãs e uma terceira-ordem leiga. São Marcelino não era refratário a esta ideia. Pe. Courveille aproveitou do espírito de conciliação do Padre Champagnat para se imiscuir na gestão da Congregação dos Irmãos e para tentar tomar seu lugar. Compôs e divulgou um novo prospecto da Congregação no qual limitava os objetivos apostólicos de São Marcelino, anteriormente estabelecidos, e deu conhecimento a seus Irmãos. Pe. Courveille decidiu também mudar o hábito que São Marcelino decidira anteriormente e ele se intrometeu em muitos outros setores da administração interna da congregação dos Irmãos.

“Em seguida, nos diz o Ir. João Batista, ele tentou ganhar a confiança dos Irmãos, de atraí-los a si e por isso ele usou de toda sorte de expedientes”. Finalmente, convocou um encontro de todos os Irmãos em L’Hermitage. Sua finalidade era tornar-se superior oficial fazendo-se eleger por eles. Depois de lhes ter explicado a necessidade de eleger oficialmente uma pessoa apta para dirigi-los, lhes pedia de escolher, por voto secreto, entre os Padres que trabalham então em l’Hermitage: o Padre Champagnat, o Padre Terrailon e ele mesmo. Os Irmãos não perceberam a astúcia de Pe. Courveille e votaram quase unanimemente no Padre Champagnat, com

grande desprazer do intruso. Felizmente apenas algumas semanas mais tarde o intrigante desaparecia da paisagem.

Lembremos também a crise interna que surgiu depois da decisão de São Marcelino de estabelecer as meias de pano, a batina acolchetada e o método global para a leitura. A crise terminou pela escolha não equivocada entre “estar com os filhos de Maria” ou “estar com os rebeldes”. A oposição de dois de seus subordinados a suas três decisões e de certos confrades no sacerdócio a seu projeto de fundação, longe de arrefecê-lo, não fez que ancorar mais em seu desejo de fazer a vontade de Deus.

REFLEXÃO

Eu poderia relatar ainda longamente os aborrecimentos que atingiram São Champagnat. Paro aqui para me pôr, para nos pôr as duas questões seguintes:

- 1. Estou pronto a aceitar os sofrimentos, as oposições e a ir contra a corrente para seguir Jesus?*
- 2. Estou eu convencido da palavra do Evangelho: “O céu sofre violência e não há senão os violentos que o arrebatam”?*

CAPÍTULO 41

UMA CARTA QUE DIZ MUITO SOBRE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Ao longo de minhas leituras sobre a vida de São Marcelino Champagnat descobri numerosas cartas que escreveu ou rabiscou e outras que rascunhou.

Muitos desses escritos são respostas oficiais às demandas das autoridades religiosas, civis, paroquiais ou escolares. Outras se endereçam ao conjunto dos Irmãos. Na linguagem do mundo religioso, diz-se “circulares”. Algumas cartas são dirigidas ao Irmão Francisco, seu braço direito e seu substituto em l’Hermitage durante suas ausências para os afazeres da congregação.

Certo número dessas cartas foram pessoais e enviadas aos membros de sua própria família ou a um dos membros da congregação.

No último lote retive as que expedia de Paris ao Ir. Hilarion, em 18 de maio de 1838, durante as longas demandas que fez junto das autoridades governamentais para obter a autorização oficial para sua congregação. Esta missiva nos dá uma boa ideia da qualidade de pessoa era São Marcelino Champagnat. Eis os extratos mais significativos:

“Meu caríssimo Irmão

Estou, como vê, sempre em Paris, indo tanto a uns como a outros, e, entretanto minhas demandas não aceleram quase nada nosso problema. Todos, em Paris, que tratam de nosso interesse me dizem que é preciso ter paciência. Conto com as orações de vocês, elas conseguirão mais que todas as proteções possíveis. Embora isso, eu não negligencio essas últimas, porque Deus quer também que empreguemos os meios humanos... Que espinho, meu caro amigo, estaria arrancado, que nos poderiam pôr ao abrigo da circunscrição nossos Irmãos. ... Dizemos a Maria que a obra é

muito mais dela que a nossa! ... Que inquietação para mim! Minha estada será ela muito longa em Paris! Ah, não sei nada...

... Eu me sinto bem, não vejo o tempo de estar com vocês. Estou mais sozinho dentro de Paris do que em l'Hermitage.

... Adeus, meu caro Irmão, não o esqueço, nem dos outros. Diga ao bom Irmão Maurice que o estimo, assim como a seus colaboradores: o bom Irmão Nihilamon e o bom Irmão Adelphe!”

REFLEXÃO

Aprofundando esta carta muito simples encontrei alguns traços característicos da personalidade de São Marcelino Champagnat:

- 1. São Marcelino Champagnat é um homem cuja vida é centrada no espiritual. Desde o começo de sua carta sublinha que ele conta com a oração de seus amigos para a solução de seu processo.*
- 2. É homem prático. Ele trabalha muito para ter resultado porque está convencido da importância das demandas que faz em Paris para a sobrevivência de sua congregação.*
- 3. É realista: crê na ajuda do Senhor, ao mesmo tempo consciente que é preciso servir-se dos meios humanos.*
- 4. Conserva continuamente o contato com Deus um pouco como um anacoreta, embora o ambiente barulhento, está mais concentrado nas ruas de Paris do que nos bosques de l'Hermitage.*

5. *Maria está sempre muito presente em cada um de seus projetos.*
6. *Possui um grande espírito de família. Cada um de seus Irmãos está presente em sua lembrança. Saúda pessoalmente cada um deles e não esquece ninguém.*

Em suma, esta carta nos mostra claramente que São Marcelino Champagnat é o modelo de um homem comum centrado em Deus, que ama ternamente Maria e muito presente aos seus Irmãos.

A ALEGRIA: QUALIDADE ESSENCIAL DO BOM EDUCADOR E DO SANTO.

São Marcelino Champagnat estava convencido dessa palavra de Dom Morin: “A alegria é um barômetro com o qual se pode julgar o grau de caridade em uma alma como em um grupo.”

O primeiro capítulo da segunda parte da biografia de São Marcelino Champagnat, escrita pelo Irmão João Batista, trata do caráter de nosso bom pai. Relendo-o fui surpreendido em constatar que sobre as dez páginas que o compõem sete tratam da alegria.

Eis alguns textos respigados ao longo de minha leitura:

“É seu caráter alegre, aberto, fácil, amável e conciliador que o Padre Champagnat deve grande parte de seus sucessos no santo ministério e na fundação do Instituto”...

“O que havia de mais admirável no caráter do Padre Champagnat, é que ele era sempre o mesmo.”

“No parecer do Padre Champagnat, os homens inclinados à tristeza e à melancolia não convém para a vida religiosa e para o ensino”...

“Para conservar entre os Irmãos esta alegria da alma, doce e modesta, que ele se esforçava de lhes inspirar, o Padre Champagnat lhes permitia jogar durante os recreios”...

“A jovialidade, a santa alegria e a modéstia são necessárias aos Irmãos para ter resultado com os alunos, e um mau caráter é um dos maiores obstáculos ao bem. Com efeito, para conquistar os alunos, para que escutem, é preciso lhes agradecer; ora, é principalmente pelas qualidades exteriores, isto é, pelas maneiras honestas, amáveis, por um caráter alegre, aberto, doce,

complacente, uniforme e modesto que se cativa seu respeito, sua atenção e que se conquista sua confiança.”

Para continuar seu biógrafo: “Eis o que dizia a um Irmão de certa idade que estranhava a persistência com a qual ele retomava certos defeitos exteriores: ‘Meu caro amigo, quando se é obrigado por sua vocação a trabalhar na santificação do próximo, não é suficiente agradar a Deus pela pureza de sua consciência, é preciso ainda agradar aos homens por um caráter amável e por muita amenidade nas palavras e na maneira de tratar a todos.’ ”

Prossigamos neste artigo sobre a alegria por outra citação brilhante de São Champagnat: “Não gosto dos Irmãos cuja presença afugenta os alunos; mas considero muito próprios para fazer amar a religião aqueles cujo caráter alegre e maneiras doces e afáveis anunciam um coração contente e virtuoso. Para educar os alunos, para ganhá-los a Deus, é necessário ter verdadeira piedade e sólida virtude; mas isso não é suficiente; é preciso também um caráter e maneiras que agradem e os atraiam.

É bom lembrar este bom pai, amado e respeitado por seus Irmãos, e este pedagogo, formado na prática dos homens, falar da alegria como prova de verdadeiro amor por Deus e como meio de formação da juventude. Suas palavras são o fruto da grande experiência e do conhecimento superior da alma humana e em particular da alma dos jovens. É fácil verificar em nossa própria vida quanto seus conselhos são exatos e cheios de sabedoria.

No fim dessas reflexões sobre a alegria, não se pode senão concluir com Carlyle: “Dai-me um homem que cante durante o trabalho, terá mais resultado, ele trabalhará mais tempo.”

REFLEXÃO

Como pai, como educador, como companheiro de trabalho, como coirmão, sou eu uma pessoa que atrai por uma atitude alegre ou, ao contrário, uma pessoa que afugenta por seu humor taciturno?

“TORNAR JESUS CRISTO CONHECIDO”: O OBJETIVO DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Ao ler a vida de São Marcelino Champagnat dá-se conta primeiramente que ele foi interpelado por Jesus Cristo uma primeira vez. Esta interpelação se repetia em muitas ocasiões ao correr de sua vida diária. É pelo sim repetido a esses pequenos apelos quotidianos que, pouco a pouco, faz a escolha por Jesus Cristo e o põe em primeiro lugar na sua vida de cristão, de padre e de fundador. Crescia na medida em que avançava em idade e seu zelo para revelá-lo a quem encontrava e para fazê-lo amar concretamente.

Um dia ele pôde dizer com muita convicção e verdade: “Eu não posso ver uma criança sem sentir o desejo de lhe fazer o catecismo e de lhe dizer como Jesus a ama!”

Mas como São Marcelino fez para melhor “revelar Jesus Cristo” aos jovens que ele encontrou? A resposta é muito simples, e era muito clara para ele desde seus anos de grande seminário quando lançava aos companheiros: “Precisamos de Irmãos para ensinar a religião aos jovens e torná-los virtuosos cristãos e bons cidadãos!”

Esta verdadeira obsessão de tornar Jesus conhecido e amado que a acompanhou sempre, ele quis transmitir a seus discípulos. É assim que em muitas ocasiões pôde esclarecer seu pensamento sobre o tema. Eis a este propósito algumas palavras que nos permitirão ver melhor:

“Não esqueçam, dizia a seus Irmãos, de que a instrução primária que devem dar às crianças não é propriamente o fim que nos propusemos fundando este Instituto, ela não é senão meio para chegar mais facilmente e mais perfeitamente a este fim! Tornar conhecido e amado Jesus Cristo, eis o fim de nossa vocação e o objetivo do Instituto. Se nós não perseguimos este fim, nossa congregação será inútil e Deus lhe retirará sua proteção!”

O objetivo da Congregação Marista não pode ser descrito de maneira mais transparente e mais convincente!

Voltava seguidamente a este assunto que ele considerava como primordial e ligado à sobrevivência de nosso Instituto. Eis o que escrevia aos Irmãos na circular de 19 de janeiro de 1836: “Desejo e anseio que, a exemplo de Jesus Cristo, nosso divino modelo, tenham uma terna afeição pelas crianças. Distribuam-lhes com um santo zelo o pão espiritual da religião; façam todos os esforços para formá-los à piedade e para gravar no seu coração sentimentos de virtude que não se apaguem jamais!”

A um Irmão deu ele este conselho judicioso e encorajante para todas as crianças: “Diga a seus alunos que Deus ama muito todos aqueles que dentre vocês que são comportados porque eles se parecem com Jesus que é infinitamente sábio; e ele ama também aqueles que não o são porque ele espera que eles se tornem como Jesus!”

O meio utilizado por São Marcelino Champagnat para revelar Jesus Cristo foi a fundação de um Instituto votado ao ensino primário das ciências humanas a fim de entrar então em contato com os jovens.

Em seguida, depois de ter conquistado a confiança das crianças, por sua competência humana, sua atitude compreensiva, e com terna afeição por elas, os Irmãos poderão abordar seu verdadeiro trabalho de educação religiosa, idealizado por São Marcelino Champagnat.

Esta revelação de Jesus Cristo às crianças confiadas aos Irmãos deve se fazer, segundo São Champagnat, pela palavra, de acordo, em lhes partir o pão da religião, mas, sobretudo, pelo exemplo de sua vida simples, piedosa e cheia de amor por Deus e pelo próximo.

Em resumo, para São Marcelino Champagnat, Deus é um Pai que ama imensamente e pessoalmente cada ser humano – homem, mulher, criança -, apesar de suas faltas e de seus defeitos e, eu diria, por causa de suas faltas e de seus defeitos, tal como um pai sabe amar primeiramente aquele de seus filhos que está em pior situação.

REFLEXÃO

Concluimos estas poucas linhas pelas três interrogações seguintes:

- 1. Estou eu convencido de que Deus me ama pessoalmente e incondicionalmente?*
- 2. Acontece em minha vida de religioso, de cristão, de pai, de mãe, de avô, avó querer revelar àqueles que me rodeiam o amor que Jesus Cristo tem por eles?*
- 3. Sou eu uma pessoa de zelo para anunciar Jesus Cristo?*

CAPÍTULO 44

“SE O SENHOR NÃO CONSTRÓI A CASA...”

Sou um fã do cantor de Quebec, Roberto Lebel. Gosto muito do estilo de seus arranjos e a profundidade de seus textos.

Antes eu escutava uma de suas composições de que particularmente gostei. Intitula-se: “Se o Senhor não constrói a casa em vão trabalham os pedreiros.” Lembrei-me então de que São Marcelino Champagnat repetia muito a seus primeiros discípulos as palavras deste salmo porque estava convencido de sua verdade e que tinha feito ele mesmo a experiência em muitas ocasiões.

Se São Marcelino Champagnat conseguiu fazer coisas que, à primeira vista, pareciam ultrapassar suas aptidões e sua competência, é que ele colocava em prática esta verdade que repetia seguidamente: “Quando se tem Deus para si, quando se conta senão com ele, nada é impossível!”

Em seus escritos encontrei o parágrafo seguinte que nos esclarece o que ele pensava a respeito: “Para que serve a habilidade do jardineiro e aquela do cultivador, se Deus não abençoa seus trabalhos e não dá o crescimento” Guardemo-nos de contar sobre nossos talentos: eles são nulos para o bem. Nós os empregaremos em vão e nos fatigaremos inutilmente se Deus não está conosco. ... Se Deus não vivifica nossas palavras com sua graça e por seu espírito elas não conseguirão senão som inútil que atingirá a orelha, mas que não irá ao coração. Não é pelo barulho que o canhão derruba as muralhas ou que incendeia um prédio, mas pela bala.

O homem pode fazer barulho... é a graça, simbolizada pela bala, que derruba os obstáculos e abrasa os corações.”

“Eu não estou triste, escrevia a um Irmão, que você tenha problemas e que você seja perseguido: isto o porá na feliz necessidade de pôr sua confiança em Deus.”

Na ocasião de um retiro espiritual que ele dava a um grupo de Irmãos, ouviu alguém que perguntava se o pregador era bom. Ele começou a primeira conferência por estas palavras: “Meus caros Irmãos, ouvi que alguém de vocês perguntou se o pregador era bom. Eis minha resposta e eu lhes rogo de não esquecer: se vocês contam com os talentos do animador e sobre o que eu poderia lhes dizer para o sucesso de seu retiro, vocês farão retiro. As palavras dos homens podem atingir seu espírito, exaltar sua imaginação, impressioná-los durante algum tempo; mas se Deus não tocar seu coração, essa impressão fugitiva ir-se-á com o som que o produziu e vocês sairão deste retiro tais como entraram... acima de tudo, é preciso dizer: ‘Se o Senhor não constrói a casa’.. ”

Seu biógrafo escreveu: “Quando empreendia uma boa obra ele não olhava senão uma coisa: saber se Deus a queria.”

Depois de ter lembrado aos Irmãos em numerosas ocasiões durante sua vida a necessidade de contar com Deus, nosso piedoso fundador escrevia no leito de morte essas palavras que não podiam senão ser claras: “Metei vossa confiança em Deus e contai com ele; sua Providência vos sustentará, vos ajudará, vos bendirá e proverá a todas as vossas necessidades.”

Uma coisa que me tem particularmente tocado é o temor que torturava São Marcelino Champagnat mesmo quando via uma organização bem apoiada por amigos influentes e de pessoas de alta qualidade, e solidamente estabelecida com meios materiais de qualidade.

Assim, eis o que escrevia ao Irmão Francisco em 10 de janeiro de 1838, quando em viagem para Paris, ele se encontrava de passagem por Lião: Devemos partir segunda feira para Paris às 9 horas da manhã. Tudo parece ir bem. Eu digo sempre: ‘Nisi dominus’. Temo mesmo que todos esses recursos não venham a arruinar um pouco os desejos da providência e que, longe de acelerar nossas reivindicações, eles não nos venham prejudicar. Rezai, pois, ao bom Deus e fazei rezar!”

REFLEXÃO

Depois dessas reflexões, dou-me conta como era importante para São Marcelino Champagnat que o Senhor esteja sempre presente na origem, na procura e na realização de um projeto.

- 1. Estou eu convencido de que devo ter presente o Senhor na base de minha vida se quero ter sucesso?*
- 2. O Senhor tem o primeiro lugar na minha família, nos meus projetos e na minha vida?*

CAPÍTULO 45

“VELAI E REZAI...”

Conta-se na vida de São Marcelino Champagnat que um dia, após a meia hora quotidiana de meditação dos Irmãos, o Padre Champagnat perguntou publicamente ao Irmão Lourenço, um de seus primeiros discípulos, como passou esta meia hora para ele.

O bom Irmão lhe respondeu então com toda simplicidade: “Acertastes em cheio, meu Pai, é Deus que vos inspirou para interrogar-me e para me punir, eu não tinha feito nada de bom hoje porque tinha perdido meu assunto de meditação. Entretanto para utilizar meu tempo, imaginei São João Francisco Régis passando as noites inteiras, prostrado à porta das igrejas, para adorar Nosso Senhor no Santo Sacramento. Vi o grande santo todo tempo nessa postura. Eis alguém, me disse a mim mesmo, que não esquecia seu assunto de meditação. Ele o tinha presente toda a noite, enquanto eu não pude me ocupar de apenas alguns momentos.”

“Está bom, Irmão Lourenço, lhe diz o Padre, é assim que é preciso fazer todas as vezes que esquecer seu assunto de meditação.”

Não se pode descrever de maneira equitativa a personalidade de São Marcelino Champagnat e sua maneira de viver, sem assinalar como para ele o contato quotidiano e mesmo constante com Jesus Cristo era ponto capital de sua espiritualidade.

No capítulo que trata desse assunto, seu biógrafo enuncia, desde as primeiras linhas, com muita exatidão, aliás, o fato seguinte: “É pela oração que ele atingiu tão alto grau de virtude, que ele conquistou as almas para Deus e que fundou uma obra tão útil para a Igreja. A oração era seu elemento e se entregava com tanta facilidade e felicidade que lhe parecia natural.”

“É na oração, continua mais adiante, que ele idealizava e organizava todas as obras e todos os projetos que realizou. É na oração que começava, que continuava e como ele as terminava!”

Para explicar seu pensamento sobre o assunto tinha essas palavras significativas: “Jamais ousaria empreender alguma coisa sem a ter demoradamente recomendado a Deus; porque é fácil ao homem enganar-se e assumir sua maneira de ver, seu próprio julgamento e suas ilusões por projetos inspirados por Deus; depois, porque nós nada podemos sem o socorro e a proteção do Senhor.”

São Marcelino Champagnat não se contentou em ser adepto da oração fervorosa e constante, ele quis convencer seus Irmãos da necessidade da oração em sua vida e educá-los nesse sentido. Numa ocasião lhes dizia estas palavras que podem intrigar nosso mundo materialista: “Vós fareis mais apostolado pela oração que por qualquer outro meio. Um Irmão que se contenta em instruir as crianças não faz que a metade de seu dever; ele deve, se quer completar toda sua tarefa, rezar continuamente por eles!”

Irmão João Batista acrescenta estas linhas com certa ponta de humor: “A oração em todos os perigos e em todas as circunstâncias desagradáveis, era para ele porto de salvação; também na comunidade, as novenas se sucediam rapidamente; e uma não tinha acabado que surgia uma razão para começar outra. Sem cessar ele pressionava os Irmãos a rezar com fervor; e contava com tanta confiança no efeito da oração que não duvidava de dizer nessas ocasiões: “Estou seguro que nós seremos ouvidos e que as coisas, o que houver, se voltarão em nosso favor.”

Acrescentava: “Não é possível entreter-se seguidamente com Deus sem assimilar seu espírito, sem se tornar semelhante... Os Irmãos piedosos são as colunas do Instituto e quais sejam seus talentos, suas forças e sua saúde, em toda parte se tornam úteis... Uma longa experiência me tem ensinado que um Irmão sem piedade e um homem de nada; em parte nenhuma está em seu lugar; é um entrave para todos.”

REFLEXÃO

No fim destas proposições sobre a oração na vida de São Marcelino Champagnat, eu me interrogo:

- 1. Reservo em meu dia, minha semana, momentos de contato com o Senhor?*
- 2. Quando tenho um problema, meu primeiro pensamento é implorar a ajuda de Cristo?*
- 3. Que lugar ocupa a oração em minha vida?*

CAPÍTULO 46

“LÁ ONDE HÁ HOMENS, HÁ ‘TOLICES HUMANAS’...”

Um dos meus antigos superiores, hoje falecido, tinha este dito espirituoso bem verdadeiro que jamais esqueci: “Lá onde há homens, há tolices humanas!” Na medida em que se avança na vida dá-se conta da veracidade dessa máxima.

São Marcelino Champagnat adquiriu com o tempo uma grande experiência na direção e condução das pessoas. Aprendeu a aceitar as fraquezas humanas, fontes inesgotáveis de agitações e de divisões num grupo de pessoas que vivem juntas.

Um dia, dirigiu a alguns Irmãos este questionamento: “É possível que a paz e a união não sejam jamais perturbadas numa comunidade?”

Diante da surpresa e da hesitação em responder, ele lhes diz com muito realismo que a coisa não é possível por seis razões que enumero abaixo, acrescentando algumas explicações que lhes deu.

1. Por causa da diversidade de caracteres.

“Com efeito, dizia ele, o homem se mostra com inclinações e gostos muito diversos: um se apresenta com modos amáveis e outro com ares duros e grosseiros. Aqui, é um caráter cheio de simplicidade e de candura que agrada a todo mundo; adiante, é um caráter fechado, dissimulado, pouco comunicativo e que ninguém pode suportar. Este ama a união e a concórdia: vive sempre contente, tranquilo e em paz consigo mesmo e com os outros; aquele quer a guerra, sempre descontente, inquieto e desgostoso, agrada-lhe a discórdia e encontra sempre a retrucar.”

2. Por falta de zelo pela perfeição.
“Veem-se muitas vezes em casas religiosas homens cheios de talentos, dotados de excelentes qualidades humanas, que entretanto não são nem solidamente virtuosos, nem capazes de grandes coisas por falta de zelo em melhorar, se aperfeiçoar.”
3. Por causa da dureza do coração e de sua inclinação à severidade.
“Depois de sua queda, o homem é mau: acredita no mal mais que no bem, exagera os erros do próximo... vê os defeitos dos outros e não percebe as virtudes... A maldade do coração do homem, sua severidade com os outros, numa palavra, sua falta de caridade, eis a principal causa das divisões e das dissensões nas comunidades.”
4. Por causa da fraqueza humana.
“Com efeito, esses religiosos tão diferentes são todos humanos. Fazem sofrer. Os maiores santos também fornecem matéria para a paciência. Em suma, o mais perfeito é o que tem menos defeito.”
5. Por causa da divergência de pontos de vista.
Acontece muitas vezes que os homens de bem se combatem inocentemente e causam sofrimento entre si seja por diferença de caráter, seja por diversidade de julgamentos, seja seguidamente pela fraqueza do espírito humano que não percebe senão um lado dos fatos.”
6. Por causa da falta de união.
“Efetivamente, é difícil e raro que homens de caracteres opostos, sujeitos a mil defeitos, vivam juntos, não digam ou não façam nada que altere por vezes a paz e a união. Os espíritos sendo tão diferentes, as vontades tão muitas vezes contrárias, os pensamentos, as afeições, os gostos devem naturalmente ser diversos e causar desentendimentos.”

O único meio de diminuir essas tensões entre os homens, segundo São Marcelino Champagnat, “a doce caridade que vê o Irmão como amigo e imagem de Jesus Cristo.”

REFLEXÃO

1. *Em minha família, no grupo com o qual trabalho e vivo, tenho gestos concretos a fim de manter a concórdia e a união?*
2. *Sei eu me esquecer e me apagar para conservar a união na minha família e na minha equipe de trabalho?*

O ESPÍRITO DE FAMÍLIA EM SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Eu sempre tive muito respeito e admiração por meus pais. Minha família contava onze filhos vivos, dos quais nove filhos e duas filhas. O que guardo particularmente de meus primeiros anos, é 'o espírito de clã' que meus pais tinham sabido nos inculcar. Recordo ainda a bênção paterna do primeiro dia do ano, um momento muito solene em que meu pai nos dava sempre o mesmo conselho: "Tratem de se entender entre vocês!"

Posso dizer hoje, entre outras "esse espírito de família" que eu encontrei na comunidade marista me tem muito ajudado nos momentos mais difíceis de minha vida e que me permitiu seguir em frente embora os obstáculos e as dificuldades.

Por outra, encontrei em São Marcelino Champagnat o líder extraordinário que lhe permitiu criar entre os primeiros Irmãos Maristas esse espírito de família que é uma de nossas características. Quando eu vejo este jovem pároco que deixa seu presbitério, para vir viver com esses jovens pouco esclarecidos, mas cheios de boa vontade, eu me digo que ele tinha também o espírito de entendimento e de aceitação mútua que queria implantar entre seus jovens.

Entretanto queria aprofundar mais o assunto e tentar descobrir como para São Marcelino Champagnat este espírito de família devia-se viver concretamente entre os Maristas. Eis o que encontrei:

Para ele, o espírito de família se concretiza no amor mútuo efetivo que se resume em quatro atitudes fundamentais:

1. Prestar serviço em toda ocasião.
"No Instituto, dizia Marcelino Champagnat, tudo deve ser em comum, não somente os bens temporais e terrestres, mas os bens do espírito,

isto é, os talentos de cada um devem servir também para proveito de todos. Digo dos bens do corpo, da força e da saúde, e dos bens da alma, as virtudes. Aquele, pois, que tem conhecimentos particulares, o dom de ensinar ou de dirigir, deve comunica-los a seus coirmãos. Aquele que é forte e robusto deve suavizar aqueles que estão doentes... É assim que tudo deve ser colocado em comunidade.”

2. Perdoar e esconder seus defeitos.

No primeiro tempo São Marcelino Champagnat deu regras de discrição que pedem respeitar a reputação dos coirmãos perante pessoas alheias e acrescenta isto: “É menos necessário conservar a reputação dos Irmãos entre os membros da comunidade quanto em público: um Irmão tem mesmo mais direito à estima de seus coirmãos, que a estima dos de fora. Um religioso, malvisto em público, pode se consolar pela satisfação que tem de possuir a estima e a confiança de seus Irmãos... Nós somos mais obrigados a evitar toda maledicência, defeitos ou faltas de outros como nós desejamos que eles suportem os nossos.”

3. Suportar-se pacientemente.

4. Um dos melhores diretores do tempo do Padre Champagnat lhe escrevia: “Lastimo, meu caro Pai, o jovem Irmão que acaba de retirar de nossa casa. Lastimo, não que ele preenchesse bem seu emprego, porque ele o fazia bastante mal, mas porque era-me muito útil para exercer a paciência.” A este propósito o bom Pai dizia: “Não há homens sem defeitos, uns mais outros menos, mas todos têm os seus. É pois certo que, piedoso ou virtuoso que seja um Irmão, resta-lhe defeitos que se tornam penosos aos outros. O que é preciso fazer para manter o espírito de família é suportar os defeitos dos outros como nós desejamos que eles suportem os nossos.”

5. Advertir-se caridosamente.

Para conservar os Irmãos no espírito de família que os caracteriza o Padre Champagnat deixou uma regra muito sábia, é o aviso fraterno. Ele quis que os Irmãos se ajudassem uns aos outros em Jesus Cristo. Eis porque tomou por princípio o de jamais enviar um Irmão sozinho. Considera a vida de comunidade e o espírito de família os dois grandes salvaguardas da virtude dos Irmãos.

REFLEXÃO

Poder-se-ia continuar as citações para mostrar como o espírito de família era importante para São Marcelino Champagnat e como tomou toda sorte de meios para manter entre nós, mas paremos aqui e perguntemo-nos:

- a. Sou um elemento positivo para o espírito defamília que reina na minha comunidade, em minha casa e no grupo de trabalho?*
- b. Eu me considero uma pessoa serviçal para aqueles que me cercam?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT CONSTRUTOR POR GOSTO, POR APTIDÃO E POR NECESSIDADE.

Uma realidade que me chamou a atenção em São Marcelino Champagnat é sua aptidão para o trabalho manual. Talvez seja devido ao fato de eu mesmo ser bastante deficiente neste ponto.

Se se consulta a vida deste homem de Deus, dá-se conta muito rapidamente que desde sua juventude Deus o preparou para preencher todas essas tarefas materiais que lhe têm permitido sobreviver e das quais ele também se serviu para formar seus Irmãos.

São Marcelino Champagnat nasceu em Marlhès, uma das belas regiões rurais da França. Seu pai o iniciou desde sua infância aos trabalhos da granja. Sentia prazer nessas diversas tarefas rurais e desenvolveu numerosas aptidões nos setores da cultura dos campos, de criação de animais e de se entreter de construções e instrumentos nos rudimentares da granja.

Seu biógrafo acrescenta “que seu pai lhe deu até parelha de carneiros a fim de lhe permitir criá-los, de cuidá-los e de tornar-se responsável desse pequeno negócio.”

Assim não é preciso se surpreender que na ocasião da fundação do Instituto, no começo, era composto de jovens sem experiência e sem aptidão manual, são Marcelino tenha tido que pôr em prática esses rudimentos apreendidos desde sua infância.

Com efeito, como o financiamento de seus projetos de construção causava problema, precisou, para cortar as despesas, tornar-se ao mesmo tempo,

coveiro, pedreiro, marceneiro, latoeiro, ebanista, gesseiro, pintor, arquiteto e contratador. Ainda bem que os diplomas reservados não existiam ainda nessa época.

A propósito seu biógrafo escreveu: “Os postulantes deitavam-se sempre na granja. Para tirá-los, o Padre Champagnat trabalhou mais de oito dias para transformar o sótão da casa e servir de dormitório. Com algumas tábuas montou camas com suas próprias mãos.”

Pouco mais adiante, o Ir. João Batista continua: “Visivelmente a casa não podia ser suficiente para alojar todo mundo e uma nova construção era urgente. Marcelino Champagnat não duvidou de empreendê-la. Todavia, como ele estava sem recursos, esta construção foi feita por ele e pelos Irmãos; nenhum operário estranho nela pôs a mão. A comunidade levantava-se às quatro horas: os Irmãos e os noviços faziam juntos meia hora de meditação, participavam da missa e iam em seguida ao trabalho até às 7 horas da tarde.”

Mais tarde, fora da construção de l’Hermitage, o Ir. João Batista acrescenta: “Levantar o muro com os pedreiros, um reboco com os gesseiros, um móvel, um assoalho com os marceneiros, extrair as pedras com os aterradores, trabalhar no jardim, roçar um campo, carregar pedras, estrume: em qualquer trabalho ninguém o superava; e, nesses diversos trabalhos, se distinguia sempre por sua habilidade e qualidade do que fazia. Os mais fortes operários concordavam em dizer que com ele ninguém podia competir, e que ele realizava sempre mais de qualquer um deles.

Visitando esse lugar de nossas origens, descobre-se como Marcelino Champagnat caminhou fora da rotina, ‘hors des sentiers battus’, tornando-se “padre operário”.

E mais, ele queria que seus Irmãos se tornassem capazes para todos esses pequenos trabalhos manuais, que são necessários à manutenção do material a sua disposição. Ele dizia a propósito: “Um Irmão deve tornar-se capaz de realizar todos os trabalhos, todos os empregos do Instituto... Seguidamente, eu vejo, seja aqui no noviciado, seja, nas residências dos Irmãos, coisas que se gastam ou se usam mal, porque não se toma cuidado ou que não se sabe tirar proveito. Nada me causa mais pena, quando eu faço observações a esse respeito, eu ouvir dizer: “Eu não sei fazer aquilo, eu não estou habituado a trabalhar no jardim, consertar um utensílio, a tomar cuidado dessas coisas.”

Em resumo, São Marcelino Champagnat foi um construtor por gosto, por aptidão e por necessidade. Ele também quis formar seus primeiros discípulos ensinando-lhes a unir o trabalho manual e o apostolado: um bom meio de ficarem simples e modestos.

REFLEXÃO

Peçamos a São Marcelino Champagnat seu desejo de realizar coisas que permaneçam e que sejam proveitosas àqueles que nos seguirem.

CAPÍTULO 49

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT NOVO SANTO RECONHECIDO A PARTIR DE 18 DE ABRIL DE 1999.

Em 18 de abril de 1999, o papa João Paulo II incluiu Marcelino Champagnat, padre francês, fundador da congregação dos Irmãos Marista, na lista dos Santos de nossa mãe Igreja.

É com grande alegria e também extremo orgulho que vivi com meus aproximadamente 5 000 coirmãos do mundo este grande dia da canonização de meu amado fundador.

Para nós, Irmãos Maristas, que conhecíamos bem e que amávamos ternamente o santo homem Champagnat, a proclamação era desejada com muita esperança, esperada com certa impaciência e, com toda sinceridade, previsível a partir de algum tempo.

Mas para um cristão, que quer dizer a canonização de um Santo da Igreja? Que mensagem quer ela dirigir a seus membros ao declarar oficialmente que tal homem é “Santo”?

Pessoalmente eu penso que uma canonização tem um duplo objetivo: de uma parte, apresentar às pessoas de nosso mundo o modelo de alguém que desenvolveu bem sua vida de discípulo de Cristo e, por outra parte, oferecer aos cristãos um protetor a invocar.

Mas que caracterizou São Marcelino Champagnat para que a Igreja o apresente como modelo ao povo cristão?

Digamos antes que não era um grande sábio de teorias brilhantes. Não! De origem rural, ele era um humilde vigário de paróquia que vivia

integralmente sua vida de padre... homem à escuta das necessidades de seu meio. Um homem que foi tocado no íntimo de seu coração pela desordem e as numerosas carências intelectuais e religiosas que afligiam os jovens de sua época. Ele repetia seguidamente a seus confrades do seminário: “Precisamos de Irmãos para anunciar Jesus Cristo aos jovens, ao mesmo tempo lhes dar a educação e a instrução necessárias para torná-los virtuosos cristãos e bons cidadãos.” Foi então que ao encontrar um jovem moribundo, João Batista Montagne, batizado, mas totalmente ignorante de Deus, de Jesus Cristo e da religião, tornou-se o elemento desencadeador que o animou, aos vinte e sete anos, a começar a obra de sua vida: a fundação da congregação dos Irmãos Maristas. E até o fim ele foi seu mentor, seu líder, seu superior e seu ‘bom pai’.

A meu ver, eis os cinco valores fundamentais que têm orientado de maneira inteiramente marcante a vida e as ações de São Marcelino Champagnat e que fizeram, segundo a Igreja, um modelo a imitar pelos cristãos:

1. Acolheu Deus em sua vida e, assim, reconhecendo-lhe a primazia. Esta escolha radical por Deus pelo primeiro lugar, São Marcelino teve de refazê-lo a cada dia de sua vida.
2. Seu grande empenho foi de agir em conformidade constante com a vontade de Deus. Quando estava seguro de que Deus desejava um projeto, nenhuma pessoa e nenhum obstáculo poderiam fazê-lo hesitar nem recuar.
3. A convicção íntima de sua fraqueza acompanhada da confiança indefectível no Senhor. Por causa desses dois sentimentos que o animavam ele realizou uma obra prima que à primeira vista ultrapassava sua competência.
4. Seu amor filial por Maria. Ele a denominava “A Boa Mãe” e o “Recurso Habitual”.
5. Enfim, seu desejo intenso de anunciar Jesus Cristo aos jovens. O desejo que orientou seu grande projeto de fundação de sua congregação era educar os jovens do campo e torná-los virtuosos cristãos e bons cidadãos.

Em resumo, São Marcelino Champagnat foi uma pessoa comum, como qualquer de nós, que fez coisas incomuns porque tocado por Jesus Cristo e animado pelo desejo de corrigir as carências intelectuais e religiosas das quais se deu conta nos jovens de sua época.

REFLEXÃO

Peçamos ao Senhor, por intercessão de São Marcelino Champagnat, que os pais e os educadores tenham esse cuidado de transmitir aos jovens os valores que farão deles artífices de nossa sociedade de amanhã.

A MANSUETUDE DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT PELO IRMÃO CASSIANO

O Irmão Cassiano já era professor e tinha uma escola quando ele se tornou Irmão marista. Parece que por causa de sua entrada para a comunidade com a idade avançada, experimentou alguma dificuldade nos primeiros anos para se adaptar a seus jovens coirmãos, na comunidade, e mesmo com o Padre Champagnat. É então que o Irmão escreveu ao fundador para apresentar-lhe queixas.

O bom Padre Champagnat, que estimava muito esse excelente educador, lhe responde com uma carta da qual eis os principais extratos:

... “Eu não posso, meu caro Irmão Cassiano, esconder a dor que me causa sua posição e não consigo me expressar. Eu não creio, meu caro amigo, lhe ter faltado de maneira nenhuma: examinei as exposições que você acreditou dever me comunicar. E não tenho certamente menosprezado mandando-lhe os dois colaboradores que nós lhe temos dado. Você mesmo estava contente. Que aconteceu para perturbar sua paz? Quando o Irmão Denis o inquietou por seu descontentamento, não me dirigi em seguida até lá para retirá-lo? E quando você me tinha manifestado que preferiria conservá-lo, não aceitei a sua vontade? Quais são pois as razões que podem causar-lhe pena? Se você acha seus coirmãos muito imperfeitos para servir de modelos, lança, meu caro Cassiano, os olhos sobre aquela que é o modelo dos perfeitos e dos imperfeitos, e que eu os amo a todos...

... Por que, meu bom Irmão, voltar para o Egito para procurar conselhos? Maria não tem como o confortar? Eu lhe diria, meu caro amigo, como o profeta, para não ter nada a me reprovar, eu lhe direi que os socorros do Egito estarão entre suas mãos um frágil caniço que se quebrará e que, não temo de lhe predizer da parte de Jesus e de Maria, acabará rompendo-se.

... Se você desdenha meus avisos, dirija-se então ao Padre Collin, superior da Sociedade de Maria, que acaba de voltar de Roma, ou a Monsenhor Arcebispo ou ao padre Cholleton.

... Enfim, meu caro Cassiano, não faça nada com precipitação..”

Relendo esta carta cheia de respeito e de mansuetude por esse Irmão em crise que São Marcelino Champagnat estima muito, eu me digo que nosso santo fundador tinha o dom particular para descobrir e compreender as dificuldades de seus Irmãos e para ajudá-los a superá-las. O que eu aprecio particularmente aqui em São Marcelino Champagnat é a simplicidade e com a qual trata o Irmão um pouco especial, o tom respeitoso que acompanha seu pedido e seu desejo de responder rapidamente aos problemas que se apresentam. Ele o diz claramente ao Ir. Cassiano: “Não me dirigi em seguida para a sua casa?”... São Marcelino Champagnat nos prova aqui que ele aceita todos seus Irmãos tais como são e que ele se mostra muito atento às suas necessidades.

No parágrafo seguinte, Champagnat não discute sobre a perfeição ou a imperfeição de uns e de outros, ele se contenta em propor ao Ir. Cassiano o modelo da Virgem, a Boa Mãe, como ele a chamava. Percebia-se aqui o educador e o conselheiro que tenta tocar o coração mais que convencer o espírito com longas explicações, que, de toda maneira, se tornariam inúteis nessas circunstâncias.

Por sua vez São Marcelino Champagnat sente que o Irmão Cassiano levanta questões sobre sua vocação! Ele faz alusão então “às cebolas do Egito”, um meio muitas vezes lembrado quando uma coisa vai mal! Muito compreensivo, ele não pode impedir de conferir a verdade e de fazê-lo tomar consciência de seu assunto. Ele quer prevenir mais que curar!

Enfim, no último parágrafo, São Marcelino sugere ao bom Irmão pessoas que deveria consultar antes de tomar qualquer decisão importante e ele lhe suplica enfim de nada fazer com precipitação!

REFLEXÃO

Termino por três perguntas:

- 1. Tomo tempo para me ocupar de um coirmão, de uma esposa, de um esposo ou um amigo em dificuldade?*
- 2. Sei reconhecer as qualidades das pessoas que me cercam?*
- 3. Aceito incondicionalmente as pessoas com as quais vi, tais como são, e não com queria que elas fossem?*

São Marcelino Champagnat, ajuda-me a ser um conselheiro discreto para aqueles e aquelas que me cercam.

PEQUENOS GESTOS: GRANDES CONSEQUÊNCIAS!

Muitas vezes em nossa vida tomamos atitudes e nós dizemos palavras que, à primeira vista, parecem banais e sem importância, mas que em seguida apresentam consequências? Quem, por exemplo, não teve um dia ou outro encorajado um vizinho, um companheiro de trabalho, um parente ou um amigo, sem ter percebido que essas palavras gentis e este pequeno gesto de compreensão têm levado a essas pessoas uma ajuda inesperada?

A esse propósito, passando as cartas de São Marcelino Champagnat, eu descobri um trecho que ele endereçou ao Pe. Claude Duplay, pároco de Marllhes em Loire. Nessas poucas palavras rabiscadas às pressas ele reconhecia a influência marcante do Pe. Jean-Louis Duplay no projeto de fundação da Congregação dos Irmãos Maristas. É preciso lembrar aqui que o Pe. Jean-Louis Duplay foi o amigo, o confidente e o diretor espiritual de nosso fundador nos primeiros anos da fundação da Congregação Marista. Eis estas poucas linhas que me têm chamado a atenção:

“... Pode-se dizer, com toda verdade que o Pe. Jean-Louis Duplay, vosso irmão, é causa da existência dos Pequenos Irmãos de Maria. Eu não teria jamais empreendido e sobretudo continuado esta obra, se ele não a tivesse formalmente aprovado.

“... Ele fez mais: quando felizmente fez questão de seu estabelecimento definitivo, eu lhe tinha falado, como fazia sempre em empreendimentos de alguma importância. Logo se interessando por meu projeto, ele não acreditou de início que devesse deixar minha posição de vigário de Lavalla para aí me consagrar inteiramente. Tendo tido a ocasião de se entreter longamente de minha obra com o Pe. Dervieux, pároco de Saint-Pierre à Saint-Chamont, suas ideias modificaram. Quando voltei a visitá-lo ele me disse que ele veria com pesar que meus projetos não prosperariam.

“... Ele me repetiu que devia caminhar para frente, que minha iniciativa era a obra de Deus, que eu não tinha nada a temer. Fiquei muito satisfeito e reconfortado com essas palavras, e depois de então, eu lutei com mais confiança contra as contrariedades que se me opunham!”

Não é um pouco surpreendente e ao mesmo tempo interpelante ouvir tais propósitos?

Não nos demonstram que um bom conselho, uma palavra de encorajamento, uma felicitação apropriada ou um simples gesto fraterno pode orientar de maneira positiva o curso e a existência de uma pessoa?

Não nos conscientizam da importância desses gestos e dessas palavras mesmo se por vezes, como no caso de Pe. Jean-Louis Duplay, nós não nos damos conta da sua influência na vida daquele ou daquela a quem nós nos dirigimos?

Em outra ordem de ideias, esses escritos não nos permitem apreciar no mais alto ponto a honestidade, a humildade e a grandeza de alma de São Marcelino Champagnat que reconheceu de boa mente a importância e a influência primordial das palavras e das atitudes de seu confidente e confrade na busca de seu projeto de fundação?

REFLEXÃO

Como leigo engajado, como educador cristão, como religioso deve pôr em prática na sua vida de todos os dias o mandamento do Senhor: “Amai-vos uns aos outros!”:

- 1. Sei escutar com atenção, ter gestos fraternos de solidariedade e acrescentar palavras de encorajamento que possam dar força e coragem a minha esposa, a meu vizinho, a um companheiro ou a uma companheira de trabalho, a um jovem desanimado ou a um amigo em dificuldade?*
- 2. Sei apreciar e reconhecer em seu justo valor os bons resultados, as qualidades, e as boas ações daqueles e aquelas com quem estou todos os dias?*

São Marcelino Champagnat, inspira-me o momento certo de intervir junto daqueles que têm necessidade de mim e ajuda-me a apreciar o que há de belo, de bom e de bem nas pessoas a meu redor.

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, UM BOM PAI PARA O IRMÃO BARTOLOMEU!

Nos arquivos da comunidade marista encontram-se três cartas do Padre Champagnat ao Ir. Bartolomeu, um de seus discípulos, que parecem particularmente interessantes. Passei com muito prazer as três curtas missivas de muita espiritualidade e cheias de afeto. Aí encontrei um pai que agradece por uma delicadeza e que quis acompanhar e estimular um filho em seus bons desejos e no bom êxito de sua vida.

Eis algumas passagens particularmente significativas dessa correspondência.

“Fiquei muito contente em receber suas notícias. Também estou muito contente em saber que estão bem de saúde. Sei que têm bom número de alunos, terão, por conseguinte, bom número de cópias de suas virtudes, porque é sobre vocês que os alunos se formam, é a partir de seus exemplos que eles seguem sua conduta. Como sua função é importante, que sublime! Estão continuamente com quem Jesus Cristo se comprazia porque proibia expressamente a seus discípulos impedirem as crianças irem a ele.” (Carta de 21/01/1830)

“Não devem duvidar de que os considero todos como meus queridos filhos em Jesus e Maria, pelo doce nome de pai que me dão, trago-os todos bem no meu coração. Sensibilizaram-me os votos que formularam a meu respeito. Não os esquecerei. Nas minhas orações recomendarei aquele que me dirigiu tão belos votos. Estou atento a todos os aborrecimentos que possam causar-lhes, todos os incômodos que suportam vossos colaboradores. Tenham muito cuidado por vocês, a fim de que possam cumprir bem seus penosos deveres.”

Tenham muita coragem. Vejam, meus caros amigos, como é valioso aos olhos de Deus sua atividade. Grandes santos e grandes homens se felicitavam por um trabalho tão precioso a Jesus e a Maria! Deixem vir a mim estes pequenos alunos, porque é deles a quem pertence o céu.

Têm em mão o preço do sangue de Jesus Cristo. Seus numerosos alunos lhes serão, depois de Deus, devedores de sua salvação. Sua vida inteira será o eco do que lhes terá ensinado. Esforcem-se, não economizem nada para formar seus jovens corações à virtude; façam-lhes sentir que sem a virtude, sem a piedade, sem o temor de Deus, eles não serão jamais felizes; que não há paz para o ímpio. Que Deus só pode fazer sua felicidade, que é por ele só que eles foram feitos. Quanto bem, meu caro amigo, vocês podem fazer!” (Carta de 03/02/1831)

“Eu prometo que, na primeira viagem a Lião, irei vê-lo. Coragem, meu bom amigo, é preciso que tenha a vontade com seu bravo colaborador de ensinar um bom número de alunos...

“Não cesse de dizer a seus alunos que eles são os amigos dos santos que estão no céu, da Santa Virgem e em particular de Jesus Cristo... (Carta de 01/11/1831)

Relendo essas poucas linhas eu me faço as seguintes reflexões:

1. São Marcelino Champagnat sabe reconhecer as atenções que um jovem Irmão tem por ele e lhe agradecer com seu coração de pai.
2. Como bom educador, São Marcelino Champagnat colhe a ocasião que se apresenta para encorajar seu jovem discípulo na dura função de formador da juventude, ele sabe lhe mostrar como sua ação pode influenciar de maneira extraordinária os jovens alunos que o rodeiam todos os dias.
3. São Marcelino Champagnat não receia abordar o lado espiritual e sabe lembrar o objetivo fundamental da congregação: “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado e à Virgem Maria”.

REFLEXÃO

Terminemos essas poucas reflexões fazendo-nos as perguntas seguintes:

- 1. Estou convencido de que como cristão, como pai, como educador, como religioso, como Marista, eu posso ter uma influência notável sobre aqueles e aquelas com os quais eu vivo?*
- 2. Quando encontro pessoas em dificuldade, sei abordar o aspecto espiritual e lhes dizer que Jesus os ama imensamente e pessoalmente e os aceita tais como são?*
- 3. Sou eu para aqueles que me rodeiam testemunha ou motivador?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A INSATISFAÇÃO DO IRMÃO DOMÊNICO!

Quando lidamos com grupos humanos encontram-se pessoas cheias de boa vontade e de belas qualidades, mas que por outra há caracteres difíceis e maneiras de agir que podem pôr a paciência à prova. Como fundador da congregação marista São Marcelino Champagnat encontrou pessoas nem sempre fáceis de compreender e de dirigir.

Na leitura dessas cartas eu me deparei de que teve que enfrentar certos jovens cujas maneiras não eram nada fáceis e com exigências às vezes surpreendentes.

O Irmão Domênico apareceu como um desses indivíduos que pôs à rude prova a paciência de nosso santo fundador e que, por outra, nos permitiu descobrir em São Marcelino Champagnat esta condescendência que lhe atraiu o respeito e a confiança.

Nas notas biográficas da congregação, revela-se o Irmão Domênico como uma pessoa talentosa, mas ao mesmo tempo “como aquele, assim disse o bom Pai na sua carta de 28 de dezembro de 1838, que não se sente bem senão nos lugares onde ele não está”. Conta-se mesmo que nos seus primeiros anos, o jovem Irmão fez junto ao Padre Courveille uma fuga passageira, que, aliás, foi logo esquecida e perdoada! Compreende-se então facilmente como foi preciso paciência e tolerância para nosso fundador.

Parece que o Ir. Domênico escreveu ao Padre Champagnat em muitas ocasiões para lhe pedir de mudar de função e de lugar.

Os arquivos comunitários não conservaram senão quatro respostas que o bom Padre endereçou a esse indivíduo um pouco recalcitrante. Eis alguns extratos mais significativos.

“ ... Eu não creio que você seja capaz de dar uma cabeçada; você sabe o quanto custa quando se tem a infelicidade de fazer alguma. (Alusão sem dúvida à fuga.) Com um pouco mais de humildade e de obediência seus afazeres não mais iriam mal. Se o caro Irmão Ligório lhe tinha dito que todos os Irmãos o tinham felicitado por tê-lo como colaborador, teria você sido tão simples para crê-lo? É, meu caro Domênico, é impossível que nossas maneiras agradem a todo mundo.

... Você me diz que se seu substituto não vai lá você vem vir buscá-lo. É apressado, não temos ninguém na Casa Mãe nesse momento. Se você vier, você será obrigado a voltar como veio. Não deve você pagar um pouco este ano o que você fez sofrer aos outros que estiveram com você? Você é muito justo para pensar que você não contratou nenhuma dívida. Paciência, meu caro amigo, paciência, eu o verei em poucos dias, arranjarei tudo pelo melhor com a graça de Deus.

... Eu lhe responderei mais tarde. Entregue-se, enquanto espera, entre os braços de Maria, ela o ajudará poderosamente a carregar sua cruz.

... Compreendo, meu caro Domênico, compreendo bem tuas penas. Deus tem como recompensá-las bem, você não perderá nada com ele, nem mesmo os interesses, eu garanto. (23.11.1834)

E para finalizar, um parágrafo muito claro de 28 de dezembro de 1838:

Para você, meu caro amigo, nós estaremos sempre dispostos a lhe agradar e mesmo a lhe obedecer. Indique-nos uma função onde possa permanecer constante e contente e imediatamente nós o enviaremos. É muito desagradável não estar feliz nos lugares onde não se está bem. É, ainda, enganar-se grosseiramente querer pretender outro bem que nos é confiado...”

Que bondade paterna transpira dessas poucas linhas, mas, ao mesmo tempo, que honestidade e que franqueza!

Na sua primeira missiva São Marcelino Champagnat tenta primeiro conscientizar o rebelde do irrealismo dessas suas exigências; após lhe relembra que ele mesmo não está isento de fraquezas e faltas em relação àqueles com que ele vive; e termina sugerindo-lhe confiar no Senhor e a Maria que o ajudarão a ultrapassar suas dificuldades. Percebe-se em tudo aquilo o homem de experiência que apresenta argumentos após tocar o

coração, que tenta pôr o insatisfeito frente a suas obrigações e a suas próprias fraquezas e que termina sua intervenção sugerindo-lhe pedir a ajuda de Cristo e da Virgem Maria.

No texto da segunda carta, São Marcelino é mais direto. Ele reprova claramente ao Ir. Domênico sua intolerância e sua insatisfação.

REFLEXÃO

A leitura dessas citações me inspira as seguintes interrogações para meu próprio comportamento:

- 1. Estou feliz no que faço e no que vivo?*
- 2. Acontece-me pensar que às vezes, marido, minha esposa, coirmão ou coirmã, um companheiro ou companheira me enervam ou me agastam, cada tem que também suportar minhas bruscas mudanças de humor e minhas maneiras nem sempre muito acolhedoras?*
- 3. Sou eu aquele que tenta procurar as soluções mais que os problemas?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A ARTE DE MANTER E DE DESENVOLVER O ESPÍRITO DE FAMÍLIA.

Quantas vezes ao longo de minha carreira de educador e de administrador eu ouvi da parte de amigos e de antigos alunos que uma das grandes características dos Irmãos Maristas era o espírito de família.

Tomando conhecimento das cartas pessoais que São Marcelino Champagnat endereçou a alguns de seus primeiros discípulos, eu entendi como esse espírito se manteve e propagou entre nós.

São Champagnat era um homem muito ocupado. Em suas tarefas e nos escritos, ele não tinha tempo de brincar, ele ia direto ao objetivo. Suas cartas tinham objetivos muito precisos: encorajar, aconselhar, formar, responder aos pedidos e, sobretudo, promover o espírito de família.

O Ir. Antônio, um de nossos primeiros Irmãos, pareceu-me como um dos pilares desse espírito marista. Eis por que nas oito cartas endereçadas por nosso bom Padre a esse excelente coirmão e conservadas nos arquivos, transparece em um lugar ou outro este desejo de nosso fundador de cultivar em si e nos demais que vivem com ele o sentimento de pertença à comunidade.

Em 1830, havia um surto de revolução na França. Eis uma passagem da carta que o Padre Champagnat escrevia ao Ir. Antônio em 15 de agosto:

“... Não se espantem, nós temos Maria para nossa defesa. Todos os nossos cabelos estão contados. Não cairá nenhum sequer sem que Deus o permita. Persuadamo-nos bem que não temos maior inimigo que nós mesmos...”

Aquela de 4 de fevereiro de 1831 contém uma passagem típica desta arte que tinha São Marcelino Champagnat de desenvolver o espírito de família: “... A mais agradável notícia que pode me dar é sem nenhuma dúvida aquela de me anunciar que está contente com o Ir. Gonzaga... Não vejo a hora de ir vê-los a fim de abraçar os dois.”

Sua resposta de nove de janeiro de 1835 aos votos recebidos, fala por ela mesma: ... “Estou muito sensibilizado pelos votos de bom ano que me desejam. Acredito que são bem sinceros e eu posso lhes assegurar que estes que formulo eu mesmo para todos e a cada um e por vocês em particular são também verdadeiros.

Estou penalizado por saber da doença do Ir. Moisés. Tenham muito cuidado dele, a fim que se restabeleça rápido. Não penso em transferi-lo enquanto ele não me peça. Que ele ponha sua confiança em Deus que o ajudará a cumprir seu dever. Maria, nossa mãe comum, lhe dará a mão. Digam-lhe que sinto muito por seus sofrimentos e que conheço o bem que realizou. Mais tarde, Deus lhe reserve uma boa recompensa.

Tudo corre bem na Casa Mãe e em outros lugares. Não temos doentes, graças a Deus. Os dois novos estabelecimentos têm muitos alunos. Temos enviado um quarto Irmão a Sury.

Recebemos muitos noviços. Demos o santo hábito a uma vintena no dia da Epifania; resta uma quinzena que não o receberam; todos parecem bem fervorosos. Veem nos pedir novamente três Irmãos para um espécie de Providência a estabelecer na cidade de Lião; estamos bem aborrecidos porque não sabemos onde consegui-los.

Rezem por nós a fim de que não façamos nada contra a vontade de Deus...

Deixo-os nos santos Corações de Jesus e de Maria...”

Tem-se a impressão de escutar um pai que agradece antes pelos votos recebidos, que sofre com um filho doente e que lhe aconselha de se confiar no Senhor e na Virgem, nossa Mãe comum, e reconhecendo seu bom trabalho. Prossegue dando notícias encorajantes da congregação em geral e do noviciado em particular. Não pode terminar sua missiva sem acrescentar uma última palavra espiritual na qual faz referência a Jesus e a Maria.

Não é maravilhoso constatar até que ponto São Marcelino Champagnat queria interessar os Irmãos por tudo que se passava na Congregação e particularmente aos mais jovens que representavam o crescimento futuro.

São Marcelino Champagnat é modelo para aqueles ou aquelas que queiram estabelecer e manter boas relações e um verdadeiro espírito de família.

REFLEXÃO

No final desta curta palavra eu exponho as duas questões seguintes:

- 1. Será que sei partilhar com os que me cercam minhas preocupações pessoais, meus êxitos e meus fracassos?*
- 2. Sou eu um fator positivo na manutenção do bom espírito em minha família, na comunidade, no meu meio de trabalho?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E OS MOMENTOS PESAROSOS DE SUA VIDA!

São Marcelino Champagnat não teve um existência totalmente tranquila. Os primeiros anos da fundação da Congregação Marista foi semeada de problemas e de dificuldades particularmente difíceis. Sobre tudo quando o Pe. Courveille quis se ingerir na direção dos Irmãos. Infelizmente para esse eclesiástico, essa experiência terminou de maneira abrupta. Com efeito, precisou deixar precipitadamente l’Hermitage por razões obscuras que não entram no objetivo deste propósito. Entretanto a saída tocou profundamente São Marcelino Champagnat de tal sorte que decidiu comunicar a sua confusão a seus superiores.

Tomei conhecimento de três cartas que nosso fundador escreveu às autoridades eclesiásticas durante este período sombrio. Aquela que ele endereçou ao Vigário Geral de Lião, provavelmente Mons. Cattet, em maio de 1827, fez-nos compreender como esse acontecimento infeliz lhe foi penoso. Eis alguns extensos trechos:

“... A infeliz questão Courveille e a despedida de Monsenhor Terraillon (dois padres que o ajudavam na direção dos Irmãos), me colocam em uma falsa posição a respeito da conversa do público, que fala sempre sem conhecimento de causa. Todos esses contratemplos me afligem, na verdade, mas não me espantam, porque pensava e o dizia mesmo que não estávamos certos de provas. Estou mesmo muito certo de que a divina Providência me poupa ainda. Mas, ousou dizê-lo, em vista de que Deus não me abandone, que seu santo nome seja bendito eu não temo nada.

... Estou só; apesar de tudo, não perco a coragem, sabendo como Deus é poderoso e como seus caminhos são ocultos aos homens mais clarividentes. Muitas vezes ele atinge seu objetivo embora creiamos que esteja o mais afastado.

Eu tenho sempre uma firme fé de que Deus quer esta obra neste tempo em que a incredulidade faz tão horrível progresso; mas ele quer talvez outros homens para estabelecê-la. Seu santo nome seja bendito. Desejo mais que sempre cumprir sua santa vontade logo que possa conhecê-la.

Venho expor-lhe simplesmente minha posição e, de acordo como julgar útil à glória de Deus, vós agireis. Depois de lhe informar dos fatos e como aquilo caminha, eu descansarei no Senhor e na Santíssima Mãe, e bendirei seus santos nomes.

Calculo que estaremos em férias com mais de oitenta, visto o grande número que somos e o grande número de postulantes. Terei necessidade de visitar todos os nossos estabelecimentos de dois meses para ver se tudo corre bem; se algum de nossos Irmãos não crie problemas, a fim de remediar desde o principio; se a limpeza e o regulamento são observados; se os alunos fazem progressos, sobretudo na piedade; se, numa palavra, os Irmãos não perdem o espírito de seu estado...”

Quando se lê atentamente esta carta, sente-se antes em Champagnat certa confusão... Ele sente-se só... Em suma é um pouco S.O.S. que ele lança a um de seus superiores. Tem uma necessidade urgente de ajuda para auxiliar a congregação marista de sobreviver e de continuar a se desenvolver. Entretanto ao longo dessa demanda percebe-se claramente que ele se entrega à clarividência de seus superiores.

Não esquece também de sublinhar que se Deus quer talvez outras pessoas para dirigir o Instituto e ele está pronto a deixar seu lugar se é tal a vontade de Deus.

Embora continue a crer na confiança do Senhor e a sua Sana Mãe Maria.

Enfim, bela lição que nos dá Marcelino Champagnat é esta abertura àqueles que o dirigem. E não se curva às suas dificuldades, mas ele informa as pessoas que podem ajudá-lo.

REFLEXÃO

Esta carta me interroga pessoalmente:

- 1. Em minhas dificuldades, mantenho a confiança inquebrantável ao Senhor e a Maria?*
- 2. Quando tenho problemas, sei informar às pessoas de bem que podem me ajudar com apoio e seus conselhos?*
- 3. Creio que eu não sou indispensável e que outras pessoas podem muito bem ocupar meu lugar com mesmo resultado?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, UM CONSELHEIRO APRECIADO!

São Marcelino Champagnat era para os primeiros Irmãos Maristas um verdadeiro pai e conselheiro procurado. Muitos de seus primeiros discípulos lhe abriam espontaneamente sua alma e seu coração nas dificuldades que encontravam no curso de sua iniciação ao trabalho de educador da juventude e nos seu encaminhamento como religioso marista.

Eis porque muitos lhe têm escrito para lhe confiar seus problemas e esperar em retorno seus conselhos judiciosos. Nós não possuímos nenhuma dessas cartas que os Irmãos lhe endereçaram porque, como bom pai espiritual, ele as destruía sistematicamente depois de ter tomado conhecimento e respondido pessoalmente a cada um.

Na leitura dessas respostas de nosso bom Pai, é fácil perceber como era um homem muito ocupado. É a razão pela qual ele ia direto ao final nas respostas e seus conselhos claros e concisos.

A este propósito, a resposta que endereçou ao Irmão Eutímio em 19 de março de 1837, é um belo exemplo de sua maneira de proceder. Eis o que ele escreveu:

“Meu caro Irmão Eutímio

Estou muito contente de tua cartinha. Coragem, meu caro Irmão, Jesus e Maria serão tua recompensa: em tuas tentações implora-lhes seu socorro, não permitirão jamais que tu sucumbas. Trata de fazer bem tua meditação, é um grande ponto na vida de um religioso. Posso te afirmar que respondo de tua salvação se fores exato em fazer bem a meditação.

Calcula também como é importante tua aula; depende de ti formar à religião todos os alunos a quem ensinas; depende de ti abrir-lhes ou fechar-lhes o céu. Tenha em mente, meu caro amigo, edificá-los, rezar por eles, imprimir fortemente o amor de Deus em seu jovem coração. Recita todos os dias antes de começar a aula três ave-marias.

Deixo-te nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.”

São Marcelino Champagnat agradece antes bem simplesmente ao Irmão por sua carta. Lembra-lhe em seguida a necessidade de recorrer a Jesus e a Maria para vencer o velho homem. É claro e preciso.

Pede-lhe ser fiel a seu contato pessoal quotidiano com o Senhor através da meditação bem feita. Recorda-lhe que é um exercício primordial na vida de um religioso! Com os grandes mestres espirituais acrescenta que a exatidão a este exercício diário é uma segurança de salvação.

Por fim, ele lhe passa reflexões sobre a grandeza da tarefa do educador religioso. Sublinha a importância capital de sua ação junto aos jovens que lhe são confiados para a conduta de sua vida futura.

Que simplicidade em suas palavras! Que concisão, realismo e sabedoria saltam dessas palavras! São Champagnat se apega às coisas fundamentais para a vida de um cristão, de um religioso e para a tarefa de um fundador.

Os melhores conselhos são muitas vezes aqueles que emergem de uma experiência pessoal. Em São Marcelino Champagnat a fidelidade a seus exercícios espirituais é uma de suas características. Embora seu trabalho absorvente, embora as atividades açambarcadoras, encontra sempre tempo para cumprir este dever quotidiano fundamental. Muitas vezes ele subtrai das horas de repouso para recitar seu breviário, seu terço e para fazer sua meditação.

É preciso surpreender-se de que os Irmãos iam tão naturalmente e com tal confiança a esse pai e a este mestre espiritual cujos exemplos falavam mais forte que os escritos e as palavras?

REFLEXÃO

São Marcelino Champagnat, seja para os cristãos e para os Irmãos Maristas de hoje um modelo a seguir no acompanhamento espiritual.

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A REALIDADE DA MORTE!

A compaixão é uma virtude que pode intervir no papel eficaz no alívio do sofrimento humano e na cura de dores morais profundas.

São Marcelino Champagnat possuía esta qualidade, um dos mais belos aspectos do amor concreto para o próximo.

Uma das mais longas cartas que ele tinha escrito ao longo de sua vida, datada de 16 de março de 1836 e endereçada a Maria Clermondon, esposa de seu irmão João Bartolomeu, por ocasião do falecimento deste último, ilustra bem esta característica de nosso fundador.

Reconhece-se aí a delicadeza de seus sentimentos e a série de reflexões que a morte de um ser querido lhe sugere. Eis alguns extratos:

“Sinto muito não ter podido estar presente a meu pobre irmão durante sua doença. Não acreditava fosse mortal. Diziam-me que ele estava melhor. Há apenas alguns dias que me anunciaram esta notícia em Paris. Ofereci e fiz rezar o santo sacrifício da missa por ele. Não duvido sequer um instante que Deus lhe foi misericordioso e que recebeu sua alma na verdadeira paz.

Como esta vida é curta, como é pouca coisa e quantas misérias lhe são inseparáveis. Não faz que dois dias, me parece, nós estávamos todos reunidos na mesma casa em que você mora e você morará ainda muitos dias se o Senhor o quiser. De treze ou catorze que éramos, eu fico o único. Meu Deus, como o homem que não vive segundo Deus, é infeliz; como aquele que se agarra a um bem que deixa para não mais o receber é cego. ... Minha cara cunhada, quanto você chorou e que também chorei, se ele não lhe deixou grandes bens, lhe deixou e a seus filhos o exemplo de uma vida bem cristã, e é por isso que fico consolado ao lembrar que era meu irmão.

Nunca subo ao altar para a missa sem pensar nele. Tardaremos nós muito a segui-lo ao túmulo? O momento está marcado, você o ignora, eu também o ignoro, mas é importante que nós o saibamos. Prevenimo-lo por uma vida toda para Deus e segundo Deus...

... Logo mais quando estarei de volta de Paris irei vê-la. Diga também a toda a família como lhes sou afeiçoado.

Desejo a todos, não riquezas, mas uma boa consciência, um ardente amor por Deus. Que Jesus e Maria sejam seu único tudo. Rezem por mim..."

Na morte de um ser querido São Champagnat não é insensível. Aproveita, entretanto, a ocasião para esclarecer este acontecimento doloroso da visão que ele tinha dessa privação inelutável para cada um ou cada uma dentre nós.

Fala em primeiro lugar da misericórdia do Senhor. É para ele um elemento primordial para seu irmão nas circunstâncias.

Em segundo lugar sublinha, sobretudo, a brevidade da vida; insiste na importância de viver cada dia segundo a vontade de Deus e de não se apegar aos bens que passam e que são secundários para ele.

Lembra em seguida a incerteza do momento de nossa morte. Portanto a necessidade de preveni-lo por uma vida centrada em Deus.

Mas ele é humano e compassivo com o sofrimento da família. Promete uma visita pessoal quando sua voltar de Paris.

Recorda a predominância do amor de Deus e de uma boa consciência sobre as riquezas e termina desejando que Jesus seja o único todo!

REFLEXÃO

Não é que esta carta nos mostra bem como São Marcelino Champagnat levava a sério a realidade da morte?

- 1. Da minha parte, possuo a compaixão concreta para aqueles que me cercam?*
- 2. Que reações e que reflexões suscitam em mim a morte da mãe, do pai, de uma irmã, de um irmão, de uma amiga, de um amigo?*
- 3. Estou convencido, como São Marcelino Champagnat, de que a melhor maneira de prevenir a morte é levar uma vida centrada em Cristo?*

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, UM SUPERIOR PRÓXIMO DE SEUS IRMÃOS!

Escolhi várias passagens da carta que São Marcelino Champagnat dirigiu ao Irmão Denis, superior em Saint-Didier-sur-Rochefort, em 5 de janeiro de 1838, para ilustrar como ele estava muito unido com seus Irmãos. Aproveitava desses contatos para corrigir firmemente, para acolher judiciosamente, para felicitar apropriadamente, e para dizer a todos e a cada um como ele os levava no coração e nas suas preces.

“Se você quiser, meu bom amigo, escreveu ele, que eu continue a adverti-lo das faltas, não é preciso achar meus avisos tão estranhos. Você não soube cuidar da vigilância a respeito de seus alunos; não se desculpe em nada a respeito. Estou muito admirado que você não encontrasse nada na regra que proíbe convidar estranhos em certas circunstâncias, enquanto encontra desculpas para admiti-los: onde está o espírito? ... Você não deve mais sair sem avisar o Irmão vice-diretor e lhe dizer o lugar onde vai...

... Você me falou do desejo que tem de ir às missões da Polinésia. Cultive, meu caro amigo, esse desejo, eu creio que vem de Deus; creio que você tem, aliás, qualidades e meios apropriados para esta obra...

... Quanto ao Irmão Flaviano, cuide de não mandá-lo de volta, será impossível transferi-lo neste momento. Trate esse Irmão com muitos cuidados. Diga-lhe que ele deve ser seu suplente e nesta qualidade entender-se com você para promover o bem de todos os alunos que lhes são confiados... sabem todos que eu não aspiro senão o seu bem. Não há nenhum verdadeiro bem que não lhes deseje e que eu não estou dispôs a tudo fazer e tudo empreender para lhes procurar esse bem.

Soube com muito agrado a respeito da sua boa conduta do Irmão João. Eu o amo também como o sobrinho de M. Courbon que amo muito como meu superior. Não perco de vista o bom Irmão Pascal. Deus queira lhe conservar a saúde que lhe concedeu na sua infinita misericórdia. Vocês estão bem convencidos, ao menos devem ser, que eu os amo todos bem ternamente, eu quero, eu desejo ardentemente que nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo pai que é Deus, da mesma mãe que é a santa Igreja. Enfim, não é tudo dizer numa palavra, Maria é nossa mãe comum, poderia ela ver com um olhar indiferente que nós conservamos alguma coisa no coração contra um daqueles que ela ama mais que nós talvez?

Adeus, meu caro Irmão Denis, saudações a todos, nos sagrados corações de Jesus e de Maria.”

Quando releio esta carta tenho a impressão de ouvir um líder que conhece bem seus subordinados e que se dirige sem rodeio a eles e que ele os ama e os estima no seu justo valor.

Ele comece, entretanto, por uma pequena repreensão sobre a maneira de aceitar os avisos...

Seguem conselhos judiciosos sobre a conduta a seguir enquanto responsável de uma sala de aula e de superior de um grupo comunitário.

Em seguida são as palavras mais pessoais de encorajamento e de felicitação, para cada um dos membros da comunidade que provam que o Padre Champagnat conhecia bem cada um pessoalmente.

Em todas essas linhas adivinha-se facilmente que aquilo que é importante para São Marcelino Champagnat é manter entre os Irmãos um bom entendimento cordial e uma aceitação recíproca incondicional embora as diferenças e as susceptibilidades de caráter... A esse propósito ele insiste muito para fazer compreender a todos como a comunidade deve formar uma grande família, pois, cada um dos seus membros é filho de um mesmo pai: Deus, e de uma mesma mãe: a Igreja. E no fim não esquece Maria, a Virgem dos Irmãos Maristas.

REFLEXÃO

Para terminar, algumas perguntas.

- 1. Como esta carta de São Marcelino Champagnat me questiona?*
- 2. Sei interessar-me por aqueles que me cercam? De que maneira?*
- 3. Sou um fator positivo para aqueles que me cercam e com quem eu vivo? Estou junto deles?*

São Marcelino Champagnat, ajuda-me a ser atento às necessidade dos membros de minha família e de meus companheiros e companheiras de trabalho.

A PERSISTÊNCIA DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT!

Quando percorremos os episódios da vida de São Marcelino Champagnat, especialmente daqueles da sua infância e de sua adolescência, nos damos conta de que era um menino voluntarioso, mesmo aferrado à sua opinião em certas ocasiões, com um desejo intenso e profundo de responder ao apelo que lhe tinha feito o Senhor.

Com efeito, após o encontro profético com os Padres Jean-Antoine e Antoine Linossier, que o tinham interpelado claramente sobre a vocação sacerdotal, Marcelino não tinha senão uma ideia na cabeça: responder custe o que custar a esse apelo privilegiado do Senhor.

Para chegar aos seus objetivos, ele se inscreveu, antes, no curso de francês elementar com seu cunhado, Benoît Arnould, professor. O que é então surpreendente, é que embora o fracasso desta iniciativa e os prognósticos desencorajadores desse ensino, Marcelino persistiu no de seu desejo incansavelmente em tornar-se sacerdote.

Depois foi o período mais difícil do seminário menor, devido a sua idade avançada e a sua falta de preparação inicial. Conta-se mesmo que foi desligado no fim do primeiro ano e que ele não teve sua nova aceitação senão pela persistência de sua mãe em crer nele e a convencer as autoridades de lhe dar uma nova oportunidade. Então Marcelino pôde continuar seu caminho no ideal entrevisto e empenhando novos esforços e horas suplementares de estudos.

Assim, depois de um caminho de onze anos cheio de altos e baixos, pôde enfim realizar seu sonho da juventude na idade respeitável de vinte e sete anos.

O que é maravilhoso, nessa primeira etapa de seu itinerário vocacional, foi sua determinação e sua persistência, por vezes mesmo temerárias, foi sua

convicção, quase utópica, de conseguir e realizar um dia, com a ajuda do Senhor, seu grande ideal de sacerdócio.

Em sequência, seus primeiros passos apostólicos o fizeram encontrar fortuitamente Jean-Baptiste Montagne e isto o decidiu em se lançar na grande aventura de sua vida: a fundação de uma congregação de educadores religiosos. Para ele, esta decisão foi muito refletida e motivada até o mais íntimo de si mesmo. Ela teve, entretanto, de passar pelo crisol de suas próprias incertezas e da contradição alheia. Embora tudo, ele a manteve por uma confiança ilimitada na Providência e em Maria, “A Boa Mãe”, e finalmente, ele levou-a a sua plena realização embora suas próprias deficiências e as oposições cruéis e mesmo violentas de seus próprios confrades e amigos.

Uma imagem que cabe com essas reflexões é esta representação de Marcelino, empunhando um malho, fendendo o rochedo com toda força de seus braços vigorosos, apesar de os operários lhe tivessem dito que era uma tarefa impossível.

Esta força de caráter e esta audácia de Marcelino encontravam sua origem numa vida espiritual intensa, toda centrada no Senhor e em Maria, e lhe faziam dizer com uma grande esperança no fim de sua vida: “Como é bom morrer na sociedade de Maria!”

REFLEXÃO

*Sou eu persistente e tenaz na minha decisão de ir
avante?*

AS PESSOAS QUE INFLUENCIARAM MARCELINO CHAMPAGNAT!

Ao longo desta página queria fazer referência às personagens que tiveram boa influência no encaminhamento humano e espiritual de Marcelino Champagnat e como tiveram para ele ajudas preciosas.

A primeira imagem que me vem à mente é aquela de sua mãe, Maria Chirat, mulher do povo, mãe devotada, educadora de primeiro plano. Ela transmitiu a seu filho, os valores cristãos do amor do Senhor, de fidelidade aos princípios evangélicos e às práticas religiosas de seu tempo. Para Marcelino, ela foi a primeira evangelizadora iniciando-o nas virtudes humanas de honestidade, de simplicidade de transparência. Ela também lhe ensinou o amor da família e da partilha com seus irmãos e irmãs.

Sua tia Luísa Champagnat, como religiosa Irmã Teresa, religiosa expulsa de seu convento pela revolução francesa, também marcou o pequeno Marcelino e contribuiu para sua formação por seus exemplos, e lhe inculcando progressivamente a devoção à Virgem Maria.

João Batista, seu pai, realizou papel insubstituível na formação humana. Ensinou-lhe os rudimentos de numerosas atividades que faziam parte das competências de um granjeiro dessa época. Essa aprendizagem foi, para o futuro, muito útil a Marcelino em seu papel de fundador e de construtor. Mais, João Batista, por seus exemplos, sobretudo, desenvolveu em Marcelino uma tendência marcada a ajudar os outros, especialmente aqueles que tinham problemas referentes à revolução francesa.

Durante o seminário menor, Marcelino conheceu o Pe. Antônio Linossier, professor competente, mestre de disciplina respeitado pelos alunos e conselheiro atento, que o interpelou após sua experiência negativa com “a banda da alegria”. Em seguida, o Pe. Linossier confiou a ele nomeando-o

responsável do dormitório dos mais jovens. E mais, este padre, por seu modo concreto de transmitir seus valores aos jovens, foi um modelo que Marcelino muito usou nas suas exortações ulteriores a seus Irmãos.

O Pe. João Luís Duplay foi seu confessor no curso dos primeiros anos de seu encaminhamento como padre, mas também amigo sincero e confidente respeitoso de seu encaminhamento. Esse guia apreciado soube dirigi-lo através das dúvidas que precisou vencer e as provas que então encontrou.

Continuando a leitura da vida de Marcelino, tive informações através do Irmão Estanislau, um dos primeiros maristas, que era mais velho e mais experimentado que os outros aspirantes. Antes de ensinar como a maior parte de seus coirmãos, Irmão Estanislau ficou em l'Hermitage para ocupar-se do cuidado do material da casa e dos aposentos do bom Padre. Esteve a serviço e o acompanhou nas visitas aos Irmãos das escolas e aos paroquianos doentes. Esteve particularmente presente a Marcelino durante as duas grandes doenças da vida.

Chego finalmente ao Irmão Francisco que, durante a vida de Marcelino, era seu braço direito na gestão geral e seu substituto durante suas ausências repetidas a Paris e além da visita das escolas. Francisco foi seu sucessor como Superior Geral da Congregação Marista.

Esses diversos personagens foram para São Marcelino enviados do Senhor que o ajudaram a prosseguir em sua vida humana e espiritual.

REFLEXÃO

*Quais são as pessoas que têm influenciado
minha vida?*

CAPÍTULO 61

OS ACONTECIMENTOS NOTÁVEIS DA VIDA DE SÃO MARCELINO.

Toda vida humana está demarcada por acontecimentos que influenciam seu desenvolvimento e sua orientação. São Marcelino também, ele mesmo, confrontou-se com desafios que têm sido fontes de motivação. Nos próximos parágrafos, assinalo alguns desses momentos que tiveram consequências importantes para ele.

Antes de tudo, é seu primeiro e único dia de aula pública. Diante da reação brutal do professor, Marcelino se desgosta e recusa continuar a frequentar a escola, uma decisão que lhe acarretará muitos prejuízos na continuidade ulterior de seu ideal sacerdotal e que lhe dará consciência da necessidade para os jovens terem professores competentes e paternais.

O segundo episódio que mudou completamente o plano de vida de Marcelino foi a visita dos Padres João Antônio Cartal e Antônio Linossier que lhe lançaram vibrante apelo da parte do Senhor: “Meu amigo, Deus o quer, é preciso você se tornar padre!” Para mim, é o elemento mais importante de toda a vida de Marcelino. Sem esse apelo inicial, ele se teria tornado um granjeiro e um bom administrador.

Depois, foi seu fracasso aparente naqueles meses de curso que lhe deu seu cunhado Benoît Anaud. Longe de desencorajá-lo o julgamento negativo de Benoît afirmou mais seu desejo de continuar sua ascensão ao sacerdócio.

E chegamos ao incidente da “gangue da alegria” com a qual ele se deixa levar ao bar da esquina. É então que a intervenção oportuna de um de seus formadores, Pe. Linossier, fê-lo voltar à realidade depois desse erro de jovem, e o pôs a tomar fortes resoluções que o recolocariam no bom caminho.

No tempo do seminário maior, vê Marcelino participar com um grupo de companheiros em encontros de discussões que lhe abrem o espírito às necessidades de seu tempo e lhe faz repetir com insistência: “Precisamos de Irmãos!” de tal modo que acabaram por lhe dizer: “Eh bem! Tu te ocuparás disso então!”

E é o encontro com João Batista Montagne, esse jovem moribundo, analfabeto intelectual e espiritual, que o preocupa no mais profundo dele mesmo e o anima fortemente a se lançar, sem demora, para a grande aventura de sua via.

Depois, é a resposta espantosa e inesperada da Virgem a sua falta de vocações com a chegada abrupta de oito jovens recrutas, enganados pelo guia, mas que não quer mais deixar Marcelino e Lavalla.

Em outra ocasião, Maria estende de maneira brilhante sua proteção no caminho perdido na neve ao “Lembrai-vos” e lhe confirma claramente que ela é seu “Recurso habitual”.

E finalmente, é o fender do rochedo com vigor estupefaciente pelo qual Marcelino manifesta com muito ardor seu desejo de não abandonar, mas de prosseguir custe que custar.

São esses acontecimentos, e muitos outros, que facetaram o caráter de Marcelino e que foram para ele etapas importantes de sua carreira de cristão, de sacerdote e de fundador.

REFLEXÃO

Quais são os acontecimentos marcantes de minha vida?

DEUS SABE TIRAR O BEM DO MAL.

São Marcelino nasceu em 20 de maio de 1789, ano do começo da revolução Francesa. Sabe-se como esse período da história da França foi nefasta para a religião e a educação do povo. A tomada do castelo de Tuileries, em 10 de agosto de 1792, entregou a revolução às mãos dos “sans-culottes” que tomaram a direção da política nacional.

Em 18 de agosto a assembleia legislativa votou a supressão de todas as congregações religiosas. A primeira atingida por este voto foi aquela dos Irmãos das Escolas Cristãs, apesar de que, segundo o repórter “O comitê acreditava poder incluir entre as instituições úteis os Irmãos das Escolas Cristãs, encarregados de ensinar em muitas cidades, a ler, a escrever, a aritmética e os elementos do comércio... Esta associação, formada sob os auspícios dos Jesuítas, teve sempre o fanatismo e a intolerância. Ele não pode, portanto, ser mantida como corporação.”

Em consequência, o ensino público estava interdito aos membros desta congregação, mas eles estavam obrigados a continuar suas aulas até a chegada dos substitutos.

Os documentos são formais: “Durante a revolução a instrução tinha declinado; os fechamentos de escolas eram infinitamente mais numerosos que escolas criadas, e as evasões dos mestres eram mais frequentes do que as novas vocações de professores.”

Os relatos traçam um retrato mais que lastimável da situação que prevalecia depois da revolução: “A juventude está entregue à ignorância mais profunda e à libertinagem mais alarmante. Cai na insubordinação, mesmo nos desregramentos, donde é difícil retirá-la; os filhos estão entregues à ociosidade mais perigosa, à vagabundagem mais alarmante; não têm mais ideia da Divindade, sem noção do justo e do injusto: daí os costumes selvagens e bárbaros, daí um povo feroz.”

Ora, a pós-revolução averiguou-se extraordinariamente benfazeja para a Igreja e para a sociedade francesa. Com efeito, de 1815 a 1840 enumerase a criação de uma vintena de comunidades religiosas de educadores e educadoras que souberam estancar, ao menos em parte, as feridas resultantes da revolução.

Entre esses novos Institutos, citamos os Irmãos da Instrução Cristã da Bretanha do Pe. João Maria de La Mennais, os Irmãos de São José da diocese de Nans, cujo fundador fora Pe. Dujarié de Rouillé-sur-Loire, os Irmãos de São Gabriel de Nancy fundados pelo Pe. Fréchar, os Irmãos da Instrução Cristã da Vendaia do Pe. Deshaies, os Irmãos Marianistas de Bordéus com o P. Chaminade, os Irmãos do Sagrado Coração da diocese do Puy, instituídos por P. Coindre, os Clérigos de Saint-Viateur da diocese de Lião, cujo fundador foi o P. Querbes de Vourles, os Irmãos da Cruz de Mons. Bochart da diocese de Belley, com os quais o Padre Champagnat teve numerosos problemas, e os Irmãos da Santa Família, também da diocese de Belley, com o Irmão Gabriel Taborin, os Irmãos da Doutrina Cristã de Saint-Paul-Trois-Châteaux, que se uniram aos Irmão Maristas em 1842, e aqueles de Viviers, unidos também aos Irmãos Maristas em 1844, sem esquecer que esses últimos, fundados por São Marcelino Champagnat em 1817. Poderse-ia acrescentar a esta lista o nome de grande número de congregações de religiosas educadoras que nasceram durante este período crucial.

Esses novos Institutos, que surgiram como cogumelos, nos fazem tomar consciência, com uma acuidade profunda, que o Senhor sabe inspirar, em tempos e lugares, pessoas generosas, e lançar nos projetos pelos quais ele sabe “tirar o bem do mal”.

REFLEXÃO

Conheço acontecimentos de minha vida em que o Senhor soube tirar o bem do mal?

O HORÁRIO DO DIA DO VIGÁRIO CHAMPAGNAT.

Quando o Pe. Champagnat chegou a Lavalla deu-se conta logo que seu futuro trabalho apostólico deveria antes de tudo ser orientado para o aprimoramento da vida espiritual da paróquia, de seus paroquianos. Mas percebeu também que devia, para ter uma ação eficaz, antes ser para todos e para cada um exemplo de fidelidade ao Senhor e de amor ao próximo. Também, em seu ardor de jovem, estabeleceu um horário diário do qual dou os grandes elementos abaixo. Isso nos permite compreender que ele era um padre espiritual, todo impregnado de amor de Deus e orientado para o serviço dos outros.

Levantava-se às 4 horas. Depois da toailete, fazia meia hora de meditação antes de deixar seu quarto. Em seguida celebrava a eucaristia na igreja paroquial, sempre precedida por quarto de hora de preparação, seguida de igual tempo de ação de graças. Depois, após a missa, os paroquianos podiam encontrar-se com ele para confissão ou para aconselhamento particular.

Depois de frugal café da manhã ele retornava à igreja para fazer o catecismo aos jovens da paróquia, durante uma hora, depois retornava para seu quarto onde, no resto do tempo antes do meio dia ocupa o tempo para uma hora no mínimo consagrada ao estudo da teologia, à recitação de uma parte de seu breviário, à redação de registros de seu ministério e para a preparação de suas homilias de domingo e das festas. Diga-se aqui que não fazia nenhum sermão aos paroquianos sem o ter preparado com muito cuidado. O restante do tempo antes do meio dia, dirigia-se à igreja para uma visita ao tabernáculo e à Virgem Maria. Terminado o almoço, destinava um período de repouso e passatempo, durante o qual ele guarda sempre um comportamento alegre, mas digno.

Depois do meio dia ocupava-se em grande parte, à visita dos doentes e a encontros pessoais ou de grupos com os paroquianos para melhor

conhecê-los e lhe passar seus conselhos e sua ajuda. A este propósito, ele tinha escrito no seu diário: “Aplicar-me-ei de maneira particular à virtude da doçura e, para levar mais facilmente o próximo a Deus, eu tratarei a todos com grande bondade.” Quando voltava de suas visitas, passava pela igreja para visitar a Eucaristia e a Virgem no seu altar e voltava a seu quarto para recitar uma parte de seu breviário e para realizar pequenos trabalhos antes do jantar.

Suas tardes eram ocupadas com reunião com seu pároco, com a recitação de seu terço e da última parte de seu breviário e leituras piedosas. Antes de ir para a cama tomava sempre um tempo para escolher e preparar sua meditação do dia seguinte e recitar suas últimas ‘ave-marias’ à Virgem

Olhando esse horário do vigário Marcelino, pode-se afirmar que ele era um apaixonado de Jesus e de Maria, que lhes reservava um lugar muito importante na vida de todos os dias e que ele mantinha contatos frequentes com eles. É preciso acrescentar que esse programa habitual não era absolutamente rígido, mas ele podia variar segundo os afazeres urgentes que lhe podiam vir de seus paroquianos. Entretanto, essas mudanças não lhe impediam ser fiel a cada um dos artigos de sua agenda quotidiana.

REFLEXÃO

Tenho eu um plano de vida pessoal?

AS CRIANÇAS E O VIGÁRIO CHAMPAGNAT.

Marcelino, novo vigário de Lavalla, estava cheio de um zelo de neófito e desejoso de propagar a Boa Nova em sua paróquia. Desde os primeiros dias entendeu que devia antes de tudo orientar sua ação apostólica para as crianças, porque, nos diz o Irmão João Batista: “Persuadido de que dos princípios recebidos na juventude depende toda a sequência da vida, o Pe. Chamagnat tomou cuidado particular com as crianças e se empenhou em instruí-las solidamente sobre os mistérios e as verdades da religião, a formá-los na virtude e a lhes inculcar o costume das práticas de piedade cristã.”

Por isso ele organizou aulas de catecismo para aqueles que deviam fazer sua primeira comunhão, aulas durante a primavera, no domingo, e praticamente todos os dias durante os meses de inverno, período em que os jovens do meio rural estavam mais livres.

Seu método de transmitir os conhecimentos era simples e eficaz. Num primeiro tempo, Marcelino fazia decorar a resposta do livro para os que sabiam ler. Em seguida, faziam repetir as respostas aos que não sabiam ler. Num segundo momento explicava o sentido através de perguntas que estimulavam o interesse. A respeito, o Irmão João Batista escreveu: “Escutavam-no sempre com um indizível prazer, pois que ele tinha o talento particular para captar a atenção e para fazer compreender o que ensinava. Os olhos dos pequenos estavam constantemente fixos nele, tanto sabia interessar e despertar a curiosidade através de comparações, historietas e parábolas referentes ao assunto de que tratava.”

“O frio, a neve, a chuva e a distância, nada era capaz de impedir as crianças quando chegava a hora do catecismo, acrescenta o Irmão Pierre Zind, um reconhecido historiador marista. Os mais distantes, aqueles que tinham que caminhar durante uma hora ou uma hora e meia, nunca chegavam

atrasados.” Contam que, em certa ocasião, um grupo de jovens, enganados pela claridade da lua, puseram-se a caminho muito cedo e encontraram as portas fechadas. É então que o vigário os surpreende chegando à igreja munido de sua lanterna. Depois da missa fez o catecismo como de costume e não esqueceu de louvar a assiduidade desses jovens, lhes recomendando, entretanto, de não partir tão cedo de sua casa daqui para diante.

O zelo de Marcelino não se contentava em catequisar as crianças que se preparavam para a primeira comunhão, mas incentivava os pais a enviar os jovens. Usa então de um stratagem para encorajar esses últimos a vir. Ele promete um santinho para aquele e aquela que lhe trouxessem mais um jovem. Cedo, a maioria das crianças da paróquia assistia os catecismos do devotado vigário.

O que é ainda mais surpreendente, é que numeroso grupo de adultos, conquistado pelo entusiasmo dos jovens, veio também participar dos catecismos do domingo, de tal sorte que o vigário teve adaptar suas lições ao novo auditório.

Essas reflexões me fazem pensar na situação que existe atualmente em Quebec. Que boa vontade e que criatividade encontram-se nas pessoas que evangelizam jovens de nossas paróquias. São elas que preparam nossos cristãos do amanhã.

REFLEXÃO

Participo ou encorajo a evangelização de nossos jovens?

CAPÍTULO 65

O ZELO DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT.

Há pouco tempo, reli o capítulo que trata da chegada de Marcelino como vigário em Lavalla. Esta leitura me fez recordar como o jovem padre, recém-ordenado, pôde dizer com o profeta: “O zelo da casa do Senhor me devora!” Tanto ele trabalhou em transmitir os valores evangélicos e exortou seus paroquianos à fidelidade ao Senhor, através de suas curtas homilias do domingo.

Desde o começo, assumiu o dever de se misturar com eles para conhecê-los, se informar de sua situação, ajudá-los com seus conselhos e conhecimentos, também de origem rural como eles, e finalmente, lhes passar habilmente reflexões espirituais para levá-los a amar realmente ao Senhor e ao próximo.

Sua ação apostólica é antes de tudo orientada para os doentes que visitava para lhes administrar os sacramentos e prepará-los para bem morrer. Mesmo se essas funções lhe ocasionassem numerosas fadigas, estava sempre disponível, vinte e quatro horas, quando solicitavam sua presença. Seu zelo era tal que, nem mesmo as tempestades mais assustadoras do inverno podiam impedi-lo de ir, muitas vezes a pé e com mau tempo para os lugares mais distantes. Muitas vezes, por isso, teve a felicidade de ter chegado a tempo para preparar um doente prestes a morrer.

Aproveitava também essas visitas para dar aos membros das famílias piedosas e tocantes reflexões sobre o nada das coisas da terra ou sobre um assunto espiritual segundo o momento e as circunstâncias.

Seu zelo se manifestou de diversas maneiras. Entre outras, em sua luta contra os desregramentos de certos paroquianos, como a embriaguez e as desuniões

das famílias. Sabia então aconselhar e corrigir os faltosos mantendo-se positivo e encorajador em suas intervenções seguramente nada fáceis.

Seu ardor aparecia particularmente nas suas homilias do domingo as quais preparava com o maior cuidado. Ele tinha o dom de influir no espírito e de tocar os corações. O Irmão João Francisco nos dá exemplos concretos dessas exortações dominicais; eis um resumo: “Meus caros irmãos, eis-nos na época dos grandes trabalhos; os dias são longos, os calores extenuantes; ide ao trabalho bem cedo, não voltais muitas vezes somente à noite; vós vos fatigais e transpirais todo o dia. Oh! Quanto podereis merecer para o céu, se o quiserdes!... E o que fazer para isso? Oferecer vosso dia a Deus de manhã, unir vossos sofrimentos e fadigas àquelas do Senhor... Oh! Quanto a aquele que agir desta maneira será agradável a Deus!”

Suas pregações, seus gestos de solidariedade, seus sermões e seus conselhos tiveram efeitos salutareos nessa paróquia de gente simples e boa. O Irmão João Batista conclui, com efeito, o capítulo afirmando que muitos paroquianos e muitas paroquianas retornaram ao Senhor e à prática fiel de suas obrigações de cristãos, que a união fraternal e o amor recíproco brilharam de nova luz entre os membros das famílias e dos grupos de cidadãos.

REFLEXÃO

E eu, tenho zelo para transmitir valores cristãos e maristas?

TEMPOS HEROICOS DA CONSTRUÇÃO DE L'HERMITAGE.

A chegada de oito novos postulantes em março de 1822 forçou Marcelino Champagnat a solucionar rapidamente a falta de espaço aumentando o tamanho da residência dos inícios. Mas novos candidatos, cada vez mais numerosos nos meses que seguem, o obrigaram a idealizar uma solução mais ampla. Procurou e encontrou na região de Saint-Chamond, às margens do Gier, um vale dito Gaux, suficientemente vasto e solitário, que lhe permitiria construir um edifício imenso para a época, que responderia amplamente às exigências da futura comunidade nascente.

Depois de ter encontrado o terreno, em 1824, o bom Padre Champagnat e seus pequenos Irmãos atacaram o pesado trabalho de desmatar, de nivelar e de organizar os espaços necessários para a futura construção. Esta primeira etapa foi seguida do período heroico da gigantesca construção. Para isso, alugou-se antes o barraco de um vizinho, sr. Patrouillard, em que os Irmãos dormiam, apertados em pouco espaço. Quanto ao Padre Champagnat, sua cama estava instalada sobre um balcão em pleno ar, coberto somente por uma aba do teto. Como em Lavalla comia-se pão de centeio, queijo, legumes dados pelos bons vizinhos das redondezas e bebia-se água do Gier.

O bom Padre despertava ele mesmo o grupo às quatro horas. O Irmão Avit, nos Anais do Instituto, tomo 1, acrescenta: “Foi construído, no arvoredo ao lado, um oratório de tijolos de doze metros quadrados.” Não era bastante grande para receber toda a comunidade. Um sino, pendurado de um galho de carvalho ao lado do oratório, marcava as atividades do dia. Rezavam, meditavam, participavam da missa, depois iam ao trabalho todo o dia. Após o almoço, iam ao pequeno oratório para curte visita a Maria e de noite, antes de ir para a cama, recitavam juntos o terço.”

Os trabalhos de construção começaram sob a direção do sr. Roussier, mestre pedreiro de Lavalla. Os trabalhos de marcenaria foram realizados pelo sr. Benoît Maricon, também de Lavalla, e estuque, pelo sr. Robert de Saint-Chamond

O Padre Champagnat trabalhava com os operários e os estimulava com seu ardor ao trabalho. Muitos anos mais tarde esses últimos lembravam o entusiasmo do bom Padre. Os Irmãos transportavam materiais ou moíam pedras para fazer argamassa porque a cal era muito cara. A cada hora um Irmão batia a sineta para a oração da hora.

E o Irmão João Francisco acrescenta esta nota surpreendente: “Uma coisa digna de ser destacada e que se deve ver como efeito de uma proteção particular de Deus sobre a comunidade, é que, embora o Padre Champagnat tenha construído em toda sua vida e de que ele tenha sempre ocupado os Irmãos a esse gênero de trabalho, jamais aconteceu nem aos Irmãos nem aos operários sofrer nenhum acidente.”

O Irmão Avit acrescenta: “A força de trabalho, chegou-se a assentar o telhado da construção antes dos grandes frios.”

Registre-se que durante o tempo de trabalho intenso e esforços quase sobre-humanos a atmosfera geral era de bem-estar e os Irmãos muito felizes e orgulhosos de colaborar com o magnífico projeto.

REFLEXÃO

Estou eu pronto a me sacrificar por uma boa causa?

UM INOVADOR MUITAS VEZES DA OPOSIÇÃO!

Não é raro ver que a conduta e os gestos de uma pessoa que sai da rotina e que se lança a nova maneira de viver e de agir sejam esquadrihados e por vezes julgados desfavoravelmente por seus vizinhos, seus companheiros e mesmo seus amigos. Com mais razão quando esta pessoa parece agir com temeridade e obstinação suspeitas no parecer dos que se julgam sábios! É preciso então estranhar que o vigário Marcelino Champagnat, jovem padre de vinte e sete anos recém-ordenado, tenha que receber críticas de certos de seus detratores ao longo da aventura de sua vida: a fundação do Instituto dos Irmãos Maristas?

Digamos antes que era um pouco compreensível visto juventude desse fundador, sua falta de experiência, eu diria, certa candura no trato da fundação tenham suscitado a dúvida, a zombaria e mesmo a suspeição de pessoas que cultivavam um julgamento sem ter em mão todos os elementos necessários.

A propósito, o Irmão João Batista escreveu uma página muito significativa. Ele relata a conversa que houve um dia entre o sr. Rusand, livreiro, que tinha ajudado o Padre Champagnat a obter de certo sr. Maréchal um empréstimo de 12 000 francos para ajudar na construção de l'Hermitage, com certo número de eclesiásticos da região reunidos em sua casa. Ei-la em toda sua autenticidade e suas expressões cruéis.

“Senhor Rusand, parece que está preocupado com seu dinheiro? – “Como, senhores padres?” – “Corre o murmúrio que acaba de emprestar doze mil francos a esse louco de Champagnat?” – “Eu não lhe dei emprestado, mas eu lhe consegui e respondo por ele.”- O que fez está errado.” – “Por quê, senhores?” – “Porque esse homem é um temerário, um cabeçudo e que o orgulho o lança num empreendimento que não tem nenhuma possibilidade de sucesso.” – “Eu penso melhor sobre Marcelino Champagnat, tenho-o por um homem competente e eu tenho confiança que Deus o abençoará.” - “Não,

não, é impossível, a esse homem falta tudo. Ele não tem conhecimento nem recursos nem habilidade; como quer que ele tenha êxito? Procurado por seus credores, por esses dias será obrigado a abandonar tudo e ter que fugir. Fez muito mal em responder por ele porque o mantém em suas loucuras e se expõe a perder seu dinheiro.” – “Eu estimo Marcelino Champagnat, tenho toda confiança nele, estou convencido de que sua obra progredirá. Se eu me engano, tanto pior; mas até aqui não estou preocupado por lhe ter prestado ajuda e eu persisto em que não me arrependerei.”

Nós temos aí duas maneiras contraditórias de encarar os gestos e as ações de uma pessoa, segundo ocupe cadeira de juiz censor ou aquele do amigo confiante. De minha parte a vida me ensinou que os encorajamentos são fontes de êxito muito mais eficazes que as críticas.

REFLEXÃO

Reflexão: Quais são minhas reações de pessoas que inovam?

AS RAZÕES DO DESENVOLVIMENTO RÁPIDO DOS INÍCIOS MARISTAS.

Ao tomar conhecimento das estatísticas de 1833, registradas pelo Padre Champagnat e relatadas in extenso pelo Irmão Avit nas páginas 133, 134 e 135 dos Anais do Instituto, Tomo 1, surpreendeu-me o progresso estupendo e quase incrível da jovem congregação numa quinzena de anos.

Com efeito, constata-se que o Instituto contava então oitenta e dois Irmãos professos e dez noviços. Desse número cinquenta e quatro ensinavam em dezenove escolas do interior da região perto de mil e cem alunos.

Essa constatação levou-me a questionar sobre as razões desse desenvolvimento fulgurante de uma obra que, à primeira vista e segundo as previsões mais otimistas, não podia esperar um sucesso assim brilhante. Nos próximos parágrafos enumero alguns desses motivos e termino pelo terceiro que me pareceu prioritário.

A primeira razão desse grande sucesso, é que o fundador acreditou totalmente na necessidade da obra que fundava porque ele mesmo tinha conhecido dificuldades e problemas nos seus estudos e queria, ao fundar seu Instituto, evitá-los aos jovens que o seguiriam. Quando se está convencido da verdade de um projeto toma-se todos os meios para realizá-lo.

É certo também, como eu o tinha repetido muitas vezes ao longo dessas páginas, que São Marcelino Champagnat estava convencido de sua incompetência pessoal e que mostrou uma confiança total e a toda prova no Senhor. Esta humildade sincera e profunda atraiu os olhares benevolentes de Deus sobre sua obra nascente, porque ele ama os humildes, como o cantou Maria em seu magnificat: “Ele se voltou sobre sua humilde serva.” Acrescentaria que São Marcelino teve um lampejo de gênio dando a sua congregação o nome de Pequenos Irmãos de Maria. “Um nome, dizia ele, que atrairá seguramente muitos bons candidatos”.

Mas a meu ver, o elemento psicológico primordial que entusiasmou numerosos jovens e os dirigiu para a obra de Maria, é a presença paternal, e de todo instante, de São Marcelino, sua liderança natural, a seriedade de seu empenho e seu grande amor por seus jovens. Sua decisão de deixar seu presbitério em 1822 ara “estar com” seus jovens provou fora de toda dúvida a que ponto eles lhe tinham apreço, a ponto de se sacrificar por eles. Diante tal generosidade e tal devotamento pelo seu “bom Pai”, como eles o chamavam, e a confiança tangível que lhe manifestavam, os jovens não poderiam senão segui-lo com toda sua boa vontade.

Terminando minha reflexão com um sobrevoo rápido das fundações de congregações religiosas destinadas à educação na pós-revolução em muitas dioceses da França, contatei que a principal causa dos fracassos de muitas delas foi a ausência crônica dos seus fundadores, muitas vezes ocupados antes de tudo com as outras tarefas de seu cargo apostólico.

REFLEXÃO

Reflexão: Qual é a qualidade da presença na minha família e nas minhas relações?

PROBLEMAS DE DINHEIRO.

O bom Padre Champagnat enfrentou diariamente grandes dificuldades materiais e falta crônica de dinheiro. Entende-se facilmente que seus modestos emolumentos de vigário não contribuíam suficientemente para as despesas inerentes à manutenção e desenvolvimento da congregação nascente. Entretanto, conseguia apesar de tudo juntar as duas pontas porque cada um contribuía com seu trabalho a enxugar os encargos e vivia sobriamente.

Mas quando o bom Padre se viu obrigado a ampliar espaços em Saint-Chamond e de construir o gigantesco edifício de l’Hermitage para responder às novas urgências resultantes da afluência de candidatos e ao aumento do número de Irmãos, não hesitou a se lançar, mesmo se os gastos de construção e de funcionamento se manifestaram proibitivos.

É então que certas pessoas lhe manifestaram que ele era imprudente de empreender tal construção sem nenhuma recurso financeiro. Eis, segundo o Irmão João Batista, o diálogo que se desenrolou entre essas pessoas e o Padre Champagnat. “Concordo, respondeu o bom Padre, que seria, com efeito, uma grande imprudência e uma extrema temeridade se nós contássemos somente conosco; mas nós contamos com a Providência que não nos jamais abandonou e que fez tudo por nós: ele não pode nos abandonar, pois é sua obra que nós fazemos.” – “Mas está bem certo de que Deus quer esta obra?” – “Como duvidar depois das bênçãos com que nos cumulou e a proteção que nos concedeu? Se ele não quisesse esta congregação, não nos enviaria tantos candidatos; não abençoaria nossas escolas; não nos daria de como viver como fez até aqui. Já que favorece esta congregação, é a prova que ele a quer; e se a quer ele nos enviará recursos para construir uma casa adequada para morar.”

Em outra circunstância, a um Irmão, membro do seu conselho, que conhecia bem a situação financeira precária da congregação, lhe disse: “Meu Pai, não fecharemos a conta neste ano,” ele respondeu com uma confiança e uma fé de transportar montanhas: “É verdade, se você raciocina de acordo com

os recursos que temos, mas você não conta com a Providência? É preciso contar que ele nos ajuda já que nos envia tantos candidatos.”

Durante sua vida Marcelino experimentou tantas vezes a bondade da Providência que podia afirmar a um íntimo: “Jamais o dinheiro me faltou quando tive verdadeiramente necessidade.”

O Irmão João Batista escreveu que por ocasião da sua morte Marcelino deixava a seus Irmãos pouco mais de duzentos mil francos de bens de raiz, sem nenhuma dívida, a par de alguns milhares de francos que devia para uma propriedade que tinha comprado da família Patrouillard. E acrescenta o Irmão João Batista: “Como se Deus tivesse recompensado sua confiança até o fim, uma pessoa generosa quitou esta soma pouco tempo depois!”

REFLEXÃO

Reflexão: Em minhas decisões tenho a prioridade de considerar antes de tudo o aspecto espiritual?

AS PROBABILIDADES OU AZARES DO RECONHECIMENTO LEGAL DA CONGREGAÇÃO.

Desde os primeiros anos, o Padre Champagnat entendeu a importância do reconhecimento legal de seu Instituto. Esta autorização oficial era necessária para livrar os Irmãos do serviço militar que duravam sete anos, porque caso um Irmão fosse convocado os anos eram perdidos, a menos que desembolsar somas vultosas e não disponíveis para pagar um substituto.

Em consequência, Marcelino se dedicou ao problema com a ajuda de Mons. De Pins, seu bispo, que enviou um pedido nesse sentido a Paris desde 15 de janeiro de 1825. A aprovação dos estatutos da congregação, a primeira etapa do processo, foi concedida em 15 de maio seguinte. O projeto de ordem oficial, antes estabelecido em 20 de julho de 1825, depois revisto e completado na semana seguinte, não foi jamais assinado pelo rei Carlos X por razões que jamais se pôde descobrir.

Em 28 de janeiro, novas tratativas foram retomadas e persistiram para o pedido de abertura da Escola modelo preparatória de Loire pela Congregação e sob sua responsabilidade. Os estatutos, de novo modificados para responder as exigências do Conselho geral da instrução pública, eram expedidos em Paris em 30 de junho de 1830 e se encontravam sobre a mesa do rei enquanto a retomada da revolução francesa derrubou o regime.

Mons. De Pins retomou novos contatos em dezembro de 1832. Como o dossiê anterior havia desaparecido durante a pilhagem de julho de 1830, foi preciso recomeçar tudo de novo. Em 28 de fevereiro de 1832, foi remetido o dossiê a Paris com uma carta ao rei Luís Filipe escrita pelo Padre Champagnat. O conselho de educação aprovou de novo os estatutos em 7 de março de 1834. O bom Padre postou uma carta

à rainha a Maria Amélia, em maio de 1835, para acelerar as petições. Infelizmente, a resposta governamental se expressava assim: “Quanto ao pedido da autorização de vossa casa como associação, ele não nos foi apresentado até o presente, possível de acolher.”

Novas petições foram encaminhadas em agosto de 1836, e o bom Padre se dirigiu a Paris para entregar em mão o dossiê. Embora as promessas que recebeu antes de voltar a l’Hermitage, o dossiê dormiu nas gavetas durante dois anos, principalmente porque durante esse curto lapso de tempo, três ministros se sucederam como fosse um golpe de vento no ministério da educação.

Em 6 de janeiro de 1838, o arcebispo de Lião renovou o pedido de autorização para os Irmãos Maristas, seguido daquele do bispo de Belley, no dia 13. O Padre Champagnat se dirigiu então a Paris, quatro dias mais tarde, para acompanhar as petições. Entretanto, as intervenções patinaram e Marcelino volta a l’Hermitage no fim de abril. Em seguida, as referências favoráveis os dois prefeitos de Loire e do Rhône enviaram de novo a Paris, três semanas mais tarde. O ministro voltou a pedir então as aprovações dos conselhos gerais dos dois mesmos departamentos e, baseando-se sobre a resposta negativa daquele de Rhône, recusou de novo a aprovação.

Marcelino retornou então completamente extenuado. Entretanto, ele não perdeu a confiança e em seu leito de morte ele dirá: “Deus não quis me dar a consolação de ver o Instituto autorizado porque eu não merecia este favor, mas estejam seguros que a autorização não falhará e ela lhes será concedida logo que lhes será necessária!” O Irmão Francisco obteve a autorização em 1851 e em condições melhores que teria podido obter São Marcelino.

REFLEXÃO

Depois de ter feito tudo para ter resultado, conservo a esperança, mesmo depois de um fracasso?

IRMÃO LUÍS MARIA, O ERUDITO.

Os postulantes que pediam sua entrada para a Congregação no tempo do Padre Champagnat eram na maior parte jovens tendo pouca instrução e poucos meios financeiros. Houve um, entretanto, que fez exceção à regra. Trata-se de Pierre-Alexis Labrosse, que pedia sua admissão depois de seu seminário maior.

Pierre-Alexis nasceu em Rauchal no Rhône, em 22 de maior de 1810. Desde cedo se distinguiu por sua seriedade, sua modéstia, seu espírito sério, seu amor à solidão e aos estudos. Seu pároco, o Padre Desroche, que tinha notado e admirado seu bom comportamento e suas belas qualidades, lhe propôs iniciar o estudo do latim. Seu pai, que não era muito rico e que tinha já seu filho crescido no seminário, aceitou com dificuldade essa proposta de seu pároco.

Pierre-Alexis fez rápidos progressos, graças a seu talento, à experiência e à competência desse professor. Cedo o jovem estudante passou para o seminário menor, em que se saiu bem, depois ao seminário maior, em que passou a esta etapa facilmente.

Entretanto, no momento de se comprometer definitivamente, sentiu sua consciência perturbada e assustada pela redobrada responsabilidade sacerdotal. Os conselhos e os encorajamentos de seus diretores não puderam acalmar seus medos. Como não queria viver no mundo, tomou a decisão de tornar-se religioso. Ele conhecia os Pequenos Irmãos de Maria e optou por nosso Instituto por causa de sua denominação e de seu amor pela Virgem Maria. Expôs sua decisão ao Pe. Gardette, que tinha conhecido bem São Marcelino nesse mesmo seminário, e que lhe aconselhou de acertar antes seu problema de “serviço militar” e de escrever ele mesmo em seguida ao Pade Champagnat para lhe pedir sua adesão à congregação. O jovem pôde superar seu primeiro obstáculo graças à ajuda de pessoas

generosas e à proteção de Maria. Nas férias de 1831 escreveu ao Padre Champagnat para lhe pedir sua admissão ao Instituto.

Eis uma síntese da resposta que o bom Padre lhe dirigiu em 21 de agosto seguinte: “Sr. Labrosse, a grande, e eu poderia dizer, a única condição que é preciso para entrar em nossa casa, com a saúde, é uma boa vontade e um sincero desejo de agradar a Deus. Venha com essas disposições e será recebido de braços abertos, você fará o bem em nossa congregação. Maria, nossa boa Mãe, o protegerá...”

Esse jovem de vinte um anos foi um verdadeiro presente para São Marcelino que o apreciava muito e que nele confiava. Alexis tomou o hábito em primeiro de janeiro de 1832 e o nome de Irmão Luís Maria, nome que honrou durante perto de cinquenta anos. Desde 2 de janeiro de 1832 foi professor na escola de La Côte-Saint-André. Tornou-se logo diretor da escola e superior da comunidade até sua eleição como braço direito do Irmão Francisco, em 12 de outubro de 1939. Foi assistente do Ir. Francisco com muita capacidade durante 20 anos e o sucedeu em 1860.

Irmão Luís Maria deixou a marca de um adjunto apreciado, de um superior responsável, de conselheiro prudente e de líder competente. Faleceu bruscamente por uma crise de apoplexia em 8 de dezembro de 1879.

REFLEXÃO

Faço com que minha capacidade seja proveitosa aos outros?

IRMÃO JOÃO BATISTA, O ESCRITOR.

Irmão Batista Furet nasceu em 24 de setembro de 1807 em Haute-Loire. Fazia parte do grupo de oito jovens trazidos enganados para Lavalla, em 27 de março de 1822, por um ex-Irmão das Escolas Cristãs. João Batista tinha então quatorze anos e meio. Pode-se afirmar aqui que a Virgem respondia de maneira inesperadamente aos pedidos de vocações de Marcelino em lhe enviando esse jovem de escol que preencheu um papel muito importante na conservação e cuidado do espírito da comunidade nos inícios e nos anos ulteriores.

É difícil, numa página, dar um retrato equitativo de tal Irmão de qualidades e competência tão destacadas. Em toda sua vida foi um autodidata intelectual e espiritual. Tinha a paixão por estudar, sobretudo religião para prestar serviço ao próximo, como escreveu ele mesmo: “Confesso que amei o estudo ao ponto de que o venerado Padre Champagnat me dizia que eu era um ‘furor’ (jogo de palavras com seu nome de família). Mas amei apaixonadamente tão somente o estudo de religião e sempre com o objetivo de ser útil ao próximo”.

Ele foi, primeiro, professor e depois diretor de escola de 1823 a 1939. Tornou-se um conselheiro sério e apreciado por muitos dos primeiros maristas ao ser eleito, em 1839, como conselheiro do Irmão Francisco, superior geral. Foi ele que dirigiu as fusões das congregações dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux e da Doutrina Cristã de Viviers com os Irmãos Maristas em 1842 e 1844 e que as levou serenamente a termo graças a seu tato e sua habilidade notáveis.

Foi um marista, de caráter bom e de alegria radiante, qualidades que tornavam suas relações cordiais e calorosas, e um superior de fácil acesso, que sabia deixar à vontade aqueles que o abordavam. Escreveu a esse propósito essas poucas palavras que dizem muito sobre esta

maneira de receber as pessoas: “O homem de bom caráter é o único capaz de desenvolver o amor à virtude”.

O que mais me surpreendeu ao passar as etapas de sua vida, é sua capacidade de trabalho e a facilidade com que manejava a pena de escritor, de literato, de biógrafo e de autor espiritual. Seus volumes, todos redigidos por sua mão, exigiram milhares de horas de reflexão e de redação, que é difícil de avaliar. Suas jornadas de trabalho têm certamente muitas vezes ultrapassado as oito horas habituais. O Padre Champagnat o tinha encarregado da tarefa de cronista nesses termos: “Você, meu caro Irmão, que tem uma memória fiel, deveria escrever o que nós fazemos e o que dizemos hoje; eu o encarrego de tomar nota de tudo o que pode edificar os Irmãos ou lhes servir de regra mais tarde.” Examinando a pilha de volumes de que foi o autor ou o principal colaborador e redator, compreende-se que ele preencheu com excelência essa missão que lhe havia confiado o bom Pai. O Irmão Luís Maria, na circular anunciando sua morte, dava a longa lista de obras: “As regras comuns de 1854, A Vida do Padre Champagnat de 1856, As Meditações sobre a Encarnação, A Eucaristia e a Paixão em 1865, As Meditações sobre a Encarnação, A Eucaristia e a Paixão e Biografias dos Primeiros Irmãos de 1868.”

O Padre Champagnat estava pouco levado a conservar seus escritos, mas o Irmão João Batista, ao contrário, soube compilar e redigir os eventos e as palavras dos primeiros tempos. Graças a esse último, nós podemos ainda beber na fonte dos inícios e dos valores maristas.

REFLEXÃO

Sei eu partilhar com os outros minhas capacidades?

IRMÃO FRANCISCO QUEIMOU ETAPAS.

Ao percorrer a biografia dos primeiros Irmãos Maristas sempre me impressionou a precocidade do Irmão Francisco, o sucessor de São Marcelino Champagnat.

Gabriel Rivat pertencia a uma família de sete filhos, dos quais quatro rapazes. Seu pai João Batista e sua mãe Francisca Boiron eram agricultores que possuíam uma lavoura de alguns hectares em Maisonnette, um lugarejo de umas cinquenta pessoas, situado na paróquia de Lavalla. É lá que Gabriel nasceu em 12 de março de 1808. Irmão Francisco diz, ele mesmo, que “desde a idade de 5 anos foi consagrado a Maria por sua mãe em Valfleury”.

Desde o primeiro outono de sua chegada a Lavalla, o vigário Champagnat organizou aulas de catecismo para as crianças que se preparavam para sua primeira comunhão. Bem cedo quis juntar o maior número possível de crianças. Prometeu então um santinho a todos que lhe trouxessem um irmãozinho, um amigo ou vizinho. Alguns dias mais tarde, João Maria Rivat levou ao catecismo seu pequeno irmão Gabriel então seguramente um dos mais novos, senão o mais novo do grupo.

A norma para a primeira comunhão que prevalecia nesta época, determinava que as crianças não fizessem habitualmente sua primeira comunhão antes da idade de ao menos 12 anos. Entretanto, diante da inteligência, a seriedade e os conhecimentos adquiridos de Gabriel, o vigário autorizou-o a receber Jesus na eucaristia em 19 de abril de 1818, quando ele tinha 10 anos.

A entrada oficial de Gabriel para a congregação marista não é menos surpreendente por sua precocidade. Com efeito, ele começou seu noviciado em Lavalla em 6 de maio de 1818, seja apenas três semanas

após sua primeira comunhão. Sua formação de base durou um pouco mais de um ano. Em 8 de setembro de 1819, seja apenas três semanas depois de sua primeira comunhão. Sua formação de base durou pouco mais de um ano. Em 8 de setembro de 1819, revestia a batina dos Pequenos Irmãos de Maria com a idade de 11 anos completos e tomava o nome de Irmão Francisco em homenagem a sua mãe.

Em janeiro de 1821, na idade de pouco mais de 12 anos, ele recebia sua primeira destinação para ser cozinheiro na escola de Marlihes e dará aulas a alunos em dificuldade depois do meio dia. Dizia-se que alguns eram mais velhos que ele e que, visto sua pequena estatura, tinha instalado um banco atrás da mesa do professor para ser visto.

Em sequência o Irmão Francisco continuou a queimar etapas e foi promovido a diretor da escola de Boulieu em 1825, com a idade de 17 anos. Em 1826, o Padre Champagnat o transferia para L'Hermitage como superior do noviciado e para auxiliá-lo. Ele não tinha senão 18 anos. Permaneceu nesta função até 1839, substituindo o bom Padre em várias ocasiões.

É lá que, em 12 de outubro de 1839, seus coirmãos o elegeram, quase por unanimidade, Superior Geral da Congregação e primeiro sucessor do fundador. Não tinha senão trinta e um anos. Em 6 de junho seguinte, na morte de São Marcelino, Irmão Francisco se encontrava à testa de um jovem Instituto de 280 membros e de 48 estabelecimentos.

Depois de repassar rapidamente as grandes etapas dessa vida toda entregue a Deus e ao serviço de seus Irmãos não se pode senão dar graças a Deus pela confiança que São Marcelino manifestou a esse jovem dotado e verdadeiramente precoce.

REFLEXÃO

Será que depositamos confiança nos jovens?

IRMÃO FRANCISCO: O AUTODIDATA.

Desde meus primeiros anos como Irmão Marista, ouvi dizer que o Irmão Francisco, sucessor do Padre Champagnat, foi a seu modo um intelectual que se interessou pelas ciências exatas de sua época. Ultimamente tive a curiosidade de verificar se o que me tinham dito sobre esse interesse científico do Irmão Francisco era verdadeiro.

Eu tenho primeiramente constatado que o Irmão Francisco não era um super-homem. Ao contrário, sua estatura, abaixo da média. Demais, como entrou na Congregação na idade de pouco mais de 10 anos, não era completamente de físico desenvolvido durante esses primeiros anos de formação. Por outra, o bom Padre tinha percebido a inteligência viva desse jovem vivaz. Eis porque, mesmo se o Irmão Francisco participasse como todos seus companheiros nos trabalhos manuais comunitários para assegurar sua subsistência, ele se doou quotidianamente ao estudo, sob os conselhos do Padre Marcelino, que queria que cada um oferecesse rendimento proporcionado a suas capacidades.

Em seguida, após alguns anos de apostolado e de ensino, o Padre Champagnat lhe pediu que voltasse a l'Hermitage, em 1826, para dar aulas aos noviços. Durante os anos que seguiram, além de sua função de professor e de responsável do noviciado, ele reservava tempo para aperfeiçoar seus conhecimentos religiosos e profanos.

Pode-se pensar que as noções que ele tem assim adquirido pessoalmente não iam muito em profundidade. As 5 000 páginas manuscritas desse sábio em ervas, que os arquivos maristas conservam preciosamente, não podem nos fazer mudar de ideia. O que é interessante nesses volumes, é que tudo está classificado por assunto com certo profissionalismo, o que permite encontrar aí muito facilmente.

O manuscrito contém primeiramente muitas numerosas notas sobre seus conhecimentos religiosos. Estudou os clássicos de seu tempo: Os Padres do deserto de Marin, Godescard, Croiset, Rodriguez e Saint Jure. Também pesquisou a biografia de grande número de santos e de personalidades ilustres, entre os quais Francisco de Sales, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Joana de Chantal e Madalena de Pazzi.

Encontra-se um capítulo contendo notas muito úteis sobre a gramática e a ortografia e um tratado bastante completo de literatura em que explica as formas da retórica. O volume contém resumos claros e precisos sobre a geometria, a astronomia e sobre a origem dos algarismos romanos. Encontram-se também as grandes linhas das aquisições de seu tempo sobre química que hoje, evidentemente, são ultrapassadas.

O que é surpreendente no documento é o capítulo de mais de oitocentas páginas enumerando e descrevendo com grandes pormenores os remédios apropriados para as diversas doenças. Lendo esses últimos extratos deve-se reconhecer que ele era um verdadeiro boticário.

Em suma, o Irmão Francisco foi um adepto da formação contínua, como se diz hoje em dia, e mais, é por si mesmo que ele adquiriu essas muitas numerosas noções sobre a maior parte das ciências de seu tempo. Foi, à sua maneira, um cientista polivalente.

O que é interessante no progresso científico desse coirmão autodidata é seu amor destacado pelo estudo, seu desejo constante de fazer frutificar seus talentos e sua vontade bem servir seus irmãos.

REFLEXÃO

Faço eu frutificar meus talentos?

OS “TRÊS UM”

São Marcelino sempre recomendou a necessidade de manter a unidade nos grupos comunitários. Para ele era um meio infalível de assegurar a presença de Jesus na comunidade. Deixou no seu estamento espiritual esse conselho que julgava primordial: “Que se possa dizer dos Pequenos Irmãos de Maria como os primeiros cristãos: ‘Vede como eles se amam!’”

Esta insistência do fundador encorajou os primeiros maristas a serem fermentos de união fraterna, de aceitação recíproca e desenvolveu neles atitudes de trabalho em equipe e à colaboração mútua. Os grandes modelos desta unidade na comunidade foram os três coirmãos que o sucederam. Ele lhes dizia: “Vocês terão muitos problemas: mas tenham confiança, Deus estará com vocês se forem unidos porque é sua obra que fazem.”

Lembramos que, no decurso do ano de 1839, a saúde do Padre Champagnat, começando a suscitar temores, levou judiciosamente o Padre Colin, seu superior, a pensar na substituição. É a razão pela qual ele convocou todos os Irmãos professos a uma grande reunião geral, em 12 de outubro do mesmo ano. Essa reunião terminou por eleger o Irmão Francisco como Superior Geral, do Irmão Luís Maria como primeiro assistente e do Irmão João Batista como segundo assistente.

Depois da partida do bom Padre em junho de 1840, se poderia pensar que sua ausência se tornaria desastrosa para esta jovem congregação, nascida há pouco mais de vinte anos, e cujos três novos responsáveis não tinham em média senão trinta anos.

Os três superiores distribuíram entre si as funções do governo. Irmão Francisco ocupou-se especificamente as tarefas da animação e da formação espiritual dos Irmãos, do reconhecimento oficial do Instituto pelo governo francês e pelas autoridades romanas e os contatos internos e externos do instituto. Deixou ao Irmão Luís Maria uma boa parte da administração material e lhe confiou as funções preliminares das fusões com os Irmãos de Saint-Pau-Trois-Châteaux e de Viviers, e de ser especificamente o

responsável dos Irmãos da região de Saint-Paul-Trois-Châteaux.

Coisa extraordinária e digna de menção: esses três homens de caracteres muito diferentes, governaram juntos durante mais de vinte anos sem deixar parecer nenhuma divergência de opinião. Usavam sempre a mesma linguagem, os mesmos objetivos, as mesmas apreciações das coisas, a mesma maneira de tratar as funções. Ouvindo-os e vendo-os agir era-se forçado a reconhecer que um mesmo espírito os animava a todos os três. Um coirmão desta época dizia com uma ponta de humor: “Seria mais difícil dividir esses três homens que plantar uma roseira no oceano!” Essa bela união foi sua força, lhes deu autoridade sobre os Irmãos e foi a principal causa de todo o bem que realizaram. Seu entendimento era tal que eram chamados “Os três um”.

REFLEXÃO

Sou eu fermento de unidade em meu ambiente?

O EDUCADOR MARISTA.

Fala-se muito a partir de alguns anos entre os leigos colaboradores das obras apostólicas maristas do carisma de São Marcelino Champagnat e do educador marista. É então normal que a pergunta: “Que é ser educador marista?” Nos parágrafos que se seguem quero lhes dar minha resposta para esta pergunta muito pertinente.

Um educador marista vive e transmite o grande valor proposta por São Marcelino.

Mas qual é este valor? Para mim, a principal característica da pedagogia marista, é “o espírito de família”. Esse espírito de família, que vive e transmite o educador marista, supõe a aceitação incondicional das pessoas, a confiança recíproca, a partilha das responsabilidades, a aceitação das diferenças, o esquecimento de si e o perdão mútuo.

Um educador marista está presente com os jovens.

São Marcelino dizia que “para formar os jovens, é preciso estar muito tempo com eles fora das horas de aula, nos seus lazeres e nas suas atividades”. Acrescentava que em essência, um professor ou professora, que se contenta em dar suas aulas, não preenche senão uma parte de sua tarefa, e que a tarefa fundamental é aquela de tornar seus alunos bons cidadãos e virtuosos cristãos.

Um educador marista encaminha seus jovens à solidariedade.

São Marcelino foi um modelo de solidariedade. Nenhuma miséria humana o deixava indiferente. O Irmão Silvestre nos diz na sua biografia do bom Padre “que ele recebeu até os anciãos abandonados em l’Hermitage, que lhes deu pouso e alimentação e que ele os abrigou até a morte deles”. Embora, São Marcelino tenha fundado sua congregação para a educação dos jovens.

Um educador marista é uma pessoa coerente para com os jovens.

Marcelino dizia que “A educação é o fruto do bom exemplo!” Como, com efeito, conseguir que progrida alguém quando nosso procedimento contradiz nossas palavras? Tocamos mais os corações com gestos e exemplos que levam à imitação que por palavras inflamadas que não são seguidas de exemplos coerentes.

Um educador marista é aquele que sabe dar uma segunda chance aos jovens.

Lembro a esse propósito o grande método de correção de São Marcelino:

- a. “A primeira vez, eu perdoo!”
- b. “A segunda vez, tu me deves!”
- c. “A terceira vez, tu me pagas!”

Enfim, um educador marista vê além das aparências.

Muitas vezes um jovem, de caráter difícil, nos revela um coração de ouro quando sabemos ultrapassar a maneira externa e ir além das aparências.

REFLEXÃO

Sou eu um bom educador marista?

ESTRUTURA MARISTA.

Depois de muitos anos eu me questiono: “Quais são as características da organização apostólica que possui o espírito transmitido por São Marcelino Champagnat aos Maristas, sejam Irmãos ou Leigos?” Depois de ter refletido e ter passado numerosos anos nisto, apresento a resposta seguinte.

Instituição marista é:

Ambiente onde se oferece formação integral.

Para Marcelino Champagnat educar o jovem “é torná-lo virtuoso cristão e bom cidadão”. O estabelecimento educativo marista não deve apenas oferecer conhecimentos, mas ajudar os jovens a se preparar para sua vida de homens, de cristãos e de cidadãos. Quer dizer que aqueles e aquelas que aí trabalham, devem transmitir, por suas palavras e por seu exemplo, os valores humanos e cristãos fundamentais: o respeito de si e do outro, a honestidade nas relações interpessoais, o sentido do esforço, o desejo de melhorar e de se superar, a confiança em si, a solidariedade com os outros em necessidade, a confiança em Deus que ama cada um pessoalmente e o amor filial de Maria. Em suma, cada educador de uma instituição marista tem um papel pessoal importante a cumprir na formação integral do jovem.

Um ambiente onde cada um e cada uma se sintam aceitos e aceitas incondicionalmente.

É fácil dizer e muitas vezes difícil viver! Esta a atitude requer o respeito das diferenças. Que pensamos nós daqueles que dependem de nós, daqueles que trabalham conosco? Que dizemos nós deles? O melhor exemplo que nos deixou São Marcelino é aquele do jovem João Batista Berne. Um adolescente difícil que os Irmãos queriam expulsar da escola, mas que conservaram pelos conselhos de Marcelino. Um jovem que melhorou e que morreu nos braços de Marcelino na idade de vinte anos, agradecido por lhes terem dado sua chance.

Um ambiente onde os responsáveis sabem passar tempo com os jovens.

Bom educador é aquele para quem os jovens são importantes, que sabe passar tempo com eles, que é atento a suas dificuldades e que os ajuda a superar-se e que prega mais pelo exemplo do que pelas palavras! Ser educador, educadora marista, eis uma tarefa árdua, mas também de valor! Um ambiente onde o espírito de família está bem presente.

Isto caracteriza o ambiente marista. O espírito de família é o clima que deve reinar entre os diversos intervenientes do meio. Cada um dos membros de tal organismo deve contribuir para esta atmosfera familiar, a esse sentimento de pertença. O espírito de família permite sentir-se à vontade, um pouco como numa família onde cada qual se sente apreciado no seu justo valor e responsável pelo andamento geral. Esse espírito de família se vive pela aceitação das diferenças, que permite ver “além das aparências”, por uma presença discreta, benevolente e atenta às atividades que não fazem parte necessariamente da função oficial: competições esportivas, culturais, atividades ao ar livre, excursões, etc. “Bom educador, no dizer de Marcelino Champagnat, é aquele que sabe passar tempo fora das horas habituais, com aquele que ele forma.”

REFLEXÃO

Sou eu elemento positivo em meu ambiente apostólico?

SABER ASSEGURAR A SUBSTITUIÇÃO.

É essencial para uma organização humana que os responsáveis preveem uma substituição eficaz se querem assegurar sua existência e sua sobrevivência. O Padre Champagnat logo tomou consciência da necessidade de substituição para assegurar a continuidade da Congregação dos Irmãos Maristas.

Muito rapidamente, sua perspicácia e sua clarividência, ajudadas pelas luzes do Senhor, lhe permitiu encontrar o candidato mais apto para substituí-lo na pessoa do pequeno Gabriel Rivat. Champagnat conhecia bem a família que morava muito perto, particularmente a mãe, Francisca Boiron, uma excelente cristã e mãe devotada aos seus filhos e cheia de amor ao Senhor e à Virgem Maria.

Após ter visitado a família e convidado o pequeno Gabriel, com a idade de 10 anos e alguns meses, a vir viver com seus primeiros discípulos, São Marcelino deu uma grande importância para assegurar uma formação conveniente àquele que tinha escolhido.

Como Gabriel era muito jovem e de pequena estatura, era pouco apto para os trabalhos da construção que exigiam boa robustez. Por outra, sua inteligência destacada, seus talentos superiores, seu espírito sério e seu atrativo para o espiritual levaram o bom pai a lhe dar cursos de latim e a formá-lo com conselhos pessoais e adaptados a sua idade e a sua condição. Esse interesse do bom Padre por esse jovem tão cheio de boa vontade, provocou em alguns de seus companheiros de início, um ciúme que se esfumou rapidamente frente à grande modéstia e à simplicidade do jovem.

Depois de alguns anos de formação, seguidos de progressos rápidos e excepcionais de Gabriel, tornou-se Irmão Francisco, Marcelino o fez seu ajudante e seu braço direito na gestão e no funcionamento da comunidade de l'Hermitage e lhe manifestou confiança cada vez maior dando-lhe a responsabilidade total da casa de onde devia se ausentar para a visita das

escolas e para os encontros com as autoridades escolares, diocesanas e governamentais.

Em janeiro de 1838, o bom Padre deixou l'Hermitage durante mais de três meses para ir a Paris com o objetivo de acelerar os encaminhamentos em vista do reconhecimento oficial da congregação. Aí demorou até o fim de abril, deixando ao Irmão Francisco a direção de l'Hermitage e deixando-o regularmente a par dos seus numerosos afazeres que resultaram infelizmente inúteis e o decidiram retornar.

É preciso estranhar que em 12 de outubro de 1839, quando o Padre Colin procedia a eleição do sucessor do bom Padre, o voto dos Irmãos professores orientou-se muito majoritariamente para a pessoa do Irmão Francisco. O Padre Champagnat tinha então tal confiança neste último que dizia com toda humildade: “A congregação irá melhor quando eu não estarei mais na direção!” Os resultados subseqüentes lhe deram razão, porque no lapso de tempo de ao redor de vinte anos sob o governo do Irmão Francisco os efetivos comunitários tornaram-se praticamente dez vezes mais numerosos.

REFLEXÃO

Penso eu na substituição da minha função?

LANÇAMENTO PROGRESSIVO DE UM GRANDE PROJETO.

Quando lemos a vida das pessoas que lançaram projetos de impacto, menos ou mais importantes, em sua volta e na sociedade de seu tempo, nós nos damos conta de que seus empreendimentos, não eram o efeito do azar, não eram planejados anteriormente, mas eram primeiramente uma resposta progressiva a interpelações do Senhor e de seu ambiente de vida. Foi assim com os fundadores e fundadoras de congregações religiosas e de organizações de caridade. São Marcelino Champagnat viveu um caminho semelhante de dúvida e de incerteza durante os primeiros anos da existência da congregação marista.

A inspiração de fundar uma congregação religiosa de educadores veio-lhe depois de sua própria experiência pessoal. Com efeito, ele mesmo encontrou grandes dificuldades na aquisição de conhecimentos e tomou consciência de que a maioria dos seus jovens contemporâneos do campo encontrava problemas muito semelhantes aos seus.

Entretanto, esta inspiração íntima que o empurrava a levar um corretivo eficaz à situação desastrosa que prevalecia então na França, não a guardou em si mesmo, mas ele se abriu aos membros de seu grupo de partilha do seminário maior. Ele lhes repetia em cada encontro: “Precisamos de Irmãos para ensinar o catecismo às crianças e lhe mostrar os rudimentos da leitura e a escrita!” Finalmente, lhe foi dito: “Então, pois que és o que tiveste a idéia, encarrega-te da fundação dos Irmãos.”

O dia 2 de janeiro de 1817 foi, para ele e para seus discípulos, o começo de um projeto de itinerário incerto, e pelo qual eram sempre animados pelo desejo profundo de responder à vontade de Deus. Entretanto, esta vontade de Deus não lhe aparecia sempre de maneira clara, e ela era muitas vezes obscurecida pelo caráter e as deficiências do diversos atores desse drama humano que se jogava no concreto de sua existência. É preciso acrescentar que, pouco a pouco, o projeto tomou forma, numa

ambiência às vezes malsã e ambígua criada pelos detratores, mas sempre mantido vivo por uma confiança total no Senhor e na Virgem Maria.

É, pois, tateando e estando atento a uma sequência de acontecimentos mais ou menos reveladores, de um pedido cada vez maior presente dos lugares escolares da redondeza, que a vontade de Deus se manifestou progressivamente manifesta. Esses pedidos começaram como embrião frágil que se desenvolveu rapidamente e que se tornou uma instituição forte e viva. Hoje, cobre grandes espaços onde se encontram os jovens do mundo diferente do nosso. São Marcelino Champagnat tinha predito: “Todas as dioceses do mundo entram em nossas vistas!”

REFLEXÃO

Como descubro a vontade de Deus em minha vida?

UMA QUESTÃO DE ESCUTA.

A fundação da Congregação Marista foi o grande projeto da vida de São Marcelino. Quando examinamos este empreendimento importante nós constatamos que tudo foi para ele, para os Irmãos que viveram com ele e para aqueles que seguiram seus passos uma questão de escuta e de resposta pessoal a esta escuta.

Antes de tudo São Marcelino esteve à escuta de sua inteligência depois de suas numerosas dificuldade de aprendizagem dos rudimentos da leitura e da escrita e, ao mesmo tempo, à escuta de seu coração que lhe fez compreender que a maioria de seus jovens contemporâneos da campanha viviam uma situação tão penosa quanto aquela que ele tinha vivido na adolescência. Também foi a escuta de seu coração vendo as misérias e a pobreza que o cercavam. Esta escuta de sua inteligência e de seu coração não permaneceu platônica, mas se transformou em gestos concretos que conhecemos para corrigir a situação.

Aliás, São Marcelino esteve à escuta do Senhor em toda sua vida. Antes, no dia em que os dois padres do seminário menor de Verrières vieram fazer-lhe o apelo ao sacerdócio, apelo que ele escutou com amor e a que respondeu concretamente embora os obstáculos que poderiam fazê-lo abandonar.

Depois foi a escuta de um apelo mais íntimo, mas não menos importante, que o tinha convencido da necessidade de religiosos educadores para as crianças e jovens da campanha, apelo que exteriorizou na ocasião das reuniões com seu grupo de conversa do grande seminário por essas palavras que ele repetia a cada encontro: Depois foi a escuta de um apelo mais íntimo, mas não menor. “Precisamos de Irmãos”, repetição que lhe valeu finalmente receber um mandato claro: “Então, ocupe-se disso, já que teve a ideia!”

Ele também esteve à escuta do outro. Lembro entre outro tema, dois fatos esclarecedores que o marcaram profundamente.

Primeiramente, ele esteve à escuta da violência que ele viveu no primeiro dia de escola que lhe revelou a incompetência da maior parte dos professores de seu tempo e, em consequência, a necessidade de educadores paternais, devotados e bem formados.

Algumas semanas depois de sua chegada como vigário de Lavalla, foi a escuta vivida mais profunda de si, o apelo fatídico do jovem moribundo, João Batista Montagne. Esse segundo grande acontecimento da vida de São Marcelino acabou finalmente por decidir-se e lançou-se rapidamente em seu projeto de fundação com todo vigor de jovem padre e de cristão convencido.

A escuta atenta de sua inteligência e de seu coração e aquela não menos assídua dos apelos do Senhor e daqueles dos desfavorecidos de seu tempo se concretizou nas atitudes e ações de beneficência pelos jovens.

REFLEXÃO

Estou à escuta de minha inteligência, de meu coração, do Senhor e de meus vizinhos?

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, PADRE MARISTA.

A maior parte do tempo nós apresentamos São Marcelino Champagnat como o fundador dos Pequenos Irmãos de Maria ou Irmãos Maristas. Não devemos, entretanto, esquecer que ele tem também sido membro da Sociedade de Maria e que ele é mesmo considerado pela maioria fundador com o Padre João Cláudio Colin. Na página que segue percorreremos seu caminho pessoal como Padre Marista.

Digamos antes que a ideia de fundar a Sociedade de Maria parte do Padre João Cláudio Courveile, quando os primeiros futuros membros, entre eles Marcelino Champagnat, se encontravam no seminário maior de Lião. O Irmão João Batista escreve que muitos foram ordenados em 22 de julho de 1817 e que eles se dirigiram no dia seguinte a Fourvière para se consagrar a Maria e se comprometer a fundar a Sociedade de Maria. Eis um extrato da consagração que eles assinaram nessa ocasião:

“... Nós, abaixo assinados, queremos trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos e manifestamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, logo que for possível, a instituição da muito piedosa congregação dos Maristas. É porque pelo presente ato e nossa assinatura, nos devotamos irrevogavelmente, nós e tudo o que nós temos, tanto que possível, a Sociedade da bem-aventurada Virgem Maria...”

Partindo, esses jovens padres se empenharam para fazer tudo que possível para realizar o desejo e a se escrever regularmente para manter o contato, consolidar a unidade entre eles e conservar o desejo de fundar a nova congregação.

Em 1824, o Padre Champagnat, por causa do aumento do número de Irmãos de seu novo Instituto, achou bom pedir a ajuda dos Padres Courveile e Terraillon que tinham feito parte do grupo dos seminaristas

maiores. O Padre Courveille se considerava nesse momento como o diretor geral da futura Sociedade de Maria que, na ideia de todos, englobava os Irmãos e os Padres. Infelizmente ele teve de deixar l’Hermitage por um erro grave. Depois desse triste episódio, o Padre Terrailon, que tinha perdido a confiança no futuro dos Irmãos, deixou ele também l’Hermitage e deixou de novo o Padre Champagnat só com seus jovens Irmãos.

Este último quis então preencher o vazio dessas defecções solicitando para a Sociedade dos Padres Maristas, o Padre Séon e outros padres de sua vizinhança, dos quais os futuros Padres Bourdin, Pompallier e Chanut. Assim Marcelino trabalhava para manter os Padres Maristas na diocese de Lião. Escrevia pouco tempo depois: “Desde que Deus me deu a graça de me dar à Sociedade de Maria, eu não tenho tido senão um só desejo, aquele de vê-la se constituir e se desenvolver inteiramente.”

Em 11 de março de 1836, o Papa Gregório XVI autorizou a Sociedade dos Padres Maristas e lhe confiou a missão da Polinésia. Após ter dado graças por esse favor, o Padre Champagnat escreveu ao Padre Colin para lhe pedir fazer os votos religiosos. É em 24 de setembro seguinte, depois da eleição oficial deste último como superior, que São Marcelino e os dez primeiros Padres Maristas integraram-se oficialmente à Sociedade de Maria.

No fim de sua vida, o bom Padre Champagnat dizia com muita emoção: “Oh! Como estou feliz de morrer na Sociedade de Maria!”

REFLEXÃO

Estou pronto a tudo para ser fiel a meus compromissos?

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT E A ARTE DA CORREÇÃO

São Marcelino Champagnat vivia, como nós sabemos, com jovens rudes com defeitos evidentes que poderiam ocultar e invalidar suas qualidades e seu real valor. É a razão pela qual ele sempre se empenhou em combater e corrigir suas lacunas e suas fraquezas. Nos seguintes parágrafos darei exemplos concretos que mostram como ele sabia adaptar suas correções às pessoas e fazê-las com objetivo muito positivo.

Lembramos, entre outros, o exemplo do futuro Irmão Mathieu, então postulante, que era um pouco doentio e fraco. Um dia, foi-lhe confiado o trabalho de transportar um monte de pequenas pedras de um lugar para outro mais conveniente. Ele estava então sentado sobre o monte de pedras e jogava-as para o devido lugar. O bom Padre, que viu seu estratagema, lhe enviou um travesseiro com essa mensagem pelo enviado: “Diga ao rapaz lá embaixo de se sentar sobre esse travesseiro para ser mais confortável e de devolvê-lo ao meu quarto depois do trabalho” O Irmão Mathieu entendeu a mensagem e aproveitou a ausência do Padre para lhe devolver seu travesseiro. O historiador acrescenta com humor que a lição deu resultado.

Evoquemos também a figura do Irmão Silvestre, esse coirmão que teve numerosas ocasiões de suportar as reprimendas e ao mesmo tempo experimentar a grande paciência de Marcelino diante de suas numerosas travessuras. Já falei de algumas dentre outras. Lembremos hoje aquela da tonsura que ele deixou sobre a cabeça de um jovem coirmão quando lhe cortou o cabelo. O bom Padre, que conhecia bem seu amor por sua vocação, e que, entretanto, tinha até então repetido seus avisos sem muito sucesso, lhe ordenou diante de toda a comunidade de ir tirar sua batina até nova ordem. E não a devolveu senão de sérios esforços que permitiram ao jovem delinquente realizar progressos significativos.

Conta-se, por outra, que um dia Marcelino entrava na cozinha enquanto o jovem que tinha a responsabilidade estava sobre o fogão e que contava gracejos a seus companheiros. O bom Padre se contentou em lhe lançar: “Eis como é edificante para um Irmão que deve dar o exemplo!” “Esta curta observação, dizia depois o Irmão, foi para mim um golpe e senti mais que se ele me tivesse repreendido durante meia hora!”

Em outra ocasião, percebendo que um Irmão tinha na sua trouxa uma calça de seda contrária à pobreza e à prática comunitária, ele lhe pediu retirá-la e em sua presença a jogou ao fogo dizendo: “Não serve que ser queimada. Que jamais semelhantes coisas contrárias à pobreza entrem em nossas casas.”

Eu poderia alongar a lista dos exemplos que nos mostram claramente como o bom Padre tinha o cuidado de corrigir as faltas de seus jovens discípulos. Mas em todas as suas maneiras, quando percebia boa vontade, ele se mostrava muito paternal, o que ajudava grandemente o culpado a se corrigir.

REFLEXÃO

Uso eu tolerância e compreensão nas repreensões?

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT OUSOU LANÇAR DESAFIOS.

Na leitura do Evangelho vemos que Jesus quis se rodear de pessoas que o assistiriam no anúncio da Boa Nova e na sua ação apostólica. Testemunhamos então momentos determinantes e de grande importância, para ele e para os apóstolos, ao longo daqueles que os chamam pessoalmente a tudo deixar para segui-lo.

São Marcelino tinha em mente também a transmissão dos valores evangélicos e o desejo de ensinar Jesus às crianças e jovens quando lançou a Congregação dos Irmãos Maristas. Entretanto ele não podia sozinho alcançar isso e se deu conta de que precisava do apoio e do concurso de numerosos companheiros. Lançou então uma série de apelos e desafios aos adolescentes de seu redor.

Esses desafios eram a sequência de encontros e de diálogos com pessoas muito diferentes por sua competência e caráter, mas dos quais a maior parte possuía grandes qualidades: a boa vontade e o desejo de ir à frente.

Antes teve o primeiro contato com João Maria Granjon, antigo soldado com menos de vinte anos. Conheceu-o visitando um doente com ele. Convidou-o a tornar-se o primeiro membro da sua futura congregação depois do encontro com João Batista Montagne, jovem moribundo iletrado que não conhecia quase nada de Jesus e de religião. É preciso, entretanto, acrescentar que, em seguida, diante das extravagâncias e teimosia desse primeiro candidato o bom Padre precisou desligá-lo do Instituto.

Foi em seguida João Batista Audras, Irmão Luís, considerado muito jovem para entrar na Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, que veio consultá-lo e que o convidou a integrar sua nova congregação. João Batista foi acompanhado de seu irmão mais velho João Cláudio, com idade de vinte e seis anos, vindo, a pedido de seus pais, para acompanhar seu jovem irmão à casa de Champagnat. É então que

Marcelino, impulsionado por uma audácia sobrenatural, convidou e decidiu ao mais velho vir viver com o mais novo. João Cláudio levou o nome de Irmão Lourenço e tornou-se mais tarde o catequista dos jovens do Bessat, vilarejo montanhoso situado na proximidade.

Mais tarde, Marcelino dirigiu-se à família Rivat que morava em Maisonnete, outro vilarejo de sua paróquia, para convidar o jovem Gabriel a juntar-se ao pequeno grupo de iniciantes.

Depois assistimos a aparição insólita de oito jovens adolescentes aos quais lhe impôs provas que, já no começo teriam podido desencorajá-los, mas foram firmes, apesar de tudo, no seu desejo muito claro e bem sólido de continuar sua decisão da entrar na congregação.

Em outra ocasião, é a paciência que Marcelino manifesta pelo professor experimentado, denominado mais tarde Irmão Cassiano, que, após longo contato de mais de dez anos com Marcelino em l'Hermitage, se decide finalmente, aos quarenta anos, a entrar para a congregação marista.

Nos seus diversos acontecimentos da vida de São Marcelino descobrimos como os convites individuais que deixou aos jovens têm sido adaptados a cada um e tem respeitado seu caminho pessoal.

REFLEXÃO

*Meus contatos com os jovens na escolha da vida
são pessoais?*

CAPÍTULO 84

MARCELINO CHAMPAGNAT, SANTO E MODELO ACESSÍVEL!

Ao longo de minha vida eu frequentei, como a maioria de meus coirmãos e numerosos cristãos desejosos de avançar no caminho espiritual, certo número de autores e de santos que me pareciam mestres e modelos que podiam me ajudar na procura do Senhor.

Auscultando a vida de alguns, eu ficava estupefato por sua perfeição. Entretanto, não me sentia de tal modo interpelado porque esses modelos que se apresentavam a meus olhos, a minha inteligência e a meu coração são tão elevados nos caminhos da perfeição que me sentia incapaz de me aproximar de suas virtudes e de imitar seus exemplos na minha própria vida de todos os dias.

Ao contrário, quando comecei a estudar assiduamente a vida de São Marcelino Champagnat eu me senti em seguida à vontade e tenho provado em meu foro interior um grande desejo de tomá-lo como modelo de minha vida e de tentar fazer um pouco como ele.

Com efeito, tenho descoberto em Marcelino Champagnat um santo e um modelo acessível!

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível pela simplicidade de sua vida. Saiu de um meio modesto, um pouco semelhante àquele da maior parte dentre nós. Viveu com um grupo de jovens cheios de boa vontade, de acordo, mas pouco desenvolvidos intelectualmente e socialmente. Eis por que precisou utilizar uma linguagem comum, de clareza, de honestidade e de simplicidade.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível com uma bagagem de qualidades intelectuais e humanas bem comuns que soube fazer frutificar em alto grau com a ajuda do Senhor e da Virgem, “nosso Recurso Habitual”, como gostava de chamá-la.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível porque ele não ocupou altos postos da hierarquia nem da sociedade civil. Foi um simples vigário de paróquia, fundador, responsável dos primeiros Irmãos Maristas, e membro de uma nova comunidade de padres: os Padres Maristas.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível porque ele jamais teve êxtases nem grandes revelações, mas ele se destacou por uma fidelidade a toda prova a seus contatos quotidianos com o Senhor.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível porque ele não lançou grandes teorias espirituais que tenham podido atrair os mestres, os sábios, os historiadores e os pesquisadores, mas ele teve gestos e repetido palavras que eram a concretização da fé profunda e convicções sólidas que animavam seu coração e sua alma de cristão e de padre.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível em suas exposições simples e claras sobre as verdades fundamentais da religião, feitas sob medida para os jovens pouco instruídos a quem ele dirigia, que os estimulava e os encorajava pelo caminho da santidade.

Marcelino Champagnat é santo e modelo acessível por causa dos meios comuns e bem concretos que tomava para manter e aumentar em si e nos outros que ele dirigia a profundidade e a qualidade de sua vida espiritual. Eu quero sublinhar em particular suas curtas orações jaculatórias repetidas ao longo da jornada, suas numerosas e ferventes visitas ao Santo Sacramento, seu hábito da “oração da hora”, uma prática que consiste em fazer ao soar de cada hora do dia uma invocação ao Espírito Santo e à Virgem Maria. Tantos gestos que o ajudavam a guardar viva a presença de Deus em sua vida.

Sim, Marcelino Champagnat, esse santo e modelo acessível, criou em mim uma impressão que eu não posso apagar. É um homem totalmente próximo dos homens, seus irmãos, um modelo que me atrai mais em mais, à medida em que aprofundi mais seus fatos e seus gestos tão simples, mas também plenos de confiança inabalável ao Senhor e de amor filial a Maria.

Senhor, nós te pedimos que haja entre as educadoras, os educadores e os pais, homens e mulheres que, como São Marcelino Champagnat, saibam escolher a Deus e traduzir essa escolha em gestos simples e concretos no quotidiano de sua vida.

São Marcelino Champagnat, dá-nos a força e a coragem de imitar-te.



450

PENSAMENTOS DE SÃO MARACELINO CHAMPAGNAT

*A maior parte dos pensamentos extraídos da
“Vida de José Bento Marcelino Champagnat.”
1989 (V.C.)*

A | *Apostolado*

- 001. Instruir bem as crianças, é pouca coisa, fazer-lhes amar a religião, é tudo. (V.C. p. 81)
- 002. Sois vós, Senhor, que me destes este lugar; espero de vós o socorro e as graças necessárias para fazer o bem aqui. (V.C. p. 32)
- 003. Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos para ensinar o catecismo, para ajudar os missionários, para dar aula às crianças. (V.C. 310)
- 004. Não ignoro que todas essas obras que nos propõem são excelentes; mas não é para nós uma razão de abraçá-las. (V.C. p. 488)
- 005. A educação da juventude não é um serviço, é um ministério religioso e um verdadeiro apostolado. (V.C. p. 558)

006. A mudança dos corações é obra da graça e não efeito da eloquência e do talento do homem. (V.C. p. 297)
007. Os Irmãos têm necessidade de silêncio e de recolhimento para preencher sua missão. (V.C. p. 492)
008. Meus Irmãos, se vossa tarefa vos parece difícil, lembrai-vos que é Deus quem a impôs, e que sua ajuda não vos faltará si lhe sois fiéis. (C.V. p. 93)
009. Meu Deus, afastai de mim este pensamento se não vem de vós e se este desejo não voltar para vossa glória e à salvação das almas. (C.V. p. 60)
010. Nosso dever não é de nos encarregar de toda sorte de obras, mas de fazer bem aquela que a Providência nos confiou. (V.C. p. 488)
011. Repreendem-me porque eu construí; é preciso para alojar os Irmãos; porque é preciso ou construir ou parar de receber os postulantes. (V.C. p. 37)
012. Quantos passos dei por estas montanhas! Quantas camisas molhei por esses caminhos! Creio que se toda suor em minhas caminhadas neste vale fosse reunido, haveria aqui bastante para tomar um banho. (V.C. p. 59)
013. Se Deus não vivifica nossas palavras por sua graça e por seu espírito, elas não se tornam senão um som vazio às orelhas, mas não irão ao coração. (V.C. p. 297)

B | *Confiança em Deus*

014. Para que serve a habilidade do jardineiro e aquela do cultivador se Deus não abençoa seus trabalhos e não lhes dá o crescimento. (V.C. p. 297)
015. Conhece alguém confiar em Deus e se arruinar ou faltar-lhe de ajuda? (C.V. p. 300)

016. É Deus que permite todos os acontecimentos e que os volta todos para a sua glória e ao bem de seus eleitos. (V.C. p. 301)
017. Esta congregação é obra de Deus, foi ele quem a fundou; não tem necessidade de ninguém para sustentá-la; sustentá-la-á sem os homens e apesar dos homens. (V.C. p. 301)
018. Como não deixar de amar Jesus que se fez criança para animar nossa confiança, para nos testemunhar o excesso de seu amor e para nos fazer compreender que obteremos tudo dele. (V.C. p. 332)
019. Pedir pouco a Deus é o meio de não receber nada. (V.C. p.332)
020. Deus escolheu homens sem virtude, sem talento, desprovidos de todo recurso humano, quis servir-se mesmo da miséria para fundar esta congregação a fim de que ninguém duvide jamais que ele só realizou tudo. (Anais, Avit p. 113, 191)
021. Deus não teve dificuldade para encontrar homens, ele pode tomar o primeiro que passa na rua. Em suas mãos qualquer instrumento é bom. (Anais, Avit p. 113, 191)
022. Deus alimenta as aves, dá o pão aos maus e blasfemam seu santo nome, que insultam sua religião; não é possível que vos abandone e vos deixe faltar do necessário se vós tendes confiança nele. (V.C. p. 302)
023. Deus, que nos envia essas crianças e que nos dá a graça de acolhê-los, também nos enviará como alimentá-los. (V.C. p. 77)
024. Espere, senhor superior, e se em alguns meses eu não conseguir, pode me mandar embora; mas eu espero que Deus me dará a graça de conduzir bem minha aula e contentá-lo. (V.C. p. 296)
025. Jamais Deus me pareceu tão maior e mais amável para os homens como quando usou com eles de uma grande misericórdia. (V.C. p.318)

026. Jamais ousaria empreender qualquer coisa sem a ter recomendado longamente a Deus. (V.C. p. 309)
027. Jamais o dinheiro me faltou quando tive absolutamente necessidade. (P.C. p. 305)
028. Eu não estou preocupado que tenhais problemas e que sejais perseguidos; isso vos porá na feliz necessidade de pôr vossa confiança em Deus. V.C. p. 300)
029. Estou certo de que Deus nos escutará concedendo-nos o que lhe pedimos, ou nos dando alguma coisa melhor. (V.C. p. 188)
030. Jesus se tornou criança e se reduziu a esse estado de despojamento para conquistar nosso amor, para fazer-se amar e para nos afastar de todo medo. (V.C. p. 300)
031. Deixai as pessoas caçoarem quanto queiram, Deus vos abençoará; sereis felizes, salvareis vossa alma; é tudo do que vos é preciso. (v.C. p. 67)
032. Deixai falar os homens e ponhamos a nossa confiança em Deus, que não nos abandonará jamais a menos que nós o abandonemos por primeiro. (V.C. p. 303)
033. Não esqueçamos que apoiar-se nos homens, é apoiar-se em um caniço que se dobra e nos deixa cair. V.C. p. 303)
034. Não tenhamos medo, meus caros amigos, nós temos Deus como defensor; ninguém nos pode fazer mal se Deus não lhes permite. (Cartas, 17, 16-21)
035. Podemos temer o fracasso quando temos Deus por nós e que realizamos sua obra? (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 22)
036. Por que duvidar do futuro da congregação e acreditar que está perdida porque lhe apraz a Deus retirar o instrumento do que se serve para conduzi-la? (V.C. p. 32)

037. Já que Deus quer que eu abrace esta vocação, ele me dará a inteligência e tudo o que me for necessário para realizar meus estudos. (V.C. p. 296)
038. Quando se tem Deus, quando se confia nele, nada é impossível. (V.C. p. 296)
039. Mesmo que todos os homens estejam contra nós, não temos nada a temer se Deus está conosco. (V.C. p. 300)
040. O quê? Vós dirigis a Deus a injúria de desconfiar dele? Não é ele bastante poderoso para vos socorrer, ou duvidais de sua bondade? (V.C. p. 300)
041. Não tendes mais razão de duvidar do futuro e do sucesso da obra. Deus a quer porque a Igreja a aprova. (V.C. p. 211)

C | *Defeitos do caráter*

042. Aceitar a correção, de qualquer parte que venha, é uma prova certa de juízo correto e de sólida virtude. (V.C. p. 448)
043. Está bem, está bem, meu caro amigo, eu esqueci sua falta, não se preocupe mais e não pense senão em fazer melhor no futuro. (V.C. p. 450)
044. Não é ocultando as faltas e as imprudências cometidas que se forma e se adquire experiência, mas submetendo com simplicidade sua conduta a quem tem o direito e o dever de julgar. (V.C. p. 464)
045. O que é necessário para manter a caridade é suportar os defeitos dos outros como desejamos que eles suportem os nossos. (V.C. p. 44)
046. Aquele que tem o cuidado dos outros não deve se incomodar e se mostrar angustiado senão quando vê ofender a Deus; em outros casos, deve ser impassível. (V.C. p. 471)

047. Aquele que não pode suportar uma repreensão não se corrigirá jamais de seus defeitos. (V.C. p. 447)
048. Aquele que negligencia o aviso fraterno participa da falta de seu irmão. (Avis, leçons, sentences, p. 251)
049. Aquele que se afasta, que não vive como os outros, que se deixa ir à sensualidade, não é feito para uma comunidade. (V.C. p.455)
050. Não tem o espírito de Jesus Cristo aquele que não vê no próximo senão seus defeitos; para ser justo é preciso também considerar suas virtudes e tudo que há bom nele. (C.V. p. 451)
051. Os que se preocupam demasiadamente com sua saúde não cuidam muitas vezes senão mediocrementemente de sua perfeição. (V.C. p. 396)
052. Temer a repreensão é uma falta infalível de orgulho e de falsidade. (V.C. p. 448)
053. Deus nos permite defeitos para exercitar nossa paciência e a caridade dos coirmãos. (Anais, Avit, p. 161)
054. Há jovens velhos e velhos que foram crianças toda sua vida. (V.C. p. 466)
055. Verifiquei sempre que aqueles que se ocupam muito de seu corpo pensam pouco em sua alma. (V.C. p. 396)
056. O homem ocioso é um ser inútil e é um embaraço para todo mundo. (Avis, Leçons, Sentences P. 517)
057. Meu caro amigo, se você deseja que continue a repreendê-lo de seus defeitos, é preciso não se ofender. (V.C. p. 449)
058. Meu caro amigo, você é muito severo para com os outros e muito indulgente para si mesmo. (V.C. p. 445)

059. Mostrai a Deus vossos defeitos, dizei-lhe: “Meu Deus, eis diante de vós um homem dissipado, orgulhoso, preguiçoso, sensual, inconstante. Curai-me, ó Jesus, as chagas de minha alma!” (V.C. p. 319)
060. Não sejamos demais exigentes; perdoemos alguma coisa à fraqueza humana e evitemos, por um zelo que não seria sabedoria exigir dos jovens Irmãos uma perfeição que não é de sua idade. (V.C. p. 451)
061. Pode-se ser regular, piedoso, zeloso para sua santificação: pode-se numa palavra amar a Deus e ao próximo, sem ter a perfeição da caridade. (V.C. p. 275)
062. Quando estais tentados pela vaidade, virai a medalha para ver vossos numerosos defeitos. (Anais, Avit, p. 304, 11e)
063. O quê! Meu Irmão, você faz diante de Deus o que não ousaria fazer diante de mim? (V.C. p. 327)
064. Vós enxergais a palha no olho de vosso irmão e não percebeis a trave que está no vosso. (V.C. p. 4450)
065. Um Irmão pode ser um bom religioso com um caráter desagradável, com defeitos que fazem sofrer os irmãos e prejudicam a união fraterna. (Anais, Avit, p. 161)
066. Um homem que não tem virtude, que desempenha mal seu trabalho, que o faz por motivos humanos e que não se contenta com sua tarefa, não pode ser senão um fardo para seus coirmãos. (V.C. p.313)

D | *Educação*

067. Que adianta a um menino saber ler, escrever e mesmo aprender o catecismo, senão sabe obedecer e não sabe se comportar. (V.C. p. 245)

068. Educar é função mais importante que governar o mundo. (Anais, Avit, p. 304, 12e)
069. Não é ter caridade ser insensível às misérias e às privações dos membros de Jesus Cristo e não aproveitar os meios que se pode encontrar para assistindo-os. (V.C. p. 527)
070. Não sem razão que digo que a expulsão é um castigo extremamente grave e que ele deve ser muito raro. (V.C. p.526)
071. É ensinar bem o catecismo dar sempre o bom exemplo e demonstrar-se em toda parte modelo de piedade, de regularidade, de modéstia e de caridade. (V.C. p. 109)
072. É porque os alunos têm defeitos que é preciso lhes dar uma boa educação, e vocês têm o mérito de instruí-los, suportá-los e formá-los. (V.C. p. p. 514)
073. É unicamente por que temos que dar a nossos alunos bons princípios e afastá-los das más companhias que nós pedimos um lugar para os recreios. (V.C. p. 548)
074. Será a golpes de palmatória que se educam as crianças e que se lhes impõe o amor à virtude? (V.C. p. 541)
075. Formar o coração de uma criança é desenvolver e fazer crescer suas boas disposições, e enfeitá-los de virtudes. (V.C. p. 541)
076. É preciso respeitar a criança porque não ganhareis sua estima, sua confiança e sua afeição senão pelo respeito que lhes temos e pelas boas maneiras com que usaremos a seu respeito. (V.C. p. 283)
077. Não há nada mais necessário na educação, pelo mestre e pelo aluno, senão o respeito mútuo que eles se devem. (V.C. p. 282)
078. É impossível educar bem a criança se não a respeitamos. (V.C. p. 282)
079. A educação é para o aluno o que o cultivo é para a terra; por

- bom que seja o solo, se não é cultivado, não produz senão sarças espinhos. (V.C. p. 548)
080. O espírito de fé, que nos mostra no pobre a imagem de Jesus humilhado e feito pobre por nós, deve nos inspirar um grande respeito, um grande amor pela criança indigente. (V.C. P. 348)
081. O estabelecimento dirigido por um Irmão que tem zelo é um estabelecimento construído sobre a rocha. (V.C. p. 559)
082. A disciplina é a metade da educação da criança, e se esta metade faltar, o maior tempo da outra parte torna-se inútil. (V.C. p. 538)
083. A grande chaga de nosso século, todos reconhecem, é o espírito de independência. (V.C. p. 539)
084. O método de correção de São Marcelino Champagnat compreendia três ditos que formulava assim: “A primeira vez, eu perdoo; a segundo vez, tu me deves; a terceira vez, tu me pagas.” (V. C. p. 450)
085. A falta de vigilância torna inútil todo o bem que um educador poderia fazer, e sua aula, que devia ser para o aluno escola de virtude torna-se causa de depravação. (P.V. 5. 543)
086. O Irmão que não sabe se tornar pequeno, que não gosta de repetir as mesmas coisas, que quer sempre avançar, não é próprio para uma aula de pequenos. (V.C. p. 536)
087. O mestre, mesmo seja um santo, se ele negligencia a vigilância, seus alunos se perverterão, todas as suas instruções e todas as obras de seu zelo serão inúteis. (V.C. p. 543)
088. O tempo de aula não é nem seu, nem a outras pessoas que venham lhes falar; ele é de seus alunos. (V.C. p. 5440)
089. As ações têm mais força para convencer e persuadir do que as palavras e as instruções. (V.C. p. 550)

090. Os alunos pobres são, numa turma de alunos, o que os doentes são numa casa: um objeto de bênção e de prosperidade, quando os olhamos com os olhos da fé e que os consideramos como membros sofredores de Jesus Cristo. (V.C. p. 520)
091. Punições e recompensas não contribuem para manter a disciplina senão quando se usam moderadamente e com grande sabedoria. (V.C. p. 555)
092. Multiplique-se para fazer progredir sua escola. Não perca jamais de vista o grande bem que pode fazer; este bem e a grande recompensa que espera, não podem faltar de lhe dar zelo e coragem. (V.C. p. 519)
093. Mostrem-se mais pais que mestres dos alunos; então eles os respeitarão e lhes obedecerão sem dificuldade. (V.C. p. 542)
094. Jamais esquecer que as crianças são seres frágeis e, consequentemente, elas têm necessidade de serem tratadas com bondade, amor, indulgência e instruídos e formadas com toda paciência (V.C. p. 550)
095. Nosso objetivo é educar as crianças, isto é, instruí-las de seus deveres, lhes ensinar a praticar, lhe dar o espírito, os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão. (V.C. p.547)
096. Oh! Como há diferença entre um Irmão que dá aula como apóstolo e por espírito de zelo, e outro professor como funcionário. (V.C. p. 558)
097. Oh! Como quereria ter a felicidade de ensinar às crianças e de consagrar de maneira mais direta meus cuidados a formá-las para a virtude. (V.C. p. 520)
098. Quanto mais certos alunos têm defeitos, mais são difíceis de ensiná-los e de formá-los; menos eles aproveitam seu ensino e seus cuidados, mais vocês devem rezar por eles. (V.ç p. 515)

109. Para bem educar os alunos é preciso amá-los e amá-los todos igualmente. (V.C. p. 550)
100. Para conservar a disciplina, é preciso mantê-los nos limites: porque exigir demais é o jeito de nada obter. (V.C. p. 471)
101. Para educar, para formar um aluno é preciso ter títulos. Ora, os títulos que o aluno reconhece e compreende melhor são as virtudes, o bom exemplo, a capacidade e os sentimentos pessoais que se lhes testemunhamos. (V.C. p. 550)
102. Para estabelecer e manter a disciplina numa sala de aula, duas coisas são absolutamente necessárias ao mestre: o caráter e a constância; donde se deduz que as pessoas que lhe faltam essas qualidades são pouco próprias para educar. (V.C. p. 540)
103. Para conquistar os alunos, para sermos ouvidos, é preciso estimá-los; ora, é principalmente pelas qualidades exteriores, isto é, pelas maneiras honestas, amáveis, por um caráter alegre, aberto, doce, complacente, uniforme e modesto, que se cativa seu respeito, sua atenção e que se conquista sua confiança. (Prior 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 65)
104. Tomai grande cuidado pelas crianças pobres, dos analfabetos e daqueles que são mais limitados; testemunhai-lhes muita bondade, interrogai-as seguidamente, e não temeis mostrar-lhes em toda ocasião que os estimais e os amais precisamente porque são menos providos de vantagens e de bens da natureza. (V.C. p. 520)
105. Quando a expulsão não é suficientemente motivada ela provoca o murmúrio e as queixas do público; ela provoca a cólera e o ódio dos pais cujos alunos foram expulsos. (V. C. p. 526)
106. Quando numa aula reina a ordem, o aluno se aplica a suas lições, a seus deveres, ama o estudo e se apega à escola. (V.C. p. 251)
107. Quando um aluno está a ponto de ser expulso, é preciso convi-

dá-lo a se retirar por ele mesmo ou chamar os pais e, depois de lhes fazer conhecer o comportamento de seu filho, pedir-lhes de retirá-lo, a fim de se evitar o desagrado de mandá-lo embora da escola. (V.C. p. 526)

108. Quando veem a ordem e a disciplina se perturbar, desaparecer logo que o mestre não está presente, é sinal de que esse último não tem autoridade moral. (V.C. p. 555)
109. Quais que sejam as boas disposições de um aluno, se lhe falta a educação, será sem virtude e sua vida será nula para o bem. (V.C. p. 548)
110. Se os alunos fossem perfeitos, eles não teriam necessidade de vossos cuidados. (V.C. p.514)
111. Um simples olhar de satisfação é capaz de reanimar a coragem e produzir mais fruto numa escola do que grande número de punições e castigos. (Extraídos da “Conduite” citada por P. Zind, p. 421)
112. Uma educação cristã e religiosa é o meio mais próprio e mais eficaz para formar cidadãos para a sociedade e, para a religião, cristãos fervorosos. (Cahiers maristes, nº 4 p.65)

E | Compromisso

113. Ah! Se tivesse menos idade e mais saúde, como iria trabalhar com boa vontade nesses campos da Polinésia! (V.C. p. 209)
114. Hoje, estou de tal maneira convencido de que a vontade de Deus é que as coisas fiquem assim, que nada poderá me fazer mudar. (V.C. p.172)
115. Esse trabalho de construção não tem nada de desonroso para meu ministério e muitos eclesiásticos se ocupam menos utilmente. (V.C. p.106)

116. Há circunstâncias em que é preciso menos contar os votos que pesá-los. (C.V. p. 106)
117. Parece que as coisas vão lentamente, não importa, estamos decididos de não deixar a oportunidade. (V.C. p. 215)
118. Há mais de vinte anos que eu me levanto às quatro horas; entretanto não me habituei; todos os dias é para mim um sacrifício e uma dificuldade. (V.C. p. 5)
119. Eu não posso ver um menino sem sentir a vontade de lhe ensinar como Jesus Cristo o ama e como por sua vez deve amar esse divino Salvador. (V.C. p. 504)
120. Por fim edificam-me os exemplos que tenho sob os olhos e do devotamento generoso daqueles que se destinam às missões. (V.C. p. 220)
121. Sim, tive a intenção de criar instituições para a juventude do interior; com esta intenção reuni alguns jovens; Deus fará o que ele quiser, porque eu não quero senão a sua santa vontade. V.C. p. 116)
122. Como Deus é bom levar em conta tudo o que se faz pelo próximo e dar Ele mesmo a recompensa. Que poderoso motivo para praticarmos a caridade e prestar serviço a nossos Irmãos. (V.C. p. 124)
123. Se V. Excia. me ordena, eu deixarei o que está feito, eu me resignarei, é de meu dever, mas eu temo pelas consequências. (V.C. p. 194)
124. Enquanto as associações que não se propõem senão o mal organizam-se com toda liberdade, porque aquelas que têm por objetivo a glória de Deus experimentam dificuldades quase insuperáveis ? (V.C. p.202)
125. Ver ofender a Deus e as almas se perderem são para mim duas coisas insuportáveis que me fazem sangrar o coração. (Avis, leçons, sentences p. 172)

F | *Espírito de família*

126. Ah! Temo que se deixe sofrer esse bom Irmão! Gostaria de que ele estivesse aqui para cuidar dele. (V.C. p. 23)
127. Cada um deve viver segundo seu estado; se os Irmãos, cujo emprego é tão penoso, não tem ao menos o necessário, sua situação é insustentável. (V.C. p. 490)
128. No Instituto, não são somente os bens temporais e terrestres que devem estar à disposição de todos. Digo também dos bens do corpo, da força e da saúde. Enfim, cada um deve fazer de tal modo de que todos os bens espirituais que Deus lhe dispensou aproveitem a todos os seus Irmãos. É assim que deve ser entendido e aplicado o princípio; entre os Irmãos tudo está à disposição da comunidade. (V.C. p. 443)
129. Dizei a seus Irmãos que eu os amo como meus filhos, que penso seguidamente neles, que rezo sem cessar por eles. (V.C. p. 436)
130. É para mim doce consolação de vê-los reunidos e tendo todos um só coração e uma só alma, formando uma só família, procurando todos a glória de Deus, o interesse da fé e combatendo sob o mesmo estandarte, aquele da santa Mãe de Deus (V.C. p. 441)
131. Em comunidade, aquele que é forte e robusto deve aliviar aqueles que são doentes ou de saúde fraca. (V.C. p. 443)
132. Tenho pressa em vê-los todos para abraçá-los e lhes dizer tudo o que eu sinto de afeição por vocês em Nosso Senhor. (V.C. p. 436)
133. É tão necessário manter a reputação dos Irmãos em comunidade como em público: o Irmão tem mesmo mais direito da estima de seus coirmãos do que a estima das pessoas de fora. (V.C. p. 444)
134. Não há homem mais infeliz daquele que não tem espírito de família, isto é, que não é devotado a seu Instituto e que vive em

comunidade como um estranho, como tendo seu bem e seu tesouro em outro lugar. (V.C. p. 388)

135. Desejo que esta caridade, que vos deve unir todos como membros de um mesmo corpo, se estenda também a todas as congregações. Sede os primeiros a vos alegrar de seus sucessos e a vos afligir de suas desgraças. (Prier 115 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 79)
136. Não posso mais tolerar por mais tempo que os Irmãos sejam molestados pelas pessoas que estão na casa contígua e que eles não possam sair para seu jardim sem se encontrar sob os olhos dessas pessoas. (V.C. p. 491)
137. Não estarei tranquilo enquanto não tivermos aposentos convenientes para receber aqui esses bons Irmãos que esgotaram suas forças e seu empenho trabalhando para a santificação dos alunos. (V.C. p. 440)
138. Tenho tal interesse por meus bons Irmãos e desejo com tanto ardor sua salvação que não posso deixar de rezar por eles, e de apresentá-los sem cessar a Nosso Senhor e sua santa Mãe. (V.C. p. 312)
139. Eu vos sou muito agradecido desse ato de caridade que me fazeis; porque não é coisa agradável massagear os membros de um cadáver e, sobretudo, um pecador. (V.C. p. 230)
140. O amor que todos os Irmãos se devem, deve ser um amor efetivo, que consista em prestar-se serviço em toda ocasião, em se substituir junto dos alunos, a ajudar, e a ser sempre prontos a colaborar. (Avis, leçons, sentences, p. 243)
141. O ambiente de uma escola de Irmãos deve ser um ambiente de família. Ora, numa boa família, numa família bem em ordem, são os sentimentos de respeito, de amor, de confiança recíproca que dominam e não o temor dos castigos. (V.C. p. 542)
142. A caridade fraterna é o primeiro sustentáculo exterior dos Ir-

mãos e um dos meios mais próprios para mantê-los no espírito de sua vocação, prevenir os abusos e afastar do Instituto tudo que poderia comprometê-los. (V.C. p. 496)

143. A caridade, que Jesus Cristo chama seu mandamento, deve ser uma das principais virtudes dos Irmãos, e devem apegar-se a praticá-la a respeito de todo mundo, mas particularmente em relação aos Irmãos e aos alunos. (V.C. p. 134)
144. A negligência ou a ausência das pequenas virtudes, eis a grande causa das dissensões, das divisões e das discórdias entre os homens. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 44)
145. O Irmão que é “filho de casa” prefere o bem comum a seus interesses pessoais, leva a toda parte o bom espírito e dá o bom exemplo; está pronto a sacrificar o que tem de mais caro pelo bem do Instituto. (V.C. p. 388)
146. O religioso que é filho de casa, não ama nada tanto, depois de Deus, quanto seu Instituto: não tem senão amor em vê-lo progredir, isto é, desenvolver-se, conservar seu espírito, procurar seu objetivo para a glória de Deus e a salvação das almas. (V.C. p. 387)
147. O religioso que é filho da casa considera os membros do Instituto como seus irmãos; assim está sempre ocupado a ajudá-los, a aliviá-los, lhes prestar serviço; em toda parte toma seu partido, ajuda-os, defende-os, desculpa e oculta seus defeitos. (V.C. p. 387)
148. Somente o religioso que tem os sentimentos e o espírito de família, encontra na vida religiosa o cêntuplo de bens e de contentamento prometidos por Jesus Cristo. (V.C. p. 388)
149. Os Irmãos “empregados” trabalham mal: não puseram Deus em sua vida. Os Irmãos “filhos de casa” trabalham bem: eles têm fé, põem seu ideal em Deus, fazem tudo em nome do Senhor. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jeãn Roche, p. 98)

150. Os Irmãos não esquecerão jamais que, vindo para a congregação e que unindo-se para constituir uma só família, assumiram a obrigação de se amar como irmãos e de se ajudar mutuamente para chegar à salvação. (C.V. p. 34)
151. Meus caros Irmãos, todos os dias no santo altar, eu rogo a nosso divino Mestre derramar sobre vocês suas graças e suas bênçãos mais generosas. (V.C. p. 442)
152. Eu! Guardar rancor contra você? Ah! Meu caro amigo, Deus me preserve disso! Graças a Deus, jamais entrou em meu coração uma gota de fel e do menor ressentimento contra você, nem contra ninguém de meus Irmãos. (V.C. p. 401)
153. Para ser feliz em comunidade é preciso não vir e aqui ficar como empregado, mas na qualidade de filho da família. (Avis, leçons, sentences, p. 324)
154. Que não haja entre vós senão um só coração e um só espírito. (Testamento espiritual)
155. Que a união e a caridade, de que fala o discípulo amado, reinem sempre entre vós. Aqueles que devem obedecer, desempenhem este dever com humildade, e aqueles que devem mandar o façam com doçura.” (V.C. p.437)
156. Que o respeito humano ou falsa benquerença não nos façam jamais perder de vista a glória de Deus e os verdadeiros interesses de nossos Irmãos. (V.C. p. 496)
157. Falam-me de “seu” e “meu”. Isso é tanto meu como teu; pertence à comunidade, quer dizer, pertence a todos os Irmãos que tenham necessidade disso. (Avis, leçons, sentences, 258)
158. Um Irmão tem mais direito à estima de seus coirmãos do que da estima das pessoas de fora. (Avis, leçons, sentences, 258)
159. Um Irmão que não se dá inteiramente a sua comunidade e que

não se esforça para criar os sentimentos de um filho benquisto, não é um religioso, mas um doméstico. (V.C. p. 387)

160. Um doente não é um peso para a comunidade, mas um motivo de bênção. São mais úteis ao Instituto e prestam mais serviços suportando sua doença que se dessem aula. (V.C. p. 440)
161. Vossa felicidade e vosso contentamento durarão enquanto fordes unidos; enquanto vos amardes. (V.C. p. 437)
162. Tereis muitas dificuldades; mas tende confiança; Deus estará convosco se fordes unidos, porque é sua obra que fazeis. (Avis, leçons, sentences, p. 342)
163. Esquecer-vos? Isso é impossível! (V.C. p. 244)
164. Você sabe, meu caro Irmão, que eu o estimo e que lhe sou todo devotado em Jesus Cristo. (V.C. p. 36)
165. Vós sabeis que eu não respiro senão por vós, que não há nenhum verdadeiro bem que eu não peça a Deus por vós cada dia. (V.C. p. 38)
166. Quando virdes um Irmão que está triste, aborrecido, ou em dificuldade para cumprir seu trabalho, não o abandoneis a si, testemunhai-lhe que participais de suas dificuldades, consolai-o e encorajai-o. (V.C. p. 446)

G | *Exemplo*

167. É particularmente vendo os professores fazendo o bem e recebendo bons exemplos que o aluno aprende a praticar a virtude, a viver cristãmente. (V.C. p. 550)
168. Como ensinar aos alunos a fazer bem o sinal da cruz se vós mesmos o fazeis mal? (V.C. p. 288)

169. O sinal da cruz que fazemos lembra-nos os mais comoventes e os mais inefáveis de nossos mistérios. (V.C. p. 287)
170. É necessário que vós, que sois anciãos deis o exemplo, porque tudo o que fazeis tem repercussão e não pode deixar de fazer muito bem ou muito mal, segundo como vos conduzis. (V.C. p. 380)
171. A educação é antes de tudo o resultado do bom exemplo: porque a virtude fortifica a autoridade; porque está na natureza do homem imitar o que ele vê fazer. (V.C. p. 50)
172. Os Irmãos devem ser para seus alunos modelos de piedade e de virtude, de maneira a levá-los a Deus muito mais por seus exemplos do que por suas palavras. (V.C. p. 135)
173. Os religiosos tíbios e que dobram a regra a seus caprichos, têm uma influência terrível e não se pode dizer todo o mal que eles causam por suas palavras e por seus exemplos. (V.C. p. 499)
174. Meus filhos, Deus lhes deu a grande graça em lhes dar mestres piedosos e virtuosos que lhes dão sem cessar bons exemplos. (V.C. p. 229)
175. Não esqueçam que a primeira lição que vocês devem dar a seus alunos e a todos os cristãos, é o bom exemplo: sejam, pois, para todos, modelos de piedade e de virtude. (V.C. p. 94)
176. Que pensarão os alunos e os fiéis quando vos veem fazer tão levemente o sinal da cruz, tão próprio para inspirar a piedade e o fervor? (V.C. p. 287)
177. Considerando-se, com razão, como obrigado a contribuir para o Instituto, o filho da casa se esforça para dar em toda parte o exemplo de regularidade, de piedade, de submissão, de bom espírito e dedicação. (V.C. p. 229)
178. Um bom religioso não se permite jamais comprar o que ele não ouzaria escrever em seu livro de contas e aquilo que não pode apresentar aos olhos de seus superiores sem ser repreendido. (V.C. p. 229)

179. Um Irmão piedoso, regular, caridoso, paciente, dedicado, honesto e fiel a todos os seus deveres faz continuamente o catecismo. (V.C. p. 550)

H | *Humildade*

180. Aquele que conta muito com seus talentos e com sua habilidade não é próprio para fazer o bem. (Anais, Avit, p.110, 181)

181. Esta congregação é sua obra e Deus não tem necessidade de ninguém para fazê-la prosperar. (Anais, Avit, p. 111, 183)

182. Deus convocou homens sem virtude, sem talento, desprovidos de recursos humanos; ele quis servir-se da miséria até para formar esta congregação. (V.C. p. 408)

183. Deus ama os humildes e os abençoa em tudo que eles fazem. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Rohe, p. 55)

184. Deus não tem nenhuma necessidade de mim, eu estou persuadido de que sou mais nocivo a minha congregação e de que ela irá melhor após minha morte. (V.C. p. 233)

185. Ser piedoso, relacionar-se seguidamente com Deus pela oração, frequentar os sacramentos com fruto, e não ser humilde é coisa impossível! (V.C. p. 412)

186. Guardai-vos de ter inveja de ninguém, e, sobretudo, aos que Deus chamou para trabalhar como vós, no estado religioso, à instrução da juventude. (V. P. 414)

187. Não há maiores defeitos que prejudiquem tanto as obras de Deus e que sejam mais próprios para que fracassem quanto a vaidade, a fê em seus pequenos talentos e a confiança em si mesmos. (V.C. p. 297)

188. Abuso de vossa paciência e vos faço perder vosso tempo: vós sabeis e praticais todas essas coisas melhor do que eu. (V.C. p 406)

189. Não me lembro de ter feito voluntariamente mal a alguém, mas se isso me aconteceu, eu lhe peço sinceramente perdão. (V.C. p. 230)
190. Eu sou inútil no mundo, mais ainda, estou convencido de que não sou senão um obstáculo ao bem e que a congregação irá muito melhor depois de minha morte do que durante a minha vida. (V.C. p. 408)
191. Sou mais ambicioso que a mãe dos santos Tiago e João que pedia o primeiro lugar para seus filhos. Eu peço três coisas para cada de meus Irmãos: o primeiro lugar no presépio de Belém, o primeiro lugar no calvário e o primeiro diante do tabernáculo. (Anais, Avit p. 151)
192. Eu vos falo francamente porque vos amo e acreditei destacar que os louvores vos fazia um sensível prazer. Advirto-vos que se vós acreditais em semelhantes ninharias estais perdidos. (V.C. p. 410)
193. O homem não é senão um instrumento, ou mais, ele não é nada; é Deus que tudo faz. (V.C. p. 232)
194. A humildade é um perfume que conserva as virtudes. O orgulho é um veneno que as corrompe e as estraga. (V.C. p. 411)
195. Deixa-me carregar a mala, ao menos terei alguma parte do bem que você vai fazer. (V.C. p. 407)
196. O Irmão humilde deseja unicamente a glória de Deus; ele faz o bem sem trombetear e ele não procura ser aplaudido, e nem falem de si. (V.C. p. 413)
197. O próprio da modéstia é de não aparecer. Aquele que possui esta virtude vive silencioso na comunidade; é simples em sua aparência, nas atitudes, nas palavras e em tudo que faz. (V.C. p. 413)
198. Os elogios que me fizeram a seu respeito, causaram-lhe deus grande satisfação, não é verdade? Oh! Tenho medo de que eles o tenham envaidecido e lhe façam perder a cabeça” (V.C. p. 410)

199. Os Irmãos humildes são um tesouro para a congregação e uma fonte de bênçãos para as casas que têm a felicidade de tê-los. (V.C. p. 413)
200. Minha afeição vai para os pequenos Irmãos que se escondem como a violeta e tomam em toda parte o último lugar. Anais, Avita p. 153, 74)
201. Perderíamos nosso tempo se esperássemos em nossos esforços, de nossos talentos, de nossa habilidade ou dos homens de sucesso de nossas obras; porque não há senão Deus que possa dar o êxito. Para nós, nós não somos senão próprios para tudo estragar. (V.C. p. 292)
202. Oh! Como o orgulho é uma coisa detestável! Não estranho que Deus resista aos orgulhosos e que todas as suas predileções sejam para os humildes (V.C. p. 413)
203. Afastai a humildade, ruinareis todas as virtudes. (V.C. p. 412)
204. Quando o demônio vos mete no espírito pensamentos de vaidade e que expõe diante de vós vossas boas qualidades, virai a medalha; olhai vossos defeitos e todo o mal que tendes feito. (V.C. p. 411)
205. Que a humildade e a simplicidade sejam sempre o caráter dos Pequenos Irmãos de Maria. (Testamento espiritual)
206. Que milagre, não é, por exemplo, que Deus se tenha servido de semelhantes homens para começar esta obra! (V.C. p. 408)
207. Se tiverdes o espírito de vossa vocação, se fordes humildes e modestos, em lugar de vos deixar ir às inspirações de vossa vaidade, em lugar de frasear, falareis simplesmente e de maneira a ser compreendidos pelos alunos mais novos e os mais atrasados. (V.C. p. 410)

208. Lembrem-se de que são os filhos de Belém, os Pequenos Irmãos de Maria, conservem cuidadosamente em vocês mesmos os sentimentos de Jesus e de Maria no estábulo de Belém e na pobre casa de Nazaré. (V.C. p. 229)

I | Jovialidade

209. Aquele que é alegre e contente mostra por esta simples disposição, que ama seu trabalho, que está feliz e que não encontra nada demais difícil. (V.C. p. 279)

210. Deixando-vos levar pela tristeza vós fazeis crer que tudo vos desagrada e que tudo é culpa da comunidade. (V.C. p. 277).

211. É suficiente um só Irmão sujeito à tristeza para turvar a união de uma casa e para semear a discórdia entre todos os que têm a desgraça de viver com ele. (V.C. p. 276)

212. Há dois tipos de homens, cujo demônio faz tudo o que ele quer: os preguiçosos e aqueles que se deixam levar à tristeza e ao desânimo. (V.C. p. 276)

213. Prefiro que ele se divirta a que fique inativo e aborrecido. (V.C. p. 278)

214. Não gosto dos Irmãos cuja presença afasta os alunos; mas considero muito próprios os que fazem amar a religião, aqueles cujo caráter alegre e de maneiras doces e afáveis anunciam um coração contente e virtuoso. (V.C. p. 282)

215. Meus amigos, lembrem-se de que é para Deus que trabalhamos e que as recompensas que nos prepara são eternas. Se cremos nestas verdades, nós nos deixaremos ir à tristeza?

216. Meu Irmão, vejo que você está de bem com o bom Deus e que você tem uma consciência em paz, porque você dorme muito pacificamente. (V.C. p. 246)

217. Não vê você que duplica seus sofrimentos e que você perde o mérito entregando-se a seu humor azedo? (V.C. p. 275)
218. Para se tornar um bom Irmão é preciso ter um caráter alegre e contente, e se você não for assim, não o aceitarei. (V.C. p. 279)
219. Para os jovens Irmãos principalmente, o jogo durante a recreação é o que há de melhor. (V.C. p. 278)
220. Quando se é obrigado, por sua vocação a trabalhar para a santificação do próximo, não é suficiente agradecer a Deus pela pureza de sua consciência, é preciso também agradecer aos homens por um caráter amável e por muita amenidade nas palavras e na maneira de tratar as pessoas. (V.C. p. 275)
221. Seja mais corajoso em outra vez, e não deixe entrar em seu espírito o mau humor; pois, além de enfraquecer e destruir todos os bons sentimentos da alma, ele agrava os sofrimentos da vida e os torna insuportáveis. (V.C. p. 275)

J | Maria

222. É Maria, que do alto da cruz, Jesus confia todos os homens na pessoa do discípulo bem-amado, a fim de nos fazer compreender que ela é nossa Mãe e que é por ela que ele quer nos conceder suas graças. (V.C. p. 348)
223. Está bem, meu amigo, eu o recebo; mas não esqueça jamais de que é para amar e para servir a Maria que está vindo e que você foi recebido neste Instituto. (V.C. p. 352)
224. É pela graça de Deus, pela proteção de Maria, pela piedade e pela virtude que você terá êxito, que fará o bem e que você obterá sucesso. (V.C. p. 292)
225. Esta obra é vossa. Vós nos reunistes, apesar das contradições do mundo, para trabalharmos pela glória de vosso divino Filho. Se

não vierdes em nosso auxílio, pereceremos, apagar-nos-emos como lamparina chegada à última gota de azeite; mas se este Instituto desaparecer, não será nossa obra que perecerá, porém a vossa, pois fostes vós que tudo fizestes entre nós.

226. Não é senão ao discípulo bem-amado que Jesus confia sua mãe; a fim de nos ensinar que são as almas privilegiadas e sobre as quais tem desígnios particulares de misericórdia que ele dá uma devoção especial pela santa Virgem (V.C. p. 108)
227. Como um Irmão que reza todos os dias o terço, o ofício e muitas outras orações, que consagra a esta divina Mãe um dia por semana, que celebra suas festas com uma devoção particular, poderia se perder? (V.C. p. 344)
228. Tenho esta confiança de que todos que perseverarão em sua vocação até a morte na sua vocação e que deixarão a terra alcançarão a salvação. (V.C. p. 253)
229. Tenho confiança que Maria não deixará perecer nenhum que perseverarão até a morte em sua vocação e que deixarão a terra com suas vestes religiosas. (V.C. p. 344)
230. Espero que a Santa Virgem não fique descontente de nós, pois é para lhe agradar, para merecer sua proteção e conservar sua obra tal como ela a fundou, que recusamos de nos encarregar do cuidado da sacristia de Fourvière. (V.C. p. 89)
231. A Santa Virgem salientou-se em todas as virtudes. Ela se distinguiu particularmente por sua humildade. É porque a humildade, a simplicidade e a modéstia devem ser o caráter distintivo dos Irmãos de Maria. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 56-7)
232. Os Irmãos devem falar frequentemente da Santa Virgem a seus alunos; inspirar-lhes uma confiança sem limites em sua poderosa proteção, fazer-lhes por isso instruções familiares, bem a seu nível, bem próprias a lhes dar esta verdadeira devoção a Maria, que é sinal de salvação. (V.C. p. 134)

233. Os verdadeiros Pequenos Irmãos de Maria aplicam-se a imitar sua divina Mãe, a assumir seu espírito; por isso, se conservam na simplicidade e na modéstia, utilizam, falando e escrevendo, as mais simples expressões. (V.C. p. 410)
234. Maria foi de admirável pureza: nós que somos seus filhos e que temos a glória de levar seu nome, também devemos imensamente amar esta bela e sublime virtude. (V.C. p. 418)
235. Maria está encarregada de nós porque ela é nossa Mãe, nossa padroeira, nossa superiora e que nós contamos com ela. Esta congregação é sua obra. (V.C. p. 31)
236. Maria, não é ela vosso refúgio e vossa Boa Mãe? Quanto maiores necessidades, mais ela está interessada em ir a vosso socorro. (Carta ao Ir. Maria Laurent)
237. Maria não nos recebe senão para nos dar a Jesus. (V.C. p. 108)
238. Não esqueçais nunca que tendes Maria por defesa, e que ela é terrível aos inimigos de nossa salvação como um exército em batalha. (V.C. p. 180)
239. Não tenham medo, eu vos prometo a proteção de nossa boa Mãe: ela tomará cuidado de vós como de seus filhos. (V.C. p. 14)
240. Não temais em recorrer tantas vezes a Maria, porque seu poder é sem limite, sua bondade para conosco e seu tesouro de graças são inesgotáveis. (Avis, leçons, sentences, p. 13)
241. Não tenham medo de nada; as aparências são contra nós, mas Maria porá ordem em tudo: ela saberá afastar as dificuldades, dominar os acontecimentos e se voltarem em nosso favor. (V.C. p. 351)
242. Não nos assustemos das ameaças que nos fazem, e não tenhamos nenhum medo pelo nosso futuro; Maria, que nos reuniu nesta casa, não permitirá que sejamos expulsos pela malícia dos homens. (V.C. p. 351)

243. Nossa divina Mãe poderia, com olhar indiferente, conservar-nos rancor no coração, ou mesmo antipatia contra um de que ela ama certamente mais que nós?(Cartas, 168, 46-50)
244. Oh! Quanto o santo nome de Maria tem força! Como somos felizes em termos o nome semelhante! Há longo tempo que não se falaria mais de nossa Sociedade sem esse santo nome, sem esse nome milagroso. (Cartas 194, 51-56)
245. Meus filhos, se tiverdes grande confiança em Maria, ela vos obterá a graça de ir para o paraíso, isso eu vos prometo. (V.C. p. 232)
246. Rezai muito a Jesus e a Maria, meus caros Irmãos, que a santa vontade de Deus se faça, e tratemos de querer somente o que Deus quer. Abandonemos os resultados às suas mãos; ele sabe melhor do que nos falta. (Cartas, 195, 20-24)
247. Como é consolador no momento de aparecer diante de Deus lembrar-se de que se viveu sob os auspícios de Maria e da Sociedade. (Testamento Espiritual)
248. Que uma devoção terna e filial vos anime em todos os tempos e em todas as circunstâncias por nossa boa Mãe. Fazei que a amem em toda parte, tanto que vos for possível. (Testamento espiritual)
249. Mesmo quando toda a terra estiver contra nós, nós não devemos temer nada se a Boa Mãe está conosco. (V.C. p. 350)
250. Que Jesus e Maria sejam vosso único tudo. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 16)
251. Se é assim tenha coragem, Maria o abençoará; será feliz em nosso Instituto e se tornará um bom religioso. (V.C. p. 352)
252. Sem Maria não somos nada, com Maria temos tudo, porque Maria tem sempre seu adorável Filho entre seus braços e em seu coração. (Cartas, 194, 67-71)

253. Se esta obra perecer, não é nossa obra que perecerá, é a vossa, pois fostes vós que tendes feito tudo entre nós; contamos, pois, em vós, em vosso poderoso auxílio. (Prier 15 ours vec Marcellin, Jean Roche, p. 44)
254. Se tiver algum crédito junto de Deus e da Santa Virgem, eu o empregarei todo inteiro em favor da Sociedade de Maria. (V.C. p. 247)
255. Se a Santa Virgem Maria é cheia de bondade por todos os homens, como não será ela mais misericordiosa em relação àquelles que, não contentes de servi-la, trabalham ainda para torná-la amada e louvada. (V.C. p. 349)
256. Se os membros da Sociedade de Maria são muito imperfeitos para vos servir de modelos, lançai os olhos sobre aquela que pode ser o modelo dos perfeitos e dos imperfeitos e que os ama a todos: os perfeitos porque eles retratam suas virtudes e levam os outros ao bem, os imperfeitos porque é, sobretudo, por causa desses que Maria foi elevada à sublime qualidade de Mãe de Deus. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche)
257. Se, por motivo de qualquer compromisso imprevisto, ou por causa de ocupações extraordinárias, não tendes tempo de recitar vosso terço por inteiro, dizei duas ou três dezenas e se isso não vos é absolutamente possível, dizei as três primeiras ave-marias ou ao menos beijai o terço antes de deitar, de sorte que não aconteça jamais de deixá-lo inteiramente. (V.C. p. 350)
258. Se amásseis a Santa Virgem, se soubésseis como vosso terço pode vos ser útil num momento de perigo quando o carregais, vós não o esqueceríeis tão facilmente. (V.C. p. 350)
259. Se tendes zelo em ensinar honrar Maria, vós triunfareis contra as tentações, perseverareis em vossa bela vocação, sereis felizes em vosso santo estado de vida e a santa Virgem vos concederá graças particulares. (V.C. p. 349)

260. Se tendes a felicidade de gravar a devoção a Maria no coração de vossos alunos vós os tereis salvo; porque eles não se afastarão do caminho da virtude, ou eles para lá serão reconduzidos por Maria, a Mãe de misericórdia. (V.C. p. 348)
261. Sede muito fiéis como nunca em honrar Maria, a nos mostrar seus verdadeiros filhos imitando suas virtudes, redobremos de confiança nela e lembremo-nos que ela é nosso recurso habitual. (V.C. p. 351)
262. Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus. (Anais, Avit, p. 114)
263. Um filho oferecido muitas vezes a Jesus e a Maria não perecerá jamais. (V.C. p. 52)
264. Quereis que Deus abençoe vossa casa, que ele derrame sobre vós e sobre vossos Irmãos o espírito de piedade? Incuti em vossas crianças a devoção a Santa Virgem. (V.C. p. 349)

K | *Mortificação*

265. Nenhum sacrifício nos custa quando se pensa o que Deus fez por nós. (V.C. p. 37)
266. Tenham cuidado de vocês, comam bem, vocês têm necessidade para conservar a saúde para trabalhar com coragem na obra de Deus. (V.C. p. 229)
267. Aquele que é fiel aos exercícios da regra faz uma penitência imperceptível aos olhos dos homens, mas infinitamente meritório para o céu e agradável a Nosso Senhor. (V.C. p. 401)
268. Aquele que quer ser forte e não fracassar nos grandes combates, deve ser fiel em se mortificar e a se vencer nas pequenas coisas. (Anais, Avit, p. 304)

269. Neste mundo o sofrimento nos segue em toda parte, e aquele que se resigna a suportá-lo e que não teme é aquele que sofre menos. (V.C. p. 269)
270. Há coisas às quais a gente não se habitue jamais; o levantar da manhã é uma para mim. (V.C. p. 402)
271. A experiência me ensinou que aqueles que se queixam da comida são pessoas que não tinham o necessário em casa, e que eles não são feitos religiosos senão para ter uma existência assegurada e cômoda. (V.C. p. 396)
272. A mortificação do trabalho é muito mais agradável a Deus porque é segundo sua vontade que não pode ser viciada pelo amor próprio. (V.C. p. 399)
273. A vida de comunidade, o ensino, a fidelidade às regras, são um campo bem vasto de privações e de sacrifícios para aquele que deseja renunciar a si mesmo e se imolar a Deus. (V.C. p. 403)
274. O bom uso que fareis de todas essas ocasiões de vos mortificar é suficiente para fazer de vós um santo religioso. (V.C. p. 403)
275. O corpo se habitua a tudo, é recusando satisfazê-lo que se torna menos exigente. (V.C. p. 394)
276. A salvação de uma alma é fato grandioso e bem merece que se compre por grandes sacrifícios. (V.C. p. 513)
277. Não vos preocupeis, e contentai-vos de me dar os restos dos Irmãos. (V.C. p. 395)
278. Não se preocupe, meu caro Irmão, eu comerei com vocês e o que têm me é suficiente. (V.C. p. 395)
279. Não viemos para a congregação para sermos bem tratados e para não nos faltar nada, mas para nos mortificar e para fazer penitência. (V.C. p. 396)

280. Oh! Quanto estou contente de ter feito alguns sacrifícios para perseverar na minha vocação, de me ter feito violência para observar minha regra: é, nesse momento, o que me dá mais confiança em minha salvação. (V.C. p. 287)
281. Para viver segundo Deus, isto é, segundo sua regra, o religioso deve fazer uma guerra incessante à carne, às paixões, ao mundo, imolar a Deus todas as forças de sua alma e todos os sentidos de seu corpo. (V.C. p. 107)
282. Se se quisesse escutar a todo tempo, sobretudo quando se chegou a certa idade, necessárias dispensas e, sob pretexto de que se tem algumas enfermidades, não se seria mais religioso senão de nome. (V.C. p. 402)
283. Se nós conhecêssemos qual o preço de uma alma! Se soubéssemos como Jesus ama as crianças e com que amor deseja sua salvação! Longe de achar a aula penosa e de nos queixar das penas de nossa função, estaríamos prontos para sacrificar nossa vida para procurar a essas queridas crianças o bem de uma educação cristã. (V.C. p. 287)
284. Se soubésseis como eu me sinto feliz por sofrer um pouco por Nosso Senhor e de morrer para vê-lo no céu vós não falaríeis de pedir minha cura. (V.C. p. 345)
285. Lembre-se de que não se pode ser útil aos outros e promover a salvação das almas senão sacrificando-se. (V.C. p. 248)

L | *Obediência*

286. Deem-me um religioso que esteja bem com Deus e com seu superior, e que não esteja feliz na sua vocação, no seu trabalho; eu não creio que exista um. (V.C. p. 362)
287. É necessário que façamos muitas vezes atos de dependência e dispor-se às ocasiões de praticar a obediência. (V.C. p. 362)

288. Há duas pessoas de quem depende a felicidade dos Irmãos: para estarmos contentes, para sermos felizes em nossa vocação, é preciso estar de bem com eles. Essas duas pessoas são o bom Deus e o nosso superior. (V.C. p. 362)
289. Imitai os apóstolos, lançai vossas redes do lado designado pela obediência e vosso trabalho será abençoado. (V.C. p. 360)
290. A obediência é o fundamento do estado religioso e é por ela que nos são comunicadas as graças de estado tão necessárias para ter uma vocação fiel. (V.C. p. 359)
291. A obediência tem o primeiro lugar entre as principais coisas necessárias a uma boa educação. (V.C. p. 361)
292. Se acreditais em que esta obra não vem de Deus, dizei-o e logo eu a abandono, porque eu não quero senão a vontade de Deus. (V.C. p. 359)
293. Se quereis que Deus se sirva de vós para fazer o bem entre os jovens, deixai-vos conduzir pela obediência, amai o posto e o emprego que vos dá a obediência. (V.C. p. 360)
294. Enquanto o religioso permanece no caminho da obediência, Deus o cumula de suas graças e o cobre de sua proteção; nada lhe faltará e ele será abençoado em tudo que faz. (V.C. p. 361)
295. Você não espere receber nada de Deus, já que não faz a vontade dele, mas a de você. (V.C. p. 360)
296. Vós vereis por vossa própria experiência que não há nada difícil e que tudo é possível quando se anda na obediência. (V.C. p. 360)

M | *Piedade*

297. Porque há poucos homens de oração nas comunidades que há tantos abusos, tantos defeitos e que se encontram tão poucas virtudes sólidas. (V.C. p. 316)

298. Como podereis estar contentes, como podereis ter a paz quando deixais vossas orações? Não sabeis que a meditação, a santa missa, o ofício e o terço são a consolação dos bons religiosos e que é impossível ser feliz na comunidade, se se negligencia a oração? (V.C. p. 314)
299. Ser verdadeiramente piedoso ou ser um bom religioso é a mesma coisa: porque um bom religioso é necessariamente um homem de oração e um homem de oração é sempre um santo religioso. (V.C. p. 317)
300. Não é possível entreter-se assiduamente com Deus sem assumir seu espírito, sem tornar-se semelhante pela imitação das virtudes. (V.C. p. 313)
301. Eu sempre vi que aquele que tinha o espírito de oração tinha também o espírito de obediência, de mortificação, de zelo, que estava sempre cuidando de sua perfeição. (V.C. p. 313)
302. Jamais, quando era vigário, nem em minhas viagens, o tempo não me faltou para fazer meus exercícios de piedade. (V.C. p. 315)
303. Eu nunca pude compreender como um Irmão possa deixar seu ofício, seu terço e qualquer outra oração, e apresentar como razão que ele não teve o tempo para aplicar-se a esses exercícios. (V.C. p. 515)
304. A perseverança em praticar uma virtude nos assegura a posse desta virtude; a perseverança de pedir uma graça nos é a garantia de que esta graça nos será concedida. (V.C. p. 567)
305. Perder a santa missa ou a comunhão é uma perda irreparável, uma perda infinita. (V.C. p. 338)
306. A oração era seu habitat e ele se entregava com tanta facilidade e felicidade, que parecia como se ele lhe fosse natural. (V.C. p. 309)

307. A vida religiosa é essencialmente uma vida de oração porque é impossível cumprir as obrigações da vida religiosa sem uma verdadeira e sólida piedade. (V.C. p. 107)
308. O melhor fruto que possais tirar de vossos exercícios de piedade, é de serdes fiéis a todos os vossos deveres, cumprir perfeitamente a função que vos é confiada e de serdes para vossos alunos modelo de caridade, de paciência, de exatidão e de modéstia. (V.C. p. 81)
309. O caminho mais curto de triunfar das tentações e fazê-las cessar é aproximar-se seguidamente de Jesus Cristo. (V.C. p. 339)
310. Os Irmãos piedosos são homens preciosos, eles são as colunas do Instituto e quaisquer que sejam seus talentos, sua força e sua saúde, por toda parte se tornam úteis, porque eles levam sempre o bom espírito e Deus abençoa o que lhes é confiado. (V.C. p. 313)
311. Os Irmãos piedosos são homens preciosos que não se pode assaz estimar; são eles que sustentam o Instituto; mais os tenhamos, mais a congregação será florescente, mais ela será abençoada por Deus. (V.C. p. 320)
312. Quanto mais graças pedis a Deus mais as obtemos. (V.C. p. 318)
313. Para os Irmãos piedosos e solidamente virtuosos a vocação religiosa é verdadeiro paraíso. (Avis, leçons, sentences, p.87)
314. Quantas vezes coisas que pareciam perdidas e se recuperaram quase subitamente e contra todas as previsões humanas, depois de algumas orações fervorosas feitas nessa intenção diante do Santo Sacramento. (V.C. p. 334)
315. Sem piedade não é possível amar sua própria vocação e devotar-se a seu trabalho; sem piedade não há virtude. (V.C. p. 313)
316. Se Deus vos dá a graça da oração, ele vos concede por ela todas as virtudes, porque se pode dizer da piedade o que Salomão dizia da sabedoria: “Com ela vieram-me todos os bens. (V.C. p. 313)

317. Se fordes fiéis a vossa meditação quotidiana eu respondo por vossa salvação e eu asseguro-vos que cedo ou tarde vos tornareis bons religiosos. (V.C. p. 317)
318. Tratai de fazer bem vossa meditação, é um grande ponto na vida de um religioso. Posso-vos dizer que respondo por vossa salvação se fordes exatos em fazer vossa meditação. (Cartas 102, ao Ir. Eutyme)
319. Um Irmão que lhe falta piedade, não faz nada de bom, nem por ele, nem pelos outros; é impossível fazer o bem. (V.C. p. 313)
320. Um Irmão que não sabe rezar também não sabe praticar a virtude, nem fazer o bem entre os alunos, porque não é senão na oração que se aprende um e outra. (V.C. p. 107)
321. Homem que não tem virtude, que realiza mal seu trabalho, que o cumpre somente por motivos humanos e que não gosta de sua função, não pode ser senão um fardo para os coirmãos. (V.C. p. 313)
322. Um religioso que não é piedoso, não estimará e não amará jamais sua vocação, porque não terá nenhuma consolação. (V.C. p. 107)
323. Uma longa experiência me ensinou que um Irmão sem piedade é um homem de nada; em nenhum lugar está em seu lugar, é um embaraço para todo mundo. (V.C. p. 313)
324. Você fará maior bem pela oração que por todo outro meio. Um Irmão que se contenta em lecionar a seus alunos faz apenas a metade de seu trabalho; ele deve, se quer completar toda sua tarefa, rezar continuamente por eles; isto é, jamais se apresentar diante de Deus sem recomendá-los. (V.C. p. 312)

N | *Presença de Deus*

325. Da maneira como faz suas ações, vê-se que não pensa em Deus e que o motivo de lhe agradecer não entra em nada no que você faz. (V.. p. 328)

326. Peço ao bom Deus e desejo de toda a afeição de minha alma que persevereis fielmente no santo exercício da presença de Deus, a alma da oração e de todas as virtudes (Testamento espiritual)
327. Não tive maior dificuldade em estar na presença de Deus nas ruas de Paris do que nos bosques de l'Hermitage. (Anais, Avitk pl 111)
328. Até o presente eu me apliquei a guardar a presença de Deus e eu a prefiro a todos os outros meios de perfeição. (V.C. p. 322)
329. A dissipação lhe causa um grande mal. Esforce-se, pois, de adquirir o recolhimento de viver na presença de Deus: por esta você chegará a ponto de corrigir sua leviandade. (V.C. P. 327)
330. A presença de Deus nos inspira grande zelo para trabalhar por nossa perfeição e para a salvação das almas. (Anais, Avit, p.11, 187)
331. A presença de Deus é suficiente para estabelecer a ordem e a paz, para afastar o pecado e levar uma alma para trabalhar sem desleixo na sua perfeição. (V.C. p. 327)
332. Os atos de paciência, de caridade, de zelo que tendes tantas ocasiões de praticar e que vós negligenciais não vos custarão nada se vós estiverdes convencidos que Deus vos olha. (V.C. p. 329)
333. Os religiosos que se arrastam no caminho da virtude são os dissipados que entram raramente em si mesmos, os que não guardam o silêncio, que se entretêm muito com os homens e pouco com Deus. (V.C.p. 327)
334. Caminhai, todos os dias de vossa vida, na santa presença de Deus. Que sua santa vontade seja a primeira força motriz de todas vossas ações. (Cartas, 244, 12-14)
335. Temos lençóis limpos para nós, toalhas para nossa mesa, e deixa-se para o corpo adorável do filho de Deus uma morada desagradável e mal cuidada. Temos casa arrumada, varrida, e a igreja onde mora Nosso Senhor está cheia de aranhas e de pó. (V.C. p. 290)

336. Lembremo-nos que aquele por quem nós trabalhamos nos vê e que nós estamos sempre sob seus olhares. (V.C. p. 328)
337. Uma vantagem da presença de Deus é de nos inspirar uma grande coragem, grande zelo para trabalhar por nossa perfeição. (V.C. p. 327)
338. Um bom meio de adquirir as virtudes religiosas, você sabe, meu caro amigo, é a prática da santa presença de Deus recomendada por todos os mestres da vida espiritual. (Catas 247, 11-14)
339. Vossa dissipação vos faz esquecer a presença de Deus; todas as vossas faltas provêm da facilidade com a qual perdeis Deus de vista. (V.C. p.327)
340. Vós vos entregais à impaciência, ao aborrecimento e ao desânimo porque vós não vos lembrais da presença de Deus. (V.C. p. 328)

O | *Providência*

341. Ide, meus caros Irmãos, ide com confiança cultivar o campo que a divina Providência vos dá para cultivar. Se vossa tarefa vos pareça difícil, lembrai-vos que é Deus que vos impôs e que seu auxílio não vos faltará, se lhes fordes fiéis. (V.C. p. 91)
342. É Deus eu dirige todos os acontecimentos e que os faz sempre dirigir para o bem de seus eleitos. Os maus inutilmente terão de se agitar, eles não farão senão o que a Providência lhes permitir. Assim não é deles que devemos temer, mas de Deus somente. (V.C. p. 302)
343. O que lhes importa grandemente é fazer de nossa parte o que Deus quer que nós façamos. Quero dizer, nosso possível. E deixar depois agir a Providência. (Cartas, 197, 20-28)
344. Deus sabe melhor que nós o que nos convém e o que nos é bom. (Cartas, 195, 20-24)

345. Parece que teremos muitos pobres em Lavalla neste ano: faremos o que pudermos para dar-lhes de comer. A providência, que os envia, sabe que nós não temos nada. Confio, pois, que ela nos dará tanto por eles quanto por nós. (V.C. p. 306)
346. Faz muito tempo de que estou convencido de que nós não temos nada a esperar dos homens e que Deus quer fazer tudo em nosso meio; redobremos pois de confiança em sua bondade; abandonemo-nos a sua Providência; faz parte de sua glória nos assistir e de nos propiciar os recursos que os homens nos recusam. (V.C. p. 303)
347. Eu vos relembro, os homens não têm participação nesta obra; Deus a abençoará, não por causa dos homens que a dirigem, mas por causa de sua infinita bondade e dos desígnios de misericórdia que ele tem sobre as crianças e os jovens que nos são confiados. (V.C. p. 233)
348. Asseguro-vos que, após a minha morte, as coisas irão melhor que agora, e que os progressos da congregação serão mais rápidos como nunca foram. Compreendereis um dia que não é nos homens que é preciso pôr a confiança, mas em Deus (V.C. p. 233)
349. A Providência não cuidou sempre de nos? Não é ela que nos reuniu todos? Que nos fez triunfar de todos os obstáculos que nós temos encontrado? Que nos forneceu os recursos para construir esta casa, abençoou nossas escolas e fê-las prosperar embora fôssemos homens sem talentos? Não é a divina Providência, numa palavra, que tudo fez entre nós? (V.C. p. 233)
350. A gratidão é um ato de amor. Nós agradecemos a Deus porque nós o amamos, porque sua bondade por nós nos toca e nos conquista. (Avis, leçons, sentences, p 112)
351. Senhor Vigário geral, queira dizer-me o que pensa desta obra, estou pronto a abandoná-la se o senhor me ordena, o que eu quero é senão a vontade de Deus. (V.C. p.)

352. Minha bolsa não tem fundo, é aquela da Providência; quanto mais se tira, mais há. (Anais, Avit p. 11, 1184)
353. Meus Irmãos, os homens vos têm tirado vosso vencimento, mas Deus, que sabe que tendes necessidade de se alimentar, não vos retirou sua proteção; ele cuidará de vós, porque vós fazeis sua obra. (V.C. p. 302)
354. Nós temos calculado bem, tomado boas precauções para dar a cada Irmão o que lhe convém; cremos ter bem organizado as coisas; entretanto, cuidemos de contar em nossa prudência; se Deus não põe nisso a mão e não abençoar nossos planos, nós não conseguiremos nada fácil, e os acertos que estimamos como os mais sábios, serão aqueles que terão menos sucesso. (V.C. p. 292)
355. Por que a divina Providência, que cuidou de nos até hoje, não tomará cuidado de nós no futuro? (Ir. Stratonique, Summarium p. 277)
356. Se a Providência me envia cinquenta bons Irmãos nós faríamos ainda mais belas coisas. (V.C. p. 308)
357. Se quisermos agradar a Deus, peçamos muito, peçamos grandes coisas; quanto mais nossa lista de pedidos for longa, mais lhe será agradável, mais cedo seremos atendidos. (V.C. p. 476)
358. Se raciocinássemos de acordo com os recursos que temos, vós tendes razão, mas a Providência, vós não a considerais? É preciso muito que ela nos ajude, pois nos envia ela mesma esses jovens. (V.C. p. 307)

P | *Santidade*

359. É iludir-se imaginar estar no seu dever, desde que não se falte a seu voto em matéria grave. (V.C. p.382)
360. Quem não vive como religioso não morrerá religioso. (Anais, Avit p. 154, 82)

361. Combater as distrações, resistir às tentações, suportá-las com paciência, é uma oração, é mais que uma oração, é uma virtude ou muito mais, o exercício de muitas virtudes. (V.C. p. 319)
362. Deus não olha senão a disposição de nosso coração e leva em conta nossos bons desejos. Com uma quantidade ínfima de boa vontade pode-se tornar um santo. (V.C. p.328)
363. Ah! Na morte experimenta-se um único arrependimento, aquele de não ter feito bastante pelo bom Deus e para ganhar o céu. (Anais, Avit, p. 301, 661)
364. Há sofrimentos em toda parte; todos os homens têm sua cruz; mas aquele que leva a sua por Deus a acha sempre leve. (V.C. p. 286)
365. A Encarnação, a Redenção e a Eucaristia são os três grandes focos espirituais do amor de Deus. (Avis, leçons, sentences, p. 65)
366. A perfeição não consiste em se carregar de toda sorte de práticas, nem de tomar todos os meios que encontramos nos livros, mas a nos apegar àquilo que é de nosso estado de vida religiosa. (V.C. p. 323)
367. A presença divina numa alma é suficiente para aí estabelecer a ordem e levar a paz, para afastar o pecado e levar esta alma a trabalhar sem relaxamento a sua perfeição. (Prior 15 jours avec Marcellin, Jean Roche . 24)
368. A vida de comunidade, o ensino e a fidelidade às regras são campos bem vastos de privações e de sacrifícios para aquele que deseja renunciar-se a si mesmo e se consagrar a Deus. (V.C. p.404)
369. O escrúpulo é inimigo do amor de Deus e da perfeição; é preciso ter uma consciência timorata, mas, não escrupulosa. (V.C. p. 247)
370. As pessoas do mundo trabalham mais que nós e cantam muitas vezes todo o dia, para ganhar algum dinheiro e nós, que ganhamos o céu, nós nos deixaremos desanimar? (Anais, Avit, p. 109, 178)

371. Meu amigo, o que hoje lhe causa muito sofrimento, fará um dia sua maior consolação (V.C. p. 287)
372. Não transgredir seus votos, e vivê-los como convém a um bom religioso, são duas coisas bem diferentes. (V.C. p. 383)
373. Não penseis senão no que fazeis agora ou no que querieis ter feito na vossa morte. (V.C. p. 237)
374. Não percais vosso tempo em vos examinar, a voltar sem cessar sobre as mesmas coisas, empregai-o em fazer atos de fé, de esperança e de amor. (V.C. p. 247)
375. Não querer outra coisa senão o que Deus quer. (Prier 15 jours avec Marcellin, Jean Roche, p. 9)
376. Quando nos entregamos a Deus, é preciso fazê-lo sem reserva e sem rodeio. Infelizes os que têm saudades das cebolas do Egito, porque não são próprios para a terra prometida da vida religiosa. (Anais, Avit, p. 304, 14)
377. Como Deus é bom por levar em conta tudo o que fazemos pelo próximo e de nos dar ele mesmo a recompensa. Que poderoso motivo para praticar a caridade e prestar serviço a nossos Irmãos. (V.C. p. 248)
378. Quais são os religiosos que se arrastam no caminho da virtude? São os religiosos dissipados e que entram raramente em si mesmos. (V.C. p. 327)
379. Lembrai-vos seguidamente que Jesus vos amou muito, que ele morreu por vós, e que vos prepara uma felicidade eterna no céu. (V.C. p. 231)
380. Suprima três quartas partes de suas resoluções e cumpra bem o resto; será suficiente para fazer de você um bom religioso. (V.C. p. 456)
381. Tornar-se Irmão, é empenhar-se em se tornar santo. (V.C. p. 476)

382. Se Deus me deu um espírito capaz de inteligência é para conhecê-lo; se ele me deu um coração livre, é para amá-lo e que possa me unir a ele. Se me deu um corpo, saúde, forças é para servi-lo; enfim tudo o que sou, é para ele. (cf. cahiers maristes nº3, p. 93)
383. Todos os Irmãos de Maria devem ser santos. É para se tornarem que eles devem trabalhar toda sua vida e com todas as suas forças. (V.C. p. 476)
384. Um santo religioso é um tesouro para sua família e para sua comunidade. (Avis, leçons, sentences, p. 94)
385. Uma comunidade é sempre bastante rica quando tem santos religiosos: é o que peço ao bom Deus todos os dias. (V.C. p. 308)

Q | *Trabalho*

386. É o movimento, a ação, a prática que fazem de todas as coisas instrumentos úteis ou fontes de benfeitorias. (V.C. p.29)
387. Aquele que não gosta do trabalho, desempenha mal seu ofício e impede os outros de cumprir bem o seu. (V.C. p. 435)
388. Como, você acha bem-aventurado um homem que não faz nada! Ó meu Deus! Preservai-me dessa felicidade que acho um grande mal. (V.C. p. 429)
389. Não há homens que sejam mais a lastimar e que levem mais triste existência do que aqueles que ficam na ociosidade. (V.C. p. 429)
390. Tenho que me censurar de não ter feito bastante trabalhar os Irmãos; cuidem bem desse ponto, tenham-nos constantemente ocupados, porque não há vício que faça maior mal aos religiosos do que a preguiça. (V.C. p. 435)
391. A água que não se movimenta estagna, o ferro que nunca é colocado na obra se enferruja, a terra deixada sem cultura se carrega

de más ervas, de pestes e de espinhos, a casa que não é habitada se deteriora, assim acontece com a ociosidade. (V. C. p. 429)

392. A ociosidade é o maior inimigo da vocação religiosa e as faltas desse gênero são aquelas que mais fazem mal aos jovens Irmãos. (V.C. p. 431)
393. O trabalho é necessário ao homem para seu aperfeiçoamento físico e moral, necessário mesmo para sua felicidade. (V.C. p. 429)
394. Para que a paz e a caridade reinem numa casa religiosa é preciso que cada um cumpra bem o emprego que lhe é confiado. (V.C. p. 435)
395. Tudo se aperfeiçoa pela ação, tudo se destrói pela inação. (V.C. p. 429)

R | *Vocação*

396. Vai com calma, porque a virtude não consiste em muito prometer nem em muito empreender, mas ela consiste em ser constante e fazer bem as coisas ordinárias. (V.C. p. 456)
397. Com um pouco de boa vontade pode-se fazer um santo, pode-se fazer maravilhas. (V.C. p. 328)
398. É Deus que vos chamou à vida religiosa, é a ele que fizestes as promessas, e é ele também que vos pedirá conta. (V.C. p. 390)
399. É porque não se viveu como religioso que se abandona seu santo estado de vida, mesmo depois de ter passado a maior parte de sua vida na congregação. (V.C. p. 484)
400. Não se trata de professar os votos, o essencial é observá-los. (V.C. p. 411)
401. Não é de gênios que é preciso para realizar as obras de Deus e educar bem os alunos, mas grande dedicação, espírito de oração, sólida virtude e confiança em Deus. (V.C. p. 298)

402. Deus, confiando-nos um emprego por meio da obediência, nos dá ao mesmo tempo os recursos e as graças para cumpri-lo convenientemente se nós correspondermos à graça que nos é dada. (V.C. p. 462)
403. Deus nos amou desde toda a eternidade. Ele nos escolheu e separou do mundo. A Santa Virgem nos plantou no seu jardim. Ela cuida para que nada nos falte. (Cartas 10, 3-4)
404. Ensinar o conhecimento de Jesus Cristo, ensinar o amor a Jesus Cristo, eis o fim de vossa vocação e o objetivo do Instituto. Se não conseguirmos este objetivo, nossa congregação será inútil e Deus lhe retirará sua proteção. (V.C. p. 340)
405. É certo que não há lugar que esteja mais ao abrigo das tentações e das armadilhas do demônio quanto o estado religioso; se um Irmão chamado a esta vocação não conserva aí a graça e a virtude, ele não as conservará em parte alguma. (V.C. p. 475)
406. Há sofrimentos para viver como religiosos; mas a graça adoça tudo: Jesus e Maria vos ajudarão; por outra, a vida é bem curta e a eternidade não findará nunca. (Testamento espiritual)
407. Eu percebi que o Irmão que tem muito apego a seus pais tem menos pouco apego à vocação, que aquele que se ocupa muito de seus pais se ocupa pouco de sua perfeição. (V.C. p. 388)
408. Nunca recusarei um candidato que me pareça ter vocação e que eu creia próprio para fazer o bem pela razão de que não traga nenhum dinheiro; pagarei mais, se for necessário, para ter um jovem que pode tornar-se um bom religioso. (V.C. p. 307)
409. Estou persuadido de que entre aqueles que olham para traz e abandonam seu santo estado de vida, há mais de três quartas partes que são verdadeiramente chamados e que se tornariam bons religiosos se eles corresponderem à graça. (V.C. p. 83)

410. Eu vos asseguro que encontrareis mais satisfação, alegria e contentamento a serviço de Deus que nada poderiam encontrar em todos os prazeres do mundo. (V.C. p. 147)
411. O amor ao dinheiro leva os homens do mundo a se entregar sem pena aos trabalhos mais rudes e mais rudes privações; seria vergonhoso que o amor a Jesus tenha menos poder sobre o religioso. (V.C. p. 108)
412. O espírito de sabedoria e de reflexão ensinará ao Irmão superior apreciar com justiça os talentos, as aptidões, a força, a saúde e a virtude de cada um e a lhe dar sua tarefa em decorrência. (V.C. p. 473)
413. A constância é uma excelente qualidade; conservai-a bem, ela assegurará vossa vocação e fará de vós um santo religioso. (V.C. p. 567)
414. A constância é uma virtude absolutamente necessária a um cristão para salvar sua alma, e mais ainda a um religioso para perseverar na vocação e para adquirir a perfeição de seu estado. (V.C. p. 567)
415. A vida religiosa é o dom de Deus por excelência, é a partilha das almas privilegiadas, mas para perseverar é preciso grande fidelidade à graça e muita generosidade. (V.C. p. 483)
416. A vida religiosa não tem nada de penoso para aqueles que têm boa vontade. (V.C. p. 147)
417. A vocação à vida religiosa é uma grande graça; é por isso que o demônio faz tanto esforço para desgostar os jovens, para tirá-lhes a coragem e para devolvê-los ao mundo. (V.C. p. 483)
418. O Irmão que negligencia ou pratica mal seus exercícios de piedade perderá infalivelmente sua vocação. (V.C. p. 483)
419. O dia de seu batismo foi sempre para São Marcelino Champagnat um dia de festa que ele celebrava com grande sentimento de gratidão e de alegria. (V.C. p. 291)

420. As vantagens da vida religiosa são tão preciosas e tão excelentes que não nos é dado compreendê-las; são tão numerosas, que precisariam horas inteiras para enumerá-las. Eu me contentarei em vos assinalar um que é para nós o objeto da mais doce e da mais inefável consolação. Esta vantagem, é que a vocação religiosa é um sinal de predestinação. (V.C. p. 474)
421. Os principais meios que Deus vos deu para adquirir a virtude e ganhar o céu são: a oração, tanto vocal quanto mental, a frequência dos sacramentos, a participação diária da santa missa, as visitas ao santo sacramento, a leitura espiritual, a regra e a correção fraterna. (V.C. p. 133)
422. Infelizes aqueles que têm saudade das cebolas do Egito, não são próprios para a terra prometida da vida religiosa. (V.C. p. 565)
423. Negociar com Deus, dar-se apenas em parte, com reserva, é dar prova de que não se conhece a grandeza de Deus, a excelência da vocação religiosa, a beleza da virtude, o preço da salvação e a felicidade do céu; é desconfiar de Deus e ofendê-lo. (V.C. p. 565)
424. Meus caros Irmãos, sede fiéis a vossa vocação, amai-a e perseverai com coragem. Conservai-vos num grande espírito de pobreza e de desprendimento. (Testamento espiritual)
425. Meu amigo, ame muito Nosso Senhor, porque é a ele que deve esta graça; trabalhe para conhecer e amar este bom Jesus, é por isso que o livrou desta tentação e que lhe conserva sua vocação. (V.C. p. 335)
426. Meu Irmão, a vontade de Deus é que fique onde está e a mudança que cogita é uma perigosa tentação que deve combater. (V.C. p. 154)
427. Não chameis pouca coisa o que vos faz praticar o voto de pobreza e vos conserva no espírito de vosso estado. (V.C. p. 107)
428. Oh! Como a virtude é fácil, os sacrifícios que ela exige costumam pouca coisa, quando se ama Jesus. (V.C. p. 107)

429. Sim, meu amigo, sois feito para a vida religiosa; vossas preces e vossa vontade perseverantes são uma prova certa. (V.C. p. 567)
430. Por sua vocação os Irmãos são todos apóstolos, quer dizer que eles são enviados para ensinar às crianças e aos jovens os mistérios da religião e para lhes anunciar a boa nova da salvação que Jesus Cristo nos mereceu. (V.C. p.108)
431. Quanto mais fareis conhecer Jesus Cristo, mais o tornareis amado, mais enfraquecereis o reino do pecado, mais estabereis o da virtude, mais assegurareis a salvação de vossos alunos. (V.C. p. 340)
432. Para ser justo com aqueles que ele dirige, um Irmão diretor tem necessidade do espírito de sabedoria e de prudência, que é a bússola do bom superior. (V.C. p. 473)
433. Para ser religioso é preciso saber ser firme e você não parece ter bastante firmeza de caráter para isso. (V.C. p. 566)
434. Por simples bagatelas que deixamos, Deus nos dá castelos. (V.C. p. 228)
435. Para sair de uma vocação santa, sob pretexto de abraçar outra mais perfeita, são precisos sinais extraordinários que devem ser reconhecidos e atestados por seu superior. (V.C. p. 154)
436. Se Deus concede aos religiosos tão grande abundância de graças é que ele quer muito sua salvação, é que ele os chama a uma alta perfeição, é que ele os destina a alto grau de glória no céu. (V.C. p. 475)
437. Se nós correspondermos aos desígnios de Deus sobre nós, ele nos dará tudo o que nos é necessário para cumprir nosso trabalho difícil; o zelo, o espírito de sacrifício, as virtudes, a santidade que são os únicos meios eficazes para alcançar a salvação dos homens. (V.C. p. 209)
438. Todos os meios de salvação, se pode dizer com segurança, são dados aos religiosos para assegurar sua santificação: a oração, os sacramentos, as santas leituras, os bons exemplos, a direção

- dos superiores, os retiros, as graças atuais, os recursos de todo gênero lhes são prodigalizados todos os dias. (V.C. p. 475)
439. Um Irmão é uma alma predestinada a uma alta virtude. (V.C. p. 476)
440. Um Irmão é o anjo da guarda das crianças. (Avis, leçons, sentences, p. 22)
441. Um Irmão é o associado de Jesus Cristo na santa missão de salvar as almas. (Avis, leçons, sentences)
442. Um Irmão é o substituto dos pais e das mães. (Avis, leçons, sentences, p. 19)
443. Um Irmão é um homem que passa sobre a terra fazendo o bem. (Avis, leçons, sentences, p. 26)
444. Um Irmão é um semeador do Evangelho. (Avis, leçons, sentences, p. 25)
445. Um Irmão é uma alma sobre a qual Deus tem desígnios particulares de misericórdia. (Avis, leçons, sentences, p. 15)
446. Um Irmão não deve desejar tanto quanto ser um bom catequista, porque é lá sua função principal e o objetivo de sua vocação. (V.C. p. 108)
447. Um Irmão que vive segundo sua regra vive segundo seus votos. (V.C. p. 383)
448. Um jovem Irmão é uma criança que não pode caminhar sozinho. (Avis, leçons, sentences, p. 32)
449. Um jovem Irmão é um ser fraco, inconstante sem experiência. (Avis, leçons, sentences, p. 32)
450. Vede se não é verdade que o cêntuplo é dado àqueles que seguem Jesus. (V.C. p. 228)



ASSUNTOS DOS PENSAMENTOS

A – Apostolado.....	236
B – Confiança em Deus.....	237
C – Defeitos de caráter.....	240
D – Educação.....	242
E – Compromisso.....	247
F – Espírito de família.....	249
G – Exemplo.....	253
H – Humildade.....	255
I – Jovialidade.....	258
J – Maria.....	259
K – Mortificações.....	264
L – Obediência.....	266
M – Piedade.....	267
N – Presença de Deus.....	270
O – Providência.....	272
P – Santidade.....	274
Q – Trabalho.....	277
R – Vocação.....	278



NOTÍCIA BIOGRÁFICA DA VIDA DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT

Nascimento: *20 de maio de 1789. Início da Revolução Francesa.*

Lugar de nascimento: *Marlhes, perto de Lyon.*

Nacionalidade: *Francesa.*

Religião: *Católica.*

Seus pais: *João Batista Champagnat e Maria Chirat.*

Sua família: *Dez filhos, dos quais quatro falecidos cedo.*

1º dia de aula: *Outubro de 1800. Tapa do mestre brutal a um colega*

Vocação sacerdotal: *No mês de agosto de 1803, Marcelino é convidado a tornar-se padre por Mons. Jean-Jacques Cartal, sulpiciano em visita à paróquia.*

Estudos secundários: *Seminário menor de Verrières, diocese de Lyon, em 1813 a 1816.*

Diaconato: *Em 23 de junho de 1815 com João Cláudio Colin, fundador dos Padres Maristas, e João Maria Vianney, cura de Ars.*

Ordenação: *Em 22 de julho de 1816 por Mons. Dubourg, bispo de Nova Orleães, em visita à França. Os outros ordenados futuros Padres Maristas: João Cláudio Colin, João Cláudio Courveille, com os quais teve problemas em seguida, Étienne Déclas, Étienne Terraillon, esse último futuro capelão de l'Hermitage durante algum tempo.*

Fundação: *Em 2 de janeiro de 1817, início da congregação dos Irmãos Maristas com João Maria Granjon e João Batista Audras.*

1ª escola marista: *Em setembro de 1818, em Marlies, sua paróquia natal.*

Nova casa: *Em novembro de 1818, vai viver com os Irmãos, entretanto permanecendo vigário da paróquia.*

Com os Irmãos: *Em 1824, abandona seu posto de vigário para se ocupar de seus Irmãos.*

Padre Marista: *Em 14 de setembro de 1836 com vinte outros companheiros, professou com os Padres Maristas. Era adjunto do Padre João Cláudio Collin.*

Falecimento: *Em 6 de junho de 1840, na idade de 51 anos*

Venerável: *Em 11 de julho de 1920. Decreto de heroicidade das virtudes pelo papa Bento XV.*

Beatificado: *Em 29 de maio de 1955 pelo papa Pio XII.*

Santo: *Em 18 de abril de 1999 pelo papa João Paulo II.*